Laura d'Almeida Nogueira.

1912

CANCIONEIRO DE JOÃO DE LEMOS

PRIMEIRO VOLUME

FLORES E AMORES

Lemos Seixas Castello Branco,
= João de

CANCIONEIRO

DE

JOÃO DE LEMOS

PRIMEIRO VOLUME

FLORES E AMORES

LISBOA
ESCRIPTORIO DO EDITOR — RUA DOS FANQUEIROS, 40

1858

INTRODUCÇÃO

Em duas diversas epochas, com dois titulos differentes, annunciei a publicação dos meus versos, e de ambas as vezes deixei o annuncio por mentiroso.

Não me arrependo; ainda me não arrependi até hoje.

De annunciar a publicação, sim; de deixar de publicar, não.

Quando deitei o primeiro pregão, estava ainda nos bancos da Universidade. Incitaram-me a isso applausos e instancias de amigos, talvez cegos pela amizade e de certo tão inexperientes como eu, que

os attendi, ao principio, porque tambem a vaidade de criança me andava seduzindo para lhes dar ouvidos.

Por fortuna, depois, ora com a preguiça ora com a reflexão, resisti a mim e a elles.

D'elles me lembra, entre outras, uma batalha em forma que me deu o meu excellente e particular amigo *A. X. Rodrigues Cordeiro*, em um dos caes do Mondego, com aquelle fogo que a sua organisação accende em todos os affectos generosos. Arrufámo-nos até. Outro meu bom amigo, que tambem estava presente, *Augusto José Gonçalves Lima*, foi quem deitou agua na fervura d'aquelles amigaveis enfados.

Permittam ambos que aqui lhes cite os nomes para desafogo da saudade d'esse tempo, e para solemne tributo de agradecimento.

Mas ainda bem que não publiquei tudo quanto então publicaria! N'essa parte morro impenitente.

Sabem do que me tenho arrependido? É da publicidade que dei nos jornaes a muitos versos de então. Verdade, verdade, a fogueira estava chamando por grande parte d'elles.

Entretanto a indulgencia do publico, que foi grande, os gabos com que, pela imprensa, me ani-

maram pessoas, que já não faziam declinar a competencia por suspeitas, visto que, a esse tempo, ou eram pouco, ou não eram, do meu conhecimento, tudo isto me ia fazendo mandar mais versos para os jornaes, e authorisava novas instancias. O amor-proprio já se sabe que repetia, e com maior força, as suas lisongeiras persuasões.

Não posso deixar de me referir principalmente ao senhor *Antonio Feliciano de Castilho*, que na Revista Universal me coroou por tantas vezes com um favor mais que generoso. Tome para si a culpa que lhe cabe, que não a teve pequena, no segundo annuncio da collecção dos meus versos, alguns annos depois do primeiro.

Metteu-se, porém, a politica de permeio a levarme o tempo, foi-se-lhe ainda reunindo novamente a reflexão, e faltei outra vez á promessa.

Poucas coisas terei que agradecer á politica, mas a parte que n'isso teve, de todo o coração lh'a agradeço. Dos versos que então publicaria, já atirei muitos ao lume.

Aqui tem, pois, o publico como me desculpo dos annuncios a que não satisfiz. É penitenciando-me,

diante d'elle, pela parte em que cedi á vaidade, e applaudindo-me d'aquella em que lhe escapei.

Mas agora? Agora, já que não tive mão em mim que não fosse sempre publicando, mais ou menos, aqui e além; já que tanto cresceu o numero d'esses filhos dispersos, que não posso nem devo enjeitar, muito mais quando no Brasil tiveram a caridade de lhes dar casa em um volume, onde os reuniram, e que me está accusando de pae desnaturado; já que o juizo publico tem continuado tão benevolo, no reino, e até fóra d'elle, não havia outro remedio.

Collegi o que achei nos jornaes e nas minhas gavetas, e em tudo emendei alguma coisa.

Os meus receios são os mesmos; supponho, porém, que os aleijões já não serão tantos nem tão grandes.

Com a divisão que fiz nos tres volumes, quiz separar, até certo ponto, as epochas a que correspondem, embora em todos elles haja composições que, pelo rigor das datas, não lhes pertenciam. Mas são poucas, e, em todo caso, o genero de idéas exigia aquella collocação.

Procurei, quanto pude, que as correcções não al-

terassem as feições caracteristicas. No que, em vez de physionomia, me pareceu deformidade, cortei sem dó; o resto, onde ainda havia bastante que podar, cuidei que era de minha obrigação deixal-o. Intendi que no pequenissimo logar que os meus versos hajam de tomar, se tomarem, nas lettras patrias, fazia mais serviço em assignalar o caminho com as minhas quedas, do que em pôr-me agora, com as minhas idéas de hoje, a querer endireitar de todo corcovas, que já me pareceram bellezas, que pertencem de nascença ao corpo em que estão, e que Deus sabe se por fim não ficariam como aquella gambia de que falla Bocage—tortas para o outro lado.

Tem-se dito que introduzi, ou fiz correr, certa forma nova nas composições lyricas, e até com esta prioridade me argumentavam alguns para eu me não ficar atraz em reunir o que andava pelas folhas politicas e litterarias, receiando que tambem assim ficasse atraz dos mais na historia que se fizesse da nossa poesia moderna.

Não sei se se ha-de fazer tal historia, nem se lá hei-de ou devo entrar, como não sei se fui adiante ou atraz de ninguem.

Mas se fui adiante em alguma coisa; e se n'isso fiz bem; o que me podia dar cuidado, era que o bem se perdesse. Como se não tenha perdido, se com effeito se não devia perder, isso é que importa.

O mais para que serve? Pois eu, que não tenho senão que agradecer e confundir-me pelo constante obsequio dos contemporaneos, pelo logar de honra que, com demasiada deferencia, me teem dado collegas que valem muito mais, havia de andar ahi a correr para apanhar o futuro e metter-lhe na cabeça as minhas presumpções? Deus me livre.

Tomara eu merecer devéras, o que o presente me tem concedido com mais liberalidade que justiça.

Fallo aqui n'isto para dizer, que algumas fórmas novas que se encontrarão n'este volume e nos seguintes, foram simples ensaios, com que pretendi experimentar, se a nossa lingua se prestava, com naturalidade, e com proveito da poesia, a composições similhantes ás que eu via applaudir e admirar em linguas estranhas.

Posso ter sido infeliz na execução; mas se a tentativa mostrar que a lingua portugueza é docil, para quanto d'ella se exija, não quero mais nada. Outros

farão melhor. O ponto está em ficar sabido, que se póde fazer. Ganham os fóros da linguagem patria, e ganha a poesia, com se enriquecer de maior numero de moldes, onde possa vasar o pensamento.

Tenho dado, franca e singellamente razão de mim.

Agora, os meus pobres versos que vivam ou morram como poderem.

Pedreaços 5 de Setembro
de 1858.

I

INVOCAÇÃO

Archanjo da poesia! Vem e pousa
Na lyra ao trovador. Vibra-lhe as cordas
C'os roseos dedos; põe-lhe os sons divinos
Dessa etherea mansão por onde libras
Nas cambiantes azas d'oiro e prata,
Com ceruleos listões de puro esmalte!
Archanjo! Ao trovador, teus doces risos,
Nas illusões d'amor, banhem seus versos;

Engrinalda-lhe a lyra co'as papoilas
Que nos campos do céu á noite brotam;
Um beijo teu, na fronte, venha dar-lhe
Celeste inspiração aos ardimentos;
Teu halito co'as brisas lhe cicie
Na grenha da floresta amenos carmes,
No perfume da flor canções singelas,
Da rôla no gemer ternas saudades,
Ou, por fisgas de penha alcantilada,
Um rigido cantar, na voz do vento.
Archanjo! Ao trovador ensina, empresta
As mil chaves que tens d'abrir mil cofres
Ou da terra, ou do mar, do céu, do inferno!
Vem, vem, que o trovador, ousado, enjeita
As cançadas ficções da velha Grecia,
Quebra numes d'Ascreu, Musas despreza,
Renega antigas leis, descrê do Olympo,
Deixa Elysios, Parnasos, Hippocrenes,
Bebe do patrio amor nas patrias fontes,
Ama o sol da sua terra, os montes della,
E por Musas te quer, por crença o Eterno,
O mundo por altar, os céus por templo!

II

A JARRA DE FLORES

Porque tens, Julia, esta jarra
Assim defronte de ti?
Tem dó das pobres florinhas,
Tira esta jarra d'aqui.

Olha aquella rosa branca,
Fez-se pallida por ver
Que eras mais branca do que ella,
E começa a emmurchecer.

Ao pé, um botão purpureo
Vendo a tua bocca sorrir,
Quiz imital-a, e as folhas
Vão-lhe cahindo, ao abrir.

Estes jasmins que vaidosos
Perfumavam todo o ar,
Do teu halito o perfume
Já os fez envergonhar.

O cravo n'haste inclinado,
Quando soberbo te olhou,
De namorado ou raivoso,
O seio todo rasgou.

Os lyrios, porque espreitaram
Atravez desse teu véu,
Com ciumes d'outros lyrios
Enrolam elles o seu.

A propria saudade agora,
Assim que me viu entrar,
Esmoreceu, porque sabe
Que não n'a tornas a olhar.

Não tenhas, pois, esta jarra
Assim defronte de ti,
Tem dó das pobres florinhas,
Tira esta jarra d'aqui.

III

O MEU THESOURO

Eu achei-o, achei-o, entre ruinas,
O meu rico thesouro!... Achei um peito
De candida innocencia, uma alma virgem,
Alma pura no mundo!

E é um cofre d'amor a minha amada!
E tão linda!... o Senhor na face della
Quiz a prova lançar da Omnipotencia,
Confundindo os impios!

E no seu coração tenho as riquezas,
Que quer meu coração! De mim só vive,
Como eu só della, e dá-me riso ao riso,
E lagrimas ás lagrimas!

É casto myrtho, a cuja sombra correm
Serenos os meus dias, como as aguas
De socegada fonte escorregando
Por vivas esmeraldas.

Oh! achei-o, achei-o, entre ruinas,
O meu rico thesouro! Hei-de guardal-o
Qual guarda o avaro o seu; tem dentro a minha,
Como o delle, a sua alma!

IV

A FESTA DA NATUREZA

Do monte as nuas espaldas
Já se vestem de esmeraldas,
Onde a aurora vem chorar;
Perde o céu antigas iras,
E já se alastra em saphiras,
Que, manso, retrata o mar.

Já do seio da floresta
Se escuta um hymno de festa
Ao erguer, e ao pôr do sol;
É a lyra das ternuras,
Que desfére entre verduras
Trovador o rouxinol.

Pula o cabrito na veiga,
Arrulha a pombinha meiga,
Sae a rosa do embrião;
Arde o peixe no Oceano,
E no bosque o tigre hyrcano
Acordou com coração.

Das balsas nos ninhos novos
A mãe plumosa aos seus ovos
Dá do peito almo calor;
Leva o zagal á zagala
Um malmequer, que lhe falla
As fallas do seu amor.

Remoçado a ruga e ruga
Santo velho as cãs enxuga
Á restea do seu casal,
Nas letras da naturesa
Ora soletra a riquesa,
Ora a pobresa annual.

Das boninas ás violetas
As pintadas borboletas
Andam doidas a saltar:
Que voadoras florinhas!
Dizem, rindo, as creancinhas,
Morrendo pelas caçar.

Na corrente chocalheira
Vae a flor da amendoeira,
Que fresca briza apanhou:
Mas tão travêssa como ella,
Colhe-a n'agua uma donzella
E—Primavera—bradou.

Primavera! Primavera!
Brada o homem, brada a fera,
Vendo-a na terra e no céu;
Tudo é gala, tudo é riso,
Que um risonho paraiso
Nos amostra o erguido véu.

Sê bem vinda, sê bem vinda,
Tu do anno, ó noiva linda,
E mocidade, e prazer;
Traz-me aquellas tardes tuas,
Aquellas noites e luas,
Que fazem o teu poder.

Sê bem vinda, minha amada,
Toda em perfumes banhada,
Toda alegria e frescor;
Quero cingir-te um abraço,
E depois no teu regaço
Adormeça o trovador.

V

INNOCENCIA

Eramos ambos, ella e eu, vagando
No Tejo, em leve barco; e ella ainda
Mal contava trese annos.

Ia alta a noite, não havia lua;
Mas via-se o céu todo pespontado
De brilhantes estrellas.

A viração suave ciciava,
E c'os louros cabellos annellados
Lhe brincava, nos hombros.

Ella, meio deitada, tinha a face
Voltada ao céu, e dir-se-hia espelho
Representando um anjo.

Eu então, a seus pés ajoelhado,
Cantei-lhe ao som d'uma toada branda
Esta canção singela:

Tu és linda como é lindo
O alvorecer da manhã,
Tu és rosa como as rosas
Da primavera louçã.

Tu és pura como é puro
Das estrellas o fulgôr,
Tu és pomba como as pombas
De branca, innocente côr.

Tu és manhã, rosa, e pomba,
Tu és estrella sem véu,
Tu és anjo como os anjos,
Que te namoram do céu.

Amanhece-me na vida,
Vem-me n'alma vicejar,
Ó pomba, arrulha d'amores,
Meu anjo, vem-me guardar!

E a formosa innocente aos sons da lyra
Sorrindo adormeceu!... Ai! quem podéra
Dormir nessa innocencia!

Dorme tu, dorme agora; e se inda um dia
Te ha-de o mundo ensinar a velar mágoas,
Dorme ahi para sempre!

VI

A VIOLETA

Como sósinha, e sem medo
No meio d'este arvoredo
Vieste desabrochar!?
Quem te ha-de aqui vir amar?
Quem ha-de, se este rochedo
Não vê mais que céu e mar?!

Rôxa florinha, não queres
Como os aureos malmequeres
Ser bem fadada d'amor?
Não sabes, modesta flor,
Que os buscam lindas mulheres,
Que os consulta o trovador?

E a rosa, a rosa tão bellá,
Que anda sempre na capella
Da namorada louçã?
E o cravo, irmão da manhã,
Que no seio da donzella
Mata d'invejas a irmã?

Ao altar a desposada
Vai d'alvos botões c'roada,
Que a laranjeira lhe deu:
A perpetua, essa vi eu
Sobre as aras regalada,
Ouvindo os hymnos do céu.

Té ao goivo coube a sorte
De ser consagrado á morte
Com piedosa devoção;
Coube-lhe ouvir a oração,
Que ao soterrado a consorte
Lhe envia do coração.

Só tu, violeta, em segredo
No meio d'este arvoredo
Has-de ignorada murchar?
Quem te ha-de aqui vir amar?
Quem ha-de, se este rochedo
Não vê mais que céu e mar?!

Pobre flor! sempre sosinha!
Nem zagala, nem rainha
Se c'roar da pobre flor!
Não vir se quer um pastor
Dizer-lhe aqui—tu és minha,
Quero dar-te ao meu amor!

Não vêr ninguem noite e dia!
E nesta melancholia
Não ser vista por ninguem!
Florinha, comigo vem,
Quero dar-te a quem daria,
Tudo quanto o mundo tem.

Vem ser amada e amante,
E sobre a neve radiante
D'alvo seio recender;
Vem novo mar alli ver,
Ver novo céu mais brilhante,
Vem começar a viver.

2

Oh! mas não venhas, violeta!
Tem amor de borboleta,
Aquella a quem te ia dar!
Vale mais aqui murchar,
Sem ter dôr que te acommetta,
Do que viver a chorar.

Vale mais; o céu é lindo,
O mar é grande, é infindo,
E noite e dia são teus;
Não mudam mares nem céus,
E, em tuas folhas caindo,
Vais co'a brisa aos pés de Deus.

VII

Á BEIRA DO MONDEGO

Á beira do Mondego é doce, ó lyra,
Teus sons juntar aos sons das claras aguas,
Que ao pôr do sol mais namoradas gemem,
E comtigo gemer, entre o susurro
Dos inflammados beijos que, na margem,
Andam auras subtís furtando ás flores.
Agora que nas cordas da saudade
Mais triste a parda rôla gemebunda

Canta da viuvez queixosa nenia,
Mais triste o coração co'a triste cante
Lembranças de ventura! Unica estrella
Brilhando em céus de ferro ao desgraçado!

∞

Oh! como era formosa a minha Julia
Lá quando, ao pé de mim, por tarde estiva,
Na verde relva pondo a branca face,
Qual perola engastada entre esmeraldas,
Do pobre trovador amava os versos!
Cantava-lhe canções d'amor extremo,
Canções que eu aprendi nos olhos d'ella,
E a cada verso me ensinava, em paga,
N'um mimoso volver mais versos novos;
Jurava-lhe ternuras, que os meus labios
Iam nos labios seus firmar com beijos;
Pintava-lhe depois, nos meus anhelos,
Da enternecida Julia um terno abraço,
E da pintura em meio me sentia
Por laço de marfim já preso o collo.
Como era bella assim! Par'cia um lyrio
Em candido festão alli pendendo!
Ás vezes, por manhã de primavera,
Junto ás aguas de limpida corrente
Ia Julia assentar-se, eu de joelhos
Um aureo malmequer lhe desfolhava

Em seu alvo regaço, e minha sina
Soletrava, tremendo, em cada folha;
Eis d'uma a outra flor erguia os olhos,
Quando a ultima folha me cahia
D'as mãos, c'um *mal-me-quer* sentido e longo...
Mas seu meigo sorrir, qual meiga brisa
A nuvem dissipava, e a flor do prado
Ficava mentirosa aos pés de Julia.
Á noite, n'um barquinho, em lago puro,
Vogavamos sem tino, e da floresta
Suave rouxinol cantava amores,
Festejava da lua a face argentea
Brilhando em céu d'anil, como brilhava
O retrato de Julia, á flor das aguas;
Embalada no barco a minha amada,
A pouco e pouco, ia deixando, languida,
Que o somno nos seus olhos me apagasse
A luz dos meus, o sol da minha vida,
Mas eu logo, de cego, ia buscando
C'os labios accender o lume extincto!
Ah! que ledo já fui, e tive crença
No amor da mulher! Julguei que a rosa
Em botão virginal não tinha espinhos!
Amei como no mundo amar só póde,
No arrebol da existencia, um peito d'homem!

Amei-lhe a alvura da face,
Amei-lhe seus olhos bellos,
Amei-lhe o nacar dos labios,
E seus formosos cabellos.

Amei-lhe as rosas do pejo,
Amei-lhe a tez de setim,
Amei-lhe o collo de cisne,
Amei-lhe a mão de marfim.

Amei-lhe as perlas da boca,
Amei-lhe o braço de neve,
Amei seu ar elegante,
Amei-lhe a cintura breve.

Amei-lhe os hombros de jaspe,
Amei-lhe o seio divino,
Amei-lhe o andar gracioso,
Amei-lhe o pé pequenino.

Amei seus gestos sem arte,
Amei-lhe os prantos da dor,
Amei-lhe as doces palavras,
Amei seu riso d'amor.

Amei-lhe a linda innocencia,
Amei-lhe a casta isenção,
Amei-lhe os seus pensamentos,
Amei-lhe o seu coração.

Amei o ar que bebia,
Amei o chão que pizava,
Amei-lhe as flores da trança,
Amei a côr que trajava.

Amei-lhe os paes e a amiga,
Amei-lhe a canção singela,
Amei tudo o que ella amava,
Amei tudo o que era della!

∞

Que importou este amor? Meus gratos sonhos
Pouco duraram; acordou-me delles
Um dia essa mulher... e hoje suspiro
Saudades do que fui, do que era Julia!...
Baldado suspirar!... Não mais, silencio;
Valor, meu coração, afoga ao menos
Lá dentro as queixas, que não vão contar-lh'as;
Esse gosto lhe falte; não, não saiba
Que hoje, á tarde, por margens do Mondego
Venho co'a antiga lyra recordar-me

Da passada ventura, inda saudoso!
Seccai-vos, minhas lagrimas, seccai-vos,
Que prantos d'homem não os vale nunca,
No mundo, uma mulher... que os paga... em risos!

VIII

A MADRUGADA

Ei-la trajando verdores,
A linda mãe dos amores,
Com seus volateis cantores
Pelos campos a folgar:
Ei-la folgando na mata,
Que nas aguas se retrata,
Nas aguas de liza prata,
Na prata do lizo mar.

Salve, rainha formosa,
Festeja-te o lyrio, a rosa,
Dos jardins a mariposa,
Do trovador a canção;
Festeja-te a pastorinha,
Que nas cores te adivinha
Um pensamento, que tinha,
Que tinha no coração.

D'aldêa o sino te chama,
E o moço, que deixa a cama
Porque vae vér a quem ama
Ao pé da encosta d'alem;
Suspiram-te sempre os montes,
Abraçam-te os horizontes,
Choram-te rios e fontes,
Nas fontes d'amor que teem.

Bemdiz-te o velho, e ensina
Á neta, que é pequenina,
Rezas sanctas da divina
Crença, que tem no Senhor;
Bemdiz-te o armento balando,
Do tumilho o cheiro brando,
E o pegureiro cantando,
Cantando magoas d'amor.

Vem, ó linda madrugada,
Vem de violetas c'roada,
Pelas brizas embalada,
Vem nestes campos folgar;
Folga nos céus e na mata,
Qne nas aguas se retrata,
Nas aguas de lisa prata,
Na prata do liso mar.

IX

UM BRINCO

Por que folgas, infante, ao pé das ondas,
Quando sobem, fugindo, e quando descem,
Perseguindo-as, louquinho?!
Já lamberam teus pés, já, despeitosas,
Te cuspiram á face a leve escuma,
E sorris-lhes, applaudindo?
Oh! não brinques assim... ai!... foge... foge...
É já tarde!... involveram-te! banharam-te!...
Foge ás vagas do mundo!

X

A ESTRELLA

Eu não tenho na terra os meus amores,
Alma afinada pelos sons da minha
Só existe nos céus, é nivea estrella!

∞

Como brilhas no oriente formosissima
Engastada em azul, perla de fogo!
Solitaria, desdenhas milhões d'astros,
Que, em torno, ao longe, te namoram meigos,

Apurando o fulgor; apurem, ardam,
Tambem ardem de inveja; que me importa?
Teu amante sou eu, tu és só minha,
Prendeu-te ao trovador seu canto altivo,
Prendeu-te a aspiração, que lhe vai d'alma,
Deixando cá da terra os vãos affectos,
Amar o que é do ceu, e dar-te ás chammas
Novas chammas d'amor, em aureo ramo,
No altar do teu Deus fulgindo eternas!
Estrella, és minha amante, a ti meu canto,
A ti meu coração, que a crença accende
D'uma luz perennal, que aviva a tua!

Quando, á noite, mimosa vens sorrindo,
Ao erguer do teu veu, já eu, saudoso,
Com a face na mão, do rio á beira,
Te espero ha muito, por colher-te sofrego
Teu limpido sorriso. Alli trocamos
Doces extremos, confidencias doces.
Fallas-me tu d'amor, d'amor te fallo;
Dás-me os claros diamantes com que toucas
Tua candida fronte, eu dou-te a lyra,
Dou-te as minhas canções, que a briza leva
Nas transparentes azas; vens, ás vezes,
Como atrahida pelos meus requebros,

Já mais perto de mim, mostrar-me a face
Com tremente clarão nas frouxas aguas;
Ás vezes, como em zelos, vais fingir-me
Sob a nuvem, que passa, um breve arrufo,
Logo voltando a afagar-me o rosto
Com mais lúcidos raios; e vagamos
Ambos juntos na terra adormecida
Ou nos campos d'anil, onde tu vives!

∞

Aqui, sou eu que das florinhas conto,
Como tem co'a tua luz côr mais suave,
Mais terna voz o rouxinol no bosque,
A fonte mais encanto em seus suspiros,
Mais saudosa impressão o mar e os campos!
Alli, és tu, que do Senhor me contas
Mais altas maravilhas nesses mundos,
Que lhe fervem aos pés; alli, revelas-me
Os segredos da noite; as magas fontes
D'immortal poesia; os sons suaves
Das angelicas harpas; e me ensinas
Onde, do espaço nos abysmos, dormem,
Esp'rando a voz de Deus, trovões e raios;
Ensinas-me o que os ventos vão dizendo,
O que dizem, passando, os meteoros,
As nuvens, o luar, e cada estrella

No scintillante lume! Oh! não, não houve
Nunca entre amantes nem amor, nem fallas,
Como as fallas e amor destes amores!
Eu te amo, linda estrella, eu te amo, e tenho
Dias melhores, por te ver, nas noites,
Que no sol importuno!... E eil-o... já rompe
Por detrás dos outeiros!... Vem de novo,
Assim que se elle fôr; adeus, não faltes;
Adeus, estrella, o coração me levas!

Eu não tenho na terra os meus amores;
Alma afinada pelos sons da minha
Só existe nos céus, é nivea estrella!

XI

MELANCHOLIA

É mais doce que a alegria,
Mais que do riso a impressão,
É mais doce ao coração
A doce melancholia!
Quasi sempre, ao fim do dia,
Vem minha alma procurar,
E sinto o que não sentia,
E gosto de a ver chegar.

Entra, não sei com que chave,
Mas sabe-me n'alma entrar;
Entra meiga, entra suave,
Sem amargura nem dor,
Fallando sempre d'amor,
Do encanto da soledade,
Do céu á noite, da flor,
Que traz ao peito, a saudade!
E eu sinto nessa hora, então,
Que é mais doce que a alegria,
Que é mais doce ao coração
A doce melancholia.

Ás vezes leva-me álem
Onde o mar geme na praia,
Mostra-me o sol que desmaia,
Mostra-me a escuma que vem
Ferver nas pedras redondas,
Mostra-me ondas sobre ondas,
Um barco ao longe a passar,
As estrellas que começam
Pouco a pouco a scintillar;
E quer que os olhos se esqueçam
Alli sem ver, sem olhar;
E eu ponho-os lá esquecidos,
Aqui ou alli volvidos,

E gosto d'assim ficar;
Gosto; e sinto, que a alegria
Não faz tão doce impressão,
Que é mais doce ao coração
A doce melancholia.

ooo

Ás vezes, faz-me assentar
Junto á fontinha sonora
E c'os prantos que esta chora,
Diz-me que aprenda a chorar;
Diz-me que ha chôro sem magoas,
Que vem d'um longo scismar,
D'um scismar ao pé das aguas,
D'ouvir as aves cantar,
E que d'intima ternura
Só de scismada ventura,
Nos cahe, sem mesmo o cuidar;
Diz-me que então, acordado,
Se pode um sonho sonhar,
Sonho futuro ou passado,
Visão de longe a acenar;
Um sonho que pouco dura,
Que tem tristeza e doçura,
Que é virgem celeste e pura,
Que desce á terra sem véu,
Que vem c'roada de flores,

Que diz amor aos amores,
Mas vôa depois ao ceu!...
E eu logo a visão lá vejo,
Chóro, e sonho, e scismo então,
Na lembrança ou no desejo,
E gosto dessa impressão,
E sinto no que eu sentia,
Que é mais doce que a alegria,
Que é mais doce ao coração
A doce melancholia.

XII

AS QUATRO EDADES DA MULHER.

(Imitação de Millevoie.)

Quatro caixinhas resumem,
Segundo diz a exp'riencia,
Das mulheres, quasi sempre,
As estações da existencia.

A primeira, em tenros annos,
Guarda os doces *rebuçados*,
A segunda, inda mais doces,
As cartas dos namorados.

Guarda depois a terceira
Comprada côr, que pintando.
Vai na face as falsas rosas
Quando as outras vão murchando.

E por fim, quebrado o espelho,
Chegado o tempo da lei,
Toda a ternura se encerra
Na caixinha do *Agnus Dei*.

XIII

O MEU SÃO JOÃO

Já da rainha das noites,
Noite dia a tantas almas,
Já sinto estalar as bombas,
Sinto a grita, sinto as palmas.

Rompe as nuvens o foguete,
E lá nos céus estrugiu,
Brilhou, morreu, e ligeiro,
Volta, desce, alem caiu.

Crepitam rubras fogueiras,
Dança a donzella cantando,
Canta e dança o namorado
Na viola suspirando.

Aqui um rancho apparece
Co'as alcachofras na mão,
Que vem saber na fogueira
Segredos do São João.

Alli gemendo o pinheiro
Co'a labareda abraçada,
Vem a terra, e toda a turba
Solta unisona risada.

E brilham roupas nevadas
Ao baço clarão da lua,
E tudo corre dos lares
Alegre de rua em rua.

Mais d'um somno descuidado
Agora o estrondo quebrou,
Só de velhos; que entre as rugas
Rosa d'amor se murchou.

De velhos, por que de gelo
Cobre a edade o coração:
De velhos, a quem deslembra
A noite de São João.

Tudo o mais anda velado,
Tudo de risos se esmalta,
Tudo alegre ao som dos vivas
Por sobre as fogueiras salta.

Esta é a noite dos segredos,
Noite d'amor e ciumes:
Quantos não nascem, não morrem
Hoje á volta d'esses lumes!

Retumbam por toda a parte
Os folguedos d'alegria,
Só eu comtigo me abraço,
Mimosa melancholia.

Este aqui a sorte espreita
Dentro da urna singela,
Sae um nome... geme e diz
Não é este o nome *d'ella*

Aquelle as estrellas conta,
E se a conta não mentiu,
Cada estrella lhe promette,
Outra estrella que elle viu.

Esta da fonte ou do rio
Guarda as aguas salutares,
Onde n'um ovo se escrevem
Ou venturas ou pesares.

Aquella tem seu destino,
Todo fechado nas flores,
Hade ler em cada folha
A historia dos seus amores.

Qual na areia faz a cova,
E lá se enterra o dinheiro,
Que deve sair propheta
Depois do dia terceiro.

Qual no prado, qual na fonte,
Que tem moiras encantadas,
Aguarda da sancta noite
As donosas orvalhadas.

Todos sabem um segredo,
Com que do íntimo seio
Vão arrancar nesta noite
Occulto segredo alheio.

Só eu não tenho uma sina,
Só eu não tenho um condão,
Só eu não tenho quem leia
Dentro do seu coração!

Oh! quem podera nesta hora
Das prophecias d'amor
Ouvir á bella das bellas
A sina do trovador!

A fogueira de seus olhos
Já queimou minh'alma inteira:
As outras fogueiras fallam,
Só não falla esta fogueira!

Reverdece o orvalho as flores,
Hoje crestadas na chamma,
Só meu pranto na flor d'alma
Tão baldado se derrama!

Nem esta noite d'encantos
Me desencanta o futuro,
Cede amor hoje aos mais tristes,
Só não cede ao meu conjuro!

Té os moiros na Moirama
Tem nesta noite um condão,
Só eu não tenho quem leia
Dentro do seu coração!

Retumbam por toda a parte
Os folguedos d'alegria,
Só eu comtigo me abraço,
Mimosa melancholia.

XIV

N'UM ALBUM

Tem mil folhas este livro,
Mil nomes talvez terá;
Mas qual folha, mas qual nome
Ao coração fallará?

Esse é livro que, bem sabes,
Mais que uma folha não tem,
Não deve ter; com mil folhas
Quem n'o quizera?—ninguem.

Tem uma só, nem se póde
Mais que um nome lá gravar;
Não é assim? A um só peito
Um só nome para amar.

Quem vir, pois, esses mil nomes,
Que estas mil folhas terão,
Não lhe pareça registro,
Cabe um só no coração.

XV

O CREPUSCULO

Bem vindo sejas com tua luz suave,
Amoroso crepusculo, bem vindo!
Coração de mulher, qual philomela
É todo amor e canto ao pé da noite.
Do amante a voz, então, acha caminho,
Do ouvido ao coração, mais curto e facil;
Toldam sombras o pejo, as faces podem
Osculadas córar, sem que o triumpho
Lá veja o vencedor escripto em rosas;

Melhor se escuta o frémito dos labios,
Suspirando d'amor, pedindo amores;
Póde o *sim* mais sumido então colher-se!
Fingir que foi acaso a mão tocada.
O rigor feminil, desdens, orgulhos
Vão nas azas da briza do crepusculo!

Bem vindo, pois! Tambem eu te esperava;
Desce aqui, tinge a sala, e deste lado
Põe mais sombra, inda mais, assim;—agora
Attrahe para a janella quem tu sabes,
Que vá ver como é lindo o fim da tarde,
E que nos deixe a nós; abre o pianno
Áquella mão propicia; quem não gosta
D'ouvir tocar nesta hora? Ouçam... não ouvem
Por isso mesmo tudo... ouçam, que é bella
Esta aria da Norma!... Eis o momento
De tudo lhe dizer... ó luz maldita!
Que cedo vieste!...—Não lhe disse nada!

XVI

ELYSA

—Vem sentar-te, donzella, em meus joelhos;
Cinge, cinge-me ao collo o roseo braço;
Poisa a face na minha; ergue os teus olhos;
Que vês tu, innocente?

—Vejo o vôo da pomba;—é teu anhelo:
—Alva nuvem partir-se;—é teu sorriso:
—Vejo o sol que fulgura;—é tua imagem:
—Vejo o céu;—é tua patria.

O jardim era mui pobre,
Que o *melhor* não tinha, não!
Em vão busquei a *saudade*
Só a achei no coração!

Mas ainda assim este ramo
Já não vai de todo mudo;
Dizem-te muito estas flores,
E este *adeus*... diz mais que tudo!

XVIII

HARMONIAS DA NOITE

Canta teus cantos, brando vento, canta
Adormecendo o val, no fim da tarde;
Tange na harpa sonora da floresta
        Harmonias da noite.

Vem, sereno Mondego, filtra agora
Pela areia de prata viços novos
Ás florinhas da margem, desmaiadas
        Dos ardores do dia.

Banha-me a accesa fronte, meu salgueiro,
Co'a fresquidão da aragem, que nos ramos
Sabes temp'rar, coando-a pouco a pouco,
Em murmurio suave.

E tu, filha d'amor, candida lyra,
Nesta hora doce, com teus sons mais doces,
Vaga co'o trovador em vago canto,
Vaga por céus e terra.

∞

Amo o tibio clarão do argenteo disco,
Porque a luz do luar não cega os olhos,
Como faz a do sol, porque me deixa,
Nesse lago d'anil, por onde esplende,
Namorar-lhe a belleza.

Amo a languida côr do ethereo espelho,
Onde os amantes, separados, buscam
Encontrar-se c'os olhos scismadores;
Onde crêra talvez grego engenhoso,
Que Venus se mirava.

Amo, quasi pagão, na branca esphera
Da casta Delia envergonhado riso,
E já lá finjo negrejando os bosques,
Onde co'a turba caçadora exerce
Seu culto pudibundo.

Amo as rosas do céu, que se emmurchecem
Quando a lua vaidosa as vai pizando;
Amo as nuvens c'os seios bipartidos,
De respeito alastrando eburnea senda
Á rainha dos astros.

Amo a grenha voando ao meteóro,
Quando pallido foge ante seus passos;
Amo tudo o que a cérca e faz mais linda,
Tudo o que lá lhe rende melhor culto,
Que o dos meus pobres versos.

∞

Noite! Noite! Que mão te ha desdobrado
Das alturas do céu, assim no mundo?
Do templo do Senhor és véu, que os anjos
D'infindos orbes d'oiro recamaram?
És lavrado padrão da Omnipotencia,
Memoria erguida em campos do infinito?
Milhões de sóes que ostentas, serão tochas
Ardendo ante o teu Deus no altar immenso?

Serão letras d'amor, com que lhe escreves
Nessa pagina azul o ignoto nome?
Tuas nuvens que são? São do thuribulo,
Que agitam cherubins aos pés do Eterno,
Queimado incenso a desfazer-se em fumo?
Noite! Noite! Que és tu? Que vens á terra,
Silenciosa, dizer com teus mysterios?

Não sei, não sei com que encantos
Falla a noite ao coração,
Mas as horas dos meus cantos
As horas da noite são;
Com ellas na solidão,
Longe o rumor das cidades,
Tomando a lyra na mão,
Afinando-a nas saudades,
Esqueço-me alli então;
Suspiro por entre as flores,
E á luz de ethereos fulgores,
Canto suaves amores,
De noite, de dia não;
Que sem saber com que encantos
Falla a noite ao coração,
Doces horas dos meus cantos
As horas da noite são.

Que irá dizendo o Mondego
A sussurrar nesta areia?
Que lhe responde da margem
O sinceiral, que a sombrea?

No seu cristal derretido,
Vejo, co'a luz do luar,
Outro Narcizo, um salgueiro
Um salgueiro a namorar.

Outra Echo, a briza doida,
Que foi por elle enjeitada,
Anda a carpir-se zelosa,
E põe a lympha enrugada.

Cuida que mora lá dentro
Escondida uma rival,
E por dar-lhe inveja espalha
Perfumes, que traz do val.

Raivosa tolda co'as azas
O liso espelho brilhante,
Cospe co'as azas, raivosa,
O Mondego ao seu amante.

O salgueiro então, curvado,
Sacode a fronte singela,
Murmura um ai, mas teimoso
Busca na agua a imagem bella.

E o rio que irá dizendo?
Fallará destes amores,
Ou gemerá lá comsigo,
Dos que elle traz com as flores?

Quem sabe? Talvez só sejam
Antigas mágoas, talvez,
E que inda arqueje na área,
Saudoso da linda Ignez!

Ai! De Ignez inda a fonte, além, soluça,
Inda lhe chora a morte escura della,
Osculando na pedra cternas manchas
Do sangue espadanado!

Não longe, os cedros, balouçando a coma,
Inda vergam de dôr, inda meditam
No caso triste de memoria digno,
Que desenterra os mortos!

Alli, d'um terno amor ternos momentos
N'aza fugaz do tempo iam fugindo,
N'aquelle engano d'alma, que a fortuna
Não deixa durar muito.

Dos suspiros d'Ignez, inda lembrados,
Os echos, pelo monte, ás horas mortas,
Suspiram brandos ais, e aos sons da lyra
Respondem gemebundos!

∞

Quero muito á voz saudosa
Dos echos da solidão;
São amigos invisiveis,
Com quem falla o coração.

É tão doce nestas horas
Poder assim conversar,
Poder do nosso gemido
Egual gemido escutar!

Chamar aquella que é longe,
Chamar aquella que se ama
E o som d'amor e saudade
Não morrer na voz que a chama!

Ver que o monte um nome aprende,
Que depois o ensina á briza,
Que se eu digo—Elysa! o monte
Diz logo tambem—Elysa!

Quero muito á voz saudosa
Dos echos da solidão,
São amigos invisiveis,
Com quem falla o coração.

∞

Mas quem pode formar taes sons no monte?
Será perdido amante a penar mágoas,
Desprezos da que amou, desdens d'ingrata,
Injurias d'um rival, ou será nympha
Que um ingrato enjeitou, e alli chorosa,
Inda louca d'amor, serve aos amores?
Oh! dize-me quem és, voz grata aos tristes?
Silencio!... respondeu... maldicto vento,
Que lhe pude ouvir só—voz grata aos tristes!

∞

Embora, fique embora isso em segredo.
Saiba-o sómente Deus!
Tambem segredos d'alma quantos tenho
Que só sabem os céus!

Nem importam á turba; que diria
Dos meus sonhos d'amor?
Mas são esses, são só toda a ventura
Do pobre trovador.

Cala-te, pois, ó lyra, e tu, ó noite,
Apaga o teu luar;
Das trevas no pallor deixa-me um sonho
Com Elysa sonhar.

XIX

ELLA

Florir n'alma ao trovador
Não pode a esp'rança perdida;
Não pode; é morta, é despida
D'aquelle antigo verdor;
Jaz calcada a pobre flor,
Linda flor da minha vida;
Sem perfume, e viço, e côr,
Desfolhada, enegrecida!

Coitada, ficou perdida
A esp'rança do trovador!
E entre as nuvens d'uma vida,
Tão farta de fel e dor,
Vida sem crença no amor,
Triste vida não vivida,
Não pode a esp'rança perdida
Florir n'alma ao trovador.

Mas póde!... Não vês, vestida
De plumas de casto albor,
Essa *avesinha*, descida
D'entre os anjos do Senhor?
Pois na voz enternecida,
Pois no candido frescor,
Pois em seus olhos d'amor,
Pois em tudo, renascida
Trouxe a vida á minha vida
Trouxe a esp'rança ao trovador!

XX

A SAUDADE PERDIDA

Perdeste a minha saudade!
Triste perda! ai, triste flor!
Se a perde assim teu amor
Quem d'ella terá piedade?
Sem ella agora quem hade
Recordar-te o trovador?

Minha saudade! era minha
Não podia ser feliz;
Não lhe valeu seu matiz
Nem o vaso d'onde vinha;
No meu peito, coitadinha,
Porque lançaste a raiz?

Cultivaram seus encantos,
Quando era tenro botão,
Em vez de sol a affeição,
Em vez de brizas meus cantos,
Foi regada com meus prantos,
Foi-lhe terra o coração!

Erguia-se o meu cuidado
Quando inda dorme a manhã,
Por velar que á flor louçã
Não fosse o viço murchado;
Nunca um irmão desvelado
Velou mais nenhuma irmã.

Minha saudade! perdida!
Tão linda, perdida assim!
E tu, meigo cherubim,
Que és vida da minha vida,
Porque a perdeste? esquecida,
Assim te esqueces de mim!

Por te ver foi semeada,
Por te não ver a criei,
Altos fados lhe fadei,
Na hora em que foi cortada,
E contra o peito apertada
Este cantar lhe cantei:

« Florinha de rôxas cores,
« Minha inveja, vais beber
« Morte melhor que o viver
« No seio dos meus amores;
« Oh! quem nascera entre as flores,
« Que lá podesse ir morrer!

Mas nem ella, a innocentinha,
Nem ella assim lá morreu;
Nevada mão a perdeu,
Que já perdido me tinha!
Pobre saudade! eras minha,
Seguiste tudo o que é meu.

E quem sabe aonde iria?
Em que mão hoje estará?
Se calcada jazerá,
Se desfolhada seria?!
Minha flor! ninguem diria
Que tinhas sina tão má!

Oh! quem achasse a saudade!
Quem me tornára essa flor!
Sem ella, meu pobre amor
Ficou em triste orfandade;
Sem ella agora, quem ha-de
Recordar o trovador?

XXI

VISÃO

Era lá entre uns altos cabeços,
Entre sombras d'ameno frescôr;
Onde as auras com brincos travêssos
Vertem doidas seus beijos á flôr.

Era lá onde um val de esmeralda
Barra o Lima com prata a ferver,
Onde, ao longe, do monte na espalda
Finge a rocha um phantastico ser.

Era lá onde em noites de maio,
Quando olhava da lua o clarão,
Dos sentidos n'um doce desmaio
Conversava c'o meu coração.

Nesses sitios em que eu me fugia
Para dentro desta alma, e n'um véu
Bem fechado, bem denso, a harmonia
Escutava das harpas do céu.

E trancado por dentro da mente,
E sósinho comigo, a scismar,
Era longe do mundo descrente,
Como o nauta nos plainos do mar.

Era lá onde em fresca devêsa,
Qual sacrario de mystica flôr,
Minha chamma d'amor tão accesa
Mais accesa pedia um amor.

E pedia-o na voz lacrimosa
Vendo a aurora nos céus despontar,
E pedia-o na lyra saudosa
Alta noite, da noite ao luar.

E pedia-o ás rosas mais bellas
Inda virgens das furias do sul,
Ao docel pespontado de estrellas,
Á montanha vestida d'azul.

E pedia-o c'os braços erguidos,
C'os joelhos na relva do chão,
E pedia-o gemendo uns gemidos
Que na terra gemi sempre em vão.

Mas foi lá que n'um vôo da mente
Nova terra a meus olhos compuz,
Por que incognita mão de repente
Apagou-me dos olhos a luz.

Já não via, era cégo... e já via
C'uma vista que n'alma senti;
Noite uns olhos, nos outros o dia,
Era cégo, era cégo... mas vi!...

E que mundo! que céu recamado
De saphiras e perlas a mil!
E que sol que lá vi reclinado
Em seu berço de prata e d'anil!

Que eternal primavera surria
Com eternas grinaldas na mão!
D'aureas aves que meiga harmonia!
Da harmonia que meiga emoção!

E que rios, que valles, que montes!
Que cidades de claro marfim!
Que cristal derretido nas fontes!
Que palmares por veigas sem fim!

E lá dentro, no fundo, no meio
De marmoreos oiteiros, um mar...
E no mar um barquinho... e no seio
Do barquinho um remeiro a remar...

E levou-me no barco o remeiro,
E levou-me tão longe!... e parou...
C'uma vara de prata, certeiro,
Praia a dentro o barquinho encalhou...

E na margem, que absorto contemplo
Tapetada de estranho matiz,
O remeiro apontando-me um templo
Disse—«bardo, entra alli, sê feliz.»

Eu fiquei-me c'os olhos pregados
Nas arcadas do templo sem par...
Ouço uns sons... vejo uns remos alçados...
Ia ao largo o remeiro a remar...

Olhos longes ao mar, e seguindo
O barquinho um momento fiquei...
Para o templo depois fui subindo
Fui subindo, subindo... e entrei...

Oh! entrei... e que vi!... por mil annos,
Resumidos n'uma hora, vivi!...
Não duraram meus gratos enganos,
Que não sei por que modo... eis-me aqui!

XXII

NO ALBUM D'UMA ROSA

Linda rosa, ha no mundo um só vaso,
Que não quebra, ha um só, e mais não;
Quebra todos um simples acaso,
Só não quebra um leal coração.

Se não queres teus viços murchados,
Olha bem a que vaso te dás,
Poucos ha por tal modo talhados,
Que resistam ao tempo... verás.

Não te illudam as vividas côres,
Nem relevos, nem graça gentil,
Entre risos escondem-se dores,
Ha um só que não mente entre mil.

Vaso d'oiro, que os olhos namora,
D'alabastro, de prata, ou marfim,
É talvez onde a rosa descora,
Onde triste, e em breve dá fim.

Oh! nem sempre apparencias formosas
São reaes neste mundo; o peor
Muitas vezes é bello; ás rosas
Simples vaso é talvez o melhor.

E são todos, oh! são quebradiços,
Toma conta na escolha, não val
Por um dia, que adorem teus viços,
Ter saudades em vão do rosal.

Olha pois, linda rosa, que um vaso
Que não quebra ha um só, e mais não;
Quebra todos um simples acaso,
Só não quebra um leal coração.

XXIII

UM ANJO NA TERRA

Quando andava a primavera
Á terra dizèndo adeus,
Quando já voava aos céus
Com mil rosas, que lhe dera,
Do regaço, onde as quizera
Com sofrega mão guardar,
Deixou caír descuidosa
Do inverno á porta uma rosa,
Que elle foi logo apanhar.

Vivia a flor entre neves
Tristinha por só se ver,
Mas tal foi seu recender,
Levado nas azas breves
Do azul bando d'auras leves
Lá dos anjos á mansão,
Que um delles, dôido por vêl-a
Da rosa fez uma estrella
De transparente clarão.

Pôz na estrella Deus a vista,
E tão alva lhe luziu,
Tão pura, tão linda a viu,
Que fez d'ella uma conquista
Com que um anjo mais na lista
Dos seus anjos escreveu:
Mal o escreve, e a conta cerra,
Sentindo a viuvez da terra,
Mandou-lhe esse anjo do céu.

Bateu as azas tão bellas,
Azas brancas de setim,
Voou, voou, e por fim,
Dizendo adeus ás estrellas,
Veio poisar longe dellas,
Onde o Eterno lhe mandou...
Do céu ha pouco chegado,

Poderá ter escutado
O trovador que o cantou?

Não pode, bem sei, meus cantos
São pobre feudo, são flor
Sem viço, triste, sem cor,
E regada com meus prantos;
Não tem os doces encantos
Que escutou no reino seu;
Mas se os anjos não cantasse
Quem cantara?... não mandasse
Deus á terra anjos do céu.

XXIV

AS QUATRO CORDAS DA LYRA

Tem quatro cordas a lyra
Com quatro sons, e mais não;
Embora mais lhe desfira
D'algum bardo a incerta mão,
Que da minha outros não tira,
Nem tem mais o coração.

A primeira, a melhor corda
Afinei-a para os céus,
Do abysmo sentado á borda
Olho afoito os males seus,
Por que a lyra me recorda,
Por que a lyra me diz—Deus.

A segunda só me falla
Da minha terra natal,
É corda que não estala
Entre as paixões, é leal;
Patria, patria é o som qu'exhala,
Minha patria, Portugal.

Tem a terceira branduras,
Tem perfumes como a flor,
É a corda das ternuras
De mancebo e trovador,
Tem mágoas, mas tem venturas;
Esta corda diz—amor.

Resta a quarta, que afinada
Agora melhor a quiz,
É corda *por ti* provada,
Que das outras não desdiz,
Corda d'affectos temp'rada,
Amisade—é o som que diz.

E as quatro cordas n'um hymno,
N'um só hymno hei-de casar,
Se em quanto ousado as afino,
Mão da morte as não quebrar,
Que das quatro o som divino
N'uma só voz diz—amar.

Hei-de amar, cantar na lyra
Quatro affectos, e mais não,
Embora mais lhe desfira
D'algum bardo a incerta mão,
Que da minha outros não tira,
Nem tem mais o coração.

XXV

NO DESALENTO UM DESEJO

A vida é sonho mentido,
O amor uma illusão,
A mulher tigre fingido,
A amizade uma traição;
Tornou-se o saber vaidade,
Tyrannia a liberdade,
Um capricho cada lei;
Faz, desfaz o intr'esse a guerra,
De sangue se alaga a terra,
Geme o povo, geme o rei.

Fez-se hypocrita a virtude,
Ás trevas chamou-se luz,
Mascarado o vicio rude
Foi sentar-se aos pés da cruz;
Hoje a honra é só palavra,
A mão que as sentenças lavra,
Mão de Judas, se vendeu;
A lança, esteio do throno,
Vérga nas mãos de seu dono,
Vérga áquelle que mais deu.

Dos bardos o fertil ocio
Prostituiu-se tambem!
Esquecem o sacerdocio
Que na terra um bardo tem;
Incensam paixões na lyra,
Vestem de gala a mentira,
Misturam doçura e fel,
Servos d'alheio aceno
Espremem negro veneno
Entre palavras de mel.

Que triste o mundo não vejo!
Que triste vista! mas é;
Ai quem me dera um desejo
Do tempo em que havia fé!
Quizera... não sei dizel-o,

Nem sabe a penna escrevel-o,
Que *ha muito* que o não *senti*...
Quizera, se *tu* quizesses,
Que um novo mundo me desses,
Novo mundo achar em *ti!*

Não te deixes pela aragem
Dos brandos ais enganada
Balouçar;
Como a rosa, tua imagem,
Não queiras, não, desfolhada
Lá ficar.

C'roou-te Deus de innocencia,
Assim florindo viçosa
Sem rival;
Possa eterna florescencia
Conservar-te eterna rosa
No rosal.

Possa amor amar-te pura,
Cercar-te sempre na vida
Sem a dor;
Que innocente formosura
Merece, se é comprehendida,
Tal amor!

XXVII

QUE DIZEM?

Uns olhos, olhos que fallam,
Que d'alma as fibras abalam,
Como eu os vi, ninguem viu;
São negros, negros, tão puros
Luzindo, apesar de escuros,
Qual nunca um astro luziu.

Que fallam, que fallam, sei-o,
Sei-o muito, exp'rimentei-o
Dentro do meu coração;
Cada olhar era um volume,
De que as letras eram lume,
Eram brazas de vulcão.

Eu soletrei-as, eu li-as,
E na memoria esculpi-as
Uma por uma; que fiz?
Soube apenas que fallavam,
Que luziam, que queimavam,
Mas cada olhar o que diz?

Olham, fallam esses olhos,
Cortam d'um golpe os abrolhos
Da vida, n'um só olhar;
Fallam, fallam, mas que dizem?
Fallam d'amor, ou maldizem
Quem d'amor lhes quer fallar?

E lindos, lindos são elles,
Quaes nunca o pincel d'Apelles
Soube pintar, não pintou;
Não tinha tão negras cores,
Nem tintas com taes fulgores,
Onde as achar? não achou,

São lindos, quaes nunca teve
Sonhada virgem de neve
Em sonhos de trovador;
Nem as filhas de Mafoma,
Nem filhas de Grecia, ou Roma,
Nem um anjo do Senhor!

Lindos, lindos, transparentes
Como o cristal das torrentes,
Como o véu d'um cherubim;
Transparentes, mas escuros
Como a noite, mas tão puros
Como o céu... vi-os assim.

Vi, mas que importa? fallavam,
Eram, lindos, e brilhavam
C'um meigo brilho só seu;
Fallavam, mas que diziam?
Brilhavam, por que luziam?
Por que luz o astro no céu?

Fallam, fallam n'um lampejo;
Mas entendem meu desejo,
Respondem ao meu olhar?
Ou fallam só, como falla
Onda insensivel, que estalla
N'um penedo á beira-mar?

Fallam só por que é seu fado,
Como o d'um céu estrellado
É brilhar na criação?
Ou fallam por que se accendem,
Por que os meus olhos entendem,
E respondem sim, ou não?

Se elles não fallam sem tino,
Como innocente menino
Sem pensamento nem fim,
Quando c'os meus os persigo,
Respondem ao que eu lhes digo,
Dizem não, ou dizem sim?

XXVIII

NÃO VALE A PENA, VALE A PENA

Vou, por tua escolha, escrever
Aqui, na primeira folha,
Mas faze melhor escolha
No livro do teu viver;
Aqui, se não acertaste,
Donzella, se te enganaste,
Tens o remedio na mão,
A desgraça foi pequena,
Dizes só—*não vale a pena*,
E rasgas a folha então.

No outro livro assim não é;
Uma pref'rencia illudida
Acompanha toda a vida,
Leva raizes no pé;
E se fôr no livro aquella
Primeira pagina bella
Mais raizes levará,
Por que a innocencia serena
Confia que *vale a pena*
E pena sempre terá.

Depois, tu deves pensar,
Que em certa folha indo errada,
Por mais que a queiras rasgada
Ninguem t'a pode rasgar;
Debalde então se procura
N'outra pagina a ventura,
Que as outras são folhas vans;
Uma ha só no livro amena,
Ou então *não vale a pena*,
Se tem mais folhas irmans.

Deixa, pois, que ao escrever
Aqui na primeira folha
Te lembre melhor escolha
No livro do teu viver:
Aqui, donzella formosa,

Pode uma *fingida rosa*
Pagar bem ao trovador,
Mas lá não; tudo condemna
Falsa rosa, e *vale a pena*
Sómente a rosa d'amor.

A falsa tem para mim
Falsidade lisongeira,
Que, se fosse verdadeira,
Emmurchecia por fim;
Mas da outra a qualidade
Deve ser, sem falsidade
Conservar viço immortal;
Rosa que o tempo envenena,
É flor que *não vale a pena*,
É verdadeira no mal.

E se a falsa valor tem
Por ter andado comtigo,
Em dal-a não houve p'rigo,
Não póde achar-lh'o ninguem;
Vem do peito, mas embora.
Foi só do ramo de fóra,
Não é flor do coração;
Essa sim, d'amor na arena
Repara que *vale a pena*
Ao dal-a escolher a mão.

XXIX

A SÁIA NOVA

—Sáia nova còr de rosa,
    Rosa!
Algum cirio á terra vem!
    Hem?!

—Não, senhor.—E teu marido?
    —Ido
Agora seis mezes ha;
    —Ah!

—Anda embarcado lá fóra.
—Ora!
E tu então?—Eu, assim...
—Sim...

—Na vida por cá lidando,
Ando.
—Mas vida que não faz dó.
—Oh!

—Vida de moiro; a Maria...
Ria?
Do que eu faço, é quem dá fé.
—É?!

—Pergunte.—Mas antes d'hontem...
Hontem,
C'o Zé Nunes vi-te aqui?
—Hi!

Encontrei-o, vindo ao rio,
Rio,
Lá com elle alguma vez.
—Vês?!

E um estudante outro dia,
Ia,
A olhar-te tão maganão?...
—Não;

Diz-me sempre «vou comsigo?»
Sigo,
E olho a vêr, se vem tambem...
—Bem!

—Mas nada, não me persegue,
Segue
O destino em que já vai.
—Ai!!

—Só uma vez, por descuido,
Cuido
Que elle um beijo me furtou,
Ou...

Ou foram tres... eu sorri-me,
Ri-me,
São coisas sem má tenção.
—São

E aquelle tal ricalhouço?
Ouço
Que á quinta dos Olivaes
Vais?...

—Á quinta d'André Caniço?
Isso
É tambem sem mal nenhum.
—Hum!

XXX

A CAPELLA DO ERMO

Não vás do ermo á capella,
Ninguem de noite lá vá,
Dois fantasmas saem della,
Dois amantes mortos já:
Jesus! que medo! vê lá,
Não vás do ermo á capella.

Era a Condessa e Roberto,
Vi-os á luz do luar,
Ai! vi-os, vi-os hem perto,
Andavam a conversar,
Vi-os, ouvi-os fallar,
Era a Condessa e Roberto.

Que fez o Conde em matal-os?
Nem co' a morte os separou!
Á cauda dos seus cavallos
Foi debalde que os atou;
Se o amor lá lhes ficou,
Que fez o Conde em matal-os?

São mais felizes agora!
Que os ouça como eu ouvi,
Da sepultura cá fóra
Passeando por alli;
Se o Conde visse o que eu vi!...
São mais felizes agora!

Ambos de branco vestidos,
A Condessa erguendo o véu,
Parando agora, esquecidos,
Cuidei que olhavam o céu;
São dois anjos, disse eu,
Ambos de branco vestidos.

Uma por uma as estrellas
Apostavam de contar,
Mas por cada uma d'ellas
Um beijo lhes via dar,
Vae, Conde, vae-lhe apagar
Uma por uma as estrellas!

Depois na relva assentados
Ouvi-os cantar e rir,
Em doce enlevo abraçados,
Vi-os deitar-se a dormir;
E mais beijos a pedir,
Depois na relva assentados!

Que importa o mundo e o Conde?
Diziam, não tem poder;
Se amor na vida se esconde,
Na morte é flor a crescer;
Se a morte assim é viver,
Que importa o mundo e o Conde?

Nem na capella tem medo!
Que apagam do altar a luz,
E vão-se á cova em segredo
Sempre a beijar-se... Jesus!
Amor que nem vê a cruz,
Nem na capella tem medo!

Não vás do ermo á capella,
Ninguem de noite lá vá;
Dois phantasmas saem d'ella,
Dois amantes mortos já;
Jesus! que medo! vê lá,
Não vás do ermo á capella.

XXXI

EMFIM!

Ah! emfim, emfim és minha!
Emfim agora sou teu!
Trocou-se por este céu
A vida que d'antes tinha.
O coração, qual florinha,
Já quasi sêcca a pender,
E que viçosa amanhece,
O coração, reverdece,
Ama, e amar é viver.

Ah! emfim, esses desejos,
Esse longo imaginar,
Morreu emfim n'este mar,
N'este infinito de beijos!
Sumiram-se aquelles peijos,
Que nos impunha a razão,
Sumiu-se todo o passado,
E já comtigo abraçado
Sinto novo coração.

Bem novo, que o que eu tivera
O mundo tanto o gastou,
Que do pouco que deixou
Que daria quem o déra?
Mas este sim! Renascera
D'entre as ruinas melhor,
Como depois da fogueira
Se ergue queimada palmeira
Cheia de viço e verdor.

Eil-o, é teu, é teu, gosemos,
Tenho-te, pois, junto a mim;
Aqui, minha, minha emfim
Vivamos ambos, amemos
Um no outro, respiremos

Em beijos o ar vital,
Misturem-se as nossas almas,
Quaes duas casadas palmas
Sobre africano areal.

A vida assim, o futúro
Sempre assim, como hoje é
Este presente! Tem fé,
Que eu a tenho, e vou seguro
N'este amor tão vivo e puro,
Que sorvo nos labios teus;
Emfim vivemos; vivamos;
E assim um dia subamos
A ajoelhar aos pés de Deus!

XXXII

FLOR QUE NÃO MORRE

Foi a *nuvem* pela *deusa*,
Foi apenas illusão;
Vós a esp'rança não perdestes,
Mancebos, dizeil-o em vão.

Esp'rar, esp'rar é do homem
Condição de eterna lei,
E é n'esse aspirar infindo
Que da criação elle é rei.

Vê sempre intangivel, sempre,
Longiquo, incerto fanal,
E no perpetuo desejo
Sente o destino immortal.

Esp'rar, esp'rar, eis a vida,
Poetas, negail-o em vão;
Rasgai a *nuvem*, que a *deusa*
Lá vive no coração.

Esp'rar nas faxas do berço;
Depois, das paixões no mar;
Esp'rar na edade madura;
Á beira da cova, esp'rar.

Esp'rar no riso e no pranto,
Da sorte em vario matiz;
Espera ventura o triste,
Mais ventura o que é feliz.

Nunca farto, os olhos crava
Do porvir no escuro véu,
Vive de esp'rança em esp'rança,
E a Fé aponta-lhe o céu!

Morre um affecto, outro nasce,
Passa um desejo, outro vem,
Depois d'um sonho, outro sonho,
De tantos que a vida tem.

E em cada estado um intento,
Cada edade uma affeição,
E a *nuvem* fugindo sempre,
E a *deusa* no coração.

Oh! bem haja a mão que a imagem
D'essa *deusa* ahi gravou!
Eil-a; que o filho do Sena
Bem vedes que a retratou.

Donzella d'olhos celestes.
Scismando á borda do mar,
Triste, nas trémulas ondas
Quer o céu interrogar.

A alma vaga-lhe incerta
Buscando um mundo melhor,
Invejando a extranhos entes
Azas de puro fulgor.

E ás vagas fugitivas
Debruçando o collo seu,
Parece que viu, e que a chama
Lá dentro um anjo do céu!

Bem haja o filho do Sena,
Amigos, a *deusa* ahi está,
Vêdes a esp'rança, ajoelhemos,
Não ha negal-a, não ha.

Esp'rar, esp'rar, eis a vida,
Eis a feliz condição,
Que é n'esse aspirar infindo
O homem rei da criação.

Esp'rar nas faxas do berço;
Depois, das paixões no mar;
Esp'rar na edade madura;
Á beira da cova, esp'rar.

XXXIII

NÃO CHORES

—Que tens? porque choras?
—Que tenho? não vês?
—Bem vejo, descoras,
E na palidez
Das faces te escorre
Em bagas, e corre
Co'a limpida flôr,
Dos olhos a dôr:
—Dos olhos? do peito,
Da duvida effeito,
Receios d'amor.

—Receios! quem ama
Como amas, e eu,
Quem sente esta chamma
Qual raio do céu
Fulgir dentro d'alma,
Cingil-a co' a palma
D'eterno verdôr,
Tem prantos, tem dôr,
E sente no peito,
Da duvida effeito,
Receios d'amor?!

—E sente, que eu sinto:
E ama, pois não?
Bem vês que não minto,
Oh! dá-me essa mão...
Não sentes cá dentro,
Do peito no centro
Minha alma a ferver?...
—Sim, sim, que bater!
—Pois bate por que ama.
Porque arde, e na chamma
Não cança d'arder.

—Mas choras?—e choro,
Não hei-de eu chorar?
—Descoras?—descoro;

—Porque?—por te amar;
Mais amo, mais temo,
Mais fino é o extremo,
Mais treme... a ferver!
—Sim, sim, que bater!
—Pois bate por que ama,
Receia... e na chamma
Não cança d'arder.

—Não cança, bem vejo,
Não cança bem sei;
Mas paga-te um beijo...
Com elle eu paguei.
—Pagaste! quem paga
O mar que me alaga
D'um crú duvidar?
Pagaste! este amar
De terna loucura,
Só louca ternura
M'o póde pagar.

—Pois bem, serei louca...
—Tão dòida por mim,
Quanto eu na voz rouca
T'o peço?—pois sim,
Oh! sim... mas não chores,
Nem mais te descores

Com teu duvidar.
—Que se eu não chorar?...
—Com terna loucura
A louca ternura
Te hei-de eu pagar.

XXXIV

JURAMENTO

Oh! não te enfades... um beijo,
O primeiro, é de enfadar?
É crime um longo desejo
N'um curto beijo matar?

Não ralhes assim comigo...
Bocca tão linda a ralhar!
Toma outro beijo, e consigo
Tão linda bocca tapar.

Mais te enfadas?... que tormento!
Juro pois de me emendar;
Firme um beijo o juramento
De mais beijos não te dar.

XXXV

A PASTORINHA

Pastorinha, tu que fazes,
Cá tão longe do logar,
Todo um dia, em quanto trazes
No monte o gado a pastar?
Que fazes tu, pastorinha,
Que fazes assim sosinha?

Fecha-te o mundo esta selva,
Nem d'elle os sons aqui vem,
E tu sentada na relva
Tantas horas sem ninguem!
Que fazes tu, pastorinha,
Que fazes assim sosinha?

Na roca tens companheira,
Mas n'estes dias que são,
Se bem fias, fiandeira,
Vai-se a estriga, ou cança a mão!
Que fazes tu, pastorinha,
Que fazes assim sosinha?

Malmequeres desfolhados
Tens no regaço, e aos pés;
São já folhas de cuidados,
Ou desejos que mal vês?
Dize, é n'isto, pastorinha,
Que lidas por cá sósinha?

Se tu conversas co' as flores
Se scismas, a olhar sem ver,
Pastora sonhas pastores,
Amando sem no saber;
Dize, dize, pastorinha,
Tu lidas n'isto sosinha.

Ai! pastora, tu córaste,
E vejo no teu rubor
Que, se o teu gado guardaste,
Não te guardaste d'amor;
Guarde-te Deus, pastorinha,
Não andes assim sosinha.

XXXVI

OS SONHOS

Alta noite, em sonho amigo,
Costumo muito comtigo,
Costumo muito sonhar;
Mas quando de mais me exalto,
Logo acordo em sobresalto,
E eis-me poeta a velar.

Chamo então o meu criado,
Que vem todo estremunhado
Trazer-me tinta e papel;
Faço versos, e que versos!
De muitos gostos diversos,
Excepto do meu Manuel.

Esta noite, assim que ponho
O olho, grito-lhe—sonho!
Vem cá depressa acudir;
Veiu, e diz-me—eu estava
Tambem sonhando, sonhava
Que me deixava dormir.

XXXVII

AMOR E MORTE

I

Que vultos vão pela serra
Ás horas do fim do dia?!
Que tropear de cavallos
Aqui o vento trazia!

No caminho do mosteiro,
Que no alto da serra havia,
Por taes horas cavalgada,
Que póde ser? Que seria?

Ás sanctas freiras agora
Ninguem a vêl-as iria,
Que nem depois do sol posto
Hão-de abrir a portaria.

E nos vultos, se vão homens,
Mulher com elles lá ia;
Alvas roupas lhe alvejavam
Quando o cavallo corria.

Eil-os que chegam á serra
Já noite, que mal se via,
E do mosteiro a sineta
Logo apressada tangia.

Quem vai agora ao mosteiro
Que no alto da serra havia?
Por taes horas cavalgada,
Que póde ser? Que seria?

A porta abriu-se e no adro
A luz de dentro luzia;
Fallam pouco, mas nas fallas
São pessoas de valia.

Que se o não foram, a porta,
De certo, já não se abria,
Nem vinha logo a porteira
Com luzes á portaria.

Fallam pouco, mas parece
Que alguem lá se despedia,
Abraça um vulto outro vulto,
Depois um entrar se via.

Ai! Jesus! maus pensamentos!
Valha-me a Virgem Maria!...
Mas isto assim, no mosteiro,
Qoe póde ser? Que seria?

No caminho cá por baixo,
Onde mais se distinguia,
Dos vultos que iam passando,
Mulher nenhuma já ia.

Freira tornada ao mosteiro,
Oh! ninguem o pensaria;
Noviça por estas horas,
Tambem ninguem o diria.

E de trás da serra a lua
Já pouco a pouco se erguia,
E o tropear dos cavallos
Agora ao longe se ouvia.

Que cavalgada esta fôra,
Quem n'isto não scismaria?!
Sancto mosteiro da serra!
Que póde ser? Que seria?

II

Da villa nos nobres paços,
Quem lá passar, ou lá fôr,
De dia, vê-os de festa,
Á noite, festa maior.

E n'esses paços vivia,
Vivia nobre Senhor;
Nem a villa o tem tão nobre,
Nem o reino o tem melhor.

Viuvo, a unica filha
Era-lhe o unico amor,
Tambem mais linda donzella
Não ha n'aquelle arredor.

Dona Dulce tinha uns olhos.
Tão negros e de tal côr,
Que quem os seus n'elles punha
Não podia c'o fulgor.

Tinha tão fartos cabellos;
Um rosto de tanto alvor;
Tinha tão airoso corpo,
Hastea formosa da flor;

Tinha tal mão e tal braço;
Tinha em tudo tal frescor;
Tinha na voz tal doçura;
Que era um anjo do Senhor!

Se taes olhos tardariam
A saber fallar d'amor!
Que o digam serões dos paços,
E os passeios ao sol pôr!

Que o diga quem tão de longe
Queimado n'aquelle ardor,
Todos os dias lá vinha,
Fizesse frio, ou calor.

Dize-o, dize-o, D. Fernando,
Cavalleiro e trovador,
Se aos pés lhe punhas as trovas,
Mais teu provado valor.

Depois dirás se queimavam,
Se tem gosto ou se tem dor.
Os olhos de D. Dulce,
Os olhos de negra côr.

E da villa os nobres paços,
Quem lá passar ou lá fôr,
De dia vê-os de festa,
Á noite festa maior.

Por que o pae de D. Dulce,
Que já não tem outro amôr,
Leu-lhe o amor d'ella nos olhos,
Leu-lh'o na face em rubor;

E noite e dia com festas,
Por que a escolha é de louvor,
Festeja-lhe a escolha, e espera
Festa de mais esplendor.

Que Dom Fernando, como elle,
É tambem nobre Senhor;
Nem ninguem nunca um ginete
Montára com mais primor.

Nas justas com firme lança
É bravo mantenedor,
Nas caçadas monteando,
Não ha melhor caçador.

E franco de gesto e fallas,
E dos annos no verdor,
E alto, gentil, robusto,
Cavalleiro, e trovador!

Por isso, nos nobres paços,
Quem lá passar, ou lá fôr,
De dia, vê-os de festa,
Á noite, festa maior.

III

Mas no mosteiro da serra
De dia o sino tocava,
Á noite tocava o sino,
E o côro todo resava.

Entre as freiras, mais sumida,
Uma que mais se curvava,
Tremia-lhe a voz nas rezas,
E dia e noite chorava.

Ás horas todas do côro
A triste nunca faltava,
E quando as outras sahiam,
Inda sosinha ficava.

Sosinha, e da Santa Virgem
Anciosa aos pés se sentava,
Mãos cruzadas, olhos fitos,
Como que á Virgem fallava.

E no frémito dos labios,
Onde a oração ciciava,
Par'cia que d'alma vinha,
Mas que a alma lhe cortava.

Tão triste, tão triste sempre!
Ou quando ia ou voltava,
O mesmo pezo lá dentro,
O mesmo pezo levava

Que se a oração que fazia
Intima dor consolava,
Ou inda era presa ao mundo,
Ou inda a f'rida sangrava.

Na cella, manhãs inteiras
'Á mão a face encostava,
E vendo o mar lá ao longe
De longe c'o mar scismava.

Da janella ora o seguia,
Nas ondas que levantava,
Ora nos rôlos de escuma,
Que na praia desdobrava.

E ninguem sabe se aos mares
A liberdade invejava,
Se d'elles ás tempestades
As d'alma lhes comparava.

Ai! nas suas, sem bonança,
A vida lhe naufragava;
Os olhos vão-lhe encovando,
A face já desbotava.

Magras mãos e magro peito,
De dia a dia, mirrhava;
Bella ainda, mas a febre,
Quem lhe tocasse, queimava.

Solitaria, e sempre as magoas,
Que eram quem na acompanhava;
Mágoas velava de dia,
De noite mágoas velava.

Pela grade vinha a lua,
No chão a grade estampava,
E ella, d'ao pé do leito,
Alli os olhos pregava.

Soluçando, ou como estatua,
Que ás vezes nem respirava;
Até que nascia a aurora,
Até que o sino acordava!

Em cada tarde somente,
Quando o sol já desmaiava,
Sempre á mesma hora a rodeira
Ao locutorio a chamava.

Um cavalleiro, já velho,
Com ella então conversava,
Mas com mais prantos que fallas,
E era ella que o confortava.

E vinha depois o sino,
Que logo ao côro chamava;
Cá fora o velho ia triste,
Lá dentro o côro resava.

E entre as freiras, mais sumida,
Uma que mais se curvava,
Tremia-lhe a voz nas resas,
E dia e noite chorava.

IV

Por fóra e dentro, nos paços
Da villa, a festa a brilhar,
E mais brilhante que nunca,
E nunca tanto folgar!

Os pagens todos, de gala,
Nos eirados a passar,
Donzellas e cavalleiros,
Do arredor, a chegar

Os festões pelas janellas
Branco e verde, a balouçar,
As charamellas festivas,
De espaço a espaço, a tocar.

E dos paços a capella
Aberta de par em par,
E ramalhetes e luzes,
E prata e ouro no altar.

E um padre alli revestido,
E vozes dentro a cantar;
E o povo que já lá vinha
Ver Dona Dulce casar.

E Dona Dulce mais linda,
Mais que nunca de encantar,
Entre o pae e D. Fernando
Já na capella a entrar.

E donas, donzellas, pagens,
Tudo atrás a acompanhar,
E a turba aos vivas, contente,
Em ondas por lá chegar.

E logo o padre a casal-os...
E logo a turba a afastar,
Um velho que á redea solta
Chegava a bom galopar!...

Rompe afoito, faz caminho,
Vae-se direito ao altar;
Eil-o ao pae de Dona Dulce,
Co'a mão no hombro a tocar.

Eil-o a face a Dom Fernando
Co'a mesma mão a apontar,
E Dom Fernando, que o olha,
Enfiado a descórar!

E o velho grita — « Assassino!
« Foste-me a filha matar;
« Venho-te á vóda co'as novas
« Da que tu juraste amar.

«Da que depois cá trocaste,
«Sem lhe ver o seu penar,
«Da que eu levei ao mosteiro,
«Onde quiz ir acabar.

«Da que eu mesmo agora, morta
«Lá vi á cova levar;
«E das mãos frias e atadas
«Fui este ramo tirar.

«Ramo que ainda aqui falta
«Entre os ramos desse altar,
«Flor de morte que te venha
«Esta festa perfumar.

«Flor que possas dar á noiva
«Por mais bella te ficar,
«Flor que a um pae cá lhe lembre
«A dor de um pae a chorar.

«Flor que vingue o que o velho
«Não pode, não, já vingar,
«Flor que seja remorso,
«Funda raiz a deitar.

«Flor, de noite e de dia,
«Sempre a morta a recordar,
«Sempre a dizer-te—*assassino*,
«Sempre vingança a bradar.

«Flor, que assim, qual amaste,
«O amor te veja pagar,
«Flor... ó filha!...» E o pranto
Veiu-lhe a falla cortar!

E tudo de roda ainda,
E tudo ainda a pasmar,
E Dona Dulce inda immovel,
E o pae ainda a escutar;

E Dom Fernando inda os olhos
Sem do chão os levantar,
E nas mãos a flor, que o velho
Lá lhe deixára ficar;

E já o velho na estrada
Galopa a bom galopar,
Em quanto se sente, ao longe,
Na serra o sino a dobrar!

Mas depois, por fora e dentro,
No paço a festa a brilhar,
E mais brilhante que nunca,
E nunca tanto folgar!

V

Tanto folgar dia e noite!
Tantos dias que já são!
Findavam dias e mezes,
Mas as festas essas não.

Ai! sempre nellas teus olhos,
Dona Dulce, que farão?
Por festas sempre, assim negros,
Nessas festas que dirão?

Olhos de dona ou donzella
O mesmo brilho, terão;
Mas tão livres?... D. Fernando,
Os teus olhos onde estão?

Olhos de pae, se os tens cegos,
Mais cegos inda serão;
Os delle andam já tão tristes,
Que em vez de olhar, chorarão.

Mas Dona Dulce nas festas
Traz de festa o coração,
Tral-o festivo nas galas,
Tral-o no rosto loução.

Nas danças, no riso alegre,
Na mais alegre canção,
No ramalhete de flores
Com que anda ás vezes na mão.

Nos jogos, e nos segredos
Dos jogos, que lindos são,
Segredos que não se dizem,
Porque a graça perderão.

Segredos que manda o jogo.
Quando mandar se dirão,
E talvez que d'alguns mesmo
Nem tudo se diga então!

E nisso folga, e nas festas
Traz de festa o coração;
Dona Dulce, esses teus olhos,
Nessas festas que farão?

Tantos mancebos de roda,
Tantas trovas que ahi vão,
E o trovador Dom Fernando
Sem nellas tomar a mão!

As trovas que dantes tinha,
Mudas agora serão?
Ou mudaste, e são já folhas
De rosa soltas no chão?

Tantos olhos a mirar-te!
Deus sabe que mirarão:
Tantos olhos que tu miras!
Deus sabe quem mira em vão.

Dona Dulce, esses teus olhos
Negros assim, como são,
Por estes jogos e festas,
Esses olhos que farão?

Olhos de dona ou donzella,
O mesmo brilho, terão;
Mas tão livres? Dom Fernando,
Os teus olhos onde estão?

VI

Mas no mosteiro da serra
De novo o sino dobrou,
Fazia um anno contado,
D'outro dobre que tocou.

Fazia um anno á mesma hora,
Dona Branca se finou,
Fazia um anno que a filha
Na cova o velho deixou.

Fazia um anno que o pranto
Na face della seccou,
Fazia um anno que o velho
De dia a dia chorou.

Fazia um anno que louco
Serra abaixo galopou,
Fazia um anno, que o ramo
Nas mãos á voda levou.

Agora em dia de exequias
Negra eça levantou;
De roda brandões accesos
C'os amigos que levou.

De roda côro de padres
O *de profundis* cantou,
Côro de freiras, e orgão
O canto lhe acompanhou.

Eis de repente na Egreja
Um velho correndo entrou,
E ao velho, que alli chorava,
Tambem chorando, abraçou.

«Vingado, lhe diz, vingado,
«Qual nunca ninguem ficou,
«Essas cans, a tua, ao menos,
«Só orfans della, as deixou!

«A minha... a minha...» (e a face
Do nobre senhor córou)
«A minha... dize-o... não posso...»
E o outro ao peito o chegou.

Ambos assim abraçados,
O pranto se misturou;
Filha! Filha!—ambos diziam,
E o sino ainda dobrou.

O sino só; tudo á volta,
Já tudo o mais se callou;
E a Egreja ficou deserta,
E em breve a noite chegou.

Cada qual da eça ao lado,
Cada qual ajoelhou,
E as resas que elles resavam,
Ninguem assim as resou.

Mas quando um diz—Dona Branca,
Nas preces que murmurou,
Sente-se um leve gemido,
Que ao pé da campa soou;

Quando o outro diz—Dona Dulce,
O nome lhe acompanhou
Rouco som de desespero,
Que lá da campa estallou.

Olharam... viram na campa,
Um vulto que se curvou,
Viram-lhe um ramo de flôres,
Viram que a pedra beijou.

E logo silencio e trevas,
Nem vulto nem som ficou:
Só na torre, compassado,
O sino ainda dobrou.

VII

Na villa os paços desertos,
Quem lá passava, ou lá ia,
Via-os de noite fechados,
Via-os fechados de dia.

Tanta festa ninguem sabe,
Que fim, por fim, levaria;
Viu-se ao cabo d'uma festa
Em tristezas a alegria.

Viram-se pagens correndo
Nos caminhos á porfia,
Viu-se o pae, viu-se o marido,
Que mais que todos corria.

Alguns disseram baixinho,
Que, se um pagem não mentia,
Dona Dulce... mas quem sabe?
Pois ella assim fugiria?!

Ninguem, ninguem lá na villa,
Ninguem nada mais sabia,
Marido e pae se voltaram,
A ella ninguem a via.

Mas se voltaram, partiram
Outra vez no mesmo dia,
E nunca mais até agora,
Mais noticias não havia.

E os paços sempre desertos,
Quem lá passava, ou lá ia,
Via-os de noite fechados,
Via-os fechados de dia.

No mosteiro, é que as exequias
O velho sempre fazia;
Mais um anno... e sobre a campa
Da pobre filha gemia.

Mais um anno, hora por hora,
E ás horas do fim do dia,
Mulher descalça, chorando,
Por serra acima subia.

Cabellos soltos, e as vestes
Rasgadas todas trazia,
Sustem-na ao andar um velho,
Que ella mal andar podia.

Eil-os que chegam á serra,
Já noite, que não se via,
E do mosteiro a sineta
Logo apressada tangia.

« Em que estado cá tornaste! »
Contam que o velho dizia;
E a porta abriu-se, e no adro
A luz de dentro luzia.

Fallam pouco, mas parece
Que alguem lá se despedia,
Depois a porta fechou-se,
E nem rumor se sentia.

Ai! Jesus! maus pensamentos!...
Valha-me a Virgem Maria!
Mas isto assim no mosteiro
Que póde ser? Que seria?

Cá por fóra, em pouco tempo,
Sómente uma voz corria,
Que naquellas sanctas freiras
Mais sancta agora uma havia.

Era vida para morte,
A vida que ella fazia,
Que das asp'ras penitencias
Pasmava quem nas ouvia.

Jejuns, cilicios, coitada,
Dormindo na terra fria,
Rasgava as carnes, e o sangue
C'o dos olhos lhe corria.

Ninguem lhe falla, nem sabe
D'onde ao mosteiro viria,
Mas do dia em que ella veiu,
Ser de mortes se diria;

Pois indo a abrir a porteira
De manhã a portaria,
Viu abraçados e mortos
Dois velhos... Virgem Maria!

Mas lá das festas da villa
Mais nada, ninguem sabia ;
De noite os paços fechados,
Fechados tambem de dia.

Só as velhas, se fallavam
Nos festejos d'algum dia,
Fallavam logo na serra,
Mais n'um vulto que gemia;

Que andava á roda da Egreja
Ás horas do fim do dia,
E que nas mãos sobre o peito
Um ramo sempre trazia.

XXXVIII

FLOR D'AMIZADE

Pedir viço á penedia,
Ao ramo sêco uma flor;
Pedir ao triste alegria,
Ao gelo pedir calor,
Pedir luz á treva escura,
E trevas á manhã pura,
E constancia á formosura,
Não é d'homem de razão;

Mais do que isto se descobre,
Que não é pedido nobre
Ao trovador, que é tão pobre,
Pedir mais que o coração.

O coração, se lh'o queres,
Com ambas as mãos t'o dá;
Não lh'o entendem as mulheres,
Só da amizade será;
E não lhe peças mais nada!
Se por ser tão mal fadada
Fôr a offerta desprezada,
Despreza o dono tambem;
Mas olha que mal despreza
O que engeita esta pobreza,
Pois dá mais do que a riqueza,
Quem dá tudo quanto tem.

XXXIX

O PROMETTIDO É DEVIDO

Tens a palavra empenhada,
Linda rosa, meu amor;
Agora, seja o que for,
Não te faças deslembrada.
Ao pé de mim assentada,
Quando essa queixa te fiz,
Que foi que então respondeste?
Que foi que tu prometteste?
Vê se a memoria t'o diz.

Não brinques c'o sentimento,
Tem dó do meu coração;
N'um riso não murches, não,
A flor, que no pensamento
Ousou vicejar então!

Foi promessa, foi, Maria;
Recorda o que eu te dizia,
E o que disseste tambem:
Eramos ambos na sala,
Sósinhos, sem mais ninguem,
Ambos baixo conversando,
Ambos d'amor a fallar,
Mas ambos, de quando em quando,
Com cuidado, a disfarçar,
Erguendo a voz de repente
N'uma palavra indiff'rente,
Para outra sala enganar.
Eu, duvidoso, teimava,
Por que amor faz duvidar,
Quasi então te injuriava,
Mas era só por te amar,
Por que mais então te amava;
Não te lembras, dize, não,
O que tu disseste então,

Anjo do meu coração?
Não te lembras?—C'um sorriso,
Dos que só no paraiso
Os anjos sabem sorrir,
Teus olhos aos meus volvidos,
N'esse olhar tão confundidos,
Que, no doce confundir,
Eu já dos meus não sabia,
Que disseste então, Maria?
Agora, seja o que fôr,
Não fique a esp'rança baldada;
Linda rosa, meu amor,
Tens a palavra empenhada!

⚬⚬⚬

Pois que disseste? Olha bem;
Respondeste ao meu desejo:
Não n'o cuidaste, bem vejo,
Nem n'o ousava eu tambem;
Mas foi promessa d'um beijo,
Por mais que o queiras negar.
Eu na duvida a teimar,
E tu meiga a responder-me:
«Não hei-de agora offender-me,
«Tudo teu me agrada a mim;
«Da tua bocca...—dizias

Da minha bocca, não rias,
« Tudo, tudo, hei-de acceitar,
« Que tudo é bom, tudo quero.
Pois, dize, não foi assim?
Agora, Maria, espero,
Que tu não has-de faltar;
Não me has-de agora negar
Da promessa o cumprimento,
Por que tu n'esse momento
Déste a palavra em penhor;
Oh! não n'a deixes baldada,
Não n'a deixes empenhada,
Linda rosa, meu amor!

Dize, pois, dize depressa,
Tu has-de cumprir por fim;
Dize, cumpres a promessa?
Que respondes? Não ou sim?
Tudo, foi o que disseste,
E se tudo prometteste
Da minha bocca acceitar,
Deixa-te a bocca beijar;
Deixas?... Bem vês, n'esse tudo
Entra um beijo, has-de negar?
Mas vens-me a bocca tapar

Com tua mão?... pois serei mudo,
Prometto, *então*, não fallar
Por muito tempo em mais nada.
Deixa, pois, que o promettido
Tu bem sabes que é devido;
Deixas? deixa, ó rosa, ó flor,
Da minha alma namorada,
Deixa, meu anjo d'amor,
Não fique a esp'rança baldada!

XL

AS ALCACHOFRAS

Amor, dúvidas não soffras,
Que o remedio tens na mão;
Queima, queima as alcachofras,
Que ellas tudo te dirão.
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Ai! como esta é tisnada!
Mais negra do que um tição!
Malfadado, ou malfadada,
Que negros fados te dão!
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Esta agora mal aberta,
Traz d'amor pouca expressão;
Frouxa palavra ou incerta...!
Antes perder a illusão!
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Oh! esta sim, que é florida,
Esta viu-a São João;
Floreja vida na vida,
Amores, que vivos são.
Dizei, feiticeiras
Das santas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Mas eu, Elysa, não creio,
No que alcachofras dirão,
Nos teus olhos é que eu leio
O que vai no coração:
São mais feiticeiros,
São mais verdadeiros,
São mais chocalheiros
Do sim e do não.

XLI

UMA ILLUSÃO

I

Passou... desfez-se... como sonho rapido!
Engano lisongeiro, emfim, rasgou-se
No desengano da verdade amarga!
Esquiva luz brilhou, atravessando
As trevas de meus dias, por mostrar-me
O horror da escuridão!... Lá vai... sumiu-se!...
Cá ficamos nós sós, no ermo da vida,
Meu desgraçado coração...! Que importa?

O mundo é feito assim! Quantos sorrisos
Viste á sorte até hoje? Quantos viram
Os felizes da terra? É lei do alto!
As lagrimas ao homem foram dadas
Para contar por ellas cada passo,
Na distancia que vai do berço á campa!
Devia ser. Adelgaçou-se o vulto
Da risonha ficção... e, após, um sôpro
Os restos dissipou...! Porque tão breve
No ardente imaginar me recendeste,
Mimosa flor de mentirosa esp'rança?!

II

Ai! flor, como eras formosa!
Tenho saudades!—Que mal
Ha já n'isto, se eras rosa,
Que desfolhou no rosal?!
Tambem é crime a saudade?
Tambem a razão persuade
A tolher a liberdade
N'isto mesmo ao coração?
Do que foi, do que não era,
Do que eu sonhei, da chimera,
Cuidei que, ao menos, podéra
Ter cá saudades... pois não?

Foi, bem sei, foi luz de estrella
Nas ondas a scintillar,
Veiu nuvem desfazel-a,
E ficou sem luz o mar;
Mais ainda: foi sómente
Delirio d'accesa mente,
Que uma sombra, de repente,
Mal desenha e vê correr;
Mas se essa visão foi linda,
Se, embora falsa, é já finda,
Não posso adoral-a ainda,
Ter pena de a já não ver?

Criei tudo! Fiz a imagem
D'um ser sem elle existir;
Fingi-lhe vida e linguagem
D'um já supposto sentir!
Namorado da pintura,
Juntei loucura a loucura,
E aos pés da aerea figura
Puz d'alma o riso e a dor;
Sem ver, sem ouvir, julgava,
Que era vivo o que eu pintava,
Que era ella que fallava,
Quando eu lhe dizia—amor.

Como com azas no templo
Os anjos pintados vi,
Com este anjo aquelle exemplo,
Enthusiasmado, segui;
Quiz-lhe azas... mas por dal-as
Ao meu anjo, por pintal-as,
Mal sabe onde fui buscal-as,
Onde as azas lhe estudei!
Da poesia essa aguia altiva,
Tomei-a nas mãos, captiva,
E, penna a penna, em dôr viva,
As azas nuas deixei!

Mais bella então me par'cia,
Mais fadada para amor;
N'aquellas azas, dizia,
Ha de levar-me onde for.
Vagaremos sem destino,
Dois sons casados n'um hymno,
Vivendo um viver divino,
N'um mundo... todo ideal;
Ambos livres lá seremos,
Lá, de encantados extremos,
Trocando as almas, teremos
Mil sonhos d'amor... sem mal!

Engano, engano! N'essa hora
Em que eu mais a acreditei,
Quando dos labios, agora,
Não sei que flor lhe invejei;
Quando o sangue me escaldava,
Quando a razão me deixava,
Quando mais me arrebatava,
Foi então... tudo passou!
Cahiu-me a venda que eu tinha,
Era só illusão minha,
E por ter azas, sósinha,
Batendo as azas... voou!

III

Desappar'ceu veloz no ethereo espaço
Como pomba fugida...! E eu já nem tenho
Força sequer para enganar-me, ao menos,
Co'a illusão da illusão! Não acho n'alma,
Com que fingir nas horas scismadoras
Um simulacro vão da falsa imagem!
Levou-mo tudo... a phantasia... os sonhos...
Que nem posso sonhar... e só me deixa
Os espinhos da rosa, o dom funesto
De recordar-me sempre desse engano!
Não... oh! não... esquecia as rouxas flores,

Que da mão descuidada lhe caíram
Antes do vôo erguer, e que eu no seio,
Beijando-as, recolhi! Duas violetas,
Esmola do acaso... Embora! guardo-as;
Que teem na triste côr, a côr que veste
Meu pobre coração... e foram d'ella!

XLII

A BOA PORTA!

Atrás de cachopa bella,
Corria, doido por ella,
Nobre fidalgo, a dizer:
—Por teus olhos tão formosos,
Trago ha muito os meus chorosos,
Chorosos por' te não vêr.

D'onde és? Não fujas, espéra,
Que eu palacio, e quintas déra,
E joias mil, que mil são,
E mais, se mais me pedias,
Fidalgas e fidalguias,
Tudo por teu coração.

Oh! diz-me d'elle o caminho,
Diz-me a que porta, sósinho,
Á noite, o meu hei-de pôr?...
—Quer lá ir? Pois olhe, veja,
Porta e caminho da Egreja,
Vê-se d'aqui, meu Senhor.

XLIII

A CAMELIA

Que flor, que trazes tão bella!
Mais formosa não ha, não!
É tão fina a alvura d'ella,
Que os olhos chegam a vêl-a,
Tendo tu a flor na mão!

Como o brilho jaspeado
Lhe resplandece, e sorri
N'este viço aveludado!...
E eu... perdôa, pasmado,
Vendo a flor... ao pé de ti!

Oh! mas nada de ciume,
Que o que tem para agradar,
Na belleza se resume;
Repara, não tem perfume,
Só póde aos olhos fallar.

E assim tambem a donzella
Que só belleza tiver;
Se a virtude falta n'ella,
Falta o perfume, é só bella,
Não para amar, para ver.

XLIV

BEM HAJAS!

Salvaste-me inda a tempo!... Ia perder-me!
Cego, louco, do encanto fascinado,
Resvalavam-me já de sobre as bordas
Do temeroso abysmo os pés mal firmes;
Sentia já baldado o ultimo esforço,
Inclinando-me atrás, abrindo os braços,
Na fugida razão fugido centro,
Por instincto a buscar; já me impellia
De fatal attracção a lei severa;

Ia todo a cair... quando risonha,
Debruçando-te um pouco, me estendeste
Do *teu alamo* um ramo, onde apegar-me!
Oh! bem hajas, mulher, foi inda a tempo!
Salvaste-me da queda; achei soccorro,
Na propria mão que á queda me levava,
D'onde me veiu o mal, veiu o remedio,
Embora amargo, embora; esse teu ramo
Da arvore da inconstancia suspendeu-me
Já nos ares do abysmo!... ai, Deus t'o pague;
Fizeste o que a razão fazer devia!

∞

Mas não sabes o amor, com que eu te amava!
Hei-de agora dizer-t'o, e ri, se queres;
Que eu já rio tambem;
Se deixo vêr-te o coração, que enjeitas,
É por que d'esse amor, que elle antes tinha,
Já hoje nada tem.

Na vaidosa inconstancia atraiçoaste
Uma alma nobre, que, já morta ha muito,
Reviveu para ti;
D'homem-sepulchro levantaste vida,
Mas se outra vez lhe entregas frias cinzas,
Não se erguem mais d'alli!

Não, caprichosa, não, que, sempre ao lado
Do morto affecto, cada vez mais vivo,
O orgulho me ficou;
O orgulho, a minha força, arvore eterna,
Ou do bem ou do mal, que em pé, soberba,
Nunca o raio a tombou.

Floresce entre ruinas, e, por fructo,
Pendurando o despreso em cada ramo,
É de toda a estação;
Da desgraça ou ventura nunca o sôpro
Póde o tronco vergar-lhe... á mão que o tenta
Cospe os fructos então!

Oh! mas amei-te, é verdade,
Amei-te com louco amor;
Como o preso a liberdade,
Como a abelha a tenra flor;
Vivia só da doçura
De beber essa luz pura,
Que nos teus olhos fulgura;
Vivia d'um riso teu;
Vêr-te sempre, noite, e dia,
Era a idéa que eu seguia,
E tudo o mais me esquecia,
Que nem já tinha outro céu.

Uma palavra bastava
Da tua bocca... era feliz;
Trazias-me esta alma escrava,
Escrava a teus pés a fiz;
Se roçava os teus vestidos,
Os affectos accendidos,
Ainda mais que os sentidos,
Queimavam-me o coração;
E dera as glorias do estudo,
Lyra, um throno, o mundo, tudo,
Por esse instante, em que mudo
Te apertei um dia a mão.

Quando depois, mais ditoso,
Em doce beijo colhi
Roseo botão melindroso,
Que nos teus labios sorri;
Quando os olhos fascinados,
Os meus nos teus affogados,
Não se fartavam, coitados,
D'esse encanto devorar...
Ai! então... impio, mas terno,
Disse—inveje-me o Eterno,
E abra agora do inferno
As portas de par a par.

Amei-te muito, e tu eras
Formosa com esse amor,
Eras linda das chimeras
Que em ti sabia compor;
Esse affecto engrandecia,
Co'as galas da phantasia,
C'os arrojos da poesia,
Quanto havia no teu ser;
Se appar'ceste, entrè as mais bellas,
Rainha de todas ellas,
Sol que apagava as estrellas,
Do meu amor foi poder.

E eu quizera mais thesouros
Inda então para te dar,
Nem já prezava os meus louros,
Senão só por te agradar;
Gosava por ti sómente,
Só por ti é que eu, contente,
Alto erguia os sons e a mente,
Cantando como eu cantei;
Consagrava-te calado,
Muitas vezes ao teu lado,
Esse applauso desejado,
Que eu só por ti desejei!

Que amor aquelle! maldisse
Ter começado a existir,
Sem que de ti existisse,
Sem te ver n'alma florir;
Quizera contar os dias,
Só depois que me sorrias,
Só depois que tu dizias
Que eras minha, e minha só;
Ah! se eu podesse, n'essa hora,
O meu passado não fôra,
Só por que ao longe, lá fóra,
Nem lhe visse erguido o pó!

Mas de ti foi que a existencia,
Voltando á crença infantil,
Sentiu vir-lhe a florescencia,
Que traz ás plantas Abril;
Foste, ao menos, primavera
Ao triste arbusto, que eu era,
E das flores que tivera,
Só viste as folhas no chão;
As que eu te dei, tinham côres
Virgens, novas; eram flores,
Que espontaneas, e melhores,
Brotavam do coração.

Como eu te amei, só se ama,
Em toda a vida uma vez;
Era uma febre, uma chamma,
E era tambem timidez;
Se eras triste, entristecia,
Com teu sorriso sorria,
Só por teus olhos eu via,
Pensava com teu pensar;
Comtigo, á noite, sonhava,
De dia, se só me achava,
Horas inteiras levava
Em ti sómente a scismar!

Se olhava o mundo, no mundo
Não via senão a ti,
Aqui lyrio pudibundo,
Astro dos astros alli;
Eras na perla dos mares,
No perfume dos pomares,
Nas estatuas dos altares,
Na meiga lua sem véu;
Via em tudo a tua imagem,
Figura d'alva roupagem,
Solta nas azas da aragem,
Enchendo a terra e o céu.

Vergados, qual brando vime,
O meu dever e o porvir,
Nem já virtude nem crime
Eu sabia distinguir;
Amar-te, amar-te esquecido,
Amar-te louco e perdido,
N'esse amor estremecido,
Resumia o meu viver;
Mas ai de mim!... que loucura!
Enganou-me essa luz pura,
Que nos teus olhos fulgura;
Julguei-te anjo... eras mulher!

Mulher, que quizeste sómente ao teu carro,
Por simples capricho, atar-me e passar;
Mulher que contavas, qual vaso de barro,
Trazer-me de rastos, e ver-me quebrar!

Mas não, que, acordado do sonho formoso,
Córando da infamia d'um brinco ser só,
Quebrei as cadeias, ergui-me orgulhoso,
E olhando o teu carro... não vi senão pó!

Pois como? pensaste, que a fronte, onde o Eterno
Do lume divino reflexos foi pôr,
Aos pés te devia rolar n'esse inferno,
C'uma alma trahida, sem força na dôr?!

Faria da fronte, do peito, d'esta alma
Degraus ao teu throno, tapete aos teus pés,
Mas não sendo escravo, que tem só por palma
Servir-te aos triumphos... é muito, bem vês.

Mas não para ornar-te nas faceis conquistas,
No facil mercado do teu coração;
Mas não para dares a mil essas vistas,
Que eu minhas julgava, só minhas, então.

No theatro, no baile, no campo e cidade,
Anciando cortejos, não farta jámais,
A todos mentindo, quem, nobre, inda ha-de
Na turba involver-se de tantos rivaes?

Se desces tão baixo, como hei-de seguir-te?
Se tu te despresas, que hei-de eu respeitar?
Se, sendo a primeira, tu vais confundir-te
No vulgo das salas, que te hei-de eu amar?

Um peito vazio? Sorrisos cançados?
Palavras de todos? Venturas de cem?
Diadema sem brilho? Florões já quebrados?
Não quero: e, em breve, ninguem quer tambem.

Ousavas fallar-me do teu sacrificio,
Virtude immolada, por mim, só por mim?!
Mentiste; a fraqueza differe do vicio,
E vais d'elle perto, se corres assim.

Mas corre, se queres; eu não, que eu buscava
Amar, ser amado, vaidades sem ter;
E tu sem amares, a ti te bastava
Aos olhos do mundo pref'rida par'cer.

Vai, pois, que se eu, cego, não pude ver logo,
Que tu não podias c'o meu nobre amor,
Devi-te a ti mesma; depois, no teu jogo,
Que o pobre captivo se erguesse a senhor.

∞

Bem hajas!... Era um louco atrás d'um sonho,
D'uma sombra impalpavel;—esquecia
Que a mulher é mulher, e que fadado
O poeta a soffrer só foi na terra!

A phantasia vã conheço agora,
Mas devia prevêl-a ; entrei no mundo
Trazendo n'alma vaso d'innocencia,
De crenças cheio, d'illusões florído,
E vi depois o mundo andar-lhe á volta
Atirando com lôdo, e, ao cabo, um dia.
O vaso espedaçar!... Se inda nos restos
Me ficara escondida, em triste germen,
Uma rosa d'amor, que só bastara
Todo o universo a perfumar suave,
Ai... devia saber que a rosa vinha
Destinada a florir só dentro d'alma,
E lá dentro morrer!... ousou cá fóra
Debruçar-se, mostrando ignotas côres,
E o sol, que em raios lhe deu n'hastea a vida.
Desbotou-a, e passou sem comprehendel-a!
Mas foi melhor assim, bem hajas; posso
Sem remorsos viver: — ia levado
Na torrente caudal do enthusiasmo
A despenhar-me cego; repellia
Da fiel consciencia o grito agudo,
Que debalde me andou pungindo o seio:
Buscava escusas; inventava causas;
Torcia e sophismava as leis mais sanctas;
Era um reprobo quasi... eis tu vieste
Desvendar-me, e, por entre bravas ondas.
Por entre selva de eriçadas syrtes,

Á praia conduzir-me, onde repoiso
Do naufragio fatal, emfim, já salvo!

Não esp'ravas talvez, que assim do peito
Arrancasse este amor;
Tão profundo e sincero, creste-o feito
Para viver da dor;
E a dor matou-o, que, na dor, o insulto
Deshonrava-lhe a vida... e jaz sepulto!

Uns homens ha, que, na paixão ardente,
Immolam tudo seu,
Menos a propria estima; e, felizmente,
D'esses homens sou eu:
Sou, que de tudo o que no mundo prézo,
Prézo mais não mer'cer o meu desprezo.

XLV

ENTRE FERRO NASCE OURO

Tange os folles á fornalha,
Ferreiro, tange-lh'os bem;
Se o ferro vermelho vem,
Alça o malho, malha, malha;
E vá puxado do ar
Com duas voltas primeiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Torna a pôr o ferro em braza,
Venha o malho a retenir;
Torna a ir e torna a vir,
Arda em centelhas a casa;
Malha, e súa a bom suar,
Faz d'agua e ferro dinheiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Lidas, lidas, e, já rôxo,
Já negro como um carvão,
Muita lida e pouco pão
Tiras d'ahi, velho e côxo;
Mas toca, toca a lidar,
Que é só teu braço o rendeiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

A filha, ao menos, coitado,
A filha que te ficou,
Ha-de alvejar, alvejou,
Em tanto carvão queimado;
Anda, pois, vai aviar
A ferramenta ao canteiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

A forja e bigorna em fogo,
Do inferno lembranças dá,
Tambem o céu lembrará
A filha, nos olhos, logo;
Malha, volta, has-de formar
Cabeça a esse ponteiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Mas cautella, que não sejam
Dois infernos, por teu mal,
Ás vezes mais infernal,
Uns olhos, fogo chammejam;
Vê se acabas de calçar
A enxó do carpinteiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Vulcano, raios aos molhos
Ia forjando por si,
Não t'os vá a filha a ti
Forjando talvez nos olhos;
Rijo, mais, desenganar,
Dá-me esses golpes certeiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Do tal amigo tens sina
Na arte e perna, e basta bem,
Que te não forjem tambem
Uma Venus da menina;
Agora mais de vagar;
Que o ferro está mais tenreiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Tu cá dentro c'o trabalho,
A filha á porta a coser,
Deus sabe se te has-de ver
Entre a bigorna e o malho;
Vamos, malha, sem parar,
Brando, brando, mas ligeiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Olha bem que são mulheres,
Um militar lá entrou,
Tens Marte em casa, não dou,
Que não faça pé d'alferes;
Malha, malha, por temp'rar
A espada d'esse guerreiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Admiro que tu nem cara
Lhe faças, como quem és!
Ficas peior que dos pés,
Se a cabeça manquejara;
Malha, mas sem cá deixar
Ir pela malha o frecheiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

A um vizinho valeste
N'um descuido menos máu,
Em casa espeto de páu
Não digam que tu tiveste;
Malha, mas has-de malhar
Sendo pae e sendo obreiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Não forjes c'os olhos cegos,
Que outros olhos cega amor;
Pregos pede esse Senhor,
Não t'a pregue elle c'os pregos;
Malha, mas sem se tornar
Malleavel o braceiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Ah! tu ris?... então se eu érro,
O militar é que errou;
Em ferro frio malhou,
Leva só pregos, e *ferro!*
Á filha soubeste dar,
Na virtude, bom olheiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Tens Deus por ti a forjar.

Tens Deus por ti;—antes pobre,
Que rico sem honra ter,
Honra e trabalho hão-de ser
Teus pergaminhos de nobre;
Malha, que te ha-de ajudar,
Quem na Cruz te fez herdeiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Tens Deus por ti a forjar.

XLVI

OS CRAVOS

Tanto cravo, donzella, que é isto?
Sem colher, sem levar outra flor?
É teu ramo d'amores registo,
Ou mil copias, mas só d'um amor?

Se por tantos, donzella, repartes,
O que a um só, se bastara, não sei,
Põe no engano, ao menos, taes artes,
Que se esqueçam, do que eu me lembrei.

Vendo um cravo sómente ao teu peito,
Cada qual para si tomará,
Que a vaidade, por dentro, de geito,
Em teu proprio favor fallará.

Se, porém, nos mil cravos me dizes,
Que repetes a mesma affeição,
Ou que colhes nos varios matizes
Uma imagem feição por feição;

Eu direi, são de mais, não quizera
Nem c'os zelos poder duvidar,
Nem saber que o amor só podera
Por pedaços assim retratar.

Tanto cravo, donzella, eu insisto,
É de mais, seja lá como fôr;
Se com tres já pregaram a Christo,
A seus filhos não faças peior!

XLVII

NÃO É SINGULAR

Não tens razão, meu amigo;
Fui ao baile, e mal cheguei,
Conforme o ajuste comtigo,
De sala em sala a busquei;
Vi-a, e fiz-me sentinella,
Que, do vão d'uma janella,
Ou, se dançava, atrás d'ella,
Eu nunca mais a larguei.

Vi bem tudo; e agora attesto,
Que és tu que não tens razão;
Singular?!... Nada; protesto;
Palavra d'honra que não.
Singular, só porque dança
Para ouvir, na contradança,
Segredos, que teem esp'rança
D'algum aperto de mão?!

Singular, porque é da moda
Nos vestidos de dançar
Sobejar sempre na roda,
Sempre no corpo faltar?!
Singular, e condemnal-a,
Porque os olhos, com que falla,
Andam sempre pela sala
Outros olhos a encontrar?!

Singular, porque se salta
Na walsa, tal graça tem,
Que fica a sáia mais alta,
Do que tu dizes que é bem?!
Porque anda alli abraçada,
Como em festão pendurada,
E co'a cabeça poisada
Nos hombros d'elles tambem?!

Nada, não, amigo, insisto,
Não tens razão; ora, qual?
Não digas mais que tudo isto
É singular; não ha tal;
Singular?! Eu comparei-a,
Aqui, além, estudei-a,
E posso dizer-te, achei-a,
Achei-a sempre em plural

XLVIII

ANJO, VI-TE!

Anjo, vi-te!... Ergueu-se o véu,
    Que te escondia!
Vi-te, aurora do meu céu,
    Que ao céu pedia!
Vi-te, e da vida no mar
Vi nas aguas florejar,
E minha alma repassar,
    Nova poesia!

Teus olhos formosos vi,
Fulgindo escuros;
Queimavam, mas eu bebi
Seus raios puros;
E na doce embriaguez
Ando perdido, talvez,
N'estes passos que tu vês
Tão mal seguros.

Vi tua face descahir
No braço liso;
Vi teus labios entre abrir
N'um teu sorriso;
E ao ver-te a ardencia da côr,
Ao ver sorrir essa flor,
Vi, n'um desejo d'amor,
O Paraizo!

De teus cabellos pender
Vi aura leve,
E a violeta a recender
Invejas teve;
Vi roseo branco botão
Córar de tua isenção,
Quando ao peito o poz tua mão
Tão linda e breve!

Vi-te, e amei-te... mas não ha
Um crime n'isto...
Por te amar?! Então será
Por te ter visto!
Não, não póde ser tambem,
Que os olhos culpa não tem,
Se a luz do sol cá lhes vem
Dizer—existo.

Anjo, vi-te!... Agora o véu,
Que te escondia,
Não me esconde aquelle céu,
Que em sonhos via.
Hei-de viver de te amar,
E tu da vida no mar
Has-de-me sempre inspirar,
Nova poesia.

XLIX

ELHA POR ELHA

Mais florído que um palmito,
Rosado, pimpão, bonito,
Vinha o senhor Manuel,
Noiva ao lado, o peito em braza,
E com ella para casa
Em doce lua de mel.

Fidalgo, de que é rendeiro,
Mal que o lá viu no terreiro,
Foi-lhe por perto passar,
E sem mais guar-te, nem pejo,
Á noiva furta-lhe um beijo,
E o beijo fêl-a córar.

O pobre esfregava um olho,
E carregava o sobrolho,
Como quem diz—não gostei;
Diz-lhe o fidalgo—da renda
D'aquella boa fazenda
Esta escriptura lavrei.

Correram dias, e um dia
Vinha, com toda a alegria,
Da egreja a casa tambem
O fidalgo e a fidalguinha,
Noiva d'elle, e ella tinha
Uns olhos como ninguem.

Sem mais tir-te, se não quando,
Já mesmo a casa chegando,
Sente-se um beijo estalar...
—Olá, Manuel, endoidece?
—Não, senhor; se lhe parece...
Venho-lhe a renda pagar.

L

FLOR POR FRUCTO

Não tenho joias de preço,
Nem tu lhes deras apreço,
Como prenda festival,
Se, em vez de affecto, só ouro,
Se, em vez do peito, um thesouro
Te trouxesse em teu natal.

As mãos vazias de offertas
Vem mais seguras e abertas
Apertar a amiga mão,
E o grato fervor do pobre
Não é talvez menos nobre,
Tendo inteira a obrigação.

Diminúa-a quem lhe pésa,
Que, quem, como eu, tanto a préza,
Quer conservar-lhe o valor!
Dou-te só desejos vivos,
Porque os ramos mais festivos
Não trazem fructo, mas flor.

Essa, sim, e branca e pura,
Com todo o viço e frescura,
Recendente e virginal,
Essa sim, a flor d'esta alma,
Venho off'recer-t'a por palma
No dia do teu natal.

LI

O TRAVESSEIRO

Elysa, o teu travesseiro,
Teu confidente primeiro,
Que lindo que deve ser!
Ai! quem me dera saber
O que elle sabe em segredo,
O que lhe dizes, sem medo
De que elle o venha a dizer!

Quizera ouvir-te as conversas,
As confidencias diversas,
Que lhe fazes ao deitar;
Quizera alli escutar,
O que diz ao teu ouvido,
E o pensamento despido,
Que lhe dás ao acordar!

Da tua alma as alegrias,
As esp'ranças de teus dias,
Receios, a propria dor,
Quando dos olhos á flor,
Como orvalho em lyrio bello,
Vem teu pranto, e em teu cabello
Cahe com tremulo fulgor!

Que coisas o travesseiro,
Talvez então conselheiro,
Que coisas te não dirá!?
Se mais fôfo se fará
Por vaidade e por lisonja?!
Cofre ao riso, ao pranto esponja,
Mais doce te par'cerá!

Mas branco, branco de neve,
Por dentro de pluma leve,
Alto á vista, brando á mão,

Com rendas na guarnição,
Co'a cambraia em fittas preza,
Se não tem outra belleza,
Não te prendas d'essa, não.

Elysa, o teu travesseiro,
Para ser bom conselheiro,
Taes galas escusa bem;
Elysa, as galas que tem
Podem não ser de innocencia,
Busca ter na consciencia
Um melhor do que ninguem.

LII

SITIT ET UNDA!

Vem, vem; olha a lua,
Que já, toda nua,
Nas aguas fluctua
Com doce pallor.

Vem, vem; branda aragem
Despiu-lhe a roupagem,
E beija-lhe a imagem
Das aguas á flor.

Despida, como ella,
Mais pura, mais bella.
Vem tu, ó donzella,
Matar o calor.

Tambem já sem pejos,
Fartando desejos,
Verás quantos beijos,
E quantos, d'amor!

Vem, vem, d'essa fragua,
Sem susto, sem magua,
Atira-te á agua,
Verás que frescôr.

Verás que te cinge,
C'uns braços que finge;
Verás que te tinge,
Depois em rubor.

Verás que te emballa,
Te eleva, te falla,
E perlas de gala
Te chove, em louvor.

Verás que percebe,
Se doida se embebe
De ti, que em ti bebe
Da vida o ardor.

Vem, vem, que te ancêa,
Soluça e serpea,
De rastos na area
Por dar-lhe fulgor.

Vem, vem, que te ama,
Te espera, te chama,
Fervendo na rama,
Que aos pés te foi pôr.

E sabe, coitada,
Que se é comparada,
Lhe fica humilhada
A limpida côr!

E sabe que o rastro
Da luz do seu astro,
No teu alabastro
Se imprime melhor!

E sabe que aos bellos
Teus finos cabellos,
A briza, por vêl-os,
Se prende ao redor!

E sabe que á vargem,
Ás flores do almargem,
Não vai mais, á margem,
Buscar-lhes o odôr!

E sabe que, embora
Curvado até agora,
Se o ramo a namora,
Namora-te o alvor!

E sabe que, ou graves,
Festivas, suaves,
Ou tristes, nas aves
Não tem mais cantor!

E sabe que ao rogo
Se cedes, vê logo
Que a sécca o meu fogo,
Que é já queimador!

Oh! sabe, e murmura,
E os pés te procura,
E da formosura
Te pede o sabor!

Tão sofrega o pede,
Que até te concede
Que ter a agua sede
Se possa suppor!

LIII

O RETRATO

Bem vejo: fiel, exacto,
Faz a gloria do pintor;
Mas não quero esse retrato,
Por que eu tenho outro melhor.
Vejo aqui teus olhos bellos,
Tua bocca, teus cabellos,
Teu collo, teu braço e mão,
Vejo, mas vêjo que em tudo,
Por mais que as tintas lhe estudo,
Ha sempre a mesma expressão.

De ti longe, quero ver-te
Como estando ao pé de ti,
Quero as mil graças colher-te,
Não uma só, como aqui;
Sei d'este gesto o attractivo,
Falta, porém, successivo
O ferver do teu crisol;
Tu, seguindo o pensamento,
Pões, de momento a momento,
Um novo raio no sol.

Quero ver-te ora a belleza
Da tua bocca a sorrir,
Ora a suave tristeza
Nos teus olhos reflectir;
Aqui, meiga em teus agrados;
Alli, n'uns brandos enfados,
Mais formosa que ninguem;
Agora, exprimindo anhelos,
Logo, raivosa com zelos,
Depois, chorosa tambem.

Quero ver-te irada, affavel,
Grata, ingrata, em riso, em dôr,
Qual és na luz variavel
De teu constante fulgor;
Quero-te ao pianno; á janella

Fitando á noite uma estrella;
No baile; a ler; a resar;
Sentada; em pé; encostada;
D'esta côr, d'aquella ornada;
Ora ouvindo; ora a fallar!

Tal te quero; e retratar-te
Não sabe ninguem assim;
Já vês o que póde a arte,
Isto é pouco para mim.
Por lembrar-me?—não preciso,
Pódes tirar-me o juizo,
Mas a memoria, essa, não;
Não quero, pois, o retrato;
Tenho melhor, mais exacto,
Tenho-o no meu coração.

LIV

FLORES DE LUZ

Sumiu-se o sol no horizonte,
E do monte
As sombras caindo vem;
Já toldam de todo a selva,
Ja na relva,
Lentas, desdobram tambem.

A distante branca aldêa
Mal branquêa,
Que a luz lhe foge co'a côr;
E préga a préga a cortina,
Na campina,
Vae levando flor a flor.

O rio na arêa lisa
Se deslisa,
Livre das rugas do sul;
Mas já nas aguas de prata
Não retrata
Do céu o límpido azul.

Ave, que já se não alça,
Pela balsa
Fugitiva se escondeu;
Do dia o som multiforme
Calla e dorme,
E agora só falla o céu.

Por este silencio amigo,
Vem comigo,
Amor, que amor te conduz;
Vem, que, se gostas de flores,
As melhores
São estas flores de luz.

Á beira d'agua sentados,
Sem cuidados,
Temos o céu por jardim;
Teu braço meu corpo enlace,
Poisa a face
No meu hombro agora, assim.

Olha esta rosada estrella,
Que é tão bella
C'o as chammas a florejar!...
Quando viste mais formosa
Uma rosa
No teu jardim vicejar?

N'aquella que alli descubro
Como rubro
Lhe scintilla o fogo a arder!
Quem taes cravos póde dar-te
Como *Marte*,
Acceso assim, por te ver?

Cuidou talvez que eras *Venus*,
Por que menos
Do que tu brilhando está,
Teus olhos vencem seu lume,
E o ciume
Pallida agora a fez lá!

Aqui *Jupiter* a frente
Traz luzente
Co'a regia c'roa a fulgir;
E se outr'ora em chuva d'ouro,
Cisne ou touro,
Sabia, amante, cá vir;

Agora em doces desmaios,
Quebra os raios
N'estas aguas como vês,
E com tremulos fulgores
Vem, d'amores
Perdido, cair-te aos pés.

Gosa d'estas flores, que amam,
Que derramam
Fogos de vario matiz;
Das terreas flores, por bellas,
Que flor d'ellas
O que estas dizem te diz?

Compara lyrios, ranunculos,
Aos carbunculos
Que te namoram além;
Compara todas, que ainda
Na mais linda
Não vês a côr que estas teem.

Se das outras te toucaste,
Se gosaste
Recendente, grato odor,
Se por symbolos te dizem,
Te predizem
Esp'ranças, saudade, amor;

De muitas d'estas, *Apollo*
No teu collo
Perlas de luz te choveu,
E, saudoso, te sospira
N'essa *Lyra*,
Que vês suspensa no ceu!

Aquellas tecem-te *C'rôa*,
Esta vôa
Por mais perto te mirar;
Outras em *Barca* se ageitam
E te espreitam
O *Norte*, por te levar!

E a luz de todas não lança
Mais esp'rança?
Mais scismadora impressão?
Mais puro amor não te accende?
Não te prende
Mais suave o coração?

E não lhe ouviste a harmonia,
Que sabia
De entre as espheras, a fluz?
Oh! estas sim, que são flores
Para amores;
Oh! estas flores dão luz!

E luz tal que o mundo, ao vêl-as,
Só por ellas
Crêra em Deus, mostrando os céus,
Se essa luz de que é composto
O teu rosto
Melhor não mostrasse Deus!

Mas, tão breve, a noite de hoje,
Como foge!
Tão linda noite d'Abril!
A aurora, na immensa plaga,
Já lhe apaga
As flores a mil e mil.

Que importa? As que ella trouxera
Primavera
Uma vez no anno as dá;
As de luz, se ora escurecem,
Reverdecem,
Cada noite outra vez lá.

Vai, pois, e o dia se coite, *
    Por que a noite
Com ellas te traga aqui;
Volta, que as vês renascidas,
    Mais florídas,
E eu vejo todas em ti!

* Se apresse.

LV

O ESPELHO

Quebra, quebra esse vidro; é conselho
Que um amigo sincero te dá;
Que procuras saber no espelho?
Ou que cuidas que o espelho dirá?

Se amorosa, modesta, singella,
Só por mim o vais tu consultar,
Nos meus olhos verás como és bella,
Nos meus olhos te pódes mirar.

Se o conservas, remedio d'enganos,
Por limpal-o inda um dia sem dó,
Vale mais do que taes desenganos
Ter o espelho de dentro sem pó.

Esse sim; mas o outro, a verdade
Raras vezes costuma dizer.
Ou, se a diz, logo a sabe a vaidade,
Mesmo aos velhos, com arte esconder.

Já uma velha, bem feia, na rua
Um pedaço de espelho apanhou,
Viu-se, e ao ver a verdade tão nua,
Larga o vidro, e, andando, rosnou:

«Não podias ser bom, nem cá fóra
«Te deitavam se fosses melhor;
«É sabido, em espelhos d'agora,
«Ninguem póde seus olhos já pôr.

LVI

O ADEUS DO RECRUTA

Cá me fizeram soldado,
Amor do meu coração,
Não te esqueças de mim, não,
Por andar longe, coitado!
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Vou á guerra, e tu, Maria
Na aldêa, tu, que farás?
Se esses olhos guardarás
Para m'os dares um dia?!
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Bem sabes como perdidos
São meus olhos pelos teus,
Que nem sei quaes são os meus
Quando se olham confundidos.
Ai, amor,
O tambor
Que já berra,
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Pergunta, bem perguntado,
Se te eu quero bem ou não,

Ás pedras do teu balcão,
Ás telhas do teu telhado!
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Fui pobre folha caída
Que na cheia amor levou,
E n'um remanso deixou
Á tua porta detida.
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus, minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Ao sol dizia, no monte,
Que não tornasse a nascer,
Que vinha o sol cá fazer
Tendo-te eu alli defronte?!

Ai, amor,
O tambor,
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Á noite, quando fiavas,
Dizia, ao ver-te fiar:
Fosse eu linho! por te dar
Os beijos que tu lhe davas!
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Agora ás costas a farda,
Agora esquerda volver,
Agora, marchar, e ter
Só por amante a espingarda!
Ai, amor,
O tambor

Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Agora sangue e batalha,
Matar ou morrer por lá,
E o corpo á valla me irá
Sem ter, ao menos mortalha.
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Mas se eu voltar, que te veja
Logo de longe acenar,
E vai, depois, vai-me esp'rar,
Mais um padre, ao pé da Egreja.
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,

Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

E se na guerra, Maria,
Uma balla me dér fim,
Reza cá, reza por mim,
Reza uma vez cada dia.
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

LVII

O BASTIDOR

Gósto, Elysa, de assim ver-te
Assentada ao bastidor,
Que a ociosidade perverte,
E cança mais, e peior;
Borda, imita a linda flor,
Mistura os fios na tella,
Que se a obra te sae bella,
Bella te faz o lavor.

Bella sim, que te conserva
Das bellezas a melhor,
Tua innocencia preserva,
Guarda n'alma a casta flor;
E, guardada, em quanto a côr
Vais d'outra flor matizando,
O teu anjo vai bordando
Tambem n'outro bastidor.

Borda-te os dias serenos
Sem terem fios da dor,
Fal-os correr mais pequenos,
E sempre c'o mesmo alvor;
Porque os dias com lavor
São como o poço batido,
Que é um espelho polido,
E tem n'agua outro sabor.

Elysa, Elysa, o trabalho
Se é castigo, é d'amor,
Na agulha, na penna ou malho,
Dá bens, e honra, e vigor,
Guarda, Elysa, a casta flor,
E por que o vicio a não mude
De sentinella á virtude
Põe sempre o teu bastidor.

LVIII

A FLOR DA LARANJEIRA

Bella, candida flor da laranjeira,
Quem te não ama a graciosa fórma,
A pura e nivea côr, a suavidade
De teu perfume embalsamando os ares;
E a meiga inspiração d'amores castos,
Que em ti bebem os olhos, quando, á tarde,

Te contemplam, depois da fresca réga,
Com mais alvas estrellas esmaltando
O verde escuro das lustrosas folhas
De tua gentil arvore, que pende
Carregada de ti, e, ao mesmo tempo,
Dos aureos fructos que de ti nasceram?!
Quem no mundo, que peito te não ama,
Bella, candida flor da laranjeira?!

Quem não sente alegria ao ver sorrir-te
De longe no pomar; quem não respira
Melhor então as matutinas auras;
Quem não scisma comtigo em mago enlevo
De esp'rança ou de saudade, quem já póde
Por noite de luar sentir-te ou ver-te,
Sem da janella conversar comtigo
Em intimos segredos, que se dizem,
Ás vezes, n'um suspiro involuntario?
Quem te não ama no pomar, na jarra,
Na grinalda, no altar, de dia, á noite,
Quer botão, quer aberta, em tudo, e sempre?
Quem no mundo, que peito te não ama,
Bella, candida flor da laranjeira?!

Eu por mim quero-te d'alma,
Quero-te muito, alva flor,
Como a donzella que a palma
Em ti vê do seu amor;
Da innocencia tens a côr,
Da virtude a singelleza;
No aroma e na belleza
Levantas a idéa aos céus;
E, levando o amor que encerra,
No thuribulo da terra
És incenso para Deus!

Quero-te quando fechada
Ainda em tenro botão,
Quando já desabrochada,
E quando solta no chão;
Fallas sempre ao coração,
Na graça, no odor, no corte,
Na tua vida, na tua morte,
Nos fructos lindos, que vem,
Côr de esp'rança, do teu seio,
Depois, dos olhos recreio,
Na dourada côr que tem.

Tu prendes-me o pensamento
Á modestia do teu ser,
Que em ti alto nascimento

Não t'a faz nunca perder;
Quando te vejo descer
A alastrar em torno a relva,
Comparo o orgulho da selva,
Quando o machado a tombou,
Faz-lhe o int'resse sepultura,
De ti a memoria pura
Ornando a terra ficou.

Quero-te muito, florinha,
Que longe do céu natal
Tu para seres mais minha
Amas o meu Portugal;
És na c'rôa virginal
A gloria da desposada,
És sempre a flor invejada,
És sempre a bem vinda flor;
Quero-te, pois, muito d'alma,
Como a donzella que a palma
Em ti vê do seu amor.

∞

Oh! quantas horas de remanso doce
No descuido da vida, ou afogando
Tambem cuidados d'ella, me hei ficado
A meditar, d'um laranjal á sombra,

Co'a vista preza á flor! Oh! quantas vezes
Lhe perguntei por Deus e pelos homens,
Adorando o Senhor nas obras suas,
Ou gemendo, com estes, das miserias
Cá da mesquinha terra! Em tuas folhas,
Branca flor, ia lendo, como em livro
Singello e verdadeiro! Venham, venham
Das cidades aqui, ao prado, ao monte,
Á clareira do bosque, ao valle, ao rio,
Em ti, ou n'outra flor, na propria hervinha,
Venham felizes, desgraçados, todos,
Todos os lá do mundo pôr os olhos,
E avisos buscar, lições, conforto,
Aspirações do céu, e desenganos!

Porque ha-de a terra, o mar, o céu, o mundo
Fallar tão alto, e tão pouco ouvir-se?!
Não sei por que incessante não folhêa
O homem n'este livro, aberto sempre!
Uma flor, uma folha, um só insecto,
Que montão de pasmosas maravilhas,
Que fundos pensamentos não desperta!
N'este hymno universal, em que entram côres,
E perfumes, e sons, e fórmas varias,
E movimento e vida, e toda a obra

Da immensa creação, a voz do homem
Deve ser a primeira a erguer louvores,
E sua vista a colher, em quanto o cerca,
As lições que Deus poz;—aprenda em tudo
A temer ou amar, e crer no Eterno!

E eu, Senhor, aprendo; e como a abelha
Tambem quero da flor encher meus favos;
Nem a lyra, e a voz, e a mente viva
Da tua imagem, ó Deus! onde sopraste
Fulgurante centelha do teu lume,
Ha-de menos saber que o louro insecto
No occulto lavor do mel, que extrahe
Em seus incertos, inconstantes vôos!
Louvo-te, pois, Senhor, e creio e amo,
Amando a linda flor, e, ao vêl-a, penso
Nas vaidades da terra, nas esp'ranças,
Tantas vezes mentidas, nos amores,
Em que um peito não ha que, cedo ou tarde,
Na dor, na saciedade, ou nos desejos,
Não se sinta vazio e lacerado;
Porque a alma, librando-se nas azas
D'essa essencia immortal que lhe tu déste,
Mais altas regiões suspira sempre!

Ai! vaidades! ai! quantas, florinha,
Tens tu visto, levada ao festim?!
E a donzella do baile rainha,
Onde está? Que foi d'ella por fim?

Tantas graças, que crê que te exorna!
Tão formosa, que nem te invejou!...
Mas o tempo, que foge e não torna,
D'essas graças depois que deixou?

Viste-a bella uma hora, reinava;
Tinha aos pés mais de mil corações;
Nem os via... no espelho adorava
Uma a uma suas lindas feições.

Mais rasgados, mais negros, mais bellos,
Nenhuns olhos, suppõe que não ha;
Nem mais finos, lustrosos cabellos
Outra flor como tu vira já.

O rosado alvo rosto, no escuro
Da moldura c'roada por ti,
Diz-lhe que é como estrella em céu puro,
Quando n'agua se mira e sorri.

O seu collo de garça, inclinado,
Como a haste que o lyrio sustem,

Cuida vêl-o de si namorado,
Ou que espreita outros mimos que tem.

Olha as perlas que os labios descobrem,
Olha o braço de neve, olha a mão,
Olha o pé, que metade lhe encobrem
Finas sedas, roçando no chão!

Mas taes graças e tantas, florinha,
Onde foram, depois do festim?
A donzella do baile rainha,
Onde está? Que foi d'ella por fim?

∞

Onde?... Onde vai tudo... No sepulchro!
Volteava alegre alli uma hora antes
Na loucura da walsa; espanejava
Bem alto as saias, descobrindo rendas,
Rendas e mais ainda; quiz-se noiva
Por diamantes, e ouro, e luxo, e pompas,
Por fazer-se invejada, e co'as invejas
Matar vinte rivaes; co'a planta altiva
Arredou corações, que em puro fogo
Se lhe foram render, onde escolhesse;
Não escolheu um só, escolheu todos,
Mas por escravos vís atrás do carro
Da vaidade, em triumpho; e foi vender-se

Sem pejo e sem amor!... Vereis agora,
Cuidava então, vereis como sou bella,
Entre o fausto a brilhar, mais que nenhuma;
Vereis que vida levo deslumbrante,
Que joias, que caprichos, que prazeres,
Que de incenso perenne em meus altares,
Que dias de ventura, quantas noites
Ostentando a belleza, e em torno d'ella
Os hymnos de louvor!... Oh! como é doce
Viver, viver assim, contar as victimas
Que farão cada hora os meus encantos,
E que me hão-de adorar inda os desprezos!...
Insensata! sómente não contaste
Quantos passos irão do baile á campa!

∞

Inda a fronte em suor lhe gotejava
Logo depois da dança; arfava ainda
Sob as gallas o peito; inda fulgiam
Nos braços e no collo os diamantes;
Inda da branca flor da laranjeira
Tinha a viçosa c'rôa preza ás tranças;
E no vasto pateo d'um palacio d'ouro
Rodavam cem carroças, porque o baile
Apenas acabara;—eil-a que subito
Nos felpudos tapetes matizados

Cae de chofre, sem côr, sem movimento,
Morta, morta de todo, como f'rida
De repentino raio, e a fronte roça
Os pés do leito nupcial... viuvo!
Nem viu murchar a flor, colhida ha pouco
Para o feliz noivado! Foi capella
Da noiva do sepulchro... e os aureos sonhos
Lá vão esvaecidos como sombra,
Fugitiva ante a luz!... Comigo, ao menos
Dá teus prantos, ó flor, á bella extincta,
Que ninguem mais lh'os deu... o proprio esposo,
Tão vaidoso como ella, só mercára
Um adorno de mais n'essa belleza;
Buscou outro depois; e sob a lousa,
Ninguem mais fallou d'ella, por que a pedra
Tem outra inda por cima—o esquecimento!

Nem epitaphio! derradeiro arranco,
Ultimo abraço da vaidade a si!
Que inda de dentro do sepulchro branco
Falla do pó que se estremára alli!

Nem isso teve! E se a donzella em vida
Lição tomasse da ignorada flor,
Bella e modesta, da missão cumprida
Deixara um echo, e talvez d'amor!

Veria o pouco de que ter vaidades,
E só por isso brilharia mais;
Cercal-a-hiam, como a ti, saudades,
Quando do ramo desprendida caes.

Porque tu guardas no teu seio o pranto,
Da roxa aurora que por ti chorou,
Porque tu amas, carinhosa, o canto,
Que em suas aves para ti cantou;

Porque tu d'outros, não de ti cuidaste,
No odor, no fructo, e sem uma alma ter,
De quem tu vinhas, debruçada n'haste,
Soubeste sempre, sem fallar, dizer;

Porque contente borbulhaste um dia,
E recendeste para a terra e céus;
Porque dos bens que de ti dentro havia,
Dás todos cá, e tu vais dar-te a Deus!

Por isso á tarde sobre as folhas soltas
Andam saudades, adejando a mil,
E nos suspiros, que t'as põem revoltas,
Suspira tudo que te torne abril.

Mas foi só essa a victima c'roada
Por ti para o sepulchro? Não!... tu deves
Ter extenso registro das que viras,
Como na rez do sacrificio antigo,
Ser-lhe na fronte a flor signal de morte!
No caminho do altar vai esta agora...
E que tristeza lhe contrasta, languida,
A risonha grinalda e as brancas vestes!
Pallido o rosto; os labios desbotados;
Quasi em desleixo nos eburneos hombros
Louros anneis que os beijam; sobre o peito,
Comprimindo o arquejar a mão convulsa;
A figura gentil curvada ao peso
Do destino que leva, como ramo
Que um lençol debruçou á beira d'agua;
E os olhos, côr do céu, ao céu erguidos
De quando em quando, e abaixados logo!...
Quem na dissera a noiva no seu dia?
Quem não crera antes ver n'aquella triste
Viuva ou orfã, que saudosa leva
Suas magoas á Cruz do cemiterio?!

∞

Noiva! Noiva! E tem paes!... Alli, ao lado,
Vão com ella, e sem ver que a matam!... Cegos!
Matal-a assim, tão moça!... Nem esp'rarem
Que o tempo, co'a razão mais fria e grave,

Désse força á virtude!... E a boa filha
Lá vai, lá vai submissa.—Os paes um dia
Responderão a Deus.—Rica nascera;
Esse foi o seu mal, que, procurada
Por quem honras trazia e grandes rôlos,
De velho pergaminho, que narrava
Acções illustres sim, mas todas d'outros,
Todas de mortos já, calou-se o affecto,
O dever paternal, no enthusiasmo
Dos fumos d'ambição, e nem pergunta,
Se hoje o neto aos avós honrava as cinzas!

Descuidosa a donzella, andava alegre,
Sem saber do noivado, doudejando
Por sombras do jardim. Agora corre
Atrás das borboletas; corre logo
Por apanhar a amiga na carreira;
Junta aqui ramalhetes, com que enfeite
Sancta imagem da Virgem; tece c'roas
Ás estatuas do tanque; além, na horta,
Colhendo a flor da laranjeira, fica
A scismar nas esp'ranças com que á noite
Adormece feliz!... Já dentro d'alma
Tinha gravado um nome!... E quantos sonhos
Que encantados castellos! mas... desfeitos
C'uma palavra só!... Vem cá, és noiva!

Trazes a flor na mão, adivinhaste;
Noiva, noiva!—E de quem?... Sentiu lá dentro
O pobre coração que rebentava,
Porque o nome era outro... e Deus bem sabe,
Se este era digno d'ella!—Mais estatua,
Que as que ha pouco adornou, viu-se adornada,
E lá vai ao altar a triste noiva!

∞

Que de invejas a acompanham!
Quantas lhe gabam a flor!
Quantos desejos, que estranham
Que leve perdida a côr!
Á festa, á festa, donzellas,
Vêde a bella entre as mais bellas,
Como é ditosa! Pois não?
Vêde-lhe as joias e rendas,
Que leva as mais ricas prendas;
Só não leva o coração.

Leva um véu sobre as espaldas,
Que melhor não se bordou,
Leva um collar de esmeraldas,
Que melhor ninguem levou;
Leva-as nas mãos e nos braços;
Leva diamantes em laços;
Como é ditosa! Pois não?

Vêde-lhe as joias e rendas,
Que leva as mais ricas prendas;
Só não leva o coração.

Á festa, á festa, invejai-a,
Ide egual sorte chamar,
C'um alfinete na saia,
Se lh'o podeis ir pregar;
Á festa, á festa, que ainda
Não se viu noiva mais linda,
Nem mais ditosa! Pois não?
Vêde-lhe as joias e rendas,
Que leva as mais ricas prendas;
Só não leva o coração.

O coração! Coitada!...—Em poucos mezes,
Ide vós que a invejaveis, ide vêl-a!...
Conheceis-lhe as feições? É esta acaso?...
Se já na flor um dia reparastes,
Quando algum verme occulto a róe no seio,
Que desmaia, definha, perde o viço,
Poisa, abatida, a fronte na folhagem,
Vai enrolando as pétalas mimosas
Pouco a pouco, e por fim, já despegadas,
Caem todas no chão, e a flor é morta,
Vistes a imagem da infeliz donzella,

Quando tambem por dentro, occulto e fundo,
Desventurado amor lhe róe a vida!

∞

Eil-a!... que o corpo soerguendo apenas,
Cruzando as mãos no descarnado peito,
Véla por noites, e sósinha, em vasto,
Frigido leito!

Sómente a febre lh'o aquecera, e ri-se,
Com esse riso que comprime os dentes;
Sómente, não; que lhe deslisam logo
Lagrimas quentes!

Por entre os véus do deslaçado pranto,
E á fina touca levantando os folhos,
Crava na luz, que já vacilla exhausta,
Avidos olhos!

Como que a segue no clarão incerto,
Como que a accusa, se mais luz derrama,
Como que apréssa o extinguir á debil,
Trémula chamma!

Se eram desejos evocando a hora,
Que tarda tanto ao que a dôr já cança,

Ahi vem... e agora com a Cruz te abraça,
Unica esp'rança!

Fechou-se emfim sobre ella aquella porta,
Que só no extremo dia, á voz tremenda
Do anjo do Senhor, ha-de arrombar-se!...
Ao pôr do sol os paes vão-lhe na campa
Chorar, chorar, debaixo do cypreste;
Regar as rôxas flores, que, espontaneas,
Lhe nasceram á volta; arrepender-se,
Tarde já, mas sinceros, e pedil-a
Debalde aos echos, que apiedados gemem,
Respondendo ao gemer dos desditosos!
Oh! por que n'essa flor que lhe lá vistes
Na mão, aquelle dia, estas tristezas
Não soubestes prever?!—De todo secca,
Ireis achal-a ainda, e talvez quente,
Ao pé do travesseiro!... Ressequiu-se
Longe do ar, da seiva, dos amores,
Que lhe vinham de Deus, e mais colheu-a
Bem carinhosa mão!—Adivinhava,
Como cuidastes, sim, mas era a morte,
Por que a flor diz—amor—não captiveiro!

Sempre pura e fiel, deu á virtude,
Ao céu, aos paes, a si, o que a si mesma
Deve toda a mulher;—ao sacrificio
Foi, mas soube morrer!—Outras... o mundo
Diz que sabem viver!... e vivem, vivem
Ahi nas boccas d'elle!... Mas que o diga
O mundo d'hoje, o mundo corrompido,
Viverá a virtude mais do que elle!
A sua essencia não mortal, divina,
Perfuma, como a flor, a propria terra,
Mau grado a corrupção, e depois sobe
A recender eterna aos pés do Eterno!

Sempre!... Sempre!... E tu ri, ó mundo d'hoje,
Que inda um pranto de sangue ha-de escavar-te,
Com já tardias lagrimas, as faces!
Ri, ri, vaidoso seculo!... Que valem
Contos de dôr alheia, e dôr de dentro,
Dôr em que tu não crês? Que valem flores
De pobre laranjeira ao pé dos louros,
Que te enramam a fronte?... Mas, ó seculo,
Apregôas-te grande, o pregão deitas
Da terra aos quatro ventos, e és grande
No orgulho só da propria apotheose,
N'esse enlevo pueril com que te esqueces
A contemplar tuas obras!... Que tens feito?

Á materia prendeste as vistas do homem,
Á materia sómente!... A alma, que importa?
Viver, viver a vida grossa e bruta,
Vida só para o corpo; forçar tudo
A servir inda mesmo os vãos caprichos
Do physico existir, por mais audazes;
Fazer da creação submissa escrava
De sensual prazer; serras e bosques,
O metal, o carvão, a pedra, os fructos,
O fogo, a terra, o mar, o ambiente, os astros,
Producções naturaes, inventos, machinas,
Os animaes, os homens, as mulheres,
Aqui a intelligencia, alli a força;
E, n'um tráfego immenso, activo, rapido,
Contar tudo por cifras insensiveis,
Que se enfileiram doceis para a somma
Do goso mat'rial... eis a loucura,
Com que insultas o céu, e rís do espirito,
Engrinaldando de fingidas flores,
Sem o viço da esp'rança, e sem perfume,
A victima da morte ao pé da campa!

Mas nós os que a conta,
Contando melhor,
Tambem nos faz monta
A virtude e a dôr,

Finada tão bella
Rezemos por ella.

Mas nós os que ás flores,
Que o mundo fingiu,
Preferimos, co'as dores,
As que a alma floriu,
Finada tão bella
Rezemos por ella.

Mas nós os que crêmos
Na alma e em Deus,
Que os olhos erguemos
Da terra p'ra os céus,
Finada tão bella
Rezemos por ella.

Mas nós, que entre a gloria
Do mundo, entre a luz,
Ainda a memoria
Guardamos da Cruz,
Finada tão bella
Rezemos por ella.

∞

E tu, mimosa flor da laranjeira,
Só musa me has-de ser d'estas tristezas?

Tu, a flor festival, has-de fallar-me
De sepulchros sómente?—Deixa, deixa
Isso aos pallidos goivos, ás perpetuas,
Mais ás ròxas saudades.—Pois na terra
C'rôas sempre desgraças? Não. Fadada
Foste antes a c'roar doce ventura.
Amor, o casto amor, o que não punge
C'os remorsos depois, o que procura
Socio d'alma na dôr e nos prazeres,
Socio fiel que fica, e que acompanha,
Em tranquillo suave sentimento,
Quando o tempo a fogueira abrasadora
Da vehemente paixão melhor transforma
Na branda luz duravel d'esse affecto,
Que, em vez de nos queimar, nos allumia;
Amor, aquelle amor, que os anjos podem
Ver do céu sem tapar co'as mãos o rosto,
Amor puro, sem ter de que se peje
Ante os homens e Deus, esse, comtigo
Vai sempre engrinaldar-se, és tu sua palma;
E contente e feliz, como no mundo
O homem póde ser, assim o viste!

Bem me lembra inda a festa d'essa aldêa,
Que além, ao pé do rio, entre salgueiros,
D'aqui vejo alvejar, como zagalla

Meio despida já, sentada á beira
Das aguas, onde vai banhar-se á tarde.
Bem me lembra inda a festa. A aldêa toda
Trajava as vivas chammejantes côres
De seus dias festivos. As cachopas,
Muitas vi, de sapatos coxeando,
Ou com elles na mão, cegarem tudo
Com grandes arrecadas, cordões d'ouro,
Cruzes e corações; os homens iam,
De véstia nova e cinta e carapuça,
Innocentes orelhas degolando
D'altivo colleirinho ao duro fio;
Até velhos e velhas não faltavam
No geral regosijo; inda estou vendo
Como boa velhinha, recordada
De seus passados tempos, mais gaiteira
Que as proprias moças, meneava o corpo
De cima dos tamancos, e c'os dedos
Alçados dava trincos, desejosa
Da dança que se armava no terreiro.
Os foguetes estridulos subiam
De quando em quando, por levar ás nuvens
A alegria da terra; nesta, as bombas
Estouravam rasteiras; os rapazes,
Com gritos jubilosos, atrás d'ellas
Corriam, empurravam-se, caíam
Apinhados no chão, a disputarem

A desejada guita; pelas ruas,
D'aqui d'alli saindo, iam passando
Para a festa as violas, encostadas
Ao peito de pimpões, trinando amores.
Era um domingo, e a aldêa festejava
Da sua melhor moça o casamento.

∞

Mais bonita não a havia
Nem mais bem quista tambem;
Uns olhos que ella volvia,
Palavras que ella dizia,
Não resistia ninguem.

Trigueirinha, mas formosa,
Como bem poucas o são,
Não tinha invejas á rosa,
Nem branca mais invejosa
Lhe podéra pôr senão.

Uns modos de tal carinho,
Que eram mesmo de encantar;
O corpo tão bem feitinho,
Que da fonte no caminho
Lh'o estavam sempre a gabar.

De tantos gabos ouvira
Uns que diziam melhor,

Sem saber o que sentira,
Nem já do sentido os tira,
Nem sente senão amor.

Tambem outro seareiro
Não ha por lá mais gentil;
Tal é trigueira, é trigueiro,
Mas tal primeira, primeiro
Na sua aldêa entre mil.

Iguaes em tudo; na edade,
No bom nome, nos bons paes,
No trabalho unica herdade,
Nos gostos da mocidade,
Em tudo ambos iguaes.

Ella, a melhor fiandeira
Nos serões ao pé do lar,
Tambem não tinha parceira
Como alegre cantadeira
N'uma escamiza ao luar.

Elle, que, por vida sua,
Era o melhor tocador,
Tambem c'uns bois á charrua,
Fosse por sol ou por lua,
Ninguem ao pé se ia pôr.

Era de vêl-os na fonte
Tão namorados então,
Ella, dizendo-lhe — conte,
Elle arredado, defronte,
Riscando c'o pau no chão.

E que contos, ou que contas
De tanto amor iam lá!
Ai! amor, no que tu contas,
Mal sabes que não descontas,
O que o tempo conta cá.

Mas aqui o amor não teve,
No amor que descontar;
Tal fado maus fados leve,
Que este amor, feliz, em breve,
Eil-o á Egreja a caminhar.

∞

O dia, era de maio um lindo dia,
N'este tão puro céu, n'esta suave
Transparencia do ar, n'esta opulenta,
E cristalina luz da nossa terra;
Os outeiros, em torno, verdejavam;
Manso, no sinceiral e nas arêas,
Se espriguiçava o rio susurrando;
Traziam já nas azas doces brizas

O perfume das flores; e nas arvores,
De ramo em ramo, os passaros contentes
Fadavam-n'as d'esp'rança, e ninhos novos;
Tudo dizia amor, e festa, e vida!
Um momento houve só, que branca nuvem
Toldou de todo o sol... deixal-a, foi-se;
Se ninguem deu por isso, os noivos menos.

∞

Cachopas, salta ao terreiro,
Salta, salta a bom saltar,
Quem vir os noivos primeiro,
Ha-de primeiro casar;
Cachopas, vamos, de roda,
Toca a dançar-lhes na voda,
Toca a cantar-lhes com fé;
Canta, canta, dança, dança,
Que a viola não descança
A fazer pular o pé.

Lá veem os noivos,—affasta;
Deixai-os bem ver, assim;
Esta festa é d'outra casta,
Estes noivos, isto sim;
Vamos; na cara, nos peitos,
Chovam-lhes já os confeitos,

Já que tão contentes vão;
Não levam joias, nem rendas,
Levam a melhor das prendas,
Levam o seu coarção.

Da terra senhora nobre,
Nobre d'avós e d'acções,
Da nobreza a quem o pobre
Põe á porta outros brazões,
Tinha a cachopa morena
Tomado desde pequena,
E viu-a em casa crescer;
Madrinha do baptizado,
Hoje, fazendo o noivado,
Madrinha tambem quiz ser.

Deu-lhe cordão e arrecadas,
Deu-lhe um cerrado no val,
Deu-lhe crescidas soldadas,
Deu-lhe todo o enxoval;
E se não quiz n'essa gala
Qual na cidade enfeital-a,
Pondo-lhe c'roa nem véu,
Poz-lhe da flor feiticeira
Um ramo de laranjeira
No desabado chapéu.

Assim vai linda, e vai rica;
Nem muita riqueza quer,
Quem com pouco alegre fica,
Quem no pouco a sabe ter;
Vai linda na singelleza,
Na mais natural belleza
Do seu trajar d'aldeã;
Sáia curta, debruada,
Roupinhas, meia bordada,
Capa azul, com fita irmã.

Nem fidalga, nem rainha
Podéra agora invejar;
Disse-lh'o a boa madrinha,
Foi-lh'o o noivo confirmar;
Dizem-lh'o, vendo-a de roda,
As cachopas, que na voda
Tem por si a mesma fé;
Vamos, pois; á dança, á dança,
Que a viola não descança
A fazer pular o pé..

∞

Oh! ficou bem calcado em todo o dia
O terreiro da Egreja, mais o pateo
Da casa da madrinha, que, no largo
Tambem da aldêa, erguia a fronte alta

Entre todas as mais, como pinheiro
Entre moitas humildes; e o sobrado
Quasi que veiu abaixo sob o peso
Da enthusiasmada dança, que durara
Até por noite velha.—O guapo noivo
Nunca melhor tangeu n'uma viola,
Que detrás d'ella o coração captivo
Ás cordas lhe ensinava sons mais doces;
Da noiva o canto poz lá tudo a um canto,
Porque jámais cantou com tanto gosto:
Mas n'aquelle folgar folgavam todos;
Girava a roda, sapateando a espaços;
Retinia a cantiga, ardiam faces
Que eram mesmo papoulas; fuzilavam
Olhos d'elles e d'ellas, como chammas
De relampago á noite; os pobres peitos
Arfavam-lhe, apresssados; as mãos prezas
Esmagavam-se alli em rijo affecto;
Os remoques ferviam c'os risinhos;
E, por fim, já cançados, ás paredes
Da casa se encostavam, luzidios
De prazer e suor, deixando muitos
A voda apalavrada, á sombra d'esta!

Tempo, que tanto corres, porque corres
Mais veloz aos felizes? Porque levas

Nas azas tão ligeiro as poucas horas
De terrena ventura? Porque sempre
Os momentos d'amor tão breves fazes,
Que, mal do homem a mão se estende, e roça
Despontados botões com que lhe acena
Ridente murta além, não colhe logo,
Ao pé, se não saudades, orvalhadas
Das lagrimas da dôr? Porque, tão velho,
Não canças de fugir? Nem te demoras
Se quer a ouvir segredos, que não sabes
De namoradas almas, se as deixasses
Demorar-se tambem? Porque sómente
Tens vagarosos pés com que te arrastas
Na vida aos desgraçados, aos que pedem
Que lhes ceifes co'a foice, emfim, as magoas?!

Dia, dia de maio! Inda co'a noite
Que pequeno que foste!... Toda a aldêa
Depois te suspirava. Este, no campo,
Cabisbaixo lavrando; esta no monte,
Sachando o milho nado; aquelle, ao cimo
Da encosta, no pinhal, fazendo lenha;
Aquella no tear, urdindo agora,
Já tramando depois, depois tecendo,
Com monotono som, a branca têa;
E todos a scismar como correram

Fugitivas as horas, quantas cousas
Ficaram por dizer; e... Deus o sabe,
Quantas penas tambem que já penavam!

Os noivos não; pois que penas
Tinham elles que penar?
Felizes horas serenas,
Nem viam se eram pequenas
Para amar.

Que vida, que vida aquella!
Quem na podéra gosar!
Se a viverem sempre bella,
Ella d'elle e elle d'ella
Sem pezar!

Por que não? Ao anno findo,
Como a fortuna sem par
Lhes fosse sempre sorrindo,
Deu-lhes Deus um filho lindo;
Que mais dar?

Amor, saude, alegria,
E no honrado trabalhar
Farta mesa cada dia,
Mais que o filho poderia
La faltar?

Tendo alli perto a casinha,
Em que viviam os paes,
Vêl-os sempre; e a madrinha
Tendo tambem por vizinha,
Falta mais?

Não falta mais, não tem penas
Ambos elles que penar,
Felizes horas serenas,
Nem viam se eram pequenas
Para amar.

Póde então n'este mundo, póde o homem
Ser contente e feliz?... Como no mundo
O homem póde ser.—Dois breves annos
Tinham passado apenas, e com elles
A ventura tambem! Na pobre aldêa
Entrou assoladora a fatal cholera,
A cholera tremenda, a que transforma
Em desertos cidades populosas;
Que varre para a tumba a eito, a eito
Casas, ruas inteiras; que derriba
Aqui o pae, o irmão; alli amigos;
Este junto do altar, aquelle á meza;
O que vem, o que vae; adultos, velhos;
A criança, a mulher; ao pé do leito

Do moribundo o padre que o conforta;
O medico ao sahir: os que já levam
Ao cemiterio os mortos; tudo, tudo;
Caminhando inflexivel, implacavel,
Entre prantos e lucto, e fundas vallas
De cadaveres mil, a cada hora.
Como um anjo terrivel de exterminio,
Que na espada de fogo, em letras negras,
Trouxesse escripto—*maldicção aos homens!*
Entrou n'aldêa a cholera, e n'um dia,
N'um só, essa aldeã, antes ditosa,
Filha, perdeu os paes; esposa, o esposo;
E, carinhosa mãe, o tenro filho!

~

Ai! nuvem, branca nuvem, que nas vôdas
Tão vivo sol toldaste, annunciavas
O funebre sudario! Tu dizias
Ás venturas da terra, que não faltam
Nuvens ao melhor sol, como tristezas,
Ou tarde ou cedo—quasi sempre cedo!—
Ás alegrias d'alma!... As alegrias!
Um vento sepulchral espedaçou-as,
Não deixou senão pó!... E geme agora
A desgraçada mãe; a filha orphan,
A viuva sósinha!... Se lhe resta
Protectora inda a mão, tão boa e nobre,

Que a tomou criancinha, mão nenhuma,
Nem essa, póde balsamo levar-lhe
Ao lacerado peito!... Geme, geme,
No ramo do cypreste, triste rôla,
Que das dôres a dôr é essa tua,
Essa saudade dos que mais não volvem,
Dos que com tanto amor na vida amámos,
E nos deixam depois vida sem vida,
Em que o goso são lagrimas, e a esp'rança
De os vêr só nos vem tambem da morte!

E, por fim, cá trouxeste mais tristezas,
Bella, candida flor da laranjeira!
Oh! mas não vem de ti, vem só do mundo,
Vem d'este barro quebradiço ao sôpro,
Que lhe desce de cima; vem dos homens,
Que, até os mais felizes, se lhes vissem
Os corações bem nús... se lhes sondassem
Os desejos bem fundo... lá se achara
Constante aspiração, que nunca deixa
Na terra contentar; vem d'essa sempre
Ephemera ventura; e de não vermos,
De não vermos que a dôr é só caminho,
Por onde, aos céus subindo, vai c'roar-se
De flores a virtude, e d'essas flores
Immarcessiveis, fúlgidas, eternas,

Como não és, não podes ser tu nunca,
Porque és da terra, por melhor que sejas,
Bella, candida flor da laranjeira!

Não pódes; mas pódes, c'roando singella
A fronte da noiva, levada ao altar,
Não ser-lhe remorso, fazel-a mais bella,
E sempre lembrar-lhe depois sem corar.

Não pódes; mas póde, por mais que se mude
A sorte mudavel que os homens cá teem,
Nas proprias dôres, saber a virtude
Deixar-nos, qual deixas, perfumes tambem.

Não pódes; mas podem, aquellas na terra,
Que tu já c'roaste, mas Deus inda não,
Saber que te curvas aos ventos em guerra,
E doceis curvar-se de Deus sob a mão.

Não pódes; mas podem, de ti aprendendo,
Sorrir entre espinhos, louvar quem lh'os deu,
Que assim, desditosas, já menos o sendo,
São anjos na terra, são anjos no céu!

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

CANCIONEIRO DE JOÃO DE LEMOS

SEGUNDO VOLUME

RELIGIÃO E PATRIA

CANCIONEIRO

DE

JOÃO DE LEMOS

SEGUNDO VOLUME

RELIGIÃO E PATRIA

LISBOA
ESCRIPTORIO DO EDITOR — RUA DOS FANQUEIROS, 40.
1859

ADVERTENCIA

N'este volume ha composições, que, pelos assumptos que celebram, pelos affectos que exprimem, ou pelos factos a que alludem, serão de differente sabor para as differentes opiniões politicas. Nada mais natural.

Mas se por isso as quizerem julgar, se decidirem só, por que lhes agrada ou desagrada o objecto dos versos, ou a idéa a que se referem, digo francamente, a amigos e adversarios, que não procedem com justiça.

Ao poeta pergunta-se *como* cantou, não se pergunta *o que* cantou. Sujeita-se á critica a parte litteraria, deixa-se liberrima a outra. Liberrima, entendamo-nos; não fallo no que toca á moral, por que então tambem não approvo que a poesia sirva de trombeta para animar nenhuma casta de ruins paixões.

Esse peccado, porém, cuido que o não commetti nos meus versos politicos. O mais que fiz foi ser cortezão da desgraça, que não é culpa muito contagiosa.

Estas razões espero que valham para os espiritos desassombrados; se não valerem, confesso que não as tenho melhores. Só se se pertendesse que a convicção e o pensamento fossem livres em todos, excepto no poeta. Mas isso!... Antes fazer prosa rasa toda a vida.

Ainda aqui advertirei, além do que já disse no primeiro volume, que tiveram de entrar n'este, pela materia e não pela épocha, algumas de minhas primeiras composições.

O que o amor-proprio me aconselhava a respeito de muitas, em todos os tres volumes, já tambem no anterior o declarei;—quem m'o tolheu foi a publicidade, quer pela imprensa quer pelas copias.

Se podesse, ficavam na manada dos engeitados,

segundo a expressão de um poeta nosso. É ás vezes uma pena que a imprensa e a escripta tenham tão boa memoria!

No fim deste volume vão uns versos com que directamente, ha alguns annos, me honrou o meu amigo *F. Gomes d'Amorim,* e a paraphrase que se dignou fazer a outros meus.

A resposta que dou aos primeiros, e o terem sido paraphraseados os segundos, são circumstancias que exigiam isto; mas se quizerem lançar-m'o á conta de vaidade, lancem que não me escandaliso nada. Por que não hei-de estimar as distincções de um bello talento, e a amisade de um bello caracter?

Os que não entenderem estas cousas, que passem adiante; não leiam nem um nem outro.

Campo Grande 20 d'Abril
de 1859.

I

DEUS

Minha lyra, eu quero um hymno,
Um hymno todo d'amor,
Um hymno do coração,
Um hymno para o Senhor!

Quero cantar o meu Deus,
Aquelle por quem respiro;
Quero nas azas do canto
Mandar ao céu um suspiro!...

Foi Elle quem me creou,
Abrindo o seio do nada;
É Elle quem me sustenta
Na terra fertilisada.

Á Sua voz giram mundos
Immensos, no immenso espaço,
Tudo nasce, vive, e morre
Pelo poder do seu braço.

Á sua voz trovões rugem,
Erguem-se os ventos e o mar,
Ou andam brandos favonios
As rosas a bafejar.

Desponta o cedro e a relva,
Rebenta o rio e a fontinha,
Vôa a aguia, ou sobre um ramo
Descanta humilde avesinha.

Minha lyra, eu quero um hymno,
Um hymno todo d'amor,
Um hymno do coração,
Um hymno para o Senhor!

Ó Tu que habitas na mansão etherea,
Do não ser e do ser ou vida ou morte,
Fonte de mundos, eternal substancia,
Incriada e sem fim, salve tres vezes!

E eu, atomosinho cá da terra
Nas trevas do meu nada emmaranhado,
A Ti levanto a voz profana e debil?!
A Ti, que és o meu Deus?! Ah! De joelhos,
E no calcado pó a face pondo,
Eu te peço perdão!... Mas quem me inflamma?
Quem do íntimo seio palpitante,
Do seio, onde sopraste essa centelha
De Teu lume divino, o pensamento,
Faz taes sons acordar de fibra em fibra?
Quem meu estro singelo em fogo accende,
De mystico fervor ungindo as cordas
Sob a tremula mão do joven bardo?
És Tu, é tudo Teu!... Dá-me acolhida
Aos sons que vem de Ti; dá-me um sorriso,
Uma vista de dó ao leve incenso,
Que d'alma no thurib'lo me pozeste!
Mysterioso é Teu véu, suprema essencia,
Á mente do mortal! Rompe-lhe as sombras
C'um relampago só da luz celeste;
Desabrocha no cardo a flor mimosa,

CANCIONEIRO

DE

JOÃO DE LEMOS

SEGUNDO VOLUME

RELIGIÃO E PATRIA

LISBOA

ESCRIPTORIO DO EDITOR — RUA DOS FANQUEIROS, 40.

1859

É tua face formosa o sol brilhante,
O orbe é teu palacio, e Tu não cabes
Em milhões d'universos!

E tu fazes tremer c'um só aceno
A terra, os céus, a immensidade, o inferno,
E tudo isto te adora!

Bate a folha ao tufão, rangem calabres,
De raios prenhes se desfazem nuvens,
Baqueam monumentos;

Alevanta o pinheiro a fronte esguia,
A rosa desabrocha, o mar escuma,
Acastellado em montes;

Cahe Palmyra no pó, cahe Grecia e Roma,
A corrente do Nilo alaga o Egypto,
E o baixel corta as ondas;

Em borbotões de fogo arde o Vesuvio,
Verga o polo com gelo... e tudo, ó Deus,
E tudo é Teu imperio!

Minha lyra, eu quero um hymno,
Um hymno todo d'amor,
Um hymno do coração,
Um hymno para o Senhor!

Do nebel religioso
Eu quero a corda sagrada,
Quero nas azas d'um anjo
Ir á celeste morada.

Desejo ver do meu Deus
A face brilhante e pura,
O throno de cherubins,
A mystica formosura!

Nuvemzinha transparente,
Ligeira brisa dos céus,
Dizei-me, o Eterno quem é?
Dizei, quem é o meu Deus?

Elevai-me sobre as pennas,
Ó cantores da floresta,
Esse segredo ensinai-me
De deixar a terra infesta!

Ao menos, ide contar
N'essa aerea região,
Que minha alma em Deus se aninha,
Que em Deus tenho o coração!

Ensinai-me os vossos carmes
Bem cheios de melodia,
Irei comvosco saudar
A precursora do dia.

Esse cantar tem mysterio,
Todo fechado n'um véu,
Esse cantar é divino,
Retumba sempre no céu.

É como as joias da aurora
Nas tranças da primavera,
É como um ai de mancebo,
Que íntima corda tempéra.

É como a doce cadencia
Da fontinha do rochedo,
É como os olhos de virgem
Mirando a lua em segredo.

É como tudo o que é bello
D'uma suave belleza,
D'uma doçura saudosa,
D'uma feliz singeleza.

Por isso, dos vossos carmes
Ensinai os sons aos meus,
Que tambem são, como os vossos,
Cantados só para Deus!

Minha lyra, eu quero um hymno,
Um hymno todo d'amor,
Um hymno do coração,
Um hymno para o Senhor!

Aprende-o na harpa das selvas,
Do rio no murmurar,
Nos arreboes da alvorada
Vendo os lyrios borbulhar.

E no sorrir da donzella,
E no beijo maternal,
E no abraço de irmãos,
E no amor filial.

Aprende-o bem no suspiro
Dos labios da penitencia,
E na formosa candura
Das orações da innocencia.

Aprende-o nas meigas vozes,
Que a voz da belleza tem,
Vai colhel-as ao sol posto
Que inda mais meigas lhe vem.

Prende nas cordas os sons
Do cantico do universo,
Vai nas paginas do mundo
Beber doçuras do verso.

Desata ao sol fulgurante
Sequer um raio dos seus,
Um pensamento infinito
Pede emprestado nos céus!

Minha lyra, eu quero um hymno,
Um hymno todo d'amor,
Um hymno do coração,
Um hymno para o Senhor!

∞

Homem! Tu que és na terra a maravilha,
Resumo do poder, que um Deus ostenta,
Das obras suas a melhor, mais bella,
Homem!... E és, és tu, que ousado soltas
Blasphemia horrivel, que nem feras brutas
Ousariam soltar, se voz tivessem!
Tu só, que mais deveste ao Rei dos entes,
Tu só, de ingrato, Lhe refusas feudo!
Existe, a teu pezar, impio, que n'alma
Tens o fel das paixões fervendo sempre!
São ellas e só ellas, que desmentem
O que os lumes do céu, da terra o verme,
O volatil, a hervinha, o peixe e a fera,
Todo o ser e o não ser ao mundo assoalham!
Homem! Volve ao passado uma só vista...
Deus, Deus e sempre Deus!... De quem Te fallam
Tintas, marmores, bronzes de Pompeia?
De Persepolis porticos, alcaçares,
Columnas, coruchéus, ruas, palacios?...
Olha os reinos antigos de Iduméa,
Jerusalem, Damasco, e Samaria!
Olha a soberba Syria!... Eil-os por terra
De Ninive os baluartes: templos vastos
De Balbeck e Sion; frotas de Tyro;
De Babylonia os muros; e os emporios
De Sidon e d'Arad!... Olha, do Euphrates
Nas margens, o chaldeu reinar, sumir-se!...

Olha, á beira do Tigre, o ferro assyrio,
E o persa, que venceu quanto ha do Indo
Ás ondas d'esse mar Mediterraneo!...
De quem tudo isso é obra, dize, ó homem?
De quem te fallam gerações d'outr'ora,
E tudo o que passou, apenas vivo
Em mysterios d'um mundo encanecido?
De quem fallam? De Deus! Sómente d'Elle!

Quando estala o trovão ou freme a terra,
Nos eixos abalada á voz potente,
Porque tremes então de apavorado?
Não desmaia a virtude entre a procella,
Brilham mais que os do raio os seus fulgores,
Mais formosa se amostra, qual bonina
Que o peso da agua debruçou na margem!
Quem tem crimes descora, e porque O teme,
Não quer que exista um Deus, quer esmagal-O
No torpe lodaçal dos proprios vicios!...
Mas comtigo lá tens faminto abutre,
A consciencia lá tens para escavar-te
C'o punhal do remorso a alma de bronze!
Ah! Nem te hão-de valer trevas da campa,
Onde buscas o nada como asylo,
Consolação extrema e louca esp'rança

Do remorso e do crime!... A sepultura
E porto d'outra vida; não roe tudo
O verme do sepulchro! Não! Não morres,
Não has-de morrer todo, em que te peze!

⁂

Deus! E este só nome encerra um mundo,
Encerra a eternidade, os céus, o espaço!
Deus! E eu Te adoro, ó grande, ó Tudo!
Meu desejo a Ti sobe fervoroso,
Sobe cheio d'amor, sulcando nuvens,
A colher-Te um sorrir no seio d'anjos!
Se eu podera seguil-o! Elle não volta,
Nem eu voltara mais! Ó Deus, escuta-me;
Eleva-me, Senhor, sobre a poeira,
Sobre o dorso d'uma aguia, ou sobre a folha,
Que á selva foge, abandonada aos ventos!
Eu quero ver-Te o gesto sacrosanto,
Quero ver-Te e morrer... que digo? Quero
Morrer para Te ver!... Vem arrancar-me
Esta vida fallaz, grilhão pezado,
Que prende á terra vil meus pulsos tenros?
Oh! Podesse minha alma inda hoje alegre
Transpor o espaço e abraçar-se a um ramo
Das palmeiras de luz da varzea santa!
Quem ha que me arrebate onde eu não veja,

O mundo enganador em que hei nascido?
Senhor, porque não ouves minha prece?
São de rijo diamante os teus ouvidos?
Não pode um cherubim, apiedado,
Vir travar-me da mão, abrindo a senda,
Qual Tobias passou por sobre as urzes
Do solo do peccado, e conduzir-me
Á celeste Sion, ante o Teu throno?
Não ha-de um ecco achar a minha lyra?
Estes sons innocentes, como pombas,
Não poderão librar as leves azas
Ante os sacros umbraes, e nas cornijas
Do templo eterno reboar um dia?
O cantico do bardo não lhe póde
Alcançar do seu Deus uma só bençam?
Senhor, porque me foges? Que Te hei feito?
Tu tens de ferro o céu? Tu não me escutas?
As vozes do mortal por serem debeis
Desprezadas serão? Não tens uma aura,
Uma nuvem sequer que lá t'as leve?...
Mas afino de novo as rudes cordas,
No louvor do meu Deus hei-de tangel-as!...

Minha lyra, eu quero um hymno,
Um hymno todo d'amor,
Um hymno do coração,
Um hymno para o Senhor.

Quero harmonias da aurora,
Quero o sol do meio dia,
Quero os suspiros da tarde
E da noite a melodia.

Eu quero os fructos do outomno,
E da primavera as flores,
Eu quero os gelos do inverno,
Quero do estio os calores.

Da infancia quero a innocencia,
Da juventude o amor,
Preces da edade madura,
Dos velhos quero o fervor.

Quero do céu as estrellas,
E as bravas ondas do mar,
Da terra amenos vergeis,
Das selvas o murmurar.

Hei-de compor o meu hymno
D'uma candida belleza,
Dar-lhe quanto ha de formoso
Nos cofres da natureza.

Um hymno de sons bem doces,
Um hymno todo de amor,
Um hymno do coração,
Um hymno para o Senhor.

Mas debalde me afadigo!...
Banhe-se a lyra de pranto!...
Humano bardo só póde
Extrahir-lhe um frouxo canto!

Não mais, ó lyra; calai-vos
Debeis sons, por serdes meus;
De Deus o hymno sagrado
É sómente o mesmo Deus!

II

PORTUGAL

I

Quem és tu, pobre velho? Por que choras
    Assentado á beira-mar?
Por que levas assim magoadas horas
    Co'as ondas a suspirar?

Que roto manto é esse que te cobre?
    Que livro o que tens na mão?
É tua, já te ornou a fronte nobre
    A c'roa que tens no chão?

De que era essa Cruz? Porque essa espada
Tens partida sob os pés?
Que bandeira é que ahi tens enrolada?
Responde, ó velho, quem és?

Tão grave e bello o venerando aspecto!
Nos olhos tão pura luz!
D'uma alma grande esse tão grande affecto,
Que em tua face reluz!

Das rugas através, inda da gloria
O rasto, que lá deixou;
Mas tu tão triste, como heroe da historia,
Que a fortuna abandonou!

Longo, robusto o braço, ora caído,
E em cada gesto dos teus
Inda memoria de o trazer erguido,
Sem temer senão a Deus!

Quem és, dize, que Hercules prostrado?
Que guerreiro? Que senhor?
Que monarcha do throno derribado,
Vencido, de vencedor?

II

Quem sou... quem fui? Toda a terra
Que o diga, que o aprendeu;
Diga-o na paz e na guerra,
Diga-o ella, que não eu!
Quem fui, que o digam cem povos,
Que o digam os climas novos
Por onde primeiro andei;
Que o digam christãos e mouros,
Que o digam trophéos e louros,
Que eu nem dizel-o já sei!

Por que chóro? Porque os trilhos
Que da honra na estrada fiz,
Não vão trilhados d'uns filhos,
Que Deus dar-me agora quiz;
Porque esta fronte abatida,
Porque esta barba carpida
Tenho da mão de villões;
Porque vou, pobre e humilhado,
De dia a dia arrastado
Ao sepulcro das nações!

Gemo co'as ondas, porque ellas,
Nos tempos do meu poder,
Viram-me as glorias mais bellas
E gemem de as já não ver.
No berço, viram-me infante,
Depois, erguer-me gigante,
Tomar-lhe o sceptro na mão,
Traçar ao mundo outras raias,
E ir de praias em praias
Cingil-o, como ellas vão!

Andámos juntos por annos,
E, pagos de igual amor,
Nem lhe eu temia os enganos,
Nem ellas ter-me senhor;
Eu, por estradas ignotas,
Andava nas minhas frotas
Sua grandeza a mostrar,
Ellas, despindo a braveza,
Andavam minha grandeza
Aos povos a apregoar. .

Este manto? Já foi manto,
Já foi um manto real;
Havieis de vêl-o em quanto
Sem rasgões brilhava igual;
Ninguem sequer lhe tocava,

Tudo o que á sombra lhe estava
Era seguro, de vez;
Se lhe tocassem veriam
Que em lanças logo se erguiam
As proprias pedras talvez!

Viessem co'a confiança
Com que hoje cuspil-o vem!
Viessem as naus da França
Que era então que vinham bem.
Mas hoje?... Depois de roto?...
Quem já deu palmas e voto
Ás mesmas naus, que fará?
É só tragar-lhe a violencia,
Ver talião na Providencia,
E bravejar-lhe... de cá!

O livro? É o meu livro amado,
O meu registro immortal,
Do meu genio o alto brado,
Do meu brado o som final;
O livro é a historia d'um povo
Cantada n'um canto novo,
Qual ninguem cantou assim;
O livro é o meu monumento,
Camões, é o meu testamento,
É quanto agora ha de mim!

A c'rôa? Sim, era minha.
E que eu fiz c'as proprias mãos;
Mais nobre ninguem a tinha,
Era um emblema de irmãos!
Por penhor d'alta victoria,
Fil-a do ouro da gloria,
Da liberdade ao calor,
E depois, na pedraria,
A joia que mais luzia
Era dos povos o amor.

Esta Cruz? É a que eu trazia
Da espada christã ao pé,
Quando a terra e o mar corria
C'o amor da gloria e da Fe;
Esta Cruz é a que eu plantava,
Arvore que libertava,
Nas terras que conquistei;
Esta é a Cruz dos meus valentes,
Que ao meu Deus dava mais crentes,
Mais vassallos ao meu rei!

A espada? A espada partida,
Era essa espada de então,
Mal da bainha saida
Ramo de louro na mão!
Era a do filho de Henrique,

Era a do Campo d'Ourique,
Era a dos mouros terror;
Era a espada formidavel
Do Mestre, do Condestavel,
Do direito e do valor!

Esta bandeira enrolada?
Era a minha, a côr o diz;
Branca, branca, immaculada
Como a honra do paiz;
No meio, por mãos divinas,
Tinha estampadas as quinas
Como Camões o cantou;
D'essa crença se illustrava,
D'essa crença mais ousava,
N'essa crença triumphou!

Era a bandeira, era aquella
Que assim que vinha a surgir,
Logo o leão de Castella
Ia atterrado a fugir.
Era aquella que, n'um dia,
A captiva monarchia
Fez livre, n'um dia só;
Foi só mostral-a aos tyrannos
Ao cabo de sessenta annos,
E vel-os cair no pó!

Era aquella que inda em gralhas
Soube as aguias transformar
Quando o genio das batalhas
A quiz co'a espada rasgar;
Era aquella que offendida
D'essa ousadia sabida
Do leopardo bretão,
Ahi, corrido de pejo,
Inda o soube, ahi, ao Tejo,
Trazer a dar-lhe razão.

Agora, tenho-a enrolada,
E outra... outra... e por quem?!...
De estrangeiros escoltada
Veiu essa que ondêa além;
Veiu pôr sombra nas quinas,
Veiu, pendão de ruinas,
Um povo em dois dividir;
E das ruinas na poeira.
Mortalha em vez de bandeira,
Nem chega para as cobrir!

Agora, o leão de novo
Tenta as garras estender,
E acha cá quem o povo
Nas garras lhe ande a metter!
Não traz a vencida lança,

Traz nos tempos posta a esp'rança,
Tral-a no triste labéu
D'um patriotismo já morto,
Que «Montes Claros» e «Porto»
Grava no mesmo trophéu!!

Agora, as aguias passando
Vem-me esta face açoitar,
Vejo-as depois ir voando
E apenas posso... córar!
Só córar!... E duas vezes!
Que em vez d'uns sons portuguezes
Pela bocca do canhão,
Ouço um som contra a verdade
A dizer que a liberdade
Veiu de França!... A mim, não!

A minha, nasceu comigo!
Nem o pendão tricolor
Podia trazer comsigo
Da liberdade o amor.
Conheço-lhe a historia, vi-o,
D'um povo no desvario,
Envolto em sangue nascer,
Tendo por hastea ferina
O ferro da guilhotina
De dia e noite a ranger!

Vi-o alli salpicado
Do martyrio d'um bom rei;
Vi-o, c'o mundo assombrado,
Sem c'roa, sem Deus, sem lei;
Vi-o c'um despota alçar-se,
Vi-o co'as aguias c'roar-se,
Vi-o em Vincennes tambem;
Vi-o emfim frente a frente:
Louros? Tinha os de valente;
Mas de livre?... Os que hoje tem!

Ah! E o leopardo altivo,
Que eu fiz grande e d'ouro enchi;
Que eu achei inda captivo
Quando já livre nasci;
O leopardo insolente
A quem mostrei o oriente,
A quem fui mostrando o mar,
Agora, fera crescida,
No seio abre-me a ferida,
Em castigo de o criar!

Agora, depois de atar-me
Pouco a pouco ao carro seu,
Depois de vir mutilar-me,
E por mão d'um filho meu,
Poz-me ahi nos mares bravos

Só sentinella d'escravos
Seu int'resse a defender,
E se vê no ar alçada
Do negreiro a bofetada,
Deixa-m'a a mim receber!

O meu pranto é, pois, agora
O que inda nobre ficou,
Saudade do que já fôra,
Vergonha do que hoje sou!
Morrer, morrer saberia,
Tivera, por Deus teria,
O valor que vem da fé,
Mas fosse morte d'honrado,
Fosse a morte d'um soldado,
Arcabuzado... de pé!

III

Tens razão, triste velho; mas podem
Alguns prantos os teus consolar;
Inda ha olhos onde elles acodem,
Tão fieis como vês esse mar.

III

ORAÇÃO DA MANHÃ

Curvem-se aqui os joelhos,
Ergam-se os olhos aos céus,
Rebente a prece dos labios,
Eleve-se a alma a Deus.

Nasce agora o astro d'ouro,
Descantam aves na selva,
Agora o rebanho folga
Sobre a curta e fôfa relva.

Eu Te adoro, ignoto Ser,
Que accendeste esse pharol,
No sol que o mundo alumia
Vejo a luz do Eterno Sol.

Eu Te adoro n'esses hymnos
Das aves a gorgear,
São como vozes celestes,
Que andam Teu nome a louvar.

Eu Te adoro no rebanho,
Que é teu symbolo d'amor,
Seus cordeirinhos me fallam
Do Cordeiro do Senhor.

Eu Te adoro em quanto existe,
Seja do céu ou da terra,
Seja a estrella da alvorada,
Seja o abrolho da serra.

Curvem-se aqui os joelhos,
Ergam-se os olhos aos céus,
Rebente a prece dos labios.
Eleve-se a alma a Deus.

O bronze acordando agora
Disse-me — o dia é já nado;
E n'alma outra voz me disse
—Adora o Crucificado!

E eu a adoral-O me prostro,
E do meu nada profundo
Off'reço o dia a quem trouxe
O dia, na Cruz, ao mundo.

E ao ver as tremulas gottas
Da aurora n'este momento,
Do Horto as gottas sanguineas
Acodem-me ao pensamento.

E ao ver as sombras fugindo
Pouco a pouco pelo val,
Recordo o Verbo, e ante Elle
Fugindo as trevas do mal.

E ao ver as flores que c'roam
Aqui e alem os caminhos,
Lembram-me as flores eternas
Pagas em c'roa de espinhos.

E ao ver no mar, lá ao longe,
Das vagas a immensidade,
Vem-me á mente temerosas
As vagas da Eternidade.

E c'os suspiros que a terra
Agora levanta aos céus
Tambem n'esta prece humilde
Agora levanto os meus.

E quando o bronze, acordando,
Me diz — o dia é já nado,
Outra voz me acorda n'alma,
E adoro o Crucificado.

⁂

Da manhã a hora primeira
É hora de devoção,
Que o dia bem começado
Começa pela oração.

Mas a Deus peço outro dia,
Um dia todo sem véu,
Um dia todo sem noite,
Um dia todo do céu.

Peço uma aurora mais bella,
D'outra luz e d'outras flores,
Onde as fontes são de bençãos,
Onde os anjos são cantores.

E como agora murmura
Doce a briza na floresta,
Lá dentre meita de estrellas
Outra escute melhor que esta.

E como agora essas ondas
Se vestem d'azul mais lindo,
Minha alma em ondas celestes
Se vista do lume infindo.

E como agora almos risos
Traz aos labios rôxa aurora,
E como agora a belleza
Mais gentil as faces córa;

Peço a côr que não desbota,
Peço o perpetuo sorriso,
Que venha ás faces e aos labios
Nas manhãs do paraiso.

E como agora da terra
As harpas todas tangidas
Modulam canções d'amor
Por mil eccos repetidas;

Outras canções, outras harpas,
Outros eccos mais formosos
Ouvidos d'alma que os ouçam
N'esses campos luminosos.

Ó manhã! Se eu te começo
Por minha humilde oração,
Do Eterno aos pés vai leval-a,
E vem manhã de perdão.

IV

O NOVO ANNO

Á meia noite outro anno
Sae hoje das mãos de Deus;
Começa, nasce entre véus
Da noite, no escuro panno
D'uma hora de desengano,
Hora d'esp'rança e d'amor;
Á meia noite! elle nasce,
Outro morre, outro desfaz-se,
Qual ceifada e murcha flor.

Á meia noite! Hora triste,
Hora alegre ao coração,
Hora de sonhos em vão,
Hora que tu nunca viste,
Rôxa aurora, nem sorriste
Ao bronze que a annunciou;
Hora de pallidos sustos,
De desejos, de mil bustos,
Que a sombra ao longe estampou.

Novo anno á meia noite
D'outro anno surgirá!
Começa em trevas... será
Presagio de negro açoite?
E póde haver quem se afoite
Ou a temer, ou a esp'rar?
Ha quem lhe sonde as entranhas,
Veja risos, veja sanhas...?
Quem pode o porvir sondar?

Mas pode pedir na lyra
Quem tem voz de trovador,
Podem todos ao Senhor
Pedir-lhe tregoas á ira;
Podem pedir que não fira
Mais este povo!... Por mim,
Na lyra, n'uns sons carpidos,

Hei-de pedir tres pedidos,
Hei-de pedil-os assim.

São pedidos de mancebo,
De portuguez, de christão,
São todos do coração,
Todos que n'alma concebo
Da inspiração, que recebo
Da minha terra natal,
Porque um peito de tal casta
Só deseja, e só lhe basta
Deus, amor e Portugal.

Mancebo, peço uns amores,
Um peito que intenda o meu,
Um anjo, como os do céu,
Mais lindo que as lindas flores:
Peço uma alma, onde os ardores
De minha alma vão beber
Um goso, que a sede mate,
Uma alegria, um remate
Aos sonhos do meu viver.

Portuguez, peço uma terra
Que me seja patria e mãe,
Patria qual foi, qual ninguem
Nunca teve, antes que a guerra

Fosse á cabana da serra,
Á cidade, ao prado, ao val
Perseguir o rei e os povos,
Com leis novas, usos novos,
Pôr em lucto Portugal.

Como christão peço um templo,
Onde se adore com fé,
Templo qual foi, qual não é,
Esse que ora ahi contemplo;
Um que aos homens seja exemplo
De piedade, e d'amor;
Peço essa crença d'outr'ora,
E sobre o descrer d'agora
Alçada a Cruz do Senhor.

São tres pedidos, são poucos,
Não tenho mais que pedir;
Mais não quero; oh! se os ouvir,
Se ouvir Deus estes sons roucos,
Sons que a turba chama loucos,
Porque não ama, nem crê!
Se o novo anno me désse
O sonho da minha prece,
Em que esta alma se revê!

Sonho formoso, sonhado
Ha tantos annos em vão,
De portuguez, de christão,
Sonho d'amor não logrado!
Se o novo anno fadado
Não fosse em hora fatal,
Eu nas cordas da alegria,
Na lyra cantara um dia
Deus, amor, e Portugal.

V

ORAÇÃO DE LEONOR

Lua e sol são duas rodas,
Uma d'oiro outra de prata,
Que o pae do céu, que nos mata,
Ás creancinhas deu todas;

O cristal que se desata
Sobre alcatifas do prado
Vem lá d'um rio sagrado,
Que tem as nuvens do céu,
Á noite mais estrellado,
Do que a varzea tem papoulas,
Inda tem mais lentejoulas
Do que o meu candido véu.

E o Deus Senhor, que me deu
Nas faces lindeza tanta,
Ouve os hymnos que descanta
O celeste Cherubim,
E tambem me escuta a mim
Se minha madre levanta
Mãos da sua Leonor
Ao pod'roso Creador,
E comigo diz assim:
«Dai á filha da minha alma
«Vida eterna e salvação,
«Dai-lhe paz no coração,
«Dai-lhe verde e casta palma!
Ao cabo me estampa um beijo
Sobre os labios de rubim,
E farta novo desejo
Em meu collo de marfim.

E o Deus Senhor que me deu
Nas faces lindeza tanta,
Ouve os hymnos que lhe canta
Todo o vivente da terra,
Ou seja mouro ou judeu,
A pastorinha da serra,
O cançado lavrador,
Ouve melhor o christão
E a innocente canção
Da formosa Leonor!

VI

A CRUZ

Pelas nuvens c'roada, lá no alto,
Quem, doce e triste e grave e rude e santa.
Assim, singela Cruz, longe das turbas
Te alevantou no monte?

Das aldêas o filho, inda na crença,
Na crença d'outros tempos que passaram,
Ao monarcha do val te deu diadema,
Ás preces convidando?

Ou foi monge piedoso, que ora vaga
Perseguido e sem pão, ahi cravar-te
Na terra e na memoria ao viandante,
Como esperança unica?

Salve singela Cruz!—Que não te vejam
Lá da cidade os olhos do progresso,
Senão traz logo o camartello alçado
Na mão niveladora!

Ó symbolo da fé, padrão sublime
De gloria e d'amor, veste mais musgos,
Esconde-te nas silvas e nas heras
Aos olhos da impiedade!

Não podem ver-te, ó Cruz, embora tenhas
Esses braços abertos carinhosa,
E os homens todos como filhos chames
Do Senhor á herança!

Mas eu, d'ousado, tangerei na lyra
Aqui, em teu louvor, sem que me importe
O riso da cidade, se algum dia
Lá lhe chegar meu canto!

Quantos suspiros na soidão da tarde
Ha mandado a teus pés o velho errante,
E quantas vezes lhe restauraste alentos
Para as dores da vida!

Que triste peso de intranhavel magoa
Á donzella infeliz aligeiraste,
Vindo aqui assentar-se, e d'aqui vendo
Já dourado o futuro!

Quantos labios da morte sequiosos
Em beijar esta pedra acharam vida!
Que de prantos vertidos n'estas heras
Em perolas mudaste!

Aqui cingida dos abraços do homem,
Das flores da mulher e dos sorrisos
Da infancia innocente, és como a ave
C'os filhos sob as azas!

O proprio crime, aqui, ao pôr-te a vista,
Quantas vezes terá nas mãos quebrado
O punhal homicida! Quanta esmolla
Arrancada ao avaro!

Salve, singela Cruz! —Mas não te vejam
Lá da cidade os olhos do progresso,
Senão traz logo o camartello alçado
Na mão niveladora!

∞

Eu, porém, de joelhos n'estas pedras
Quero adorar-te, ó Cruz, porque te vejo
Como aguia a pairar, só meditando
Rapinas ao inferno!

Quero adorar-te, ó Cruz, porque te creio
Da grande victima o altar erguido,
D'onde ao mundo desceu a luz e a vida
N'um baptismo de sangue!

Quero adorar-te, ó Cruz, porque á saudade,
Á saudade dos mortos, que é na terra
Das dores a peior, tu me apontaste
Onde eu esp'rasse ir vêl-os!

Quero adorar-te, ó Cruz, porque, enterrada
D'aqui no chão e d'acolá nas nuvens,
És entre a terra e o céu ponte segura
Por onde a Deus vai o homem!

Aqui te adoro, ó Cruz!—Mas não te vejam
Lá da cidade os olhos do progresso,
Se não traz logo o camartello alçado
Na mão niveladora!

VII

À LIBERDADE

I

Imperios nascentes, vetustos imperios,
Os thronos e os povos, quem faz agitar?
Quem pode c'os braços os dois hemispherios
Cingir, como os cingem as aguas do mar?

És tu, liberdade! És tu, que revolves
Os reinos, e os fazes do somno acordar;
És tu, que raivosa seus ferros dissolves,
Quaes ferros batidos das aguas do mar.

És tu, liberdade, rainha do mundo!
Mau grado aos tyrannos, és tu a reinar!
Mas olha... que rio, tão negro e profundo,
De sangue se casa co'as aguas do mar!

Que sangue em teu nome, rainha, que sangue!
E os povos oppressos de novo a chorar!
E de um despotismo, que abates exangue,
Mil despotas surgem, quaes aguas do mar.

Quaes aguas, que passam do leito a barreira,
Cidades e campos, e tudo a talar!
E tudo em teu nome, cuspindo a bandeira,
Qual vela cuspida das aguas do mar!

Sem sangue, bem vejo, formosa, innocente,
Tu sabes, tu podes sem sangue medrar;
Mas quanto em teu nome não vai, inda quente,
Juntar-se, perder-se nas aguas do mar!

És bella, e és forte, co'a força e belleza,
Que aos mares na face quiz Deus estampar;
Altiva como elles, de tanta braveza,
Com perlas, com monstros, quaes aguas do mar.

Serena, em teu seio mil rosas vecejam,
Revôlta, derribas um throno, um altar;
Serenos os mares, mil barcos velejam,
Revôltos, descoze-os a furia do mar!

II

Não vês? .. Em teu nome, se a Grecia lucrava
Nas leis de Lycurgo ser livre e crescer,
Depois, á tua sombra, rojar-se de escrava,
Rojar-se, rojar-se, sumir-se, morrer?!

Se Roma elevaste ás grimpas erguidas
Do seu Capitolio por livre se crer,
Não viste essas grimpas depois abatidas,
E Roma, em teu nome, captiva morrer?!

Não foste invocada por labios hispanos,
D'America o sangue e o oiro a beber?
Não viste esse povo curvar-se aos tyrannos
E á voz—liberdade—nos ferros morrer?!

Da Irlanda não ouves o longo gemido,
Gemendo em teu nome, gemendo a tremer?
No imperio «dos livres» um povo sumido,
Um povo de escravos, de escravo a morrer?!

Nas Galias que viste? Que vês inda agora?
Do bando d'abutres podeste esquecer
Um Robespierre, que diz que te adora,
Danton sanguinario, por ti a morrer?!

Esqueces a negra tenaz guilhotina,
De dia, de noite, constante a ranger?
Esqueces o brado da voz girondina,
Esqueces a França d'outr'ora a morrer?!

E a d'hoje? Repara... não vês esse fumo
Que o bronze vomita? Não ouves gemer?
Lá diz—liberdade!—E um povo sem rumo
Ás ondas nas ruas matar-se morrer?!

Aqui, olha agora, do Téjo as areias
Em sangue ensopadas, e o povo a dizer:
«Que és tu, liberdade, se ao som de cadeias,
«Se em rios de sangue nos fazes morrer?!

III

E tu, liberdade, sem sangue e sem ferros,
Bem podes, bem sabes, no mundo surrir;
Mas casam-te o nome aos nomes e erros
D'apostolos falsos, não podes florir!

Não podes, que a turba, que os passos te segue,
C'o fel dos partidos sedenta a rugir,
Descrê da tua força, só crê se persegue,
Esmaga-te os louros, não podes florir.

Esmaga os altares, os thronos esmaga,
As leis, os costumes, quer tudo alluir,
Espinhos semeia, de pranto os alaga,
Com prantos te rega, não podes florir.

Aos odios incensa, proclama vinganças,
Suppoem-se reinando n'um povo a fugir,
Derriba o passado, sem fé, sem esp'ranças,
Invoca o teu nome, não podes florir.

Dos laços mais santos faz brinco essa turba
Paixões ou int'resses no peito a nutrir,
A paz das familias despreza, perturba,
Aos ais embalada não podes florir.

Bem vês que faminta, ardendo em cubiça,
Do povo a agonia vai lenta medir;
Bem vês como a raiva se accende, se atiça
Co'a vista do ouro; não podes florir.

E como! Se as aras por ti consagradas,
Aos idolos falsos as vês prostituir!
Se em mal da justiça vês frontes c'roadas
De c'roas alheias; não podes florir!

E como! Se aos gritos, á voz «liberdade!»
Te algemam, te insultam, teu rosto a cuspir!
Ter crimes por throno quem pode? Quem ha-de?
Não sabes, não queres, não podes florir.

IV

E não, que és um astro, por nuvens toldado,
Por nuvens de fumo, não vejo o fulgôr;
Não vejo, e quizera mirar-te ajoelhado,
Meus cantos quizera sagrar-te d'amor.

Meu peito que é livre, mais livres tem hymnos
Que altivo soubera cantar-te em louvor;
Mas como? Se, errante, teus olhos divinos
Apartas da terra, que foi teu amor.

Que foi, que não sabe ser hoje o que fôra,
Que esquece esses tempos d'heroico valôr,
Que esquece lá quando da Hespanha oppressora
Seu jugo trocava n'um throno d'amor.

N'um throno que os bravos alçavam co'a lança
Que o peito varava de extranho senhor,
N'um throno fundado nas leis, e na esp'rança
D'um jugo suave, d'um jugo d'amor.

Mas hoje! Bem sabes, lá andas fugida!
Teu nome cá anda casado ao pavòr!
Se um dia volveras nas azas trazida
De tanta saudade! Que cantos d'amor!

Que cantos te eu dera! Pois tal qual a deixas
Dos lusos a patria d'antigo explendòr,
É minha, inda a amo, é minha, estas queixas
Trocára contente por hymnos d'amor!

Oh! sim, que nos labios amarga-me a lettra;
A lettra, que eu canto, tem fel e tem dôr;
Dos labios caindo no seio penetra,
Desbota ca dentro, desbota este amor.

Amor que tão bello, tão grande seria,
Se em vez do teu templo não visse esse horror!
Se em vez d'esses males, da patria a alegria
Meus prantos trocasse por cantos d'amor.

VIII

CANTICO

Gloria a Deus entre os fumos do incenso,
Entre os gratos perfumes da flor,
Gloria a Deus, porque é bom, porque é immenso,
Gloria a Deus entre cantos d'amor!

Amo a Deus, porque na selva
Das folhas o susurrar,
E as esmeraldas da relva,
E as ondas do bravo mar,
O canto das avesinhas,
A branda luz do luar,

Da montanha as ovelhinhas,
Das fontes o murmurar,
E do céu as lentejoulas,
E da campina as papoulas,
Tudo, tudo o ensina a amar.

Deus é grande ou no valle ou na serra,
Ou no sol ou da noite no véu,
Deus é grande ou no mar ou na terra,
Deus é grande ou no inferno ou no céu!

Amo a Deus, porque Elle é fonte
Das galas que o mundo tem,
Cria os penedos do monte
Cria-lhe as flores tambem;
Amo a Deus, porque a ventura
Só de Deus á terra vem,
Porque as horas da amargura
Se acabam no infindo bem;
Amo a Deus! porque minha alma
Quer ceifar a eterna palma
Da eterna Jerusalem.

Deus é forte, é dos fortes o forte,
Rei dos reis, mais formoso que o sol;
Nas procellas da vida e da morte
É aos tristes perpetuo pharol

Amo a Deus, porque as arêas,
Que espalha irado o tufão,
São provas de provas cheias
Do author da criação;
Amo a Deus porque o conheço
No estampido do trovão,
Porque o raio no cabeço
Seu nome escreve no chão;
Porque o repetem os mares,
E dos indicos palmares
O tigre sem coração.

Deus é justo, a virtude premêa,
Dá-lhe as glorias da gloria eternal,
E nos seios do abysmo incendêa
A maldade entre os anjos do mal.

Amo a Deus, porque da aurora
A rôxa, mimosa côr,
E os puros cristaes que chora,
Dizem-me aos olhos amor;
Diz-m'o a conchinha do rio,
Diz-m'o a estação do calor,
Os gelos do inverno frio,
Do outomno os fructos, e a flor
Da risonha primavera,

Diz-me o tronco, diz-me a fera:
Ama a Deus, ama ao Senhor!

Deus é bom, e seus cofres de graça
Abre á dôr, que do peito o chamou;
Deus é bom, e do pobre á desgraça
Nunca falta, se a fé não faltou.

Amo a Deus, porque Elle é vida
Da vida de todo o ser,
Porque a luz, nos céus nascida,
Me veiu pôr na alma a arder;
Amo a Deus por seus favores,
Porque é Deus, por n'Elle ver
Tanto amor aos peccadores,
Que quiz por elles morrer;
Amo a Deus, porque no peito
Diz-me intima voz que o effeito
Deve a causa amar e crer!

Gloria a Deus entre os fumos do incenso,
Entre os gratos perfumes da flor,
Gloria a Deus, porque é bom, porque é immenso,
Gloria a Deus entre cantos d'amor!

IX

O JUIZO DE SALOMÃO

No eburneo throno assentado
Era o sabio Salomão;
Em torno o povo apinhado,
Soldados d'armas na mão;
Alli patente exercita
As justas leis, que medita;

Alli póde o Israelita
Como a pae fallar ao rei;
Não tem véus a magestade,
Nem inda astuta maldade,
Mudando a côr á verdade,
Torce alli justiça e lei.

Duas mulheres, que a vida
Trazem solta contra Deus,
Vida d'amores perdida,
Perdidos talvez os céus,
Eil-as, a turba estremando,
Fronte curva, e abafando
Gemidos de quando em quando,
Aos pes do rei vão cahir:
Era um caso horrendo e novo!...
—De contal-o me commovo!—
Fez-se silencio no povo,
Tudo quer ver, quer ouvir.

«Senhor, ambas nós vivemos
«Vida egual no mesmo lar,
«Estes filhinhos tivemos
«Fructos do mesmo peccar;
«Quando de noite eu dormia,
«Esta mulher se erguia,
«E em vez da minha essa fria

«Morta criança deixou;
«O meu filho é este, é lindo,
«O d'ella aquelle; dormindo,
«Descuidosa, ou não sentindo,
«Ou n'algum sonho, o matou!

Assim fallou a mais bella,
Respondeu-lhe a outra — «não,
«Meu filho é vivo, foi ella
«Que m'o trocou por traição!
«—Não fui, Senhor! — exclamava
Com magoa a outra, e beijava
O filhinho, — «eu não trocava
«O meu filho por nenhum!
«—Por esse vivo o trocaste
«E este morto me deixaste!
«—O vivo é meu, tu mataste
«O teu, agora ha só um.

Eis que o rei disse — «uma espada
«Aqui me tragam... cortai
«A criança desejada
«Em duas partes, e dai
«Uma parte a cada uma,
«Não se queixa assim nenhuma,
«E assim ha-de á mãe alguma
«Caber do filho porção.

«—Oh! Senhor, Senhor, piedade!
Diz a mais bella,—quem ha-de
«Querer d'um filho metade
«Por tal preço? A morte! não!

«Senhor, Senhor, antes todo
«Vivo, inteiro a ella só!...
E a supplicar d'este modo
Chorava, que punha dó!
«—A minha metade quero,
Disse a outra: mas severo
Volve o rei—«Teu peito é fero,
«Materna entranha não tem;
«Aquella sim, é mais bella,
«N'alma e corpo, o filho é d'ella:
«Justiça, quero faze-la,
«Dê-se o filho a sua mãe.

X

A ALAMPADA DO SANTUARIO

A noite vai alta,
E o templo se esmalta,
E a mente se exalta
Co'a languida luz;
Mil sombras correndo,
As aras tremendo,
O mocho gemendo
Nos braços da Cruz!

Da alampada cego,
Em cru dessocego,
Á roda o morcego
Lá anda a voar;
Mais cega, amorosa,
Fugaz mariposa
Vai louca e teimosa
Na chamma acabar.

A chamma crepita,
Soluça, e excita
Na vista finita
Infindo pavor;
Agora brilhante
Na lousa distante
Desenha um gigante
De pallido alvor.

Depois moribunda,
De trevas inunda
A arcada profunda,
As naves e o chão;
Eis logo murmura,
Levanta-se pura,
E na sepultura
Verte aureo clarão.

Mas o oleo fenece,
E a chamma estremece,
Vacilla, e parece
Queixar-se e gemer;
Na lucta co'a morte
Seu brilho é mais forte,
Inda mais é a sorte
De em trevas morrer.

Morreu! Ah! como ella,
Ó moço, ó donzella,
A vida mais bella
Tambem perde a luz;
Ao menos inveja,
Procura, deseja,
Como ella que seja
Á sombra da Cruz!

XI

A VOZ DO SOLDADO

Patria! Patria! Que voz esta
Do soldado ao coração!
Se o facho da guerra cresta
As outras almas em vão,
A do soldado, creada
C'o ferro da sua espada,
A do soldado, essa não.

Não andou em vão na guerra,
Nem foi debalde o clamor,
Que, estrugindo valle e serra,
Soltava ao longe o tambor;
Quando viu o irmão exangue,
Quando lá viu tanto sangue,
Cresceu-lhe no peito o amor.

O amor á patria! Por ella
O pae, a mãe cá deixou,
Deixou mais, deixou a estrella,
O sonho que mais sonhou;
Mas da guerra ao brado—ávante!
Nem pae, nem mãe, nem amante,
A patria só lhe lembrou.

Lembrou-lhe só! E já quando,
Outra vez sentado ao lar,
Passada a guerra, chorando
Dos que amou nenhum achar;
Velho embora ou desgraçado,
Se querem ver o soldado
Vão-lhe na patria fallar!

Fallem, fallem-me na terra,
N'esta terra em que nasci,
Que eu fui soldado e na guerra
Já por ella combati;
Outro amor não tenho n'alma,
Cravado a ferro, é a palma,
A palma que tenho aqui!

Nem outra quero; nem valem
Sanhas de irmão contra irmão;
N'essas sanhas não me fallem
Que de soldado não são;
Patria! Patria! É este o brado,
É a crença do soldado,
A crença do coração.

Que importam vaivens da sorte?
Nossas discordias civis?
Que importa a fome ou a morte?
Quem é que a patria maldiz?
Á sua voz irei de novo,
Irei, que sou d'este povo,
Defender o meu paiz.

Dorme a espada na bainha,
Mas o seu somno é leal,
Que do braço que a sostinha
Não esquecerá o signal;
Basta um brado, e acorda a espada,
Ha-de acordar empunhada,
A esta voz—Portugal!

Esta voz! Ai! Que voz esta
Ao que já na guerra andou,
Ao que d'ella lhe não resta
Mais que a espada que levou!
Portugal! Que importa a sorte
Negra ou bella? Em vida ou morte,
Portugal, teu filho sou.

Sou teu filho; e ao só teu nome
Irá sempre á espada a mão,
Quer descarnada co'a fome,
Quer cançada a pedir pão!
Patria! Patria! É este o brado,
É a crença do soldado,
A crença do coração!

XII

NOSSA SENHORA DO PRANTO

I

Vai alta a noite! Um luzeiro
Não se vê no céu luzir,
E a nobre villa d'Aveiro
Tão socegada a dormir:
Não dorme toda, velava
O velho *Affonso*, e resava
Á Virgem mãe dos christãos;
E o velho jaz entrevado,
Como com pregos cravado,
Tolhido de pés e mãos!

Jaz entrevado, mas dôres
Não podem matar-lhe a fé,
A Virgem é seus amores,
N'outros amores não crê;
E já de longe a piedade
Traz estreita esta amizade,
Que dos verdes annos vem;
Tão sabida e tão fallada,
Por toda a villa espalhada,
Que não n'a ignora ninguem.

O velho *Affonso* resava,
Mas sem c'os labios bulir,
Olhos do corpo cerrava,
Mas sem com elles dormir,
Era n'alma a prece ardente,
N'alma sã, pura e contente,
Era lá todo o fervor...
Eis seu nome escuta... e logo
Abre os olhos, vê de fogo
Acceso um raro fulgor!

Não é mais clara e brilhante
Do sol a brilhante luz,
Nem derretido diamante
Em rios manando a flux,
Nem d'archanjo brilhou aza,

Como d'*Affonso* na casa
Aquelle fogo a brilhar!
No meio da chamma pura
Que celeste formosura,
Que nova luz a raiar!?

Dos anjos era a Rainha,
Era a filha de Jacob;
Em rosal ardente vinha
A rosa de Jerichó!
E o feliz velho tremia
Na torvação, na alegria,
Mas em seu goso a adorou;
Fallou-lhe a Virgem... não cabe
O pobre em si, mas quem sabe,
O que a Virgem lhe fallou?!

II

—Quem bate á porta do Infante,
Filho do Mestre d'Aviz?
—Um velho.—Que quer?—Não diz.
—Inda o sol anda distante,
Mais logo se te abrirá.
—Abride que sou *Affonso*...
O pagem resa um responso,
Como quem vê cousa má!

—O *entrevado!* mas d'onde,
Quem o remedio te deu?
Apontou-lhe para o céu,
E mais nada não responde,
Nem á turba que o seguiu,
Que em torno mirando pasma,
Como se visse fantasma,
Que do sepulcro fugiu!

—Do Infante quero audiencia,
Bom pagem, leva-me lá,
Que uma embaixada terá
Do reino da omnipotencia!
E o pagem logo o levou
Ao Infante, que o que via
D'admirado o não cria,
Quando o entrevado fallou:

—Com meus olhos peccadores
Vi, Senhor, a Mãe de Deus,
Oh! que a vi, desceu dos céus
Entre gloria e resplendores;
E disse-me,—*Affonso*, vem,
Tomá uma enxada, e meus passos
Vem seguindo... e achei meus braços
Achei as pernas tambem!

Fui-me traz ella, e passada
A Porta do Sol quedou,
Alli então se assentou,
Ao pé do muro, na escada;
Depois do seu servo quiz,
Que a enxada no descampado
Lá deixasse assignalado
Um bom pedaço, o que fiz.

Disse então — que o Infante tome
Para um mosteiro este chão,
De São Domingos serão
Os frades, e meu o nome;
Vai e dize-lh'o assim,
Dize, sou eu que te mando...
Mas eu volvi-lhe hesitando,
E a tal me mandais a mim?

Eu homemzinho, e coitado
Tamanha embaixada dar!
Oh! não me ha-de acreditar,
Nem ouvir o meu recado.
Vai, de novo me tornou,
Serás crido em te elle vendo
Posto em pé, e requerendo
Por quem te desentrevou!

III

Por villa d'Aveiro em fóra
Aonde vai o Infante agora
Com toda a gente melhor?
Tão galhardo e feiticeiro
Não viu a villa d'Aveiro
Nem Infante, nem Senhor!
A Porta do Sol passara....
Mas eil-o que logo pára,
E pára tudo ao redor.

Foi-se a cumprir o mandado
Da Virgem, la desenhado
Do entrevado pela mão;
E pelas suas o Infante
Lança a pedra que ao diante,
Sustenta o templo Christão;
Depois n'um altar que erguia,
A primeira missa ouvia
Com piedoso coração.

Faltava o nome; qual deve
Dos passos que a virgem teve
Ao mosteiro o nome dar?

Aquelle em que viu sentida
Sem vida a fonte da vida
Nos seus braços reclinar:
E do caso com espanto
Nossa Senhora do Pranto
Se começou a chamar.

XIII

DIA D'ANNO-BOM

D'aqui, d'esta porta do anno,
Saudemos o anno novo,
    Que lá vem;
Que venha do mal em damno,
Que o traga Deus a este povo
    Para bem.

Bem vindo, se ao rico e pobre
Der, em vez d'horas infestas,
Riso e pão;
Se ao plebeu der, como ao nobre,
N'estas festas boas festas,
Das que o são.

E são no mundo, são tantos,
N'este dia, d'olhos fitos,
A esp'rar!
Com tristes olhos em prantos,
Com desejos infinitos
Por lograr!

Lograr, lograrà bonança,
N'estas borrascas da vida,
Portugal?!
Se todos teem uma esp'rança,
Que esta não fique perdida
Por seu mal!

Mal haja quem no futuro
Da patria desconsolada
Não tem fé!
Inda este reino ha-de, puro
E de fronte engrinaldada,
Pôr-se em pé!

Em pé erguido, evocado
Ao nome, que o mundo inveja,
D'alto som!
Oh! Seja n'este anno esp'rado,
Por que este dia bem seja
D'anno-bom!

XIV

A MULHER

Gelada philosophia
Te insulta sem coração,
Mulher! Mas fallam em vão
As más linguas que ella cria!
E não tens de que corar,
Que de certo os maldizentes
São das hervas descendentes
Ou dos rochedos do mar.

Não são teus filhos, coitados,
Não são teus irmãos ou paes,
Nem gemeram brandos ais
A teus pés ajoelhados;
Na terra existem ahi,
Vêem a mulher, mas sem vêl-a,
Sem ver a luz d'essa estrella
Com que Deus os guia aqui!

Se os philosophos souberam
Ler na face da mulher,
Em seus olhos aprender
Melhor sciencia poderam!
Pois não vêem manar-lhe a flux
Dos labios celeste riso?
Pois não vêem do paraiso
Nos olhos accesa a luz?

Não é d'anjo a voz macia,
Que, vencendo almo pudor,
Nos diz ternura e amor
Com tão mimosa harmonia?
Aquelle encanto só seu,
Graças e mimos só della,
Aquella rosa tão bella
Não vem do rosal do céu?

De quem é, homem, que bebes,
Com o leite, o mal e o bem?
Riso ou dôr que a vida tem,
Não é d'ella que os recebes?
E os bens e os risos são seus;
Os males não; aprendidos
De costumes corrompidos,
Esses, ó homem, são teus!

E a quem á terra só veiu
Por te servir, por te amar,
De irmã tua lhe chamar
Parece que tens receio!
Se o teu orgulho não quer
Chamar anjo á formosura,
Deixando ingrata loucura,
Chama-lhe ao menos mulher.

Não pertence á humanidade,
Dizes tu, impio, e não vês
Do seio cahir-lhe aos pés
Humanada a Divindade?!
Se em ti a crença inda tem
Algum poder, pensa n'isto,
Pensa que Jesus-Christo
Foi homem por sua mãe!

E não me apontes o Oriente,
O paiz da escravidão;
Não te acolhas ao Crescente
Se és philosopho christão!
Que vale que o vicio a mude,
Se a mulher sem ter virtude
Já mulher não póde ser?
Faze-a livre, e crente, e pura,
Verás da alma a formosura,
Com que te sabe render.

Ao cioso mahometano
Que vale o fechado harem,
Se amor de escrava a tyranno
Do coração lhe não vem?
Que importam centos de bellas,
Se uma só em todas ellas
Livre em seu gosto não ha?
Que importa matar desejos,
Que importam, louco, esses beijos,
Se só vendidos t'os dá?

Co'a alma nua d'esp'ranças
Como ha-de a escrava saber,
Que, alem de jogos e danças,
Tem mais gosos a mulher?
D'esses gosos não sabidos

Como ha-de trazer-te enchidos,
Os dias que vão e vem?
Se, dos paes perdida a trilha,
Ella não sabe ser filha,
Como ha-de saber ser mãe?

Embora os astros lhe apontes,
Embora mostres os céus,
E uma a uma lhe contes
As maravilhas de Deus,
Ha-de dizer-te — que importa,
Se eu tenho fechada a porta,
Que leva ao reino da luz?
Que importa, se em vida e morte
Sou proscripta, e minha sorte
Nunca propicia reluz?

Lá, quando a dôr te accommetta,
Quando rir teu coração,
As filhas do teu propheta
Pranto e riso te darão?
Ouvirá c'os teus ouvidos,
Sentirá c'os teus sentidos,
Viverá do teu viver?
Oh! que não! — Solta-lhe os ferros,
Despe-lhe a alma dos teus erros,
E a escrava será mulher!

XV

OS MAGOS

I

Alva estrella refulgente,
No Oriente,
Accendida de repente,
Derrama extranho clarão;
Os povos pasmam de vêl-a
Por tão bella,
Os Magos conhecem n'ella
A estrella de Balaão

Mais de mil annos havia,
    Prophecia
Scismada de noite e dia,
Cumpriu-se emfim; que fulgor!
N'elle, ó mundo, não penetras,
    Não soletras
Nos raios ignotas lettras,
Nas lettras ignóto amor!

Os Magos sim, olham, vendo;
    Viram, crendo,
N'essa estrella resplendendo
A boa nova, que teem;
Lá partem á luz da estrella,
    Sem perdel-a,
Caminham guiados d'ella...
Eis entram... Jerusalem!

II

A estrella toldou-se,
Sumiu-se, apagou-se,
    No céu!
    Foi véu,
Do céu por imperio,
No véu do mysterio!

E os Magos entrando,
Seguindo, chegando,
Sem vêr!
Sem ter
D'Herodes receio!
Ai, Magos, temei-o!

Temei-o, que a estrella
Perdeu a luz d'ella
No céu!
E o véu
Da estrella toldada,
Diz senda trocada.

E os Magos seguindo,
Entrando, vão indo,
Sem vêr!
Sem ter
D'Herodes receio!
Ai, Magos, temei-o!

III

—D'onde vindes?—Do Oriente.
—Quem buscais?—O que a luzente
Estrella apontou dos céus.

—Vós a vistes?—Oh! bem vista,
E trás da lucida pista...
—Buscais?—O rei dos judeus!

—O rei!—Sim, mas tal que a terra,
Que tantos thronos encerra,
Degráu do seu mal será!
—Quem é pois?—Monarcha novo,
Nascido d'entre o teu povo,
D'entre o povo de Judá.

—Ides vêl-o?—Adoral-o.
—Ide, correi procural-o,
Do que achardes me direis;
Ides?—Vamos.—Fico esp'rando
Para ir tambem, adorando,
Vêr esse assombro dos reis.

E d'Herodes despedidos
Os Magos partem; perdidos
Partem debalde talvez...
Mas não, que a estrella toldada
Evóca a chamma apagada,
Nasce nos céus outra vez.

V

Os Magos entraram... viram...
E em joelhos cahiram,
Cegos da luz;
Nos braços da mãe fulgia,
Mais que estrella e mais que o dia,
O seu Jesus.

Adoram alli prostrados,
Co'os aureos sceptros curvados
Na adoração,
As c'roas frageis do mundo,
Já com respeito profundo,
Rojam no chão.

Cada qual dá seu thesouro;
Este aqui lhe offerta ouro,
De rei signal,
Aquelle na mão tremente
A myrrha traz recendente,
Como a mortal.

O terceiro, em sobresalto,
Ergueu a mente mais alto,
E viu os céus;
Viu Christo, o filho do Immenso,
E a seus pés deitou incenso,
Como a um Deus!

VI

Á patria voltando,
Não entram os Magos
Em Jerusalem;
Por sonhos presagos
Um anjo fallando,
D'entrar os detem.

Debalde has-de, Herodes,
Esp'ral-os, scismando
O Christo onde está;
Debalde é que podes
Andar degolando
A innocente Judá.

Não ouves? os anjos
Cantando victoria?
Teu odio que faz?
O côro d'archanjos
A Deus diz — gloria,
Aos homens diz — paz!

XVI

HOSANNA

Do astro dos astros a rubida chamma
Já brilha, já ferve nas ondas do mar;
Do estro esse fogo, que mundos derrama,
Nas ondas do peito já sinto brilhar.

Ao sol abraçado meu estro surgira,
Um raio outro raio na mente accendeu;
Enrosca-te, ó lume, no braço da lyra,
Revôa, minha alma, por terra, por céu!...

Descanta na selva seus hymnos a briza,
Descanta nas balsas plumoso cantor,
Descanta a fontinha, que além se desliza,
E o ecco da serra, louvando o Senhor.

As vagas, ao longe, lá vem uma e uma
Beijar negro saxo, cantar, e morrer;
A rôxa violeta, que as veigas perfuma,
Aos carmes da abelha sorri de prazer.

O armento mugindo, que moços dirigem,
O sino d'aldeia, nas vozes, que dá,
Montanha, que se ergue ao céu, sua origem,
O insecto zumbindo, que diz?—Jehová!

Senhor! Ao teu nome repitam Hosanna
Os campos, as nuvens, a terra, e os céus;
Celeste linguagem, linguagem humana,
Os turcos, os moiros, christãos, e judeus!...

Hosanna!... E lá dormes, cidade, inda quèda!
E a choça já vive, já disse—aqui estou;
Que a choça, mal veja luzir na alameda,
Sorri-se, ajoelha, medita, e rezou!

Que vista!... D'aljofar a relva se touca.
Argentea cortina desdobra-se ao sul,
Fugaz borboleta se esmalta, de louca,
Longinqua montanha se veste d'azul.

Nas mãos verdejantes seus fructos offerta
Cerrada phalange de escuro olival,
E um Deus lh'os recebe na dextra, que aberta
Em bençãos lh'os paga d'amor paternal.

Nas aguas do rio, qual cysne, a zagala
Se ri, se espaneja, se mira, e revê,
E a lympha contente nos braços a embala,
Que a perla dos mares mais linda não é.

Avulta na encosta pastor com a flauta,
D'amor entornando torrentes a flux,
Donosa alcatifa, co'as galas incauta,
Dos sons namorada, aos pés lhe reluz!...

Hosanna!... E lá dormes ainda, ó cidade!
Mal haja teu somno, teu vil resonar,
Engeitas o dia, no dia, quem ha-de,
Das iras do Eterno, fazer-te acordar?

Refrange mil raios o gêlo tão pulchro
Na fronte escalvada dos montes d'além,
Refrange mil raios a Cruz d'um sepulcro,
Que nauta perdído na praia alli tem!

E as azas d'um barco revelam-se, ao longe,
Phantastica pomba no lago a dormir,
Da Ermida nas portas acena-lhe o monge,
Que á beira das aras lhe fada um porvir!...

Hosanna! E lá dormes, cidade maldicta!
Que ás portas o inferno te bata, oxalá!
Desperta co'estrondo, tua voz lhe repita,
Baldada n'essa hora,—perdão, Jehová!

Ah! surge, não durmas, ó nova Sodoma,
No leito dos vicios sonhando co'a paz;
Teu sonho desfaz-se... das pedras de Roma
Sacode-lhe a cinza... só lês—aqui jaz!

Nem sceptro te val, por doce, ou por féro,
Nem genios teus filhos, nem marcios trophéus,
A mãe d'um Virgilio, d'Augusto, d'um Nero,
Tombou-a co'as azas a furia dos céus.

Debalde exclamáras — regeu-me Dom Pedro,
D'Ignez o amante, cantou-m'os Camões!
Na fonte amorosa, repara, ao grão cedro
Metteram-lhe os hombros sedentos tufões!

Arrojo das ondas a rocha lá vejo
Do regio proscripto, que immobil, em pé,
Das Gallias á c'roa dispara um desejo,
E a d'elle em escumas na praia não vê!

Alli fadigosa sua alma lhe estampa
Victorias passadas, o Cairo, Austrelitz,
Mas logo co'as garras aponta-lhe a campa
Uma aguia, que morre aos pés d'aurea lyz!

Tamisa orgulhoso, se agora te ufanas
Co'as pareas, que envergam teus mil coruchéus,
Não tarda o futuro, que ás margens tyrannas
Com funebres fados te erija escarcéus!

Que importa á cidade, que importa o futuro?!
Lá dorme inda quêda!... Não dorme, já não:
Hosanna! Lá brada no bronze, que escuro
Se curva e balança, dizendo — oração!

Das praças, das ruas, de marmor nos braços
Gentil se espriguiça dos astros a flôr,
Grinaldas de raios pendendo-lhe a espaços,
A pedra fulgura co'a limpida côr.

Eis nuvem de seda com fórmas de nympha
O astro recata com raro sendal;
Parece nadando por baixo da lympha
No banho da tarde formosa vestal.

O céu! Que oceano! Cerulea campina
Sem raias, sem fundo, das auras mansão,
Paiz do crepusc'lo, da aurora divina,
Dos carmes ignotos da ignota Sião!

E a luz, que da tarde nos labios soluça,
Arqueja, esmorece, dos labios lhe cahe!
O roble saudoso do val se debruça,
A rôla sentida modula-lhe um ai!

Nas ondas aereas, que agita a palavra,
Adejam perfumes, vapores sem fim;
As aves, os echos, e a lua, que lavra
Segredos e amores co'a mão de marmim!

Que livro de fogo por noites escripto!
Que esp'rança á minha alma, que o livro não dá!
Nas lettras que ajunto, descubro o infinito,
E lettra por lettra me diz — Jehová!

Senhor! Salve, salve! —Nos ocios da gloria
Do cahos ás trevas bradaste — sê luz!
E a luz descobriu-Te, na immensa victoria,
Os orbes, o espaço, a terra, e uma Cruz!

Hosanna! E recolhes os hymnos da terra
Desejos e vistas, que o homem te deu;
O vago murmurio do bosque, da serra,
Das ondas, do abysmo, dos anjos, do céu!

Do céu; que nas harpas de cordas infindas
Eterna harmonia te dão cherubins;
D'ethereos arbustos por sombras tão lindas,
Em claro tapete d'ethereos jasmins!

E o facho accendido d'um Phydias na alma
Brotando viventes ao som do cinzel,
Foi hymno, foi joia, foi lucida palma,
Eterna engastada no eterno laurel.

D'Apelles as tintas, canções do Meónio,
D'Amphião melodias, de Newton as leis,
A espada invencivel do grão Macedonio,
O sceptro dos genios, e o sceptro dos reis;

São lyras só tuas, são vozes sonoras,
No mundo o teu nome divino a cantar,
São perlas cahidas das frontes d'auroras
N'um riso sublime dos risos sem par!

Hosanna!... E teu nome retumba de immenso
Nas aguas, no inferno, na terra, nos céus;
E o canto do bardo, casado co'incenso
Por brizas soprado, se abraça ao seu Deus!

XVII

O SONHO DA ACTRIZ

Não sei se vos deva contar, em voz alta,
Um sonho que eu tive. Os sonhos que são?
Mentiras. Apenas com elles se exalta
Ás vezes um pobre, leal coração.

E a gente que sonha, que sonha baixinho,
Talvez c'o seu anjo n'essa hora a fallar,
Expor-se ao escarneo do mundo mesquinho?!
Que dizem? Que conte?... Lá vai, vou contar.

O sol era posto, por tarde formosa,
Por uma das tardes do meu Portugal,
D'aquellas que tingem o céu côr de rosa,
D'aquellas que eu amo, que são sem rival.

Á beira do Téjo, sósinha, sentada,
Tão triste, tão triste!... De triste dormi;
Que ha magoas tamanhas que uma alma cançada
Ao corpo se rende, como eu me rendi.

Dormia. Eis que vejo patente a meus passos
Da gloria o caminho, qual sol a fulgir!
Ergui-me d'um salto, convulsos os braços,
Atiro-me á estrada... tudo isto a dormir.

Das artes o genio, c'roado de louros
Com gesto risonho tomou-me esta mão,
Guiou-me onde guarda seus ricos thesouros,
Ao seu capitolio, e lá... disse então:

Longe d'hastea onde brotara,
Murcha, enrola, e sécca a flor;
Longe d'agoa que o criara,
Morre o peixe nadador;
E o que nos bosques cantara,
O rouxinol trovador,
Longe da verde guarida,
Perde o canto e perde a vida!

Sumiu-se. Eu fiquei-me pasmada, e cá dentro,
Então renascendo, senti-me viver,
Senti que encontrava de novo o meu centro,
Alampada morta, senti-me accender!

Senti que era arbusto d'alli oriundo,
Nem tinha outra patria... no mundo ideal...
A patria do artista; que cá n'este mundo
Bem sei que sou filha do meu Portugal.

Começo, qual pomba do vôo esquecida,
Começo co'as azas o vôo a tentar,
Mas eis que em seus vôos a briza atrevida
Sacode-me ás faces a espuma do mar.

Acordo!... Era sonho das artes o templo
Aberto de novo á gloria da actriz;
Um sonho sómente, e a actriz um exemplo
Do que é ser proscripto no proprio paiz!

Mas isto são cousas que eu conte em voz alta?
Que valem os sonhos? Os sonhos que são?
Mentiras.—Que importa? Com elles se exalta
Ás vezes um pobre, leal coração.

XVIII

DIA DE FINADOS

Dobra o bronze na torre! Que dobre
Ribombando tão triste no val!
Dobra o bronze, e de lucto se cobre
Hoje a egreja ante a Cruz sepulcral!

Ai! O dia dos mortos é hoje,
E na crença d'um Deus Redemptor
Inda o pó já disperso, que foge,
Acha vozes d'esp'rança e d'amor.

Chora a mãe o filhinho, qual rosa
À pender c'o chorar da manhã,
Chora o esposo na lousa da esposa,
Chora o irmão no sepulcro da irmã.

Choram todos, de todos no dia,
Que não ha quem da vida no mar
Já não visse, co'a rôxa agonia,
Adorado baixel naufragar.

Mas com todos, por todos, a Egreja,
N'esse bronzeo luctuoso pregão,
Quer de todos, por todos, que seja
A saudosa carpida oração.

E de negro trajada co'a magoa,
E nas aras co'a fé pondo luz,
E resando, e aspergindo benta agoa,
Mostra abertos os braços da Cruz.

Oh! Resemos unidos com Ella,
Ajoelhemos no chão que benzeu,
Que na noite da morte uma estrella
De radiante perdão ha no céu!

XIX

O FESTIM DE BALTHAZAR

I

Brando o sol esmorecia,
E da tarde a viração,
Nas folhas seccas do chão.
Já cantava o fim do dia:
Louvores do Senhor Deus
Cantava, no captiveiro,
Um velho, em solo estrangeiro,
C'os olhos fitos nos éus.

Reluz-lhe a fronte já calva,
As faces rugosas tem,
Té á cintura lhe vem
A barba comprida e alva;
Que magestoso não é
Entre as ruinas da edade!
No meio da tempestade
Parece o cedro de pé!

Puras aguas fugitivas
Ás plantas lhe vão passar,
Vão-se-lhe á volta assentar
Lindas donzellas captivas;
São quaes purpureos botões,
Que das roseiras do estio
Pendem á beira do rio,
Ouvindo aereas canções.

E o velho canções cantava,
Tão saudosas do Senhor!
E canções d'antigo amor
Da patria, por quem chorava.
Ah! que patria que elle tem!
Não lhe ouvis por entre o canto
Murmurar um nome santo?
Não lhe ouvis Jerusalem?!

Mas contra este nome lucta
Horrendo tumultuar!..
Era em seu impio folgar
Babylonia a prostituta.
Folga, cidade infiel!...
Folga, folga, o tempo expira...
Já sobre ti desce a ira
Do Senhor Deus de Israel!

Não te valem esses muros
De Nabucodonosor,
Nem o cinzel do esculptor,
Que fez teus Deuses impuros:
Já na raça de Judá
Poz Deus a vista clemente...
Já das partes do Oriente,
Surge uma voz... que será?...

E negra a noite crescia,
Quando ao velho vem buscar
Um servo de Balthazar,
Que da cidade corria:
E o captivo louva a Deus
Cantando no captiveiro,
Segue a trilha ao mensageiro
C'os olhos fitos nos céus!

II

Que ricas formosas salas,
Que joias, sedas, e galas
Lá no palacio real!
E que palacio infinito,
Todo porfido e granito,
Onde se adora Baal,
Onde, em fórma de serpente,
N'aurea columna fulgente
S'enrosca o genio do mal!

De bronzeas cadeias rijas,
Presas nas altas cornijas,
Pendem lampadas sem fim;
Brilha a mesa dos banquetes,
E brilham finos tapetes
Sob os leitos de marfim;
Vem dar mate á formosura,
Não longe, a eterna verdura
Do marmoreo amplo jardim.

Alli, de eunuchos cercado,
No throno d'oiro assentado,
Folgava o rei Balthazar;

Com elle, torpes amores
De Babylonia os senhores
Iam nas taças libar;
E o fogo, acceso nas taças,
Mil concubinas devassas
Iam depois apagar.

E já tudo louco andava,
Tudo ria e descantava
Entre nefando prazer,
Ardiam frouxos os lumes,
E os recendentes perfumes
Mais e mais a recender:
Ligeira, a lubrica dança
Ás concubinas já cança,
Já lhes faz a côr perder.

Em seus desejos protervos
Mais impio o rei, aos seus servos
Mais impias ordens dictou:
Quiz alli ver profanados
Aquelles vasos sagrados,
Que seu pae outr'ora ousou,
Do Senhor na casa entrando,
Roubar, maldicto, lá quando
Jerusalem captivou!

De Baal ás frageis plantas
Leva o rei aquellas santas
Alfaias do Senhor Deus;
Depois de vinho as enchia,
Por ellas depois bebia,
Bebiam todos os seus...
Eis-de repente apparece
Uma nuvem, que alli desce
Lá das alturas dos céus!...

Sae da nuvem um som grosso...
Nuta o marmoreo colosso,
Querem as salas cair,
E a mão, que occulta as movera,
Nas paredes escrevera
De Balthazar o porvir;
O porvir!... No homem não cabe
Ler taes lettras;—ninguem sabe
Lettras, que sabem fulgir.

Como o sol fulgiam ellas,
Fulgiam como as estrellas,
Mas com terrivel pallor;
E Balthazar já descora...
Ajoelha... brada... implora...
Côa-lhe n'alma o pavor...
Quer fugir... fugir não pode,

Porque os membros lhe sacode
Horrido e frio tremor!...

As concubinas correndo,
E lacrimosas gemendo,
As faces cobrem co'a mão;
Andam co'as vestes rasgadas,
Co'as madeixas desgrenhadas,
Palpitante o coração!
Os escravos, os senhores
Soltam sentidos clamores,
Rojam as frontes no chão!

Debalde quer seus futuros
Ler Balthazar sobre os muros,
Que Balthazar não os leu;
Debalde todos os sabios
Alli foram; mudos labios
Teem para as lettras do céu!
«Oh! venha, diz a rainha,
«O captivo, que adivinha,
«Que rasga aos sonhos o véu.

III

Que grave aspecto, que passo
Tão lento o velho tomou,

Quando ao portico devasso
C'o mensageiro chegou!
Sobe... sobe... a sala entrara...
Defronte do throno pára,
E crava os olhos no rei!...
O rei e todos tremeram,
Porque na vista lhe leram
Não sei que males, não sei!

Balthazar ante o captivo
O collo curvado tem,
Já não é monarcha altivo,
Novo monarcha alli vem;
Novo monarcha da festa,
Que poder maior lhe attesta
O antigo rei sobre o pó;
Reina o captivo d'outr'ora,
Que a fronte lhe c'rôa agora
O Senhor Deus de Jacob!

—«Velho! dou-te a liberdade,
«Os meus thesouros sem fim,
«Do meu imperio metade,
«E o maior depois de mim
«Tu serás...—não quero; escuta:
«Babylonia a prostituta,
«Teu prostituto folgar,

«Acordando iras do Eterno,
«As largas portas do inferno
«Abriram de par-em-par!

«Rei! Além tu tens com fogo
«Escriptas lettras fataes!
«Não vale ante ellas teu rogo,
«Nem teus presentes reaes;
«São tres palavras sagradas,
«Porque alli foram gravadas
«Por-mão sagrada do céu;
«Vède, ó rei, vêde, ó rainha,
«Ao captivo, que adivinha,
«Rasgar-lhes agora o véu.

«*Balthazar! Foste julgado,*
«*E o teu reinado passou;*
«*Tu foste por Deus pesado,*
«*E nenhum peso te achou;*
«*D'Assyria as terras diversas*
«*Serão dos Medas, dos Persas*
«*Babylonia cairá!* ..
«Eis do Senhor a vingança,
«Porque já seus olhos lança
«Sobre a casa de Judá.

E todos cáem por terra,
E longo pranto se ouviu...
Mas do Oriente a voz que aterra,
Já mais perto retiniu...
Eram de Cyro os soldados
Sobre os muros conquistados
De Babylonia sem fé.
Olha o captivo a cidade...
No meio da tempestade
Parece o cedro de pé!

N'essa noite o sangue corre
Dos ferros n'assyria mão,
Balthazar punido morre,
Surge a captiva Sião!
Oh! mas quem era o captivo
Junto ao rio fugitivo
C'os olhos fitos nos céus?
Quem taes verdades dissera?
Aquelle velho quem era?
Era um propheta de Deus!

XX

A QUEIXA SAUDOSA

Porque havia banhar minha fronte
Essa estrella que as artes conduz,
Se mal ía a dourar-me o horizonte
Surgem nuvens, e toldam-me a luz?!

Uma gloria, que eu tive, onde é hoje?
Umas palmas, que eu tive, onde estão?
Murcham palmas... a gloria já foge...
E só resta a lembrança d'então!.

A lembrança, que eterna se aninha
Aqui dentro... que eterna ha-de ser!
A lembrança da estrella que eu tinha,
A saudade de agora a não ter!

E que longa... que amarga saudade,
Me não tem lá guardada o porvir,
Se, da patria em cruel orphandade,
De estrangeiros o pão for pedir!

Negro pão!... Talvez possa encontral-o,
Engeitada da terra natal!
Mas o céu... onde hei-de ir procural-o?
Este céu só do meu Portugal?!

Se no exilio alva estrella das artes
Lá me póde inda bella brotar...
Que me importa?! Hei-de lá n'essas partes,
Hei-de a terra da patria avistar?!

Que me importam de estranhos os loiros?
Que me importa essa gloria d'além?
Teem acaso estrangeiros thesoiros,
Com que paguem a patria a ninguem?!

Não teem, não; que inda o pranto vertido
Cá nas praias do Téjo com dôr,
É mais bello que o riso fingido,
Que lá possa emprestar-me uma flôr!

Uma flôr...! Se tambem n'essas terras
Houver terra que as crie... talvez!
Mas que as haja, que cubram as serras,
Não as quer coração portuguez!

Oh! Que não! Que das rosas d'outr'ora,
Inda as folhas que o tempo seccou,
Inda as guardo comigo, inda agora
Por nenhumas... nenhumas as dou!

Mas ai! Foge-me a esp'rança! Ai, que fòge!
E só resta a lembrança d'então!
Uma gloria, que eu tive, onde é hoje?
Umas palmas, que eu tive, onde estão?!

XXI

SÃO MIGUEL

Archanjo, rei dos archanjos!
O poder do braço teu
Contra o poder dos maus anjos
Surgiu, batalhou, venceu;
Arde a soberba no inferno,
E tu, ás plantas do Eterno,
Cantas teus hymnos no céu.

Essas cohortes armadas
Contra a phalange infiel,
Por Deus, por ti animadas,
Na pista do teu corcel,
Iam seguras da gloria
Quando bradavam—victoria
Por Jehová, por Miguel!

Abriu-se o abysmo, e no centro
Brame sedento vulcão,
Já os vencidos lá dentro
Mordem rubido carvão,
Já mil chammas serpejantes,
Com mil linguas sibilantes,
Seus membros lambendo vão.

Mas, archanjo, só quizeste
Os céus tranquillos deixar?
Porque o abysmo não fizeste
Eternamente fechar?
Os vencidos na tua guerra
Surgiram, andam na terra
E querem cá triumphar.

Eia, archanjo, empunha a lança,
Desce á terra a combater,
Que nem só nos céus se alcança

Eterna gloria em vencer;
Na terra tambem ha thronos
Que sem celestes patronos,
Que sem ti podem morrer.

D'essa luz a immortal c'roa,
Que te dão perpetuas leis,
Cinge a fronte, e á terra voa
Com teus cherubins fieis;
O throno de Deus outrora
Defendeste; archanjo, agora
Defende o throno dos reis.

Eia, archanjo, vem guiar-nos,
Cavalga no teu corcel,
Vence os maus, e a paz vem dar-nos
Que somos povo fiel;
Vem que nós te seguiremos,
E victoria bradaremos
Por Jehová, por Miguel.

XXII

NATUS EST JESUS

¡Mais um hymno christão, ó minha lyra,
Uma saudade mais, que desabroche,
Com mystico perfume, á raiz d'alma!
Quero-me ir ao Presepio á meia-noite,
Por off'renda levar ao Deus Menino
Os sons do coração em novos carmes.
Versos, versos do bardo estremecidos,
Afinai-vos melhor no tom da crença:
¡Estrella dos tres reis, sê minha musa!

I

Da noite co'as azas
Toldaram-se os céus,
E os montes, e as casas,
E os mil coruchéus
Do nosso hemispherio;
Da noite no imperio
Já tudo é mysterio,
Já tudo tem véus.

Mas ouve-se um sino,
E o som festival
Nos diz, que o Menino
Da Mãe virginal
No mundo é já nado;
E o mundo a tal brado
Acorda assombrado,
Festeja o Natal.

A noite é mais dia,
Que o dia melhor,
Á terra allumia
O seu Creador:

E brilham fogueiras,
Festeiros, festeiras.
Em danças ligeiras
Dançando ao redor.

Tambem patriarchas,
No throno do lar
Singellos monarchas,
Vereis a folgar,
Co'a prole ajuntada:
Melhor consoada,
Na benção sagrada,
Á prole hão-de dar.

¡Que santo regalo,
Que abraços de paz
A missa do gallo
Aos crentes não traz!
E ao pé da donzella,
Tão casta e tão bella,
É casto como ella,
Quem juras lhe faz.

Á viola tangida
A moça cantou,
E a moça garrida
Mais linda ficou;

Que a trova do canto,
Tão puro e tão santo,
É trova de encanto,
Que o céu lhe ensinou.

«Jesus de minh'alma,
«Do céu tenra flor,
«Dos justos a palma,
«Dos anjos amor,
«Da Virgem a gloria,
«Do Padre memoria,
«Da crença victoria,
«Salvai-me, Senhor!

Cidade ou aldeia,
O mundo christão,
Mil vozes alteia
Bradando oração!
Rainha ou zagala,
Na choça e na sala
Se vestem de gala
E ao templo se vão.

II

O templo!... todo em luz se afoga; e manda
Ao throno do Deus vivo ondas ferventes
D'orações e d'incenso!

A voz do sacerdote e a voz do orgão
Vão casadas voando n'um só vôo,
Em louvor do Eterno!
O verbo, que encarnou, é hoje nado,
E hoje os portões do famulento inferno,
O verbo ferrolhou-os!
¡Messias!... tu nasceste!... vencedora
A mulher da mulher chamou-te filho,
E riu-se da serpente!
Eu quero ir ler escripto no Presepio
Esse canto d'amor do grão poema
Da redempção dos homens!...

III

Linda a Virgem da Judeia
Se recreia,
Vendo a face ao filho seu,
Toda graça, toda riso,
Paraizo
Tão donoso como o céu.

D'ella em braços o menino,
Pequenino,
Embalado quer dormir,
Mas a Virgem tem desejos
De mil beijos,
Que em Seus labios vê florir.

Foge o somno entre os carinhos,
Quaes dos ninhos
Fogem aves co'a manhã;
Cora a Virgem de mimosa,
Como a rosa,
Como a rosa mais louçã.

Prende o filho n'um abraço,
Doce laço
Para o collo maternal;
É a abelha mais doirada,
Pendurada
D'entre o lyrio virginal.

São-lhe palhas o bercinho,
E nusinho
Deita-o n'ellas Sua mãe;
Quem lá vira esta riqueza
Na pobreza
Do Presepe de Belem!

Que mysterio! A Divindade
Na humildade!
Na miseria o Rei dos céus!
Animaes desentendidos
Escolhidos
Para côrte ao Senhor Deus!

¡O Presepe era um exemplo!
¡Era um templo,
Onde as palhas são altar!
Reis e povos, ricos, nobres,
Com os pobres
Vinde todos adorar.

Vem dos campos a zagala,
Toda gala,
Trazer mel, trazer amor;
Traz a infancia cestos novos,
Cheios d'ovos,
E cordeiros o pastor.

Toda a terra pressurosa,
Fervorosa,
Vem correndo a ver a luz;
Mal chegados moços, velhos,
Em joelhos,
Dizem — gloria ao Deus-Jesus!

Uma estrella do Oriente,
Vem luzente
Os tres reis a allumiar;
Vozes d'anjos logo ouviram,
Quando viram
Presa a estrella se quedar.

Entram, pasmam, estremecem,
Reconhecem,
Que já reis alli não são;
Dão-lhe myrrha, incenso, e oiro,
E o thesoiro,
Que é melhor — a adoração.

Chora a Virgem, de ventura,
E se apura
A lindeza em tal crisol;
Era aurora co'os diamantes
Rutilantes
Ao nascer do Eterno Sol.

Já dos anjos n'aurea pluma,
Uma e uma
Vão as lagrimas d'amor;
E já d'ellas lá na gloria,
Por memoria
Faz estrellas o Senhor!

Grave o Padre putativo,
Pensativo
Junto ao filho ajoelhou:
Alvo côro de mil anjos
E d'archanjos
Canto ignoto alli cantou:

«Ás penas d'homens deu mate
«O resgate,
«Que na terra já reluz;
«Gloria a Deus, á Virgem Madre,
«Gloria ao Padre,
«Gloria ao Padre, e ao Seu Jesus!

IV

A noite vai alta, e as vozes tão graves
Do orgam morriam do templo co'a luz;
Já tudo são trevas, sómente entre as naves,
Remate ao poema, ¡brilhava uma Cruz!...

O bardo adorou-a, partiu, e sómente
Invejas por carmes, da lyra arrancou:
Invejas, que ao longe na voz innocente
Em versos a briza, gemendo mudou...

Oh! não poder como as aves
Ter azas, voar aos céus!
Não poder ir sobre os astros
Cantar o natal de Deus!

Invejo a nuvem cerulea,
Que roçára os céus no monte,
Invejo o raio que morre,
Sobre as orlas do horizonte!

Invejo as grimpas do templo,
Invejo o erguido rochedo,
Invejo a fronte elevada
Do colossal arvoredo!

Invejo as altas cornijas,
Do volcão invejo o grito,
Invejo as vagas, que bramem
Nas fronteiras do infinito!

Invejo as auras velozes
Percorrendo a immensidade:
Invejo tudo o que bate
Ás portas da Eternidade!

Invejo! Porque eu quizera
Tambem remontar-me aos céus,
E, pairando sobre os astros,
Cantar o natal de Deus!

XXIII

AO SEU NOME

Longe!... Embora! Ha-de o meu canto
Ir lá ter; ha-de voar,
Que lhe põe azas d'encanto
A saudade d'além mar;
Hão-de os sons cortar as vagas
E do norte ás frias plagas
Levar-me d'alma esta flor;
Esta flor humilde e pobre,
Este cantar, mas que é nobre,
Porque é voz d'um nobre amor.

Da lyra na melhor corda
Hei-de alto nome prender,
Esse nome, que recorda
Da minha terra o prazer;
Hei-de cantal-o sem medo,
Embora guarde em segredo
As lettras no coração,
Que de lá... nem d'aço fino
O punhal d'um assassino
Poderá raspal-as, não.

Que nome! Que nome d'anjo!
Não te consentem rival
Nem nos céus o teu archanjo,
Nem na terra Portugal.
Se um astro por cada lettra,
A quem no céu te soletra,
Archanjo-rei, lhe fulgir,
Por cada lettra um suspiro
Irá do norte ao retiro
Rei-archanjo repetir.

Podem no céu as estrellas
Dar ao nome esse fulgòr,
Mas não são, não são mais bellas
Que estas estrellas da dòr,
Que estas perolas do pranto,

Estas que banham meu canto
Tão grato nome a cantar,
Estes feudos verdadeiros,
Que d'olhos não lisongeiros
Lá vão co'as ondas do mar.

Lisonja! Oh! Quem n'a teria
C'o infortunio! Ninguem!
Quando a fortuna se ria,
Ria-se ella tambem;
Hoje não, que se no exilio
Vão d'esse nome em auxilio
Milhões de nomes lá ter,
Vão só á voz da verdade,
Só á voz da lealdade
D'antes quebrar que torcer.

Vão, que é nome onde viceja
Tanta esp'rança do porvir;
Esp'rança do que deseja
Vêr a sua terra florir;
Vêl-a formosa, qual fôra,
Co'as galas ricas d'outr'òra,
Quebrada a loisa onde jaz;
Vão, que é nome onde se encerra,
Em vez de grilhões e guerra,
A liberdade e a paz.

É nome que symboliza,
Mil nomes que sanctos são;
Áquelle que as leis não pisa,
É este nome um pendão.
Diz justiça, amor, e gloria,
E dirá tambem victoria
Um dia em bocca leal,
Quando Deus quizer de novo
Fazer-lhe, co'as mãos do povo,
Um eterno pedestal.

Mas em quanto essa hora tarda,
Quero-a na lyra sagrar,
E da terra, que lh'a guarda,
Os desejos lá mandar;
Lá onde o canto do nome
Irá hoje... vai... que o tome,
Como está no coração,
Que d'aqui... nem d'aço fino
O punhal d'um assassino
Poderá raspal-o, não.

XXIV

A CONCEIÇÃO DE MARIA

Ave, Maria, tão bella,
Casta pomba de Israel,
Que da vida em mar de fel
Brilhas, propicia estrella;
Que nas horas da procella,
Como porto salvador,
Estendes ceruleo manto,
Que vela os seios á dôr,
Que aos olhos enxuga o pranto.

Ave, Maria, formosa
Assucena de Jessé;
Mais linda e pura não é
A mais pura e linda rosa;
Ave, Maria, és mimosa,

Como alvorada sem véu;
És mais viva em teus fulgores,
Que o vivo facho do céu,
Que o rei da luz e das côres.

Tu és dos anjos Rainha,
Lyrio branco de Judá;
Em ti a sombra não ha,
Da culpa que a todos vinha:
Tu ficaste innocentinha
Sobre o peccado fatal,
Como n'agua amortecida
Fica a violeta do val,
D'incauta mão lá caída.

Sem mancha teu ser gerado
Foi no seio de tua mãe,
Veiu dos céus, como vem
Á terra um anjo mandado;
Calcando aos pés o peccado,
Tu dos labios do Senhor
Choveste na peccadora,
Como o orvalho em pobre flor
Chove dos olhos da aurora.

Maria, cheia de graça,
Deus em ti quebrou as leis,

D'onde até nascem os reis,
D'onde nasce a humana raça;
E roto o grilhão que enlaça
Entre si, sempre fiel,
Na origem a humanidade,
Em ti creou-se o annel,
Que a nós prende a divindade.

Trouxeste já parte d'ella
Em teu nascer singular,
Fulgura em ti, qual no mar
Á superficie uma estrella;
Oh! quem gosasse de vêl-a
Na tua face a luzir!
Quem visse tal formosura,
Fulgindo n'um só fulgir
Creador e creatura!

Maria! Deus é comtigo,
Comnosco tambem serás;
Filha e mãe, qual és, não vás
Deixar filhos sem abrigo;
Não deixas; teu seio amigo
É fonte aberta ao christão;
Inda mais ao lusitano,
Seguidor da Conceição,
Por ser crente puritano.

Aquelle rei, que estrangeira
Mão de Castella expelliu,
A Conceição erigiu
De Portugal padroeira;
Das devoções a primeira
Ficou no sangue real,
E o povo, que os reis seguia,
Fez escravo Portugal
Da Conceição de Maria.

Escravo por gosto é doce,
Por crença não custa crer;
Que, sem a Egreja o dizer,
Quiz Portugal que assim fosse;
N'esta crença tomou posse,
Maria, em teu coração,
Pois qual da luz vivem côres,
E d'ar vive a creação,
Vivem amores d'amores.

Portugal quiz adorar-te
Em toda a pompa do véu,
Que envolve occulto no céu
O mysterio de crear-te;
Fez a sciencia jurar-te,
O mysterio jurar fez,
Poz-lho no peito e no labio,

E do dogma portuguez
Fez defensor cada sabio.

Ave, Maria, que és nossa
Padroeira, e crença, e mãe!
Portugal outra não tem,
Mais bella, nem que mais possa;
Não quer outra a humilde choça,
Nem o palacio real;
És nossa, do rei, do povo,
És de todo o Portugal,
Do antigo, sel-o-has do novo?

Oh! que sim, e só comtigo
Ha-de o teu reino voltar
Outra vez a campear,
Livre do pó do jazigo;
Farás Portugal antigo
A um teu aceno surgir,
Que a um aceno teu, Senhora,
Ha-de n'uma hora florir
O triste reino d'agora.

XXV

O PROSCRIPTO

I

Triumphou a traição, a intriga, a força
De varios povos contra ti; agora,
Neto de D. Affonso, eis-te proscripto!
Eis-te proscripto, e pobre, mas tão pobre!
Tu desceste os degraus do throno d'oiro,
Sem mais joias levar que a da tua honra!
Armou-se meia-Europa a derribar-te,
Cedeste ao coração... e a Europa inteira
Viu com respeito um rei, largando a c'roa,
Com tal garbo cingir a do infortunio,
Que nas praias do exilio excita inveja!
Roubai-lhe, se podeis, esse diadema,
Amassado co'as lagrimas da fome,

Que elle ousou pôr na fronte, dando a espalda,
Ás torpes seducções que o deshonravam!
Aquelle, e as mãos vazias que vos mostra,
São-lhe eterno padrão, ninguem lh'o rouba!
Neto de D. Affonso, eis-te proscripto!
Não tens nada, Senhor, agora póde
Cantar-te afoito o trovador humilde!
Suspeitas de lisonja aqui não cabem;
É cortejo de reis, mas sobre o throno;
Ao exilio não vai!—Posso cantar-te!

II

Zumbiam pellouros, rufavam tambores,
Espadas retinem, ribomba o canhão,
Restrugem da guerra raivosos clamores,
Escarvam ginetes co'as unhas o chão.

Que estragos, que dôres, que sangue vertido!
Que esforços d'um povo! Que esforços não fez!
Que importa? Que importa? Já tudo é perdido,
Um povo, um monarcha, um pendão portuguez!

Já d'Evora os eccos, por vez derradeira,
O som repercutem do viva leal,
Deslaçam-se os prantos na barba guerreira,
C'o abraço saudoso na signa real.

E rasgam-se as bandas, e quebram-se espadas,
Desfaz-se a espingarda calcada c'o pé,
Arrancam-se á farda insignias ganhadas
Da patria por gloria, na patria com fé.

Além, n'outro campo, de lingoas extranhas,
Diversas, e muitas, victoria se ouviu;
Victoria alcançada por tramas tamanhas!
Na terra, que é nossa, que *extranho* invadiu!

Venceu porque vinham tres reinos com elle,
E um reino era pouco... não foi, não venceu,
Que as armas valentes á voz só d'aquelle,
Do chefe, é que o povo, de firme, as rendeu!

Mas já d'entre as agoas a Etág alça o ferro
De Sines no porto... lá vai! Oh! Lá vai!
C'o princepe a bordo, co'a prôa ao desterro...
Um povo aqui fica já orphão de pae!

E rasgam-se as bandas, e quebram-se espadas,
Desfaz-se a espingarda calcada c'o pé,
Arrancam-se á farda insignias ganhadas
Da patria por gloria, na patria com fé!

III

Em quanto no azul das agoas
Tens a vista, a meditar,
E que outro abysmo de magoas
Sentes n'alma susurrar;
Em quanto, encostado á espada,
Vais triste seguindo a estrada,
Que a patria te deixa atrás,
Mal cuidas tu, mal o crêras,
Que, depois da guerra, as féras
Eram mais féras na paz!

Estendeste a mão, vedaste
O sangue da patria, e teu;
O sceptro real trocaste,
Pelo povo que t'o deu;
Por cerrar-lhe as largas fridas,
Por desarmar parricidas
Do teu bello Portugal!
Mas ah!... Da guerra os horrores
Não valem, não, essas dôres,
Que fez depois o punhal!

Se o souberas!... E lá quando,
Do barco a esteira a medir,
Tres milhões d'homens chorando,

Choravam por te seguir,
Pensaste que isso bastava
A açaimar a sanha brava,
Talvez o pensasses lá!
Não! Dos odios cresce o grito,
E a cabeça do Proscripto
A preço te punham cá!

Mas silencio!... Não se acordem
Os eccos de tanta dôr;
Odios não, não os recordem
Os versos do trovador;
Embora os archive a historia,
Da minha lyra a memoria
Deve arrojal-os de si;
Nem êrgo canto de guerra
Aos filhos da mesma terra,
Ergo um canto para ti!

IV

Ao largo, por esses mares,
Cá da patria que saudade
Funda vai!
Que pesar de mil pesares,
Resumidos na anciedade
D'um só ai!

E mais que todos, proscripto,
Quantas penas n'essa pena
Tens, Senhor!
Tu que levas n'alma escripto
D'esta nação tão pequena,
Tal amor!

Tu que a viste ao só teu brado
Crescer, crescer de repente,
Qual não vi!
Cada homem um soldado,
Cada soldado um valente,
Só por ti!

Onde irás a extranho sólo
Calar as nobres invejas
D'esse mal?!
Vai d'um pólo a outro pólo,
Mas não vês, por mais que vejas,
Portugal!

Oh! não vês, e do proscripto
É das penas essa a pena,
É, Senhor!
Porque levas n'alma escripto,
D'esta nação tão pequena
Tal amor!

Mas dizem que a Italia é bella,
Que tambem entre arvoredo
Canta o sul,
Dizem, gabando o céu d'ella,
Que tambem tem o segredo
D'este azul!

E dizem que de verdores
Tambem se toucam os montes
Em Abril,
Que estrellado o chão de flores
As banham argenteas fontes
Mil a mil!

Da Sabinia as cumiadas
D'oiro e purpura tingidas,
Posto o sol,
Dizem-n'as lindas, falladas,
Porque parecem fingidas,
No arrebol!

Mas verás que nenhum sólo
Te cala as nobres invejas
D'esse mal;
Vai d'um pólo a outro pólo,
Mas não vês, por mais que vejas,
Portugal!

Oh! não vês, e do proscripto
É das penas essa a pena,
É, Senhor;
Porque levas n'alma escripto
D'esta nação tão pequena
Tal amor!

V

Chegaste a Roma! D'exilio
Nobre escolha! É de Vergilio
A terra que mais cantou;
A que Cicero amava,
E em desterro se julgava,
Quando longe a suspirou!

Roma! Roma! A ti os tristes,
A ti venham, tu existes
Para elles! No teu pó
Abre-se um livro diurno,
Como herdeira de Saturno,
Como herdeira de Jacob!

Em teu orgulho escondida,
És a rainha cahida,
És digno exilio d'um rei;
A cada passo ruinas,
Em cada uma lhe ensinas
Mysterios da eterna lei!

Quanta grandeza, e que nada
Em tanta pedra tombada,
Que a aza do tempo alluiu!
Gigante, marmorea historia
De gigantes, cuja gloria
Revolto pó encubriu!

Ao coração maguado
Tem retiro abençoado,
Tem, ó Roma, o seio teu!
Olha esse rei que medita
Na immensa lição escripta
Na face do Colisseu!

Se lhe diz que o monumento
Tem alli de mais momento
De toda a Roma pagã,
O fundador lhe recorda,
E no peito vibra a corda
Dos sons da crença christã!

Oh! Lembra d'antigos dias
Já cumpridas prophecias,
E lembra Jerusalem;
Mas não longe, altivo cedro,
O zimborio de São Pedro
Hoje a fronte erguida tem!

Como um arbusto entre relva,
Campea na basta selva
D'impinados coruchéus;
Sobre a verdade descança,
Vencedor, alenta a esp'rança
Ao vencido, aponta os céus!

De Belisario olhá os muros,
E aquelles dias escuros,
Que lhe deu a ingratidão!
D'Alexandria, roubada,
Olha essa agulha elevada,
E d'Agrippa o Pantheão!

Mais distante o Capitolio,
De Roma viuvo solio;
Agora o Tibre... que dôr!
Esquecido, envergonhado,
Só seu nome tão cantado
Guardou do antigo esplendor!

Quantas licções! E que nada!
Quanta verdade gravada,
Que a aza do tempo gravou!
Mas tambem quanto confôrto!
Por isso, ó Roma, és o porto,
Ao barco que naufragou!

Se tiveram dois imperios,
Abraçando os hemispherios,
Aqui berço, e creação,
Do primeiro nas ruinas,
Do segundo nas doutrinas
Acalmas o coração.

Roma! Roma! A ti os tristes,
A ti venham, tu existes
Para elles! No teu pó
Abre-se um livro diurno,
Como herdeira de Saturno,
Como herdeira de Jacob!

VI

Mas Roma deixando, que voz te chamara?
Que voz? Onde, ousado, Proscripto, onde vás?
Ouviste o teu nome, que a patria bradara?
Ouviste-a, quebrando as algemas da paz?

Soldadas de novo por mão traiçoeira,
Não sentes rojal-as, repara, não vês?...
Já torna, oh! vergonha! por planta extrangeira,
A ver-se pisado o torrão portuguez!...

Na Roma d'agora, na altiva cidade
Que banha o Tamiza, talvez vás cumprir
Missão inesp'rada!... Um dia a verdade
No rosto á mentira lá deve cuspir.

Oh! Sim! De calumnias erguida montanha,
Foi lá que mais negra, mais negra se ergueu
Vai pois... eis a serra, tão alta, tamanha,
Eis dia por dia, no chão se abateu!

Por ti conquistado já tens esse povo,
Difficil conquista, mas facil a ti!
Que sabes, que podes, no encanto tão novo,
Prender-lhes as almas, prender-lh'as... eu vi!

Que importa a desgraça? Venceste, vencido!
Estende sem pejo, estende a tua mão;
É nobre, sem mancha, d'*aquelle fugido*
O luxo de infamia não vale o teu pão!

VII

E que thronos derrocados,
Depois que o teu desabou!
E que sceptros abalados,
Que a tempestade levou!
No eixo o mundo se agita...
E tu, Proscripto, medita
Da consciencia no poder;
Vês tanta fronte curvada,
Mas a tua, levantada,
Não tem remorsos que ter!

Com as c'roas a thiara
Tambem viste no baldão,
Choraste, quem não chorara,
Sendo principe, e christão!
O Papa-rei foragido,
O throno sancto partido,
Roma, viuva a gemer,
E da turba a vozeria
Ir do crime a dynastia
N'essas ruinas erguer!

Ah! quantos monarchas viste
Ao teu lado enfileirar!
E se por todos sentiste

Teu coração palpitar,
Guarda intacto o orgulho nobre,
Que nenhum desceu tão pobre
Do throno de seus avós,
Nenhum do povo a lembrança
O seguiu com mais esp'rança,
Como és seguido por nós!

E pois que o tufão raivoso
É contra os thronos de pé,
N'esse teu exilio honroso
Deve mais crescer-te a fé;
Mer'ceste a raiva primeiro,
E do injusto captiveiro
Te quiz o tempo vingar,
Primeiro á voz da verdade
Ha-de o sol da liberdade
Teus passos allumiar!

VIII

E em quanto do desterro os frios gelos
Tu não vens enxugar ao sol da patria,
E repoisar da dôr;
Em quanto lá, sentado, os olhos longos
Pelo vasto horizonte, ancêas fervido
Terra do teu amor;

Dá que os sons d'esta lyra *hoje* te offertem,
Rôxas flores saudosas que engrinaldem
Teu firme pedestal;
Se a lyra é minha, os sons vão d'esta terra,
Como cantar d'amor, cantar d'esp'rança
D'este teu Portugal!

IX

Dá tambem que *hoje* o pranto se enxugue,
Hoje dia de festa, por ti!
Hoje o velho soldado desrugue,
Essa fronte que nunca sorri.

Nunca, não; *hoje* sim, que de gala
Traja o pobre... no seu coração;
Que em segredo na choça e na sala,
Hoje traja de festa a nação.

É um só este dia, entre tantos,
E tão longos de lucto, e de mal!
Oh! Suspende nos olhos os prantos,
Hoje só, *hoje* só, Portugal!

Hoje um povo proscripto, ao Proscripto
Seu natal possa n'alma cantar,
E o viva do povo, n'um grito,
Lá te chegue co'as ondas do mar!

XXVI

SANTO ANTONIO

O meu padre Sant'Antonio
É Santo de Portugal;
Livra a gente do demonio,
É remedio contra o mal;
Elle acha as coisas perdidas,
Aplaca as ondas erguidas
Nas tempestades do mar;
E até mettido n'um poço,
Com agoa até ao pescoço,
Faz muitas moças casar.

Sant'Antonio é o grande Santo
Dos rapazes; oh! Se é!
Gosta de vêl-os a um canto
A brincar em santa fé;
Soffre-lhe os tratos devotos,
E aquelles travessos votos
D'um throno de papelão;
Ama as festas galhofeiras,
Os foguetes e as fogueiras
Da folgada devoção.

Sant'Antonio é de Lisboa,
É filho da capital,
Mas de Padua inveja boa
Quer furtal-o a Portugal;
Não lhe deixemos leval-o,
Antes leve São Gonçalo,
Que só velhas faz casar;
Sant'Antonio é todo nosso,
Seja-o sempre, e um padre-nosso
Vamos-lhe agora resar.

Padre-nosso... e se consagre
N'esta efficaz oração;
Que pedimos um milagre,
Que salve toda a nação;

Se milagres são precisos,
Mudem-se os prantos em risos,
Sant'Antonio os fará já;
Sant'Antonio, Sant'Antonio
Enxota o vivo demonio
Da tua patria... e longe vá!

XXVII

HYMNO

(NO ANNIVERSARIO DO CASAMENTO DO SENHOR D. MIGUEL DE BRAGANÇA.)

D'entre os gelos do norte uma estrella,
Accendida c'o sôpro,de Deus,
Brilha pura, que todas mais bella,
No toldado horizonte dos céus.
    Constancia e prudencia,
    Fiel Portugal,
    Que a Estrella do Norte
    Traz luz festival.

Negras sombras vencidas, prostradas,
Ante o brilho do novo clarão,
Deixam ver-nos em lettras douradas
As palavras de illustre brasão:
    Constancia e prudencia,
    Fiel Portugal,
    Que o aviso é promessa
    Tambem festival.

D'Adelaide na fronte de rosas
Entre o casto mimoso rubor,
A pender-lhe das tranças formosas
Lá verdeja d'esp'rança uma flor.
    Constancia e prudencia,
    Fiel Portugal,
    Que a Flor que verdeja
    É flor festival.

Salve, filha do Meno, Princeza
Que *hoje* o filho do Téjo c'roou,
Rasga ao triste Proscripto a tristeza,
Que és o anjo que o céu lhe fadou.
    Constancia e prudencia,
    Fiel Portugal,
    Que o Anjo dos tristes
    Baixou festival.

Flor d'Heubach, és já nossa, adoptaste
Nova patria ante a face do altar,
E outra patria ao Proscripto emprestaste
Em tua alma, onde vai repousar.
Constancia e prudencia,
Fiel Portugal,
Que um dia o Proscripto
Viu já festival.

Teu brasão ao brasão d'um Bragança
Hoje unido, Senhora, nos deu
No futuro um futuro d'esp'rança,
Porque um berço real prometteu.
Constancia e prudencia,
Fiel Portugal,
Que a voz do futuro
É voz festival.

Gloria á esposa do augusto exulado,
Que ao tão nobre infortunio se uniu,
Que ao Proscripto, de espinhos c'roado,
Os espinhos em rosas abriu!
Constancia e prudencia,
Fiel Portugal,
Que a c'roa florída
Tem côr festival.

Dize, pois, honrado velho,
É trigo, é milho, é arroz?
Decide c'o teu conselho,
Dá o teu voto entre nós;
Que na falta de sciencia
A sabedora exp'riencia
Fallará na tua voz.

Olhou-nos então sorrindo,
E disse: — se Deus o quer,
Tudo é bom á terra indo,
Quando e como o tempo dér,
Quando e como nos ensina
Da propria terra a doutrina,
Aos que n'ella sabem ler.

Mas de todas as colheitas
É, mancebos, a melhor
A das acções por nós feitas,
Sem que suba ao rosto a côr,
Porque é d'essa que é medida,
No dia da despedida,
Nossa pensão ao Senhor!

XXIX

ALCACERKIBIR

I

Da lyra sobre as cordas mal temp'radas
Correi, lagrimas minhas, ensinai-lhe
Uns tristes sons de dôr, um triste canto,
Ao lucto, aos ais da patria consagrado!
Engrinaldem-me a lyra aquelles rôxos,
Melindrosos amores, desbotados
Pelo sol africano; essas saudades,
Que dos quentes areaes aqui vieram,
A nutrir-se de fél no seio roto

De Portugal vencido!... Ai vinde, vinde
Gemer na minha voz, altivos brios
Do valor portuguez, e que inda agora,
Nos não ouçam carpir de seu triumpho
Os filhos do Propheta! Não, segredo!
Seja em segredo a magua: ao menos fique
Meia vergonha occulta dentro d'alma!
Mais baixo, minha voz, mais baixo; e tristes
Correi, lagrimas minhas, deslaçai-vos
Da lyra sobre as cordas mal temp'radas.

II

Oh! Mal haja essa terra africana,
Tanto sangue sedenta 'a beber!
Oh! Mal haja essa lei mahometana,
Sobre a lei do christão a vencer.

Oh! Mal haja do alfange a pancada,
O diadema d'um rei a esmagar!
Oh! Mal haja quem faz essa espada
N'essas mãos tão valentes quebrar.

Oh! Mal haja quem leva essa esp'rança
Lá tão longe, tão longe em botão;
Quem la deixa que á ponta de lança
Moiros possam calcar-lhe o pendão.

Oh! Mal haja esse dia, mal haja,
Em que lá no torrado areal
Mão de moiros, que as quinas ultraja,
O teu sceptro enterrou, Portugal!

O teu sceptro, teus nobres, teu povo,
Qual não ha n'esse mundo, não sei,
Essa gloria d'exforço tão novo,
Esse exforço, e com elle o teu rei!

Oh! Mal haja a vil terra africana
Tanto sangue sedenta a beber,
Oh! Mal haja essa lei mahometana
Sobre a lei do christão a vencer.

III

Lá vai... lá solta ao vento as brancas vellas
A portugueza frota; o Téjo ahi fica
Viuvo para sempre! O rei mancebo
Surri-lhe n'esse adeus, porque lhe ferve
Lá dentro o ardor da guerra, e o mal guiado
De seu zelo christão! O teu surriso,
Mancebo, ha-de trocar-se em tantas lagrimas
Dos filhos que cá deixas, tantas, tantas,
Que um mar hão-de fazer mais vasto e fundo,
Que esse que vais sulcar, que esse de sangue,
Que lá verás correr de teus vassallos

Sobre terra infiel!... La vai... a frota
Já corta leve as aguas baloiçadas
Por fresca viração; nos barcos fulgem
As armas dos guerreiros, accendidas
Pelos raios do sol; era de cisnes,
D'argenteos cisnes voadòra turba.
Que d'esperanças ahi vão! Quantos receios!
Que saudades d'amante, ancias de esposa,
E cuidados de mãe! E mais que tudo
A honra portugueza ás mãos entregue
D'uma ousadia vã!... Cá fica apenas
Por herdeiro do throno... quem? Um velho,
Um velho já dos annos debruçado,
Qual pendido chorão, sobre o sepulcro,
E castrado no altar, c'o as leis severas
Do santo sacerdocio!... E após o jugo
D'extrangeiro senhor! Quem sabe! Ai, pobre,
Ai de ti, Portugal!... E ao longe a armada
C'o as aguas se confunde, no horizonte
Para sempre se perde!... Para sempre!
Tudo baldado foi, razões de nobres,
De sabios capitães; do povo as preces;
Instancias de monarchas; voz de principes;
E os avisos do céu, que foram tantos!
Oh! vêde, ouvi-os, que os descanta agora
Na praia essa mulher, c'os olhos longos
Ahi por esse mar... que já deserto!

IV

Malfadado, tão chorado,
Moço rei Sebastião,
Malfadado, desejado,
De cuidados tão cuidado,
Taes cuidados onde vão?
Onde levas, malfadado,
De Portugal o pendão?

Malfadado, não quizeste
Ouvir avisos do céu;
Ai que já, quando nasceste,
As galas despindo, veste
Por teu pae, o povo teu
Um triste dó!... Houve peste
No reino que Deus te deu!

Houve peste! E n'esse dia,
Em que ao throno ías subir,
Á rainha predizia
Voz de sabio, que a alegria
De tal dia ha-de fugir;
Que o mudasse lhe pedia,
Foi debalde o seu pedir.

Á India mandar intentas
Pões uma armada no mar,
Mas a furia das tormentas,
De nosso damno sedentas,
Antes de ferro largar,
Vem c'o as ondas turbulentas,
Vem toda a armada acabar.

D'uma vez ás escondidas,
Já foste a mourama ver;
Quantas esp'ranças floridas,
Já do viço despedidas,
Não fizeste estremecer!
Quantas lagrimas sentidas
Nos não fizeste verter!

Bem nos custou n'estas terras
Tornar-te a ver outra vez,
Que da patria te desterras
Por fartar por essas guerras
Do coração a altivez;
Esquecias estas serras...
Mais audaz, que portuguez!

Emfim voltaste, e agora
Tornas de novo a partir;
E nem sequer te demora,

Todo um povo que descora
C'o os receios do porvir;
Nem n'esse céu te apavora
Igneo cometa a fulgir!

Nem esse aviso á bandeira,
Que foste benzer á Sé;
Voltada n'hastea, agoireira
Talvez do mal, que não queira,
Que não possa erguer-se em pé,
Temendo ser prisioneira
Dos inimigos da fé!

Tudo embalde! Amor e sanha!
Desprezas o mal e os bens!
Té da voz que te acompanha,
Do remeiro, acaso ou manha,
Cantando á sorte os vaivens:
« Hontem foste rei de Hespanha,
« Hoje um castello não tens. »

E partes... levas a espada,
Levas o escudo real,
Essa espada tão fallada,
Por mouros tão receada,
De Dom Affonso immortal!
Se a deixas envergonhada,
Ai de ti! de Portugal!

Ai de ti, ai tão chorado,
Moço rei Sebastião,
Malfadado, desejado,
De cuidados tão cuidado,
Taes cuidados onde vão?
Onde levas, malfadado,
De Portugal o pendão?

V

Eis a costa africana... eis tudo salta
No queimado torrão; ao largo a frota
C'o a derradeira esp'rança já navega!...
Triumphar ou morrer, é tudo agora
Quanto vos resta já. Que importa? Sempre
Do valor portuguez foi esse o motto.
Ávante, o ferro empunho, a fronte erguida,
Devasse a planta ousada o seio virgem
Do africano sertão! Tudo era triste
Ao partir lá da patria; é tudo agora,
Como em dia de festa, que os soldados
Levam alli seu rei, levam de Christo
A Cruz sobre o estandarte. Ávante, á guerra!
Imprudencia! Será, d'um rei tão moço,
Mas emfim portuguez! Oh! Já que vindes
Portuguezes sereis; — á guerra, ávante!

VI

Já nos plainos ardentes, na serra,
Já resoa o mourisco anafil,
Já desperta a mourama c'o a guerra,
Já soldados lhe brotam a mil.

Já de sobre as mesquitas vozeia,
Com a lei do propheta na mão,
Sacerdote que a guerra semeia,
Dando o inferno ou céu no alkorão.

Tudo corre, se apresta, se espanta,
Nas cidades, no campo a bradar,
Tudo corre, e a mourama é já tanta,
Que não ha quem n'a possa contar.

Diz a mãe a seu filho: «Meu filho,
«Eia á guerra! Lá vem os christãos;
«Antes morto, que escravo, que o brilho
«Ver da patria apagado em taes mãos.

«Eia á guerra, por nós, por Mafoma,
«Eia á guerra, que a guerra seduz!
«Mouro colo o christão não n'o doma,
«O crescente não verga ante a Cruz.»

E nos plainos ardentes, na serra,
Já resoa o mourisco anafil,
Já desperta a mourama c'o a guerra,
Já soldados lhe brotam a mil.

VII

Oh! Vêde, vêde além esses dois campos!
Aqui, o portuguez, quasi sumido
Nas rubidas areias, chamejando
C'os reflexos do sol... além, o mouro,
Alagando a extensão! É tudo negro,
Tudo negro de gente! Apenas fulgem,
De quando em quando, as laminas polidas
Do curvo alfange á cinta adormecido!...
Adormecido agora!... Eil-o desperto
Da trombeta ao clangor!... Á guerra, á guerra,
Por Allah! Por Jesus! Os campos bradam!
Lá se move, d'aqui, sobre as areias
O pequeno arraial, como um ribeiro
Ao longe serpeando... embora, nunca
O brio portuguez contou fileiras;
São poucos, mas valentes! D'alli surge,
Como immenso gigante a immensa turba
D'infieis agarenos!... Vem ás ondas,
Ennovelados, tumidos, e tantos,
Como quando a procella o dorso bate,

Rasga, arripia aos iracundos mares!
Eil-os de face a face os campos ambos!
Eil-os, tigre e leão, que n'um lampejo
Se medem, se decidem, se retalham
Enfeixados depois! Somem-se quasi,
Entre o sanguineo pó que os pés levantam
De mil cavallos rapidos voando,
E o negro fumo que vomita o bronze!

VIII

A espada brilhava, no alfange batia,
Estalam mil raios do ferreo arcabuz,
Nas andas o mouro «Maluco» morria,
De negra peçonha, victoria da Cruz!

Victoria, começa já quasi a cantar-se,
Vão rotos os mouros, vão quasi a fugir;
De mortos o campo começa a alastrar-se,
Aqui moribundo se encontra um Emir.

Mais longe, mais perto, fervia a peleja,
Eis quasi repousa, eis ferve outra vez,
E o mouro aos milhares morrendo braveja,
Braveja, e não vence o pendão portuguez.

Não vence, mas teima!... São tantos! São tantos!
Quem ha que não venha por fim a cançar?
Já cançam os nossos... dos mouros os cantos,
Signal de victoria, já se ouvem cantar!

Victoria! Que digo? Victoria de mouros!
Victoria que esmaga tal sceptro real?!
Victoria que murcha na frente esses louros,
Na frente orgulhosa do meu Portugal?

Ai sim! Que o alfange na espada batia,
Estalam mil raios do ferreo arcabuz,
E o mouro nas andas, morrendo, vencia,
Cantava o crescente victoria da Cruz!

IX

Cantava; que lá fica n'esses campos,
N'esse Alcacerkibir aquella c'rôa,
Tão pejada de louros! Lá resvala
Da fronte do mancebo, que não sabe,
Que não póde sustel-a!... Era o diadema,
Por Affonso ganhado, em mal de mouros
Na campina de Ourique! Inda era o mesmo
Do primeiro João, em mal de Hespanha!
Era o mesmo de quem tremia o mundo,
E o fero Adamastôr vinha rojar-se
Deante d'elle, outr'ora, á voz do Gama!

Ficou lá enterrado! O rei!... Quem sabe?
Tudo morto ou captivo, poucos volvem
A dar novas do caso!... O rei!... Silencio!...
Viva na tradição, deixe-se ao povo
C'o a memoria vingar tão negra affronta!
Não póde crêl-o morto, sem que um dia
Inda vinha raspar c'o a forte espada
Da bandeira da patria a mancha... eterna!

X

Em quanto n'essas areias
Morre da patria o fulgor
De seus feitos o cantor,
A morte sente nas veias;
Sente Camões no hospital,
D'Hespanha ao som das cadeias,
A morte de Portugal!

Sente, e sente que lhe corre
De membro em membro tambem,
Mas só sente o fel que tem,
Por esse que lá se escorre
N'essa batalha fatal,
E ouvindo que a patria morre...
Morre elle com Portugal!

XXX

A F. G. D'AMORIM

(RESPOSTA.) *

Que nobre modestia, amigo!
Mas fazes, nos versos teus,
A inveja vir ter comigo,
E arrepender-me dos meus.
Porque me gabas o estro,
Se tu te mostras tão destro,
Na lyra que tens na mão?
Porque fallas só de prantos,
Quando a voz sáe nos teus cantos
Tão cheia de inspiração?

* Vid. no fim do vol.

E vindo assim generoso
O teu nome ao meu juntar,
Receaste que orgulhoso
Não me deixasse c'roar?!
Orgulhoso?! Esse receio,
Não sei se diga... não creio,
Mas qual dos dois fôra mais?
Eu se engeitasse thesouros,
Ou tu ceifando-me louros
Só na tua mão triumphaes?!

Orgulho, tenho-o, confesso,
Mas da c'roa que me dás,
Que a nobreza que eu professo,
D'essas, da gloria, é que as faz.
Nem nunca a boa nobreza
Creu que désse a natureza
Ao sangue mais que uma côr;
A diff'rença só a havia,
Se pela patria corria
Mais quente, com mais valor.

Esta sim, e esta é nobre,
Esta eleva os corações,
Pois, como tu, rica ou pobre,
Faz das virtudes brazões;
Por isso, d'ella aprendido

Tenho, ao menos, que é devido
O tributo ao teu brazão;
Sei, ao menos, respeital-o,
Sei, ao menos, invejal-o,
E honrar-me em ser teu irmão.

Oh! somos irmãos; e as almas
D'ambos, feitas para amar,
N'uma palma duas palmas
Podem á patria votar;
Podem, podem, que se agora
Já não é, como era outr'ora,
Em todos uma só fé,
Qual sou, na tua és sincero,
E queres, tambem qual quero,
Ver a patria erguida em pé.

Irmãos, pois; e n'essa crença
Com que eu sou e és portuguez,
Inda que haja diff'rença,
Não ha toda a que tu vês.
Tu amas a liberdade?
E quem amal-a não ha-de?
E quando é que eu não a amei?
A diff'rença que encontraste,
Vem d'onde tu a estudaste,
E vem d'onde eu a estudei.

Tu foste estudal-a ás vagas
Cuspindo escumas ao céu,
Foste da America ás plagas,
Á terra que hontem nasceu;
Viste lá seus rios bravos,
E, sem aprender de escravos,
Aprendeste a livre ser;
Do que vias ou não vias,
Tomaste odio ás tyrannias,
Juraste odio ao seu poder.

Eu foi cá, eu estudei-a
Na historia do meu paiz,
Par'ceu-me bella e amei-a,
Par'ceu-me grande e feliz;
Grande sem ser sobranceira,
Modesta mas verdadeira,
A mão firme, a voz leal,
Piedosa, honrada, valente,
Ao rei e povo igualmente,
Dando o seu a cada qual.

Vi-a no Douro e Mondego,
Vi-a do Tejo abrir mar,
Vi-a em Coimbra e Lamego,
Vi-a o mundo rodear;
Vi-a andar lá onde andaras,

Nas florestas que passaras,
Levando por dentro a luz,
E n'essas vastas paragens
Fazer homens de selvagens,
Pondo-os em roda da Cruz.

E como lhe vira ao lado
Tanto o povo como o rei,
Cuidei que d'ambos soldado
Era soldado de lei;
D'aqui foi que sempre unidos,
Sempre n'alma confundidos,
Lhes dei affectos iguaes,
E se em tempos gloriosos
Os amaria ditosos,
Na desgraça ainda mais.

Com este amor e verdade
É que eu me criei por cá;
Amo esta liberdade,
Como tu essa de lá;
Ambos, pois, livres votamos
Livre patria, só não vamos
Buscar o mesmo padrão.
Tu, nos vôos mais ousado,
Vais a um clima apartado,
Eu vou á propria nação.

Tu, porque viste tão bella
A liberdade, como é,
Julgaste-a joven, e d'ella
Te namoras n'essa fé;
Eu não; tambem namorado,
Tambem d'ella enthusiasmado,
Julgo que ha muito nasceu;
E o que a ella mais me prende,
É ver que a edade a não rende
E que joven te par'ceu.

Do poder, tambem comtigo
Meus juizos são os teus,
Mas povo ou rei, meu amigo,
Em todos é só de Deus,
No Seu poder é que eu creio.
O do povo d'Elle veiu,
Como o do rei d Elle vem;
Sempre, sempre, é todo d'Elle,
E se O vês tu só n'aquelle
Eu vejo-O n'este tambem.

Mas haja ou não monarchia,
Faz isso livres nações?
Pensas tu que a tyrannia
Vem só d'altas regiões?
Oh! Ás vezes de bem fundo

Tem-na visto erguer o mundo,
Quebrando os degraus que fez,
E depois, com seus mil braços,
Fazer um povo em pedaços,
Cuspil-o, calcal-o aos pés!

Não quero, nem tu, nenhuma,
Mas se entre ambas a final
Tivesse de escolher uma,
A de cima é menor mal.
No alto o ar é mais puro,
Se o não respiro seguro,
Respiro-o com menos pó;
Escolho só entre damnos,
Mas em vez de cem tyrannos
Prefiro então ter um só.

Não, mas não, não veja a terra,
Que a ambos nos deu o ser,
De tyrannias em guerra
Ter cá ninguem que escolher;
Se nem tu nem eu sabemos
Ler no futuro, podemos
Pedil-o de paz a Deus,
E se ambos já nos amamos,
Que inda irmãos *todos* sejamos
Debaixo dos mesmos céus.

Então, então, se eu o vira,
Ajoelhado ante o Senhor,
Das que dás á minha lyra
Tirara a mais bella flor,
E do feito por memoria,
E por pagina de historia,
N'essa flor immortal
Dera o mais que dar podia,
Dera a gloria, e gravaria:
«A ti, ó meu Portugal!»

XXXI

O DIA TRES D'ABRIL

(Anniversario natalicio da Senhora D Adelaide Sophia de Loewenstein-Wertheim-Rosemberg)

Não vês alem, no castello,
Argenteo berço fulgir?
Não vês, Senhor, como é bello?
Olha-o bem... é teu porvir!
Mal o crês talvez agora,
Mal pensas que n'essa aurora,
De tão incerto arrebol,
Vem dentro a luz, que ha-de um dia
Ser de tua alma a alegria,
De tua vida ser o sol!

Pois será; no céu escripto
É já no livro de Deus!
Quando fores um proscripto,
Longe, bem longe dos teus;
Quando a força e a injustiça,
Por mão de ingrata cubiça,
Te conseguirem vencer;
Quando sem throno e sem nada,
Tendo só tua vida honrada
D'antes quebrar que torcer;

Tendo só o amor de tantos
Ardendo annos em vão,
Chorando cançados prantos
Em negro esmolado pão;
Tendo só Deus e o direito,
Mas nú de insignias o peito,
Sem c'rôa a fronte real,
Sem sceptro na dextra erguida,
Do hombro a purpura cahida,
Perdido o teu Portugal;

Quando já triste, exulado,
Geada a fronte co'a dor,
Pobre, pobre, e mal cuidado
D'uma existencia int'rior...
Oh! Então, Senhor, n'essa hora,

D'aquelle berço uma aurora
Virá de extranho arrebol!
Oh! Sagremos-lhe uma palma,
Que traz a alma da tua alma,
Da tua vida traz o sol.

E raiou... cumpriu-se a sorte;
O Proscripto lá vagou;
E alva Estrella do Norte
Seus passos allumiou...!
D'argenteo berço tão bello
Ergueu-se além, no castello,
E foi-lhe n'alma brilhar,
Mais linda que as lindas rosas,
Mais que as perolas formosas
Das mais formosas do mar.

E pois que o berço da aurora
Foi este dia d'Abril,
Sagremos-lhe hymnos agora
Em honra ao berço gentil;
Sagremos votos por ella,
Que foi do Proscripto a estrella,
Promettida ao coração:
E em cada voto um desejo
Vá cá dos filhos do Téjo
Por-lhe aos pés a gratidão.

XXXII

CONSUMMATUM EST

Eil-o, o Gólgotha erguido, e em torno .. o mundo!
Homens, povos e reis, olhai... que vêdes
No viso do Calvario? A Cruz! O Christo!
Que lava, apaga alli a mancha eterna
Por preço do seu sangue!—Esse madeiro
É hoje a vossa herança! A Cruz da infamia
É symbolo d'amor e liberdade!

Tinham ricos e grandes mil insignias,
Teem uma agora pobres e pequenos,
E os proprios reis virão depor os sceptros
Á raiz d'esse tronco! — Hão-de abrigar-se
Á sombra d'elle as gerações futuras;
E despido de galas, nú, sósinho,
Déscendo afoito á arena dos combates,
Conquistará o mundo! — Reis e povos,
Curvai-vos ante a Cruz, que ora começa
A reinar sobre a terra, porque o Verbo
Já cumpriu a missão! — O Christo sobe
Ao seio do Senhor... e a Cruz ás grimpas
Do Capitolio audaz!... Povos, curvai-vos,
A redempção do mundo consummou-se!

⁂

Mas o mundo, a terra que era,
Depois que esse cherubim
D'ignea espada, lá se erguera
Ante o defeso jardim?
Que era o homem do peccado
Quando do Eden desterrado,
Entregue á lei natural?
E a lei escripta, mais bella,
Não deixou inda após ella
Viva a culpa original?

O que era o mundo?... Abysmado
Na miseria e corrupção!
Continha o pomo vedado
Tamanha condemnação?
Que vista!... Os homens em guerra,
D'iras más cobrindo a terra
C'o vicio por lei ruim!
Os homens na vida novos,
E dando por norma aos povos
O' crime vil de Caim!

Em vez da lei rege a espada;
A tyrannia é poder;
A familia escravizada,
Escravos filho e mulher:
Os affectos desmentidos;
Abafados os rugidos
D'esse tigre popular
Com pão, que arrojam tyrannos,
Por lhe comprarem mais annos,
A hora d'elle os tragar!

Da virtude existe o nome,
Um embuste ás multidões,
Que a podridão já consome
O cadaver das nações;
É mentira a sociedade;

Roja grilhões a verdade,
Fez-se a vida mat'rial;
O homem, n'alma corrupto,
Ergue em altar dissoluto
Por Deus o genio do mal!

Infame! Sanctificando
Frageis deuses que amassou,
Prostra-se, em culto nefando,
Á obra que elle creou!
Não tem fé, não tem esp'rança,
Nem sequer os olhos lança
Das nuvens á região;
Não soletra nas estrellas
O nome, que lá vem d'ellas
Gravar-se no coração!

Ah! Foi vendo-o assim perdido
Dos crimes no vasto mar,
Foi, Senhor, que arrependido
Te sentiste de o crear!
Empunha a vara de ferro,
Corta-lhe as carnes, e o erro,
Afoga... queima... Senhor,
Legou-lhe Adão a vertigem,
O crime é crime d'origem,
Cria outro mundo melhor!

Se a uma mulher permittiras
C'um fructo assim corromper,
Porque outro fructo não tiras
Do seio d'outra mulher?
D'um tronco viçoso e forte
Fizeste arvore da morte,
E culpa eterna sahir;
D'arvore sêcca e despida
Faze uma arvore da vida,
E a flôr do perdão abrir!

Mas tu accendes-te em ira,
Dos labios sae-te o trovão,
Já nas faces te luzira
Do relampago o clarão,
Rolam-te as nuvens ás plantas,
E nas mãos ambas levantas
Feixes de raios!... Meu Deus!
No livro das prophecias
Tu escreveste — Messias,
Depois da ira dos céus!

∞

Os céus de negro tingiram-se,
As cataratas abriram-se
Com fragor de par em par...

Encrespam-se as chuvas, correm...
E despenhadas percorrem
O espaço a sussurrar...

Chovia, chovia,
De noite, de dia,
E tudo a cobrir;
Os plainos, as pontes,
Cidades e montes;
A agua a subir.

Subindo, subindo,
O mundo afundindo,
E tudo a gemer;
Os velhos, os novos,
Os homens, os povos;
E tudo a morrer!

Na terra, nos ares,
Já tudo são mares,
Ha só céu e mar!
Apenas na crista
Das aguas se avista
Uma arca a boiar!

Puniste, Deus! Não remiste;
N'essa arca um mundo inda existe,

Novo mundo de Noé;
Os crimes n'agua afogádos,
Punidos, não resgatados,
N'essa arca ficam de pé!

As chammas!... O raio còrra!
De Sodoma e de Gomorra
Fique a cinza, a cinza só!
Oh! venha a licção que abraza!
Escrev'a, co'a ponta d'aza,
Teu anjo no quente pó!

As nuvens nos céus beberam
Lavaredas de que encheram,
Encheram o bojo seu;
Partem c'o a carga de fogo,
Eis chegam, rasgam-se logo,
E o rubro fogo choveu!...

Chovia, chovia,
E a chamma lambia
Do vicio a mansão;
As ruas, as casas,
Os homens, são brazas,
Vermelho carvão!

E o vento assoprava,
O fogo ateava,
O fogo a correr;
Parecem serpentes
As chammas ardentes
Em tudo a morder!

E tudo se abala,
Derroca-se, estala,
E o fogo a rugir!...
Leão do deserto,
De cinzas coberto,
C'o a vista a luzir!

Puniste, Deus! Não remiste,
N'essas cinzas não sumiste,
O peccado original!
O crime em fogo abrazado,
Punido, não, resgatado,
Vai com Loth. . e ao lado... é sal!

Voltou os olhos... e a terra,
Se a teus castigos se atterra,
Tem medo, não tem amor,
Se com tuas iras espantas,
Castigas, mas não levantas
O homem ao Creador!

Do diluvio a agoa mata,
Mas a agoa que resgata,
Não é d'essa, é do Jordão;
A chamma do raio fere,
Mas chamma que regenere,
Ha-de arder no coração!

Crimes de sangue, com sangue
Só de Deus o Filho exangue
Póde apagar e remir!
Se o peccado foi immenso,
O sacrificio, o incenso
Sò lá dos céus podem vir!

Seja um Deus, seja o thuribulo,
Recendendo no vestibulo
D'este templo universal;
Se eterno da culpa é o vicio,
Seja eterno o sacrificio,
Seja a victima immortal!

Immortal! Mas d'homem tome,
Tome o barro, a fórma, o nome,
Vista inteiro o humano pó;
Tenha berço e sepultura,
Beba o calix da amargura,
E por todos morra só!

Que importa que em Roma, do martyr zombando,
Restruja de orgias um ébrio cantar?
Por baixo de Roma vão hymnos coando,
O martyr tem cultos, a Cruz tem altar!

Que exercito longo, de esp'rança em delirio,
Das fundas arcadas lá vem a sair!
Sorri-se nos tractos, votado ao martyrio,
Espanta os algozes, conquista o porvir!

E vejo esses crentes á luz já do dia,
Accesos da crença na íntima luz,
Do imperio assistindo á longa agonia,
Doirar-lh'a de esp'rança, mostrando-lhe a Cruz!

Que importa do norte, na f'reza nativa,
Se ajunctem selvagens do imperio ao redor,
Do velho já morto, de Roma captiva,
Calcando-lhe a c'rôa d'antigo esplendor?

Se os vejo de ferro nas mãos triturando
Palacios e templos, sciencias e leis,
Que importa? Que importa? Se tudo deixando,
A Cruz, o Evangelho, levar só vereis?

São rudes, mas sabem dos homens os crimes,
Ingenuos intendem ingenua licção,
E os dois monumentos, com serem sublimes,
Couberam-lhes n'alma, com elles lá vão!

Dois mundos arcando! Que importa? Qual vence?
Não vejo que o novo, robusto, de pé,
Sacode o cadaver, que á historia pertence,
E colhe por palmas as palmas da fé?!

Que importa? O madeiro não canta a victoria?
Não queima esse facho as trevas d'além?
E quanto hoje os povos teem d'honra ou de gloria,
Não vem da palavra do Christo, não vem?

No transe da infamia juiz menos duro
O Homem chamou-lhe, mostrando-o aos judeus,
Não sabe, não póde, não lê no futuro;
Mas nós? Mas o mundo?—Chamamos-lhe Deus!

∞

Chamamos: porque nos veiu
A hora emfim do perdão;
De puro, virgineo seio
Teve o mundo um novo Adão;
Povôa a terra de crentes;

Outros povos, outras gentes
São do Christo descendentes,
Das palavras que soltou;
Nascem da lei que deixara,
Dos prantos que elle chorara,
De cada passo que andara,
Do sangue que derramou!

Nova terra e homens novos,
Outros costumes e leis;
Sentem-se livres os povos,
Sentem-se livres os reis;
De escrava a mulher, chamou-se
Socia do homem, libertou-se
O filho, o servo, e amou-se
A humanidade entre si;
E porque tudo se mude,
Brotou d'homens a virtude,
Como em chão de monte rude
Roseo botão que sorri.

Passou o Christo na terra,
Foi a luz, alumiou;
Foi sol surgido da serra,
Alvo dia que raiou.
Que falta nas prophecias?
Que mais, Senhor, mandarias

No livro do teu Messias
Por mão d'homens escrever?
Eis o presepio, eis a vida,
Eis a senda percorrida,
Eis do Calvario a subida,
Eil-o na Cruz a pender!

D'espinhos punge-lhe a fronte
Novo diadema cruel;
De cada espinho uma fonte
De sangue!... Nos labios... fel!
Os olhos amortecidos;
Roto o peito; denegridos
Os membros; e seus vestidos
De roda a turba a jogar!
Ao padrão do soffrimento
Que mais falta? Que tormento?
Não chegou, Deus, o momento
Do sacrificio acabar?

O homem cobra o destino
Immortal; de novo é teu!
Fez-se um caminho divino
Do sepulchro até ao céu;
Remiste, não castigaste;
Em vez das iras rasgaste
Do amor a fonte, e inspiraste

Aos homens ignoto amor:
Eis aberto o novo trilho!
Por irmão temos teu Filho'
Que brilho falta ao teu brilho?
Que mais te falta, Senhor?

Oh! Cumpriu-se a misssão; o mundo é salvo!
A victima no altar inda agoniza,
Mas nos lividos labios já murmura
A derradeira phrase! O sacrificio
Completou-se; bebeu até ás fézes
O calix da amargura! Reis e povos,
Curvai-vos ante a Cruz! — O Christo sóbe
Ao seio do Senhor... e a Cruz ás grimpas
Do capitolio audaz!... Povos, curvai-vos;
A redempção do mundo consummou-se!

XXXIII

A PADEIRA D'ALJUBARROTA

Sus! Acorda, mulher forte,
Torna á vida outra vez, tu;
Levanta do chão da morte
Terra a cima o braço nú;
Vem, mulher, traça a mortalha,
Que por cá,
Já se esqueceu a batalha,
Mais a pá.

No teu tempo até mulheres!...
Hoje nem homens! Vem vêr,
Mas do pejo que tiveres
Não tornes logo a morrer;
Vem, mulher, traça a mortalha,
Que por cá,
Já se esqueceu a batalha,
Mais a pá.

C'um bastardo em rei alçado,
Por direito e por valor,
Até tu, como um soldado,
Davas sangue ao patrio amor!
Vem, mulher, traça a mortalha,
Que por cá.
Já se esqueceu a batalha,
Mais a pá.

Direito nem valentia
Não achas por nosso mal,
Achas núa a bastardia,
Bastardos de Portugal;
Vem, mnlher, traça a mortalha.
Que por cá,
Já se esqueceu a batalha,
Mais a pá.

E os bastardos a Castella
Querem a herança entregar,
Não teem hombros para ella,
São fracos, fal-os vergar;
Vem, mulher, traça a mortalha,
Que por cá,
Já se esqueceu a batalha,
Mais a pá.

A gloria aos fortes é leve,
Mas essa raça acabou,
E se inda alguns filhos teve,
Pergunta quem nos prostrou;
Vem, mulher, traça a mortalha,
Que por cá,
Já se esqueceu a batalha,
Mais a pá.

Vem tu, pois, oh! Vem, que basta
O teu braço de mulher,
Já que esta terra madrasta
Hoje homens não sabe ter;
Vem, mulher, traça a mortalha,
Que por cá,
Já se esqueceu a batalha,
Mais a pá.

Ao Mestre não digas nada,
Nem a Dom Nuno, isso não;
Não ha já nenhuma espada,
Das que traziam na mão;
Vem, mulher, traça a mortalha,
    Que por cá,
Já se esqueceu a batalha,
    Mais a pá.

Não ha ala tão valente
Que elles possam commandar,
Nem ha reis que frente a frente
Batalha lhes venham dar;
Vem, mulher, traça a mortalha,
    Que por cá,
Já se esqueceu a batalha,
    Mais a pá.

Vem, vem, que sobra aos de fóra,
Como aos de casa tambem,
Essa pá, puxada agora
Por essas terras além;
Vem, mulher, traça a mortalha,
    Que por cá,
Já se esqueceu a batalha,
    Mais a pá.

Vem, que verás logo rota
A hoste dos vendilhões,
E da nova Aljubarrota
Deixarás novos brazões;
Vem, mulher, traça a mortalha,
    Que por cá,
Inda mais do que a batalha,
    Falta a pá.

XXXIV

NÃO VÁS

Amigo, suspende, espera,
Vê que da ira a paixão
Apaga a luz da razão,
E muda o homem em féra!
Armado o braço, pondera
Se és já escravo ou senhor;
Não vais vencer, vais vencido,
Vais instrumento rendido
D'outro inimigo peior.

Tens mais perto em quem vingar-te,
Tens mais perto a quem vencer,
Em ti é que é combater,
Se queres forte mostrar-te.
Pois cuidas que n'outra parte
Mais resistencia terás?
Ou cuidas que é mais gloria
Deixar difficil victoria
Por outra facil?—Não vás.

Mais offensas? Onde as queres
Escuta de dentro a voz,
Ouve-a bem, comtigo a sós,
Acharás quantas quizeres;
Pune ahi; se o não fizeres,
Fraco, injusto, dize então,
Dize, por vergonha, amigo,
Que és indulgente comtigo,
Severo com teu irmão.

Se de Seneca ao espelho
O pagão se ía mirar,
E, por mudado se achar,
Achava n'elle conselho;
Se d'aquelle exemplo velho,
Que Metastasio imitou,
Sae a fonte, onde a donzella,

Bella Choris, d'antes bella,
Irada, feia ficou;

Ha-de o pagão e a vaidade
Ter onde enfrear-se a si,
E não ha-de haver aqui,
Quem falle ao christão, não ha-de?
Oh! Por Deus! Amigo meu,
Nem o espelho nem a fonte,
Basta a consciencia defronte,
Basta erguer a vista ao céu!

XXXV

O FUNERAL E A POMBA [1]

I

Que vai além nos arraiaes contrarios?
De espaço a espaço a artilharia trôa,
Mas não vomita na golfada ignifera
Rabidas balas!

A sentinella, perpassando, mostra
De cano á terra o arcabuz ocioso;
Ao meio d'haste a bicolor bandeira
Lugubre desce!

[1] Vid no fim do vol.

Que vai além nos arraiaes contrarios?
Saudoso dobre de plangentes sinos,
Casado ao rufo de tambores roucos,
Ouve-se ao longe!

Lá vem... lá vem... um sahimento! Os crepes
Rojam por terra! O silencio é fundo,
E na fileira exequial as tochas
Tremulas fulgem!

Que dòr é essa nos arraiaes contrarios?
Com toda a tropa desdobrada em alas
Que perda choram, esmerando afflictos
Funebres pompas?!

Vão no cortejo os generaes, vai tudo,
Seus estandartes pelo chão se prostram
Sob a passagem do ataude, e gemem
Musicas tristes!

Que perda choram os arraiaes contrarios?
Dir-se-ha que a morte lhe arrancou sinistra
Da crença ao livro, n'um augusto nome,
Symbolo charo!

É certo... é certo... que distincto agora,
Por entre o escuro dos calados vultos,
Aureo diadema despediu aos olhos
Rapido brilho!

II

Soldados, que ha vinte annos
Com esforços sobre humanos
Batalhais por vossa fé,
Soldados, eia, de pé!
Respeitem-se aquellas magoas,
E do nosso pranto as agoas
Lavem d'odio o coração;
Não ha odios d'este lado,
Nem se deshonra um soldado,
Quando abraça seu irmão.

Ponham-se treguas á guerra,
E ninguem manche esta terra
Ao pé da funérea luz;
Soldados, olhai a Cruz!
Demos pranto a quem prantêa,
Demos dôr á dôr alheia,
Nos dois campos lucto egual!
Nenhum, nenhum se envilece,
Unidos na mesma prece,
Junto á loisa sepulchral.

Solemne melancholia,
Seja n'hora da agonia
Nosso tributo cortez;
Que o tomem, que é portuguez!
Portuguez d'aquelles peitos,
Por tantos annos affeitos
Na lealdade a soffrer;
Portuguez, que vem das eras,
D'aquellas crenças sinceras
D'antes quebrar que torcer.

Que o tomem; e nós, soldados,
Ao vêl-os tão consternados,
Respeitemos-lhe a sua fé;
Amigos, eia, de pé!
Era o seu chefe, e bandeira,
Diziam-n'a companheira
De infortunio e proscripção;
Comprehendemos, pois, seu grito,
Nós, soldados do Proscripto,
Vinte annos gemendo em vão!

A cada um sua crença e dôres,
Cada qual estreme as côres
Do pendão que traz por si;
Todo branco, é o nosso aqui.
Mas, se d'elle voz sagrada

Nos manda, por gloria herdada,
Ou morrer ou triumphar,
Tambem no alto do Calvario
Outro estandarte, um sudario,
Manda os tristes consolar.

Porque é de arraial opposto,
Não córa o tributo o rosto,
A quem o toma ou quem dá;
Soldados, lucto de cá!
É tributo á monarchia,
Por dois campos n'um só dia,
Cada qual por sua lei;
Um faz honras á Rainha,
Outro á Princeza, Sobrinha
D'aquelle que jurou Rei!

III

E eil-a que alli vem sem vida,
Que inda era ha pouco viçosa,
Como a flôr;
E, flôr do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Esposa,
Resta a dôr!

Aos filhos não, não lhes basta
Do mundo fallaz ventura
N'este mal!
Mal em que a terra madrasta
Não basta á saudade pura
Filial.

Á viuvez que importa o fausto,
Quando uma alma d'outra alma
Enviuvou?!
Se enviuvou n'um peito exhausto,
Toda a flôr d'essa êrma palma
Desfolhou.

E eil-a que alli vem sem vida,
Que inda era ha pouco viçosa,
Como a flôr;
E, flôr do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Esposa,
Resta a dôr!

Oremos todos por Ella!
Que na morte renascesse
Para Deus!
Que Deus, n'aquella hora ao vêl-a,
Da dôr escada fizesse
Para os céus!

Oremos todos; nós temos
D'Innocentes Desterrados
Uma Mãe;
Mãe e Pae, de quem seremos
N'esta prece acompanhados
Lá tambem.

E eil-a que alli vai sem vida,
Que inda era ha pouco viçosa
Como a flôr;
E, flôr do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Esposa,
Resta a dôr!

IV

Silencio! Eis pára o sahimento ao arco,
D'esse mosteiro que um Affonso ergueu;
O vento agita, de redor dos coches,
Co'a chamma funebre, luctuoso véu.

Que ponto incerto se desenha no alto,
Como vagando na amplidão do ar!?
E baixa, e baixa, semelhando uma ave,
Que já das azas se sentiu cançar.

Baixou mais perto; e, pairando, vê-se
Mimosa pomba, que dos céus voou;
Eil-a veloz se precipita agora,
E sobre um carro funeral poisou!

É sobre o carro que levava a c'rôa!
De susto isenta, como poisa assim?!
E quêda, quêda... mas de novo o carro
Segue o cortejo... levantou por fim.

Já no successo reflectindo o povo,
Decifra avisos, que lhe vem do céu...
E o sahimento se sumiu na Egreja,
D'esse mosteiro que um Affonso ergueu!

O povo, ás vezes, allumiado na alma,
Dizem que as lettras do futuro vê;
Ou seja Deus que lhe confia o livro,
Ou seja o povo que por Deus só lê.

O povo é fóra, póde ser que esp'ranças
Manso ao ouvido traduzindo alli;
Da pomba o caso correrá mil boccas;
Crêem-se ditosos os que dizem — vi.

Lá dentro, em tanto, pela nave triste
Mais triste o orgão na oração gemeu;
E dos levitas lachrymoso canto
Ecchoou na Egreja que um Affonso ergueu!

V

De joelhos, soldados, na ultima prece!
Da loisa na quéda cá sinto o fragor!
E a mystica pomba qual lembra ou esquece
Dos campos oppostos...?—Rogar ao Senhor!

A pomba da Arca, no ramo colhido,
Co'as agoas descendo, fallava de paz;
Findava o castigo, e um povo escolhido
Á terra um Messias comsigo lhe traz.

Aquella hoje poisa, por nova Sybilla,
No carro que leva dos Reis o signal;
Se a c'roa é do reino, na pomba tranquilla
Tranquillos agouros terá Portugal.

Os campos oppostos são livres nos varios
Oppostos juizos que podem fazer;
Que ha outros mais altos, fechados sacrarios,
A que homens não podem as portas romper.

Confiemos, pedindo; esp'remos que a pomba,
De paz mensageira, da patria por bem,
Não venha hoje ao lado da loisa que tomba
Trazer injustiças, por mal de ninguem.

De joelhos, soldados, na ultima prece!
Da loisa na quéda cá sinto o fragor!
De joelhos, que a pomba só lembra ao que esquece
Nest'hora solemne — Rogar ao Senhor!

XXXVI

A CONFISSÃO

Que crimes, que o mundo correm,
Que param na *confissão!*
    E por ella,
    Por temêl-a,
Quantos nascem, quantos morrem
Sem sair do coração!

Oh! Quantos não tem guarida
Nem lá mesmo, a se esconder!
Que nas almas,
Onde as palmas
Da penitencia tem vida,
Não chega o crime a nascer.

É poder da penitencia,
Poder só das leis christãs,
Que seja,
Pela Egreja,
A dôr tambem innocencia,
Que sejam duas irmãs!

Confissão! Sancto preceito,
Que evitas o desesp'rar!
Onde iria,
Da agonia,
Do peso que traz no peito,
O peccador descançar?

Fôra em seio d'um amigo?
Mas quem no homem póde pôr
Confiança,
Se a mudança
Traz sempre unida comsigo
Dos homens o fraco amor?

Irá tomar os desertos
Por confidentes? Não vá,
    Se tem medo,
    Que o segredo
De seus crimes encobertos
Não fique guardado lá.

Não fica; lá ruge fero
Sempre o crime a quem o tem;
    Não se acoute,
    Que ouve á noute,
As vozes que ouviu já Nero
Junto ao sepulchro da mãe.

Se os homens, se a natureza
Assim são c'os vicios meus,
    Que ventura,
    Tão segura,
Poder achar á fraqueza
Um perdão aos pés de Deus!

XXXVII

OS PATRIOTAS

—Quem vem lá?—A caridade.
—Não conheço; alto ahi!
Não passa, que á liberdade
Sentinella faço aqui:
D'onde vem c'o seu rosario?
—D'onde venho? Do Calvario,
Nasci, criei-me co'a Cruz.
—Arreda de taes bisarmas!
Ó patriotas, ás armas,
Que esta gente é de Jesus!

—Esp'rai, talvez enganada
Fosse em França por meu mal,
Cuidei que esta era a fallada
Terra fiel, Portugal.
—A terra é aqui, mas agora
Não se admittem de fóra
Senão soldados ou reis,
O mais é tudo de casa,
Por isso não fazeis vasa,
Co'as coisas que cá trazeis.

—Mas...—Não passa, tenho dicto;
Estrangeirice! Isso não!
Se fosse um livro bonito,
Alguma Constituição,
Ou cabelleireiro ou dentista,
Ou dançarina ou modista,
Isso podia passar;
Porém coisas que tem p'rigo,
Não passam aqui, comigo,
Sem eu ás armas chamar.

—Pois de p'rigo ou extrangeira
É a Cruz que trago aqui?
—De certo, que essa bandeira
Tem Jesuitas por si;
Nada! Cruzes só cá feitas,

Só nacionaes ás direitas...
E até d'aço as temos cá.
—Oh! Esta os povos fazia
Todos irmãos.—Quem diria,
O atrazo em que a França está!!

—E com a Cruz confortar-vos
Vinha no leito da dôr,
Vinha os filhos ensinar-vos
Só por amor do Senhor.
—Sendo mulher?! Que maldade!
Arriscada a castidade
D'um patriota talvez,
E aos filhos... ó patriotismo!...
Ensinar-lhe um christianismo,
Que falla a Deus em francez!!

—Então Deus?...—Olhe, se louca
Não está, fuja d'aqui,
Em lhe ahi vendo essa touca,
Verá o que vai por ahi!
—Viram-n'a já protestantes,
E por terras mais distantes
Viram-n'a os turcos tambem;
E nenhum...—Já nós lá vamos!
Muito bem! Quer que sejamos,
Como os turcos! Muito bem!

—Ai! Padres!—Que é? Quem são estes?
Sotainas! Temos peior!
Fostes vós que os cá trouxestes?
—São Ministros do Senhor.
—Ah! São frades! Cérca, cérca!
Ás armas! Fogo! Não perca
O patriotismo esta vez.
A cito, fogo...! pedrada!
Bravo! Assim, rapaziada,
Assim e que é portuguez!

Agora por este lado,
Patriotas. Quem vem lá?
—Um vosso fiel alliado,
Que vem prégar-vos por cá.
—Que prégas tu?—Reformada
A crença que andava errada
D'andar dos Papas na mão.
—Pois sim, préga; haja egualdade,
Tolerancia e liberdade
A qualquer religião.

XXXVIII

O BUSSACO

I

A que vens, caminhante, á erguida penha,
Solitaria, saudosa, melancholica,
Socia amiga de peitos lacerados,
D'antiga penitencia sacro asylo,
Onde, ainda, ao descair da tarde,
Cuidarás na floresta ouvir plangente
A voz do foragido cenobita
Em soluçada prece misturar-se
C'o murmurio da rapida torrente,
E c'o som compassado e gemebundo

os longes campanarios?!... Que procuras
o deserto mosteiro, entre estas sombras
ə cedros seculares, fartas prégas
) aveludado manto verde-negro,
m que a serra se veste, a luz coando
mp'rada e sismadora para tristes?!

II

ıue vens, caminhante? Aqui não tragas
mundo os pensamentos. Deixa á porta,
pé d'aquella Cruz e da caveira,
ırrena illusão, os vãos desejos
mentidos prazeres, as memorias
ᵔxistencia fallaz, das breves flores,
exornam, como escarneo, para o tumulo
rgulhosa victima da morte.
Olha... bem vês o monte alçar os braços,
Co'as mãos de pedra separar a coma,
Por entre as nuvens estender o collo,
E ao céu voltar o rosto de granito!
É o austero Bussaco! Acostumou-se,
No trato penitente de seus monges,
Á saudade de Deus e ao desengano,
Do que vai pela terra. Não, não peças
Ao filho da soidão d'essas idéas,
Que se criam distantes, lá embaixo,
No enxamear dos homens. Vem, mas traze

Comtigo o coração, chagado embora,
Movido á paz suave, e o fogo d'alma
Encaminhado ao menos ás alturas,
D'onde baixára a accender-te a vida.
Vem, se vens já co'a mente apparelhada
Ao rispido voar das aguias do ermo;
Se na meditação repouso buscas
Ao cogitar confuso, ás luctas intimas
De candentes paixões; se já soubeste,
Por espinhos da dôr contando as horas,
Anciar no retiro um marco apenas,
D'onde em pé, como nauta apercebido
Que pairou a tormenta sobre a amarra,
Visses as vagas serenar, e a escuma,
Dispersa em rôlos tremulos, sumir-se
Pelas longinquas orlas do horizonte!

III

Não vens assim?... Suspende o passo ousado;
Deixa que, livres de importunas vindas,
As tortuosas sendas se emmaranhem,
Chorando, ao romper d'alva, em crystaes puros,
Gemendo, ao pôr do sol, em soltas folhas,
Pelos passados tempos, co'a saudade
Do roçar do burel e das sandalias
Do pobre Carmelita. — Não olhaste
D'além, de noroeste, inda esta serra?

Não viste que semelha immenso tumulo,
Como de industria posto, a dar aviso
Aos felizes, aos fortes, que não venham?
Elles que sabem, prodigos da vida,
Com mortos conversar? Que diz a pedra
D'apagada inscripção e a Cruz musgosa,
Que occiosos errantes comprehendam?
Elles que podem vèr, elles que podem
Ouvir na solidão?... Que dizem fontes
No susurro monotono das aguas,
Na poeira de prata, sacudida
Da aza da viração, que esmalta a relva?
Que diz a verde balsa em labyrinthos
De phantasticas grutas, e nas doces
Queixas de suas aves magoadas?
Que diz o cedro a prumo, topetando
Co'as estrellas do céu, cingido d'hera,
Que em lustrosa espiral sobe constante,
A segredar-lhe amores com que esqueça
Aqui seu patrio Libano? Que dizem,
À sombra d'elle, os echos memorando
O monge que o cá trouxe, e que passara,
Homem e talvez sancto, mais sem rasto,
Mais depressa, mais fragil, do que a prole
Da tenue sementinha transportada
Dentro da parda manga? Que diz nunca
A gelados ouvidos a harmonia

Dos indistinctos sons mysteriosos,
Que suspiram na selva e nos penhascos,
Na planicie e no monte, ás horas languidas
De indeciso crepusculo? Qual d'elles
Sabe a lingua que fallam as correntes
Na esmeralda do valle, argenteas cordas
Por invisivel mão tangidas na harpa
Sonorosa da terra? Qual sentira
Arrobar-se-lhe a alma nas tristezas
D'esse ermo azul dos afastados mares,
Quando vem sem temor a casta lua
Preguiçosa banhar-se, e, embalada,
Parece adormecer nas fôfas ondas?
Longe passem, vão longe, esses; não podem
Por aqui deleitar-se, que o Bussaco,
Filho rude de inculta natureza,
E cuidado de mãos que só sabiam
Vaidades açoutar, não tem, coitado,
Com que agrade aos do mundo ambicioso;
Como eu não tenho, trovador humilde,
Canções que lhes contentem. Fujam, fujam;
Não tem nenhum de nós com que regale
Curiosidades vans; ávante, passem!...

IV

Mas bem vindo, bem vindo se és d'aquelles,
Do sepulcro attrahidos; se em ti sentes

Fundas crenças, ou fundas amarguras.
Vem então, vem comigo, iremos juntos
Pascer o coração d'essas lembranças
De mais piedosos dias, e ao mosteiro
Pedir c'os olhos humidos as vozes
De seu povo proscripto, o sancto exemplo,
O conforto, o conselho, a luz perenne,
Que fulgurava aqui; pedir ao côro
Os seus filhos, em renques, cabisbaixos
A orar pelos homens; ás paredes,
De cortiça forradas, os segredos
Das sanguentas asp'rezas contra a carne;
Á cella, á dura lage, ao Crucifixo,
O longo pranto, d'olhos encovados
Pela assidua vigilia penitente;
Recordar no callado dormitorio
Do macerado monge os tardos passos,
Das chaves o tinir na mão, convulsa
Da abstinencia e dos annos; lá, na entrada,
Aprender no fervor do vulto grave,
Animado na tela, os pensamentos
Do velho frade á Cruz cozendo o peito;
E na pendente lettra, esteril hoje,
O preceito que dava ao recem-vindo,
Como lugar de *bus*, lugar de *saco*.
Vem, vem, iremos ambos ajoelhar-nos
No chão da muda Egreja, e, presa a vista

Na face linda, angelica, mas triste,
Da terna Magdalena, saberemos
Como nas chagas d'alma aqui devia
Cahir suave e animador o balsamo
Das lagrimas sinceras, quaes lhe manam,
A baga e baga, tumidas rolando
De seus formosos olhos em diamantes
Sobre as rosas purpureas, assombradas
De loura, solta trança; vem no Claustro;
No viuvo jardim, unico luxo,
Ao monge permittido, antes remedio
Ás poucas horas d'ocio; nos alfobres
D'abandonadas hortas, que recata
O gigante arvoredo; ao pé do tanque,
Onde a agua fervendo espadanava
Frescuras, pela tarde, ao solitario;
Lá na *Porta de Sula*, alegre termo,
Inesp'rado descanço á dura trilha
Da tortuosa ingreme vereda;
Na saudosa e amena *Rua do Horto*,
Por entre as aveleiras prateadas,
Com alamos e platanos toldando
A alcatifa de musgos, mais macia
Que um tapete oriental; na curva lapa,
D'onde em cachão a *Fonte Fria* rompe,
E vai de quéda em quéda despenhar-se
Alem no fundo val; junto ao *Pretorio;*

Em toda a *Sacra Via;* no *Calvario;*
E mais alto, mais ainda, na *Cruz Alta,*
D'horizontes sem fim, que descortina
Um immenso estendal d'outeiros, campos,
Vinhas, prados, arneiros, rios, valles,
Cidades, villas, povoações diversas
De sete episcopados; vem comigo
Piedoso gemer, chamar, em tudo,
O monge que aqui falta, os echos mortos,
A penitencia expulsa, aquellas horas
De virtuoso viver, o som do bronze
Na torre á meia noite, e o das sinetas,
Respondendo da mata, veladoras,
Por mão do eremita, inda abrigado
Em mais austeridade nas capellas,
Aqui, além sumidas pelo bosque,
Como violetas tímidas, brotadas
Da devoção sublime, como affectos,
Que inda se aninham mais no íntimo seio,
A recender perfumes dos que os anjos
Invejam para Deus talvez aos homens!

V

Ó loucura d'um seculo descrido!
Porque em paz não deixaste a crença ardente,
Que vivia de lagrimas e dôres,
Consagradas ao céu? Que crime havia

Em trazer pelas fragas os joelhos,
Nos espinhos do chão poisar a fronte,
E dia e noite, na oração gemida,
Applacar, contra ti incendiadas,
As iras do Senhor? Aos teus prazeres
Que fazia o cilicio ensanguentado
Debaixo do burel? Á tua sêde
De goso mat'rial que lhe faltava,
Lá fóra em tanta terra? Inda era estreita,
Sem esses poucos palmos onde abria,
Por suas mãos um frade, a sepultura?
Que mal fazia ao mundo quem do mundo
Tão pouco o contentava? O mundo!... Cego!
Que outro braço rasgou mais terras bravas,
Mais ondas devassou, domou mais gentes,
Fundou mais povoações, juntou assiduo
Maior thesouro de sciencia e lettras?
Que outro braço lidou mais victorioso,
Servindo a Fé, servindo a humanidade,
E das conquistas dando as ricas pareas
Todas a Deus e á patria? Cincinnatos
De novo e mais subido desint'resse,
Como os homens, ingratos, vos pagaram!
Talvez que mesmo aqui do frade a capa
Homisiasse, um dia, alguns, que, sofregos,
Depois sobre ella sortes lhe lançaram,
Ao tomarem a rol os vasos sanctos,

Que, do altar despojado, iam levados
De Balthazar á festa!... Loucos! Loucos!
A vossa obra foi má. Se sois sinceros,
Crede sincera a voz, que, nas ruinas,
Deplora o fatal erro, isenta d'odios.
Que importam arraiaes, bandeiras, pugnas
De encontradas paixões? Ao cabo, a todos
Um arraial sómente e uma bandeira,
O cemiterio e a Cruz!

VI

Como se extingue
Alli todo o zumbir do fraco verme,
Que se diz, e se crê, e em si se sente
O rei da criação! Como é de canna
O seu sceptro pod'roso! Qual lhe passa
Ante os olhos o insecto d'um só dia,
Assim elle ante Deus! E tanto affinco
Ao quebradiço barro, tantas luctas,
Tanto lidar insano! Ao menos, tenha
N'esse campo commum suave somno,
Que só dá travesseiro de virtude!
Quantos o dormem tal? Não sei; mas d'esses
Muitos iam do claustro. Atravessavam,
Ignorados heroes, a vida inteira
Em peleja cruel comsigo mesmos;
O homem contra o homem que ha cá dentro,

Dos inimigos seus o mais terrivel!
E triumphavam d'elle, sem que a gloria
Nem o nome sequer, de illustre exemplo,
Lhe soubesse ninguem, ninguem guardasse
Na memoria!... Soldados valorosos,
Que morrestes na brecha, não se falla
No exercito de vós! Embora! embora!
Hei-de em meu canto, ao menos, memorar-vos!

VII

Riam, se querem, levianos d'hoje,
Riam do bardo crente, que inda frades
Se atreve a recordar, que inda não soube
Aprender da calumnia, e vem ousado
Modular-lhes canções!... Alguns ouvidos
Haverá que me escutem: d'alguns olhos
Verei lagrimas puras; porque o vento
De torpe corrupção não queimou tudo!
D'aqui, d'estas alturas do Bussaco,
Chamo na voz saudosa os frades idos,
E pelo reino todo escuto, ao longe,
Tambem saudosos echos a chamal-os!
Hão-de vir, hão-de vir. A liberdade
Do Calvario é que traz sua corrente;
Aquelle que a lá deu na Cruz ao mundo,
Seu sangue derramou, não o dos outros;
Doutrinou, não fez força ás consciencias;

Expulsou vendilhões, não os levitas;
E ensinou a deixar, para seguil-o,
Tudo o que prende á terra! Oh! Não, não póde
Ficar assim proscripto agora o monge,
Porque o Mestre seguiu; porque só tinha
Por bens as preces, por familia os pobres,
Dando-lhes pão do corpo e pão da alma;
Porque andava comido dos cilicios,
Ou d'homens pescador, co'a Cruz ás costas,
A resgatar-se e resgatar os povos,
Sem mais sangue verter do que o seu proprio!
Oh! Não, não póde ser que o frade fique
Para sempre punido, errante, oppresso,
Em terra de christãos escarnecido,
Por este crime só — porque sabia
Fazer bem, e morrer sem epitaphio!
Os frades hão-de vir. Como que o dizem
Aqui as mesmas pedras! Possa eu vêl-os!
Mas os que os virem, vêr-lhes-hão alçadas
As mãos ambas ao céu, dando só bençãos,
E sincero perdão aos que lhes deram
Do seu longo desterro as fundas dôres!

XXXIX

A LORD BYRON

O genio não póde, por grande que seja,
Cobrir injustiças, não póde, isso não;
Em vez de elevar-se no vôo, rasteja
Se em vez da verdade só eleva a paixão.

Poeta, és injusto; nem era essa a furia
Que os vates pediam ás musas na voz;
A tua é de louco; a um povo essa injuria
Deshonra-te a lyra e a ti, não a nós.

Porque é que assim mentes? Porque é que assim lanças
Aos ventos da terra de nós fama tal?
Vingança?! E são estas d'um Lord as vinganças?!
Que culpa em teus vicios terá Portugal?!

A nossa ignorancia achaste tão rude
Por serios maridos achar inda aqui,
Que, quando buscavas manchar a virtude,
Nas costas as manchas te punham a ti?

Por isso é que somos um povo de escravos?!
Mas quaes a teu modo quizeras cá ver?
Seriam maridos talvez menos bravos?
Seria mais livre talvez a mulher?

Oh! Deixa a esta terra sua vida grosseira,
Não sabe, coitada, qual vós lá sabeis,
De corda ao pescoço, vender n'uma feira
As pobres mulheres, e á sombra das leis!

Não sabe, coitada, nas trevas em que anda,
Co'a tua de livre tomar as lições,
E mais bem patentes nos pulsos a Irlanda
Lh'as mostra gravadas em negros vergões!

Não sabe, não póde com tal liberdade;
A sua comsigo no berço a aprendeu,
E só e pequena e tenra na edade
A antigos escravos o exemplo lhes deu.

A antigos escravos, então pescadores,
Ahi n'umas ilhas sem nome inda ter:
Tão cegos ás plantas de duros senhores,
Que o mar, que os cercava, nem viam sequer!

E foi-lhes mostrando suas leis genorosas,
E foi-lhes mostrando que havia esse mar,
E foi-lhes mostrando, co'as mãos animosas,
Das leis e riquezas a trilha a trilhar.

Na estrada que viam de longe com susto,
Seus lenhos humildes entraram a pôr,
Ainda em suas ilhas não crendo sem custo,
Que o mundo podesse ser mundo maior.

Vieram submissos; e então inda nojo
Da nossa immundicia nenhum leva lá;
Se os visseis, fidalgo! se os visseis de rojo,
Aqui, n'esta lama que temos por cá!

Mal crêras que fossem teus paes, nobre bardo!
Porém não os culpes, vem já dos avós;
Não eram soberbos; a um nosso bastardo
Traziam princezas, honrados por nós.

Se prompta era a offensa e o braço remisso,
Qual em ti, só os fracos sabendo insultar,
Os fracos pediam, e o nosso Magriço
Lá ía ás suas damas a honra vingar.

Não sei se em tuas veias o sangue d'alguma
Ingrato girava, mas certo o que sei,
É que entre os carinhos não vira nenhuma,
Que a roupa dos doze não fosse de lei.

Tambem dos vencidos se a affronta inda arde
Nos versos do neto não sei, sei que vens,
Addindo-lhe a herança do exemplo covarde,
Ousar pôr nos outros as nodoas que tens.

Nem póde espantar-nos que esqueças, vaidoso,
Façanhas antigas dos nossos, então,
Se as d'hontem, sem pejo, talvez invejoso,
Transformas e roubas com voz de villão.

Pois fallas sómente na espada britanna,
Que pões sem int'resse brandida no ar,
C'roando-a dos louros que a mão lusitana
Lhe sabe, lhe ensina, lhe ajuda a ganhar?!

Pois tu este reino não viste, na guerra,
D'Albion ir ao lado suas armas medir
Co'as armas da França, deital-as por terra,
E os gemeos int'resses da Europa servir?!

Desminta-te o mundo, se a ti te não basta,
Nem mesmo o que attestam tous proprios irmãos,
Desminta-te a França, que, ao menos, não gasta
Em féros seu genio, em féros tão vãos.

Lá fomos, e sempre da guerra essa gloria,
Que os teus impostores tomavam a si,
Foi nossa ou de todos, que nunca a victoria
Sósinhos quizera c'roar-vos alli.

Um dia, sim, houve que Albion companheiro
Então não tivera, sósinha entre mil,
Foi quando ao vencido saiu carcereiro,
Foi quando á desgraça saiu algoz vil.

Mas Deus, que não dorme, deixou inda uns velhos
Que viram a infamia, por vêl-a vingar,
D'Albion a rainha lá foi, de joelhos,
Ás cinzas illustres a fronte curvar.

Que pena, orgulhoso, de veras, que pena,
Que já tu não visses Albion, tambem só,
Alli, onde a historia gravou = Santa Hellena =
= Perdão = ir gravar-lhe c'os labios no pó!

Porém sob a lousa socega em teu somno,
Que Albion como sempre seus usos guardou;
Temia, e bem sabes que quando do throno
Se prostra em baixezas, temeu ou lucrou.

Por isso os pod'rosos navios que dizes,
No Téjo só viras a dar protecção,
Tambem pouco antes, em dias felizes,
Se vens, os verias pedindo perdão.

São poucas, mas firmes, as linhas que escreve
Com mão inflexivel severo Pombal,
São poucas mas bastam; Albion inda teve
Então de curvar-se ao meu Portugal.

Talvez n'esse tempo tu mesmo acharias
Aceado e luzente tudo isto, talvez;
E até só com vascas á mente trarias
A sordida vida do povo albionez.

Talvez que ás cabanas da nossa indigencia,
Mas onde é bem raro de fome expirar,
Então comparando, ao pé da opulencia,
Por dentro as de Londres, soubesses córar.

Talvez que a batata, minguado resumo
De sangue suado, se o rico a deixou,
Então te dissesse que a terra do fumo
C'o fumo das galas mais negra ficou.

Nos bosques e valles as Cruzes que contas
Por cá aos milhares, sem ser devoção,
Só marcos sanguentos, quaes tu as apontas,
Das leis em opprobrio, do crime em padrão;

Talvez que as julgasses então monumentos
Piedosos, erguidos em honra do céu,
Talvez que a lisonja nos teus pensamentos
Pozesse a verdade que a raiva escondeu.

Talvez que os milhares não fossem já tantos
Bradando assassinio; só se inda tambem
As vistas das vinhas, que cantam teus cantos,
Tivessem a força que o seu vinho tem.

Oh! D'elle bem sabes, se és tu digno filho
D'Albion sequiosa, bem sabes que faz
Mil cousas só d'uma, e tira ou dá brilho
A tudo o que aos olhos pulando lhes trás.

Tambem já lembrado talvez então visses
O muro que a Hispanha separa de nós,
Os montes e os rios; e nobre sentisses
Um nobre respeito por nossos avós.

Talvez que soubesses que o muro, era a espada
Dos livres e fortes, de heroico valor;
Os montes, os mortos na patria ganhada;
Os rios, o sangue do patrio amor.

Agora... não sabes; da espada partida
Nem mesmo já lembra por lá entre os teus
A rica bainha, que inda anda, fundida,
Brilhando nas opas d'uns novos judeus.

Ah! D'essa se houvesse mais prata ou mais ouro,
Uns restos do punho, do cinto ou fiador,
Mordiam só n'isso, remindo o desdouro
Com que hoje se esquecem do seu bemfeitor!

Mas já que não temos mais ouro ou mais prata
Que a elles memoria lhes compre sequer,
A historia nos vingue; remorso ao pirata
Diante do mundo que a historia vá ser!

Só essa vingança!... Se é que as batalhas
Da India e Criméa já nuncios não são
De que essas soberbas um dia mortalhas
Nas velas que ostentam apenas terão!

E tu, ó poeta, não faças espanto
D'ouvir em tua campa taes vozes cair,
A paz para os mortos quebrou-a o teu canto,
Que veiu na campa d'um povo cuspir!

XL

A ESMOLA

Dai, minhas filhas, ao pobre
    Esmola dai;
Dai, que vereis que esse cobre
    Em ouro sae
Depois na morte e na vida;
E seja esta a mais querida
    Lição de pai.

Vem d'Aquelle Pai Supremo,
Que está nos céus;
Que a todos no amor extremo
Fez filhos Seus,
E cem por um promettera
Do que aos pobres cá se dera,
Que é dado a Deus.

Dai, mas dai sem vaidade
No bem fazer;
Vê Deus mais a caridade
Que se esconder;
Na esmola melhor acceita,
Nem a esquerda da direita
Ha-de saber.

Dai, dai sempre, lembrai-vos
Que já não tem
Quem teve hontem; receai-vos
Por vós tambem;
Dai, que do rico as migalhas
São d'um pobre em pobres palhas
Todo o seu bem!

Lembrai-vos que em quanto á meza
O rico está,
E dos pratos, que a riqueza
Escolherá,
Escolhe ainda qual come,
Na rua o pobre com fome
Morrendo irá!

Que em quanto o rico, abafado
Ou ao fogão,
Ri do frio, que gelado
Traz ar e chão,
Vai descalço tiritando
Na rua o pobre e chorando
Sem lume e pão!

Que em quanto o rico em tal festa
Anda a dançar,
E que em fausto alli não resta
Que desejar,
Andam na rua em desgraça
Muitos pobres; e quem passa
A murmurar!

Que em quanto o rico, em seu brilho,
Esperdiçou
O ouro em dixes, que o filho
Logo quebrou,
O pobre aos tristes filhinhos
Só póde dar-lhes... carinhos
Se algum chorou!

E do que ao rico sobrava,
Só d'isso, sim,
Quantos prantos que enxugava
Ao pobre assim!
E dos prantos enxugados
Que juros amontoados
No céu por fim!

O anjo da guarda vôa
Ao céu veloz,
Abre o livro e a acção boa
No livro a poz,
Por que Deus a conta veja
E descontada nos seja
No mais a nós.

Mas tambem, tambem na vida
A esmola é flor
Logo em fructo convertida
Pelo Senhor;
Basta a benção da indigencia
E por dentro a consciencia
Com seu louvor.

Pois quem da esmola não sente
Tão doce vir
Aquella voz, já contente
Ao despedir?
Quem não sente que na alma
Então a primeira palma
Começa a abrir?

Oh! Minhas filhas, a esmola,
Joia da fé,
Faz da mão, que a dôr consola
Quando a dôr vê,
Que por mão divina a tomem,
Pois como Deus n'isso o homem
Quasi então é!

Dai, minhas filhas, ao pobre
Esmola dai;
Por vosso brazão mais nobre
Esse tomai;
E em quanto fordes na vida
Esta vos seja a mais querida
Lição de pai.

COMPOSIÇÕES

DO SR. F. G. D'AMORIM

A QUE O AUTHOR SE REFERE NA ADVERTENCIA.

A JOÃO DE LEMOS

Tens um éstro fulgurante,
Meu inspirado cantor!
O teu caminho brilhante
Abriu-o a mão do Senhor.
Elle te deu por thesoiros
Coroas de verdes loiros,
Doce voz para cantar;
E a mim, em vez de cantos,
Só me deu acerbos prantos,
E o coração para amar.

Se não és dos orgulhosos
Que repélem com desdem
Os testemunhos saudosos
Que da grandeza não vem,
Os meus affectos acceita;
Nenhum coração rejeita
Affecto como este meu;
Divergem nossas ideias,
Porém eu tenho nas veias
Sangue egual ao sangue teu.

Sômos ambos portuguezes,
Livres ambos das paixões,
Que nasceram dos revezes
Das passadas dissensões.
Se tu tens nobreza antiga
A minha tambem obriga,
Que a virtude é meu brasão.
Tu és um rei da harmonia,
E eu amando a poesia
Desejo ser teu irmão.

Se temos diversas crenças,
Foram irmãos nossos paes;
Mas que importam differenças
Sendo nós ambos leaes?
Eu adòro a liberdade

Porque foi a Divindade
Que no berço me embalou;
Criei-me junto com ella,
E vendo-a joven e bella,
Minh'alma se lhe entregou.

Vivi com ella nos mares
No meio dos vendavaes;
Da America nos palmares,
E em seus rios colossaes.
Toda a terra achei liberta;
A minh'alma sempre aberta
Captiva jámais se viu,
E sempre o meu pensamento,
Sem nenhum constrangimento,
A minha voz traduziu.

Amei tudo quanto via
Em liberdade viver;
Tomei odio á tyrannia,
Jurei guerra ao seu poder;
E sem susto da metralha
Já nos campos da batalha
Contra ella o braço ergui;
Já, nas fillas ignorado,
Da liberdade soldado,
Sua causa defendi.

E tu, vate harmonioso,
Tu segues diversa lei;
Eu só Deus julgo pod'roso,
Tu julgas tambem o rei.
Crença na infancia bebida
Não póde ser esquecida,
Nenhum de nós a perdeu;
Tu sonhas com monarchia,
E eu?... a esp'rança perdi-a,
Mas a crença não morreu.

Que importa, nobre poeta,
O que o futuro dirá?
Nenhum de nós é propheta,
E Deus o melhor fará.
Para mim a liberdade,
Para ti a magestade,
Entre os dois eterno amor.
Para nós é morta a guerra;
Seremos sempre na terra
Tu poeta—eu trovador.

Como tu tens da poesia
Torrentes d'inspiração,
Tenho tambem sympathia
Brotando em meu coração;
E foi por ella animado

Que ao poeta sublimado
Eu hoje ousei invocar;
Quiz minha lyra singela,
Na tua c'roa tão bella
Mais uma flor enlaçar.

F. GOMES D'AMORIM.

O FUNERAL E A POMBA.

(PARAPHRASE DA COMPOSIÇÃO, QUE COM ESTE TITULO SE LÊ A PAG. 213.)

I

Quem ergue a voz nos arrayaes contrarios?
O canhão inimigo já não troa,
Despedindo ao clarão da chamma ignifera
Horridas balas!

Atravez das fileiras lá se mostra
Pasmado e triste o artilheiro ocioso;
E, em vez de solta aos ventos, a bandeira
Lugubre desce!

Que vae além nos arrayaes contrarios?
Tambem lugubremente dobram sinos,
E o tambor, despedindo acentos roucos,
Sente-se ao longe!

E nós, cobertos de funereos crepes,
Acompanhamos com silencio fundo
Os despojos reaes, e em torno as tochas
Tremulos fulgem!

Quem ergue a voz nos arrayaes contrarios?
Vão cobertas de luto as nossas alas;
Porque trajam de lá, tambem afflictos,
Funebres pompas!

De cá perdemos Mãe, Rainha, e tudo;
Vassallos, filhos, com a dôr se prostram;
De lá, seus inimigos, porque gemem
Lagrimas tristes?

Que voz se ergueu nos arrayaes contrarios?
Acaso o tempo, com a mão sinistra,
Do seu livro de fé rasgou um nome,
Symbolo caro?

São os nossos irmãos; vêde-os agora,
Que a dôr mostrando nos calados vultos,
C'o a nossa perda, morre-lhe nos olhos
Fulgido brilho!

II

Inimigos de ha vinte annos,
Vossos brios mais que humanos
Sanctificam vossa fé;
Respeitamos-vos de pé!
Doeram-vos nossas maguas,
E do vosso pranto as aguas
Banham nosso coração;
Chorae, chorae d'esse lado,
Que se ennobrece o soldado
Que não nega seu irmão.

Porque andamos nós em guerra?
Nascidos na mesma terra
Não nos guia a mesma luz;
Finde a guerra junto á Cruz!
Quem com seus irmãos pranteia
Náo póde ter causa alheia:
Contrarios, perdão egual!
Nenhum lado se envilece,
E nós fazemos esta prece
N'um recinto sepulchral.

Aonde a melancholia
N'estas horas de agonia
Não vê ninguem descortez;
Tudo aqui é portuguez!
A dôr que estala nos peitos,
O pranto em olhos affeitos
A occultar o soffrer;
Todos aqui vem das eras,
D'aquellas crenças sinceras,
D'antes quebrar que torcer.

Todos nascemos soldados,
E pela dôr consternados
Oramos c'o a mesma fé;
Eia, pois, todos de pé!
E sob uma só bandeira,
Da nossa paz companheira
Nos esqueça a proscripção;
Dos odios se acabe o grito,
Vinde, amigos do proscripto,
Cessae de gemer em vão.

Não renegaes vossas dôres,
Já não desbotam as côres
Que tem vinte annos por si;
Mas podem unir-se aqui!
A união, por Deus sagrada,

É dever da crença herdada
E ha-de por fim triumphar.
Teve o throno o seu Calvario;
Repasse o pranto o sudario
E venha a dôr consolar.

Militando em campo opposto,
Banhastes o nobre rosto,
Do pranto que a magua dá:
Em jorros brota de cá!
Do luto da monarchia
Prantear o infausto dia
É de todos commum lei;
Choremos, pois, a Rainha,
Foi do vosso Rei Sobrinha,
E era Mãe do nosso Rei.

III

E o mundo que a vê sem vida,
Lamenta a planta viçosa
Morta em flôr;
E, flôr no tumulo pendida,
A dois Reis, por Mãe e Esposa,
Deixa a dôr!

Aos inimigos não basta
Vêr os orphãos sem ventura
C'o este mal!
Mal que doera a madrasta,
Quanto mais á magua pura
Filial.

Vêde-o como vae sem fausto,
Esse corpo que da alma,
Enviuvou!
Enviuvou tambem exhausto
O rancor que viva palma
Desfolhou?

E o mundo que a vê sem vida,
Lamenta a planta viçosa,
Morta em flôr;
E, flôr no tumulo pendida,
A dois Reis, por Mãe e Esposa,
Deixa a dôr!

Oh! se orando aqui por Ella
Nossa união renascesse,
Para Deus!
Deus nos faria inda vêl-a,
Pelo bem que nos fizesse,
Lá dos céus!

Todos culpas e erros temos,
Fomos todos desterrados
D'esta Mãe;
Mãe patria—Pois não seremos
N'este voto acompanhados
Cá tambem?

E o mundo que a vê sem vida,
Lamenta a planta viçosa,
Morta em flòr;
E, flôr no tumulo pendida,
A dois Reis, por Mãe e Esposa,
Deixa a dòr!

IV

Quando passava o prestito no arco
Do sacro templo que a piedade ergueu,
Fulgido lume brilhou n'um dos coches,
N'esse em que a morte descerrara o veu!

Sóbe o vapôr da etherea chamma ao alto,
E condensado nas regiões do ar,
D'entre elle surge, mysteriosa, uma ave,
Que os olhos fitam sem poder cançar.

E logo ao carro da corôa vê-se
Que a meiga pomba sem temor voou;
Seria um Espirito que alli vinha agora
Vêr ainda a terra aonde já poisou?

Paz no futuro presagiando á c'rôa
Seria uma alma que alli vinha assim;
A abençoar do alto d'esse carro
Todo o seu povo reunido emfim?!

Certo, era um Anjo que descia ao povo,
E vinha unil-o por favor do Céu;
Porque apparecia nos portaes da Egreja
Do sacro templo que a piedade ergueu!

Triste d'aquelle que do fundo da alma
Estes avisos do Senhor não vê!
Que não decifra no ethereo livro
Este milagre que a fé viva lê.

Ou alma, ou pomba, como luz d'esperanças,
Fulgiu na c'rôa que passava alli,
Que do Céu veiu juram-no mil boccas,
Que ao Ceu voara dizem todos—vi.

E do passado arrependida e triste,
Como um só homem a nação gemeu;
E a voz da Egreja, no luctuoso canto,
Apaga os odios que o passado ergueu.

V

Quebraram-se as armas, e, unidos na prece,
Da guerra fugimos ao duro fragor!
Irmãos, o passado na lousa se esquece,
Não quer inimigos a lei do Senhor!

Irmãos! esse corpo da morte colhido,
Que agora da campa repousa na paz;
Penhor de concordia, por Deus escolhido,
Ainda na morte esperança nos traz.

Que a mystica pomba não era Sybilla,
Mas antes seguro, divino signal!
Foi a alma da Mãe, que veiu tranquilla
Na c'rôa do Filho saudar Portugal.

Foi Anjo que veiu nos campos tão varios,
Por Deus enviado, as pazes fazer,
Que a pomba descia dos altos sacrarios
Que os olhos do mundo não podem romper.

Se a c'rôa é do reino, sabia-o a pomba;
Porém d'este reino é Filho tambem,
O Rei, que ajoelha na lousa que tomba,
De todos querido, sem odio a ninguem.

Quebremos as armas, e unidos na prece,
Da guerra fujamos ao duro fragor!
Irmãos, o passado na lousa se esquece,
Não quer inimigos a lei do Senhor!

F. GOMES D'AMORIM.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

INDICE

CANCIONEIRO

DE

JOÃO DE LEMOS

Impressões e Recordações

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

Escrich

A calumnia, paginas da desgraça. 5 vol.................... 2$500
A esposa martyr. 5 vol.... 2$500
O cura d'aldeia. 3 vol.... 2$000
A caridade christã (continuação). 3 vol....................... 1$800
O amor dos amores. 3 vol. 2$000
O inferno dos ciumes. 3 vol. 2$000
Os anjos da terra. 3 vol. 1$500
O martyr do Golgotha, tradições do Oriente. 4 vol.......... 1$200
O coração nas mãos (memorias de uma mãi). 2 vol........ 1$200

NOITES AMENAS — CONTOS:

1.º *O violino do Diabo*. 1 volume 400
2.º *Tal arvore tal fructo*. 1 volume.................... 400
3.º *Um filho do povo*. 1 v. 300
4.º *Quem tudo quer, tudo perde. — A verdade nua e crua*. 1 vol.................... 400

Theophilo Braga

Cancioneiro e romanceiro geral portuguez, confecção e estudos. 4 vol....................... 2$000
Folhas verdes, versos dos quinze annos. 1 vol............ 500
Visão dos tempos, antiguidade homerica. Harpa de Israel, Rosa mystica. 1 vol.......... 500
Estudos da idade média. Philosophia da litteratura. 1 vol. 500
Torrentes. 1 vol.......... 500

Anthero de Quental

Odes modernas. 2.ª edição. 1 volume...................... 400

Cunha Vianna

Relampagos. 1 vol........... 400

Castellar e Bulhão Pato

A capella sixtina e o cemiterio de Pisa, traducção. 1 vol..... 300

José de Sousa Bandeira

Escriptos humoristicos em prosa e verso, precedidos da biographia e retrato do author. 1.º vol. 600

(*O 2.º vol. está no prelo*).

Ignacio de Vilhena Barbosa

Estudos historicos e archeologicos. 2 volumes................. 1$200
Exemplos de virtudes civicas e domesticas. 1 vol............. 400

Augusto Luso da Silva

Impressões da natureza. 1 volume in-8.º...................... 500

Gomes de Amorim

Cantos matutinos. 1 vol...... 800

Lord Byron

Os amores de D. Juan, extracto do immortal poema, por João Vieira. 1 vol.................. 400

Visconde de Benalcanfôr

De Lisboa ao Cairo, scenas de viagem. 1 vol................ 600
Phantasias e escriptores contemporaneos: Camillo Castello Branco, Pinheiro Chagas, Thomaz Ribeiro, Julio Diniz, Bulhão Pato, D. Thomaz de Mello. 1 vol.... 500
Na Italia, scenas de viagem. Roma, Florença, Napoles — No Vesuvio — Herculanum, Pompeia, Genova, Piza, Monaco, etc., etc. 1 vol...................... 500

João de Lemos

Serões d'aldeia. 1 vol........ 600

Amedée Achard

Como as mulheres se perdem, traducção de Lopo de Sousa. 1 v. 500
A vergonha que mata, idem, idem. 1 vol...................... 500

CANCIONEIRO

DE

JOÃO DE LEMOS

Impressões e Recordações

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON — PORTO | EUGENIO CHARDRON — BRAGA

OBSERVAÇÃO PRELIMINAR

Por differentes causas se demorou a publicação deste volume, que é o ultimo da collecção annunciada e promettida ao publico sob o titulo de *Cancioneiro.*

Algumas dessas causas tiravam-me o tempo, outras o animo ou a saude para rever e coordenar o que andava espalhado por borrões e por folhas periodicas.

Ninguem perdeu com isso. Os leitores, nada; e eu talvez lucrasse, porque sempre me iria aprovei-

tando a supposição, que se costuma fazer, de que faltava o melhor.

Só assim posso explicar as instancias, e até arguições vehementes, que me têem sido feitas neste intervallo.

Cheguei a receber uma carta anonyma do Porto, que parecia de um credor desesperado com a falta de pontualidade em divida de outro genero.

Todos me faziam muito favor com as suas impaciencias, que eram tão mal empregadas.

Ahi têem agora; desenganem-se por seus olhos.

Não sei se nos jornaes, porque em muitos e diversos de diversas epochas tenho publicado, me escapou alguma composição, que fosse naturalmente chamada a tomar seu logar neste ou nos volumes anteriores.

Se escapou, aqui declaro que a não engeito, já que veiu á luz. Isso não; bôa ou má, devo-lhe o abrigo do lar paterno, não ha remedio senão acceital-a; e caso que me chegue á noticia, entrará n'uma segunda edição, quando porventura se faça.

Pelo que toca aos borrões perdidos e ao que ainda corre por copias, que não obtive e que em bre-

ve se perderão tambem, cuido que o melhor é deixar que a posteridade se lamente dessas perdas. Ha pessoas que se lembram de ter por lá visto excellentes cousas. Que pena não se saber dellas ou haver desalmados com tanta paixão pelos manuscriptos!

Um meu contemporaneo da Universidade guarda com cuidado o original de uns versos meus d'aquelle tempo, em sobrescriptos de cartas, que elle se gloría de ter livrado de embrulhar palitos. Deus lhe perdôe, que era provavelmente o melhor destino que os taes versos podiam ter. Gabou-m'os muito, e prometteu-me uma copia, que me não mandou, no que acho que fez bem. Tirava todo o valor archeologico áquella peça, que ha-de ser obra asseada.

Podéra não? Creio que era uma definição do amor com todos os ff e rr do abecedario enthusiastico dos primeiros annos da mocidade.

Mas não levava de certo as lampas a uma carta a Julia, que, sendo eu bem criança ainda, o sr. *A. Herculano* teve a paciencia de me ouvir e a bondade de me dizer que fizesse então muitos d'aquelles versos, porque depois os quereria fazer e não poderia.

Isso é que era!

Tenho procurado debalde essa preciosidade, que aquellas palavras isentavam da morte;—lá vae para o rol das que o futuro tem de chorar perdidas.

Entraram todavia neste volume, como nos precedentes, alguns de meus primeiros versos publicados, e repito o que lá disse: vem trasidos pelo assumpto. Outros, que talvez ficassem melhor n'outra parte, ou só agora dei com elles, ou foram feitos depois; e pareceu-me não só que o titulo os podia aqui abranger, mas tambem que não era realmente cousa com que me detivesse em escrupulos — uma questão de titulo.

Não quiz com as notas engrossar a obra para valer pelo pezo; quasi que só puz as que julguei rigorosamente indispensaveis para se entenderem os logares ou as composições a que se referem.

Das poucas que seriam escusadas para aquelle fim e que me podem lisongear a vaidade, digo francamente que vão menos por isso do que por pagar tributo de consideração e reconhecimento a quem de veras o devia.

Se depois frustrei esperanças, que em mim ti-

nham então os que mais palmas me cortaram, a culpa foi só minha, e não hei-de accrescental-a com a ingratidão de as não guardar veneradas.

O que me consola de não ter chegado a realisar o que se esperava, é o pouco que se póde sentir essa falta, pelo muito e melhor que tantos outros já deixam feito e promettem ainda.

Por fim de contas ninguem vive e ninguem morre senão quem tem de viver ou morrer.

Quinta de Anta 28 d'Abril
de 1866.

I

O SINO DA MINHA TERRA

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som alegre e festivo,
Despertando échos do peito,
Faz-me ficar pensativo!

Era assim que tu cantavas,
Quando nasceu minha mãe,
Quando a viste ser esposa,
E após ter filhos tambem.

CANCIONEIRO

DE

JOÃO DE LEMOS

Impressões e Recordações

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON — PORTO | EUGENIO CHARDRON — BRAGA

Hei vivido de ti longe,
Desde a infancia não te ouvi,
De novo agora te escuto,
De novo a infancia senti.

Vou partir... talvez não volte,
Mas levem-me echos da serra
Estes sons, que heide amar sempre,
O sino da minha terra!

Se inda aqui vier morrer,
Chora no meu funeral,
E se for em terra alheia,
Repete o alheio signal.

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som, casado comigo,
Inda na morte me agrada,
Inda alli sou teu amigo.

II

O MEU TUMULO

Longe do mundo, na soidão d'um sêrro
Pendido ao mar, a namorar-lhe as iras,
Sagrai, amigos, ao meu somno infindo,
Gelido leito.

Cavai bem fundo, seja negra a pedra,
E em letras brancas escrevei-lhe — *Um triste!*
Funereo lume d'uma cruz pendente
Tremulo brilhe.

Cyprestes, cedros, lacrymosos ferrem
No chão da morte sepulcraes raizes,
Rouxas saudades, ao redor, e goivos
Pallidos cresçam.

No tronco esguio d'um cypreste quero
A antiga lyra, que entoava amores:
Quebrai-lhe as cordas, arrancai-lhe as vozes
D'halito dôce.

Estatua d'anjo co'uma espada em punho
Irosa finja que defende aos zoilos
Violarem feros o tropheu, que alembra
Avidos gozos.

Gentil donzella, que eu amei na vida,
Com debeis passos ahi venha á noite,
Clamando — bardo — respondei-lhe — bardo —
Pavidos échos!

III

DEPOIS DE UMA LEITURA

Livro, não, não mais... fechei-te!
Não te creio; se te li
Foi debalde; não bebi
Da tua duvida o leite.
Leite amargo, inda o travor
Sinto dos labios á flor
A crestar-m'os co'a impiedade!
Mas lá dos Céus a saudade
Então mais viva sintí,
E do teu descrer o leite
De meus labios o cuspi:
Livro, não, não mais... fechei-te!

Sem crenças! Viver sem vida!
Não ter Deus e não ter lei!
O amor, a patria, o rei,
Ser tudo illusão mentida!
Calcando os sceptros e a Cruz,
Da rasão á frouxa luz
Compor um mundo sem norte!
Ter só esp'ranças na morte,
E alem da morte um —*não sei!*
Quem pode assim tão despida
Ter a existencia? Sem lei,
Sem crenças, viver sem vida!

Triste, horrivel liberdade!
Abraçar-me ao nada só!
Do sepulcro o frio pó
Ter por unica verdade!
Pois nem sequer hei-de crer
No coração da mulher,
Quando o tenro filho afaga,
Que tanto extremo lhe paga
N'um beijo, n'um beijo só?!
Fazes-me livre a vontade
C'um pouco de escuro pó?
Triste, horrivel liberdade!

Hei-de só crer que não creio?!
Na virtude não ter fé,
E vir da duvida o pé
Esmagar-me o intimo seio?!
Inventar em vez de Deus
O cego acaso, e nos Céus
Ver um effeito sem causa?!
O movimento ou a pausa
Da natureza o que é?
Vejo as cousas... se descreio,
Que me fica em vez da fé?
Hei-de só crer que não creio?!

Ai! Não, livro, não venceste!
Fechei-te e no coração
Fechei o crer de christão,
Que tu em vão combateste.
Que me davas contra a dor?
Ou na alegria? No amor?
Davas-me o peito vazio?
Duro sempre, sempre frio?
E por só consolação
Ter o nada?! — Combateste
As minhas crenças em vão:
Ai! Não, livro, não venceste!

IV

O TUMULO DE NERO

Já nas orlas do horisonte
Foi branda tarde expirar,
E de traz d'aquelle monte
Surge pallido luar;
Surge... surge... eis todo assoma...
Lá tinge as grimpas de Roma,
Das grimpas ao chão desceu,
Inunda o campo Vaccino,
Eis abraça o Palatino,
Beija a face ao Colosseu.

Aqui vaidosa a Tarpeia
No Tibre se retratou;
Cuido ouvir que d'entre a veia
Maldição! Manlio bradou;
Mais alem, Roma, o teu solio,
O soberbo Capitolio,
Que vencidos Reis já viu;
Agora a torre de Nero,
D'onde em chamas te olhou fero,
E fero ás chamas sorriu.

D'aqui ao Céu crystallino
Se eleva, banhado em luz,
O arco de Constantino,
Memoria delle, e da Cruz;
D'alli... debalde o procuro,
O antigo roble escuro,
De escuro tingindo o chão!
Em vez do roble d'outrora,
As nuvens devassa agora
Marmoreo templo christão.

Era ahi, *do povo ás portas*,
Que ao roble vinha poisar
Negro corvo, e ás horas mortas
O corvo sempre a grasnar;
Era o terror da cidade!

Nem velhice ou mocidade
Lá passava sem pavor;
E quando já vinha perto,
Redobrava o passo incerto
O cançado viajor.

Roma! Roma! Era um mysterio
O corvo, que alli grasnou?
Sobre as ruinas do imperio
Foi Mario, que se assentou?
Foram manes de Trajano?
Foi um Pompeu Africano?
Foi a sombra de Catão?
Ou, praguejando o Senado,
Foi Cesar ensanguentado?
Foi, foi elle, ó Roma?—Não!

Foge o mysterio co'a aurora,
Co'a noute torna a voltar;
No mesmo ramo, á mesma hora,
O mesmo corvo a grasnar!...
Roma! O corvo agoureiro
Dos mortos acode ao cheiro,
Que morto jazia alli?
A terra foi revolvida...
Sepulcral urna partida
Agora descubro aqui!...

A urna tem lettras... quero
Ler a funerea inscripção,
Eis o lemma — aqui jaz... Nero!
Nero!... Nero!... Maldição!
Mal haja o tigre romano!
Mal haja, Roma, o tyranno,
Que em teu seio se criou!
Que é das cinzas? O moimento
Quebrara o povo, e ao vento
De Nero as cinzas lançou!

Oh! Roma! Teu nome eterno
Ha-de manchal-o este só!
Nero!... Filho lá do inferno,
Nem lhe soffre a terra o pó!...
Inda sepulto põe medo!
E do sepulcro o segredo
Vem negro corvo ensinar!
Ensina, que é magoa dura
Ter um Nero sepultura,
Poder Nero descançar!

Já sobre o roble o machado
Vae justiceiro punir,
Inda alli não ter seccado,
E de Nero se nutrir:
Cahe o tronco da maldade...

E depois serve á piedade
Nas pedras que alli conduz!
Aonde occulta dormia
Ferreo somno a tyrannia,
Vela erguida agora a cruz!

V

A LUA DE LONDRES

É noite: o astro saudoso
Rompe a custo um plumbeo Céu,
Tolda-lhe o rosto formoso
Alvacento, humido véu;
Traz perdida a côr de prata,
Nas aguas não se retrata,
Não beija no campo a flôr,
Não traz cortejo de estrellas,
Não falla de amor ás bellas,
Não falla aos homens de amor.

Meiga lua, os teus segredos
Onde os deixaste ficar?
Deixás-te-os nos arvoredos
Das praias d'além do mar?
Foi na terra tua amada,
N'essa terra tão banhada
Por teu limpido clarão?
Foi na terra dos verdores,
Na patria dos meus amores,
Patria do meu coração?

Oh! que foi!... Deixás-te o brilho
Nos montes de Portugal,
Lá onde nasce o tomilho,
Onde ha fontes de crystal,
Lá onde veceja a rosa,
Onde a leve mariposa
Se espaneja á luz do sol,
Lá onde Deus concedera
Que em noites de primavera,
Se escutasse o rouxinol.

Tu vens, ó lua, tu deixas
Talvez ha pouco o paiz,
Onde do bosque as madeixas
Já tem um flóreo matiz;
Amás-te do ar a doçura,

Do azul Céu a formosura.
Das aguas o suspirar;
Como has de agora entre gêlos
Dardejar teus raios bellos,
Fumo e nevoa aqui amar?

Quem viu as margens do Lima,
Do Mondego os salgueiraes,
Quem andou por Tejo acima
Por cima dos seus crystaes,
Quem foi ao meu patrio Douro
Sobre fina areía de ouro
Raios de prata esparzir,
Não póde amar outra terra,
Nem sob o Céu d'Inglaterra
Dôces sorrisos sorrir.

Das cidades a Princeza
Tens aqui; mas Deus igual
Não quiz dar-lhe essa lindeza
Do teu e meu Portugal;
Aqui, a industria e as artes,
Alem, de todas as partes,
A natureza sem véu;
Aqui, ouro e pedrarias,
Ruas mil, mil arcarias,
Além, a terra e o Céu!

Vastas serras de tijolo,
Estatuas, praças sem fim
Retalham, cobrem o sólo,
Mas não me encantam a mim:
Na minha patria uma aldeia
Por noites de lua cheia
É tão bella e tão feliz!...
Amo as casinhas da serra
Co'a lua da minha terra,
Nas terras do meu paiz.

Eu e tu, casta deidade,
Padecemos igual dor,
Temos a mesma saudade,
Sentimos o mesmo amor:
Em Portugal, o teu rosto
De riso e luz é composto,
Aqui, triste e sem clarão;
Eu lá, sinto-me contente,
Aqui, lembrança pungente
Faz-me negro o coração.

Ei-a, pois, ó astro amigo,
Voltemos aos puros Céus,
Leva-me, ó lua, comtigo
Preso n'um raio dos teus;
Voltemos ambos, voltemos,

Que nem eu nem tu podemos
Aqui ser quaes Deus nos fez;
Terás brilho, eu terei vida,
Eu já livre, e tu despida
Das nuvens do Céu inglez.

VI

POR QUE ME PEDES CANTOS?

Se recebeste de Deus
    Tão doce lyra,
Se tens, chovida dos Céus,
    A luz que inspira,
Donzella, porque favor
Vens ao pobre trovador
Pedir cantos? Sons de dor
    Que elle suspira?

Tu, que as sonoras canções
Dessa voz linda
Bordar podes d'illusões,
Feliz ainda?!
Tu, que no mundo inda crês,
Tu, que um futuro inda vês,
Tu, que a ventura talvez
Cuidas infinda?!

Que tenho para te dar?
No triste canto,
Saudades do meu cantar
Que eu amei tanto?
Saudades do que não sou,
Flores, que o tempo levou,
Risos, que a vida afogou
Já no meu pranto?

Como tu, tambem senti
Prazer que sentes;
Sonhei, gosei, já vivi
Horas contentes;
Mas quando, cego então eu,
Dizia—a vida é um Céu,
O desengano appar'ceu
E disse—mentes!

Desfeita assim a illusão,
Que me sorria,
Escrevi no coração
—Melancolia!
E com ella me abracei,
E mais sonhos não sonhei,
Nem d'outras cordas tirei
Outra harmonia.

Os plangentes vagos tons
Tu queres desta?
Como hei-de queixosos sons
Levar á festa?
A quem vive festival
Dá-se a rosa do rosal,
Mas não goivo sepulcral,
Que lhe não presta.

Um gemido? Faz-te rir,
Assim o creio.
Chorar? Depois de te ouvir
Que isso era feio?!
Sei só chorar e gemer,
E tu não, tu és mulher,
E de bella não par'cer
Terás receio.

Oh! Que as lagrimas jamais
Venham crestar-te
A face, e nella os signaes
Depois deixar-te!
Mas se um dia has-de chorar,
Que ao menos possas achar
Quem comtigo a prantear
Vá consolar-te!

Hoje o pranto é para mim,
Tu cantar deves;
Canta, os dias faze assim
Ledos e breves;
Canta tu que inda tens voz
Como alegre nasce em nós,
E que inda folga veloz
Co'as auras leves.

Canta, que o prazer, bem sei,
T'o persuade;
Canta, canta, eu chorarei
Na soledade;
E quando ausente ouvir lá,
Nos eccos, teus sons de cá,
Menos amarga será
Minha saudade.

VII

MEMORIAS DA INFANCIA

Como as memorias da infancia
Outras memorias não ha;
E mais se augmenta a distancia
Desse tempo que foi já,
Mais cresce em nós a saudade,
Mais a imagem dessa idade
Risonha á mente nos vem,
Que tempo de igual ventura,
Idade de mais candura
Não na torna a ter ninguem.

Namoramos o que fomos,
Quer ao prazer quer na dor,
E medindo o que hoje somos
Venos espinhos sem flor;
Eram d'anjo aquelles annos,
São da terra estes enganos,
Estes dias que ora são;
Então bástava a innocencia,
Hoje só a penitencia
Nos dá paz ao coração.

O riso então era vida,
Vida as lagrimas tambem;
Toda a terra conhecida,
Todas as galas que tem,
Era tudo n'uma sala,
Enchida por essa falla,
Que um mundo sabe criar,
Por aquella voz materna,
Que tem o condão de eterna,
Que fica sempre a lembrar.

Lembra tudo desses dias;
Lembra a oração da manhã,
Co'as celestes harmonias,
Que tinha o rezar da irmã;
Lembra o livrinho dourado,

O santo mais festejado,
As rosas que tinha ao pé,
E a alegre velhinha ao canto,
Sorrindo por entre o pranto,
Que baptisa aquella fé.

Lembra tudo! Aqui brincámos
Sob um puro Céu d'anil;
Alli ralharam, chorámos;
Depois, mil beijos e mil;
Lembra o ramo das violetas,
A caça das borboletas,
A queda... e ao longe um ai
Da mãe, correndo ligeira;
E por festas, ou da feira,
Os dixes que trouxe o pae.

Lembra tudo! Aquella historia
Tão desejada aos serões;
Quem perderia a memoria
Ou da bruxa ou dos ladrões?
E como a velha a contava!
Ninguem lá pestanejava,
Que póde um ponto escapar,
Ou as palavras ou modos,
E no fim pensavam todos
Que era uma pena acabar.

Oh! Como lembra essa meza
Onde era tudo ao redor,
A cadeira, o copo, a reza,
Essa vida, aquelle amor!
Onde haverá mais encanto?
Um tempo que lembre tanto
Quem duas vezes terá?
Augmente embora a distancia,
Como as memorias da infancia
Outras memorias não ha.

E pois que as margens do Douro
Tu voltas, amigo, a ver,
Conta lá que o meu thesouro
Taes memorias hão-de ser;
Conta lá que o homem feito
Não riscou inda do peito
O amor do patrio torrão,
Nascido quando em criança
Os olhos, cheios de esp'rança,
Abriu á luz da rasão.

Nascido lá nessas terras
Tal amor cá não morreu,
Não sabe o filho das serras
Esquecer onde nasceu;
Tira orgulho dessas fragas,

Embora em mais ricas plagas
Viesse longe crescer;
Embora feliz no Tejo,
As aguas do seu desejo
Andam no Douro a ferver..

Andam, que foram aquellas
Onde primeiro me vi,
Foi por essas margens bellas
Onde eu primeiro corri,
Onde vi o sol e a lua,
As conchas na praia nua,
No campo visinho a flor,
E na concha e flor escripto
Aquelle nome infinito,
Que enche o mundo e diz—Senhor!

Foi, foi lá que inda nos braços
Tinha as azas de setim,
Como essas que nos espaços
Bate um alvo cherubim;
Foi lá que fui innocente,
Que tive mãe, aquelle ente
Que nunca mais encontrei;
Foi lá que a terra a meus olhos
Com rosas, em vez d'abrolhos,
Toda vi, e toda amei!

Foi, foi lá! E tal candura
Risonha á mente me vem,
Que tempo de igual ventura
Não no torna a ter ninguem;
Quanto mais nos cresce a idade,
Mais cresce em nós a saudade
Desse tempo que foi já;
Augmente embora a distancia,
Como as memorias da infancia
Outras memorias não há!

VIII

VICTORIA LINDA

I

Sôpro de morte, em tua aurora ainda,
Victoria linda, desbotou-te a côr;
Voz do Senhor a outra vida infinda,
Victoria linda, te chamou em flor!

Nascida á sombra de formoso cedro,
Onde Dom Pedro meiga Ignez amou,
Como chorou a morta Ignez Dom Pedro,
Aopé do cedro tua mãe chorou.

Fonte de lagrimas e amor chamada
Viu-te embalada na tua infancia ahi;
Do Ceu aqui tu vinhas ja fadada
A ser chorada neste amor por ti.

Vento da tarde te levou sem custo,
Qual tenro arbusto sem raiz no pé;
Mas vaes co'a fé enraizar sem susto
Do throno augusto do teu Deus aopé.

Como arribada d'outra praia á beira,
Ave estrangeira que por cá gemeu,
Do patrio Ceu a suspirar fagueira,
N'aza ligeira remontaste ao Ceu.

Anjo da morte a derradeira hora
Na torre agora que soou já diz,
O bronze quiz alli chorar... não chora,
Nem prece implora... só bradou—feliz!

II

Feliz! De certo. E não chores,
Dirá tudo á triste mãe,
Porque a filha, seus amores,
Melhor mundo agora tem.
Não chores, lhe persuade
A christã conformidade;
Não chores... mas a saudade
Rebenta do coração;
Se curva a fronte ao tormento,
Se obedece o pensamento,
Vem rebelde o sentimento
E as faces regadas são.

Nem ha crime nesse pranto,
Dá Deus prantos para a dor;
Na amargura teem encanto,
Que nutre magoado amor;
As lagrimas são do homem,
Por privilegio lh'as tomem,
Que se a luz dos olhos somem,
Tambem nellas brilha luz!
Quando da Cruz já pendia
O Filho, que lhe morria,
Tambem a Virgem Maria
Foi chorar aos pés da Cruz!

Chora, pois, ó mãe saudosa,
Chora a filha que morreu,
Folha a folha dessa rosa
Recorda o que ja foi teu;
Pinta as graças na memoria,
  D'alma e corpo, a doce gloria
Que da formosa Victoria,
N'alma e corpo, podes ter;
Beija o nome—prophecia
Da victoria que'a devia
Na vida, e na morte um dia,
C'roada sempre trazer.

Se vês triste o esposo ao lado,
Se os mais filhos tristes vês,
Se o teu anjo é tão chorado,
Tu mais na dor te revês;
Mais lembra então que voara,
Na falta mais se repara,
Mais viva se retratara
A pomba que andava alli;
Era a alegria de tudo,
Na meza, no brinco e estudo,
E tudo agora vês mudo,
E a saudade cresce em ti.

Oh! Não ha, não ha na terra
Outra dor como essa dor,
Que longe cá nos desterra
Da vida do nosso amor;
É das penas negra pena,
Toda a outra é mais pequena,
E se Deus não a condemna
Deixem a pena penar;
Se nos leva todo o riso,
Se ás vezes leva o juizo,
Do gosado paraiso
Possa a saudade ficar.

Chora, chora, alma pungida,
Pobre mãe, se alivio é teu;
Intendo-te a dor sentida
Que bem perto a vi ja eu;
Tambem de filha formosa
Vi na face melindrosa
Desbotar nascente rosa,
E a morte em torno a rugir;
Da sepultura aos regêlos
Vi-lhe os pés ir a descel-os,
Quando Deus pelos cabellos
A suspendeu de cahir.

Tu foste mais desgraçada,
Rola viuva, bem sei;
Choras na campa fechada,
Na campa aberta eu chorei;
Mas nessa magua que eu tinha
A tua bem se adevinha,
E por isso acceita a minha
Que comtigo chorar vem!
Ah! Dize, como eu dissera,
Se é anjo do Ceu... podera,
Vivendo como vivera,
Ser anjo depois tambem.

III

Mas lá vae... oh! Lá jaz... inda fumegam
Mal extinctos brandões!...
Agora em volta os crepes se despregam....
E das sanctas canções
Nos já desertos muros da Capella,
Só resta o echo a suspirar por ella!

Quatorze primaveras!... Falta um dia...
Dia do seu natal!...
Ai! Mas nesse... infeliz!... A mãe fazia
Da filha o funeral!
E em vez da festa em honra da donzella
Só resta o echo a suspirar por ella!

Senhor! Senhor! Não tinhas lá mais anjos?
Tão de pressa, Senhor?!
Pois faltam-te no Ceu córos d'archanjos
A cantar teu louvor?...
Roubando cá da terra essa voz bella,
Só resta o echo a suspirar por ella!

Eterna magua nunca interrompida
Esta, ao menos, será;
Entre a morte e a memoria, espaço a vida
Alegre não terá,
Que da alegria da apagada estrella
Só resta o echo a suspirar por ella!

IX

CONFORTO

Que te importam enganos? Coragem!
Tu és homem, sê forte! E no chão
Os pedaços dispersos da imagem,
Aos dois sejam proficua lição.

A ti digam que tudo entre humanos
Fragil quebra, inconstante e fallaz;
E a ella que um dote de enganos
Por esposo o remorso lhe traz.

Tu aprende a só pôr firme esp'rança
Nas venturas que Deus prometteu;
Ella veja, chorando a mudança,
Que é punida no bem que perdeu.

E ao cabo talvez, quando passem
Etsas sombras terrenas e vans,
Que as duas almas de novo se abracem,
N'outro amor, inda amigas e irmans.

X

MEMORIAS DA JUVENTUDE

Lembras-te, amigo dos dias,
Desses dias que lá vão,
Tão dourados d'alegrias,
Tão gratos ao coração?
Lembras-te, amigo?... Que tempo!
Que vida sem contratempo!
Que encantos... que já não são!

Era aquelle engano cego
Que um Camões soube cantar;
Era a margem do Mondego
Em nossa alma a verdejar;
Era a aurora da existencia;
Era a vida da innocencia
Longe das vagas do mar.

Que mar este cá no mundo!
Que mar cavado! Não é?
Viste abysmo mais profundo
A quem tinha alguma fé?
Mas se tudo engole ousado,
A saudade do parsado,
Ao menos, fique de pé.

Fique em nós, que já vivemos
Vida de crença e d'amor;
Fique em nós, que já soubemos
Viver n'um mundo melhor,
N'um mundo de liberdade,
De franqueza e de verdade,
Sem ambições, sem rancor!

Oh! Recordemos, amigo,
Os nossos risos sem ais,
Quando tu lias comigo
As minhas trovas boçaes;
Quando, na scena, c'roaste,
Com as palmas que ceifaste,
A pobre *Maria Paes.*

Oh! Recordemos saudosos
Um povo todo de irmãos,
Esses mancebos briosos,
Que não mentem dando as mãos;
Recordemos essa vida
De pura esp'rança, florida
Com pensamentos christãos.

Recordemos os folguedos
N'aquelle argenteo estendal;
Na ponte, nos arvoredos,
Nas esmeraldas do val;
Recordemos tudo, tudo,
Dessa cidade do estudo,
Dessa flor de Portugal.

Coimbra! Tenho amisade
Ás proprias pedras d'alli;
Amo a torre com saudade,
O sino que tanto ouvi;
Té respeito a esteril herva
Dessa escada de Minerva,
Que tantas vezes subi.

Que tempo! Que mundo aquelle!
Hoje... neste... inda ha um bem;
É quando, fugindo delle,
Uma familia se tem;
Lá, amigo, homisiados,
Uns affectos retemp'rados
Inda ao peito alegres veem.

Vamos, pois, homisiar-nos;
Já tens familia como eu,
Vamos nós ao lar sentar-nos,
A cada qual o que é seu;
O mundo tal como o vemos
Não é nosso; nós cá temos
Este outro que Deus nos deu.

E d'ahi, de vez em quando,
Mau grado ás vagas do mar,
N'uma carta, conversando,
Nos iremos encontrar;
Fica dito. E que a saudade,
Engrinaldando a amisade,
Não ha-de nunca murchar.

XI

NA ESTREIA DE UM ACTOR

Onde estou? Que sou eu? Que estandartes
Venho ousado aqui dentro abraçar?
Eis-te emfim, capitolio das artes?!
Eis-me emfim as tuas portas a entrar!?

Ai, descrido... não sei se inda creio
Que já pizam meus pés este chão,
Se era o sonho baldado que veiu!
Se era o sonho do meu coração!

Quando a mente, inda tenra, tentava
Ir do mundo correndo-me o véu,
Já ao longe, lá longe, eu cuidava
Que fulgia uma estrella no Céu.

Era a estrella das artes... e attento
Namorava-lhe o doce fulgôr;
Mas tão longe!... Depois vinha o vento
E co'as azas toldava-lhe a côr!

E co'as azas de nuvens enchia
A estrella, e o meu coração,
Até que ella de novo luzia
Com mais puro, mais lindo clarão.

Assim fui nos meus castos amores,
Assim fui sempre a estrella a seguir,
Ora longe... ora perto... e de flôres
Cria então alastrado o porvir!

Que de encantos lá quando o meu astro
Me apontava o theatro, a dizer,
Alli fallam-se os versos da Castro,
Volve alli Gil Vicente a viver!

Gil Vicente, o actor e o poeta,
Moliére, o poeta, e o actor!
É o reino do Talma, é a meta
Do antigo e moderno escriptor.

Alli surgem da Grecia e de Roma
Os gigantes do genio, e são reis,
Alli Schiller terrivel assoma,
Calderon, e Dumas lá dão leis!

É alli... é aqui... oh! Bem hajas
Meiga estrella das artes!... Se em vão
For a esp'rança d'est'hora, se a ultrajas,
Vae co'a esp'rança da vida a illusão!

A primeira, a melhor, a mais bella,
E que vae para mais não voltar!
Oh! Não seja debalde, alva estrella,
Que eu te visse no Céu despontar!

Oh! Não seja... nem vós cujo braço
Foi aos genios um genio talvez,
Não deixeis desvalido o meu passo,
O primeiro... que eu sou portuguez!

Isto valha por mim, que mais partes
Nem eu posso, nem sei allegar...
E abre tu, capitolio das artes,
Abre as portas que eu vou... vou entrar!

XII

CANTOS VAGOS

I

Aqui; o retiro é fundo;
Minha lyra, estamos sós;
Bem sabes que lá no mundo
O mundo se ri de nós.
Conversemos pois, scismando,
Vagando sempre, vagando
            Sem fim,
N'uns sons desleixados,
Incertos, truncados...
            Assim.

II

Eu quero, na soidão das frescas sombras
Do *Campod'Alvalade*, onde me acoito
Fugindo ao remoinhar dessa Lisboa
Tão outra do que foi, tão mergulhada
No pego das paixões... eu quero, á tarde,
Por tapetes de relva, aqui, comtigo,
Lyra minha, esquecer-me em dôces horas
De longo devaneio. Eu quero, á noite,
Em quanto, sempre vã, a turba acode
Aos espectaculos vãos, pasmar absorto
N'esse espectaculo perennal dos astros,
N'essa invisivel rapida carreira
D'aquelle disco de prata,
Que além vae cortando o Céu;
Que estas arvores retrata
Pelo chão; que rasga o véu
Das sombras pesadas,
Alli penduradas
Com triste pallor,
Agora tremendo
E lentas morrendo
No candido alvor.

III

Do anno a casta donzella,
A primavera tão bella,
É já na terra; os sons della
Meus cantos afinarão;
Digam com estes verdores,
Este capricho das flores,
Estes ignotos amores,
Que murmura a viração.

E co'a louca mariposa,
E co'a toada saudosa,
Que em balsa fantasiosa
Solta o meigo rouxinol;
Digam c'os éccos das pontes,
Co'a voz confusa das fontes,
Co'a verde côr d'esses montes,
Co'as horas do pôr do sol.

Tão filhos da natureza
Imitem-lhe a singelleza,
Já que essa eterna belleza
Ninguem lhe póde imitar;
Presida abril aos meus versos,
Collija-me os tons dispersos
Dos vagos cantos diversos
Do meu singello cantar.

IV

Não sei que bramido, tão rouco e soturno,
Distante, indeciso se faz ora ouvir!...
Já sei, é o longo gemido noturno,
Que o sul vem trazer-me, do mar o carpir.

O mar! Ha quem possa ir vêl-o, e ouvil-o,
Sem triste e suave secreta emoção?
Não posso, que as vagas me dizem aquillo
Que as vagas só dizem; não posso, eu não.

O mar! Pois quem sabe, quem póde, quem ha-de
Em vão recordar-se, debalde andar lá?
Aquellas campinas de tanta saudade,
Aquella saudade, que faz depois cá?

Aquelles seus êrmos aonde não póde
A planta dos homens um rasto deixar!
A grenha de escumas, que em raiva sacode!
A placida face de noute ao luar!

Os sons que se escutam de vozes estranhas,
Não sei que profundo silencio tambem;
E lumes não vistos, e trevas tamanhas,
E aquelles mysterios, que as aguas só têem!

V

Memoria, dom fatal, mas grato ás vezes,
Porque me vens trazer aos olhos intimos
Esse longo scismar,
D'essas horas que tive, quando á pôpa
De leve barco me assentava triste,
Por soidões do mar!

Na mão a face, os olhos alongados
Pelo vasto sudario, que amortalha
Deste mundo a extensão,
Que em circulo de bronze o cerca e fecha
Como eterna barreira aos homens posta
Do eterno pela mão!

Ai quando alli sósinho ao tom das ondas
Deixava como que ir sem rumo certo
O fundo cogitar,
Que prazer melancolico não tinha
Esse dubio existir d'uma alma errante
Por soidões do mar!

E do nauta a canção acalentando,
Na saudosa monotona harmonia,
Aquelles sonhos meus!
E a grita, que me acorda, e estruge o barco,
Porque ao longe surgiu um ponto escuro
Entre as aguas e os Céus;

Um ponto, que cresceu, cresceu e veiu
Desdobrar-se n'um barco, dar um socio,
Amigo a quem fallar;
Festejado sucoesso, alma alegria,
Que só sabe quem já curtiu tristezas
Por soidões do mar!

VI

Como lembra então nessa hora,
Como a patria lembra então!
Que saudade scismadora
Que eu tinha no coração!
E o barco sempre cortando
O salso campo, e ficando

Sempre atraz, nem se avistando
Já terra, a terra natal!
Sempre longe, e a cada instante
Mais longe sempre, e deante
Só mar, e Céu... tão distante
Do Céu do meu Portugal!

Patria, patria, que doçura
É longe pensar em ti!
Ir compondo a formosura
Que os olhos deixam aqui!
Fingindo montes e prados,
Estes teus bosques copados,
Estes ares povoados
D'uns hymnos castos d'amor,
Este chão todo esmeralda,
E ou na musgosa fralda,
Ou da serra sobre a espalda
A cabana do pastor!

Teus rios, no verde manto
Fitas de prata a ferver;
Tuas aves no seu canto
Sempre ternura a dizer;
Estas noites e estes dias,
Estas varias harmonias,

E aquellas melancolias
Do sino da aldeia além;
E em cada folha uma estrella,
Quando a aurora em prantos bella
Vem ao campo, e vem com ella
Encantos, que só cá tem.

Esta bordada alcatifa
Tão felpuda e multicor,
Qual nem Sultão ou Califa,
Sonhou em ocios d'amor,
Qual não viu, não vê, não gosa
A Odalisca mais formosa
Que lh'a pediu caprichosa,
Que em vão pediu por seu mal;
Estas tardes, estas luas,
Sempre de nuvens tão nuas,
Estas bellezas só tuas,
Só tuas, meu Portugal!

VII

E já fui, já andei d'aqui bem longe!
Vaguei pela amplidão do azul dos mares,
Outros climas já vi, vi outras gentes,
Terras de eterno gelo, e calvos montes,

Onde a saudade do meu patrio ninho
As cordas todas me estalou no seio,
Da harpa do coração! Mas tenho e guardo
No livro da memoria algumas paginas
Desses dias, que eu lá contei por nuvens,
N'aquelle escuro Céu, e n'alma triste,
Paginas, que hoje aqui tem mago encanto
Relidas ao acaso, hoje, assentado
Na chão da minha terra, entre estas arvores,

Que anda a brisa folheando,
De folha em folha estudando
Uns sons mysticos d'amor,
Desse hymno geral, que encerra
Todas as vozes da terra,
Que vão aos pés do Senhor.

Aqui onde a clara lua
É, como eu, em terra sua,
E, ambos, quaes Deus nos fez;
Ella brilha, eu tenho vida,
Eu já livre; ella despida
Das nuvens do Céu inglez.

VIII

Quem viu os parkes da moderna Roma
Sem esse pasmo que a grandesa inspira?!
Este... oh! Que extensão fechada a ferros!
Que multidão! Que luxo aqui se ostenta!
Como as louras creanças pelo campo
Correm doidas atraz dos leves arcos!
Como é bella esta ponte, além o oiteiro,
Este bosque, este lago, aquelles cysnes
Desmentindo na côr antigas musas!
Como as filhas d'Albion graciosas domam
De garboso ginete a nobre raiva!
Que luzido cardume d'aureos coches
Rapidos retalhando a fulva arêa!
E aquelle gentil carro, que voltêa
Sem roçar quasi o chão, dir-se-ha que o beija
No giro tão subtil das breves rodas!
Elegante na côr, adorno e fórma
Accrescenta a vaidade aos corceis negros
Que devoram com elle o longo espaço!
E dentro... ah! Dentro...eis pára... eis salta... é sonho!

Não póde, não, ser verdade,
Os olhos dizem-m'o em vão;
Mulher tal... realidade,
Não m'o consente a razão.

Só se inda de Grecia e Roma
Alguma fonte ficou,
E occulta mão a redoma
Desta nayade quebrou.

Se alguem podesse da esphéra
Uma alva estrella arrancar!
Se podesse a primavera
Sob este Céu passear!...

E lá vae... não a perco, ao pé do lago
Pensativa e sósinha... alli sentou-se
Do copado arvoredo á debil sombra...
Quero vêl-a bem perto. Estas folhagens
Promettem de guardar todo o segredo.
Devagar... devagar... não póde vêr-me...
Oh! Mal haja esta arêa chocalheira...
Aqui por esta relva... bem... já vejo
Das vestes de setim a côr de lyrio,

Vejo no branco vén poisar-lhe as auras
E mão inda mais branca a socegal-as.
É preciso affastar estes dois ramos,
Mais... assim... eil-a agora... estatua d'anjo,
Qual nunca o escopro de Canova pôde
Do marmore arrancar, qual nem fingira
Em sonho creador seu estro ousado!

IX

Da neve mais transparente,
Mais luzente,
É seu rosto, e cóllo, e mão;
Tinge-lhe a face formosa
Linda rosa,
Em melindroso botão.

Rasgados, puros, brilhantes,
Quaes diamantes,
Côr da noite os olhos tem;
Negros, bastos, longos, bellos
Seus cabellos,
A beijar-lhe os hombros vêem.

Na curta hocca o sorriso,
Paraizo
N'um beijo promette dar;
Rubins os labios; nos dentes,
Resplendentes
As perlas do salso mar.

Delgada fragil cintura,
Formosura
Ao corpo airoso lhe dá;
Não póde haver para abraços
Iguaes braços;
Um pé mais breve não ha.

X

Abraços... beijos... que disse?
As estatuas frias são;
Não ha ninguem que sentisse
Palpitar-lhe o coração.
Bella sim, e muito, é ella
Como a flôr e como a estrella,
Linda estrella, e linda flôr;
Mas entre os gelos nascida
Falta-lhe a chamma da vida,
A viva chamma do amor.

Alli, em todas, parece
Gelado dentro o sentir;
Se tambem a alma adormece,
Trazem a alma a dormir.
Nos labios os frios beijos
Não são nuncios de desejos,
Que andem lá dentro a ferver,
Nem os braços são cadeias
D'aquelles encantos cheias,
Que aqui nos sabem prender.

Formosas são, mais formosa
Entre todas essa alli;
Mas falta o perfume á rosa,
Que ás rosas não falta aqui;
Falta-lhe em tanta belleza
Aquella meiga tristeza
Da mulher meridional;
Aquelle affecto sentido,
Sobre as feições esculpido,
Cá da terra occidental.

XI

Eil-a que um livro, c'o a vermelha fita
Ao meio dividindo, a lêr começa.
Correm-lhe os olhos vívidos, ligeiros

De linha a linha, e volve uma apoz outra
Na rapida leitura as folhas, tremulas
C'o bafejo das auras. Conhecido
Deve de ser o livro, amado ha muito;
Mais recorda que lê; ouço o murmurio
Dos labios... se podéra os sons ouvir-lhe
Bem distinctos... talvez... se ao menos visse
O titulo... par'ceu-me... *Paraizo!...*
Ai... *Milton* li agora! O bom Homero
Da britanica terra. E tu intendes
Do poeta o cantar? Sabes seguil-o
Na estranha concepção de estranhos mundos
Que elle ousa percorrer? No enthusiasmo
Dessa musa a quem ella ia pedindo
Que lhe pozesse n'alma accêzo o lume,
Que nos olhos do corpo era apagado?
Intendes, sabes; deve a natureza
Pagar-te em dons da mente o que negara
Em dons do coração, sempre os melhores
Mais bellos na mulher, mais gratos sempre.

XII

Milton, Milton, se este mundo
Foi vedado aos olhos teus,
Quantos teu genio profundo

Não creou de ignotos Céus!
As illusões desmentidas,
Tantas dores padecidas,
E d'alma as acerbas f'ridas
Abrem-te a porta ideal;
Do pobre albergue na calma,
Essa dôr do corpo e d'alma
Foi quem te colheu a palma
Do teu poema immortal.

Longos annos meditaste
Essas pasmosas canções,
E parece que as temp'raste
Da tua vida nas paixões;
Nos desgostos que tiveras,
No enthusiasmo dessas eras,
E n'essas guerras tão féras,
Nas guerras contra o poder;
Tu d'Westminster nas salas
Foste estudar essas galas
Do teu inferno, essas falas
Com que nos fazer tremer.

Foi lá que achada a energia
D'aquelle grito infernal,
O inferno armado se via

Contra o monarcha immortal;
E na crença independente,
Na louca piedade ardente,
Sem fé certa, dessa gente
Que tu viste extasiar,
Nos puritanos achado
Foi teu som illimitado,
E alli o freio quebrado
Ao fogoso imaginar.

Cego embora, as filhas liam,
Ou cantavam... e elle a ouvir,
C'o as idéas que ferviam,
Sentia a alma subir.
O seu vasto pensamento
Lá do erguido firmamento
Devassava n'um momento
O segredo á creação;
Lia no immenso universo,
No livro eterno disperso,
E c'o poder do seu verso
Tinha-o suspenso na mão.

Milton, Milton, se este mundo
Foi vedado aos olhos teus,
Pôde o teu genio profundo
Ir vêl-o d'ao pé de Deus!

Pôde as graças que não vias,
Bellesas que não sabias,
Nas trevas desses teus dias,
Pôde em tua alma compôr!...
E eu, mais cego em teu encanto,
Que não vi que ousava tanto,
Casando-te o nome ao canto,
Ao canto d'um trovador!

....
....
....

XIII

ADEUS A LISBOA

(DESPEDIDA DE MADAME STOLTZ)

Adeus, cidade formosa,
Mais formosa que Stambul,
Com tua origem fabulosa,
Com teu Céu de puro azul;
Cinge ufana essa alva c'roa
De empinados coruchéus;
        Adeus, Lisboa,
        Princeza, adeus.

Princeza, porque alta gloria
Te exorna a fronte real,
Porque o mundo e porque a historia
Diz—Lisboa, Portugal;
Tu tens o nome de boa,
És a primeira entre os teus;
Adeus, Lisboa,
Princeza, adeus.

Princeza dos vastos mares
Já domados por tua mão,
C'os indianos palmares
Curvados ao teu pendão;
Tens Malaca e Diu e Goa
Entre os teus bellos trophéus;
Adeus, Lisboa,
Princeza, adeus.

Inda arde o Mouro em desejo
De ver de longe o teu sol,
Inda a saudade do Tejo
Tem no peito o Hispanhol;
Ai, saudade! Como sôa
Tal nome nos labios meus!
Adeus, Lisboa,
Lisboa, adeus.

Saudade! Que mais saudade
Que esta minha! E' pura flôr
Nascida n'alma, ó cidade,
Creada por teu amor;
Oh! Da fugitiva prôa
Bradarei inda aos teus Céus:
Adeus, Lisboa,
Lisboa, adeus.

Fica em paz, terra de encantos;
Teus filhos, que nobres são,
Hão-de acceitar em meus cantos
Este adeus da gratidão;
Se lhes devo eterna c'roa,
Os hymnos da arte são seus;
Adeus Lisboa,
Lisboa, adeus.

E se mil festas, mil palmas,
Nobre povo, sabes dar,
Dá-me n'alma muitas almas
Que todas te hei-de deixar;
Fiquem na voz, que inda vôa
Do templo da arte até Deus;
Adeus, Lisboa,
Adeus, adeus!

XIV

A FOLHA BRANCA

(N'um album)

Alva, como esta, na vida,
Uma pagina volvida
Todos a podem contar;
E é, como esta, a primeira,
Branca folha solta á beira
Das praias de ignoto mar.

Mas vem depois, vem o mundo,
Cava um abysmo profundo,
Leva aquella e outra e cem!
Lembra então que essa innocencia,
Candida flor da existencia,
Não reverdece em ninguem.

Lembra então que mais valera
Ser botão de primavera,
Que murchasse antes d'abrir;
Sente-se como saudade
De morrer n'aquella edade,
Sem passado e sem porvir.

Da vida o livro, deixado
Todo em branco, e alli fechado,
Era mais bello e melhor!
Quantas paginas lhe enchemos
Sem que depois lhe contemos
Por cada lettra uma dor?

Ah! Não desejeis, senhora,
Uma a uma ler agora
As maguas de tantos mil;
Não desejeis em cada anno,
Folha a folha, um desengano,
Ler n'este livro gentil.

Nem lisonjas, que passaram,
Nem affectos, que acabaram,
Nem esp'ranças findas já!...
Ao triste dom da memoria
Não queiraes juntar a historia,
Que os mortos animará.

Oh! Não, que tereis saudade
De quando o livro á vontade
Volvieis até ao fim!
Era todo de innocencia,
Era manhã de existencia,
Era em branco... fique assim!

XV

COIMBRA

COIMBRA!... Terra de encanto,
Do Mondego alegre flor,
Venho pagar-te em meu canto
Tributo d'antigo amor;
Não m'o engeites porque é pobre,
Porque tens o canto nobre
Do cantor da linda Ignez;
Não m'o engeites desdenhosa,
Não, que esta alma saudosa
Se inflamma ao ver-te outra vez.

Sou quasi teu filho; amei-te
Da vida no alvorecer;
De Minerva o sacro leite
Por tuas mãos vim beber;
Foi nestas margens virentes
Que co'as azas incipientes
Meu estro voar tentou,
Foi aqui que me sorria
O mundo, a vida, a poesia;
Sou quasi teu filho, sou.

Andei lá por longes terras,
Tantas cidades que vi,
Outros climas, outras serras,
E ás vezes scismava em ti!
De Londres vi a grandeza,
Vi o encanto de Veneza,
De Paris a seducção;
Vi de Roma os monumentos,
E mesmo n'esses momentos
Foi fiel meu coração.

O Rheno com seus castellos,
Vienna, Milão, Berlim,
Da Suissa os Cantões bellos
Não me fallavam a mim;
Não fallavam como falas,

Coimbra, nas tuas galas
Que eu sei, que aprendi de cór,
Não diziam o que dizes
Nesse estendal de matizes,
Que tens de ti ao redor.

Se não contas tantas glorias
Quantas por lá querem ter,
És um livro de memorias
Que um portuguez sabe ler;
Eu, por mim, n'essa tua fronte,
N'essas collinas defronte,
No teu rio de crystal,
Na tua *Fonte dos amores*,
No ar, na terra, nas flores,
Leio em tudo—Portugal!

Aos que pedirem façanhas
D'audaz, guerreiro valor,
Tu as pódes dar tamanhas
Que os façam mudar de côr;
Se quizerem da cidade
Provas d'antiga lealdade
Apontas-lhe o teu Martim;
Tens sobeja, altiva gloria,
Mas não é, não é tua historia
O que só me falla a mim.

Tudo aqui me fala, tudo,
D'esse tempo que lá vae,
Quando nas lides do estudo
Tive em cada mestre um pae;
Fala-me o sino da torre,
Com um som que nunca morre
Nos echos que a vida tem;
Falam-me os dias d'outr'ora
C'um folguedo em cada hora,
Com horas que mais não vem.

Lembram-me aquelles passeios
Lá baixo no *Salgueiral*,
Ou na *Lapa dos Esteios*,
Ou no fulgente *Areal;*
Lembram-me as idas a *Cellas*,
As suaves tardes bellas,
Passadas *da Ponte no O'*;
E quando, já n'essa edade,
No *Penedo da Saudade*
Saudades gemia só.

Nem me ficaes esquecidos,
Antigos socios de então,
Que a esses dias volvidos
Vossos nomes nome dão;
Foi vida de irmãos a nossa,

Aqui o palacio e a choça
Eram por dentro iguaes;
Crenças vivas, rosto puro,
Olhos fitos no futuro,
No amor da patria rivaes.

Esta mesma casa... oh! quantas,
Quantas lembranças me traz!
Palco amigo, tu me encantas
Co'as imagens que me dás;
Compõe-me inteiro o passado,
E d'esse viver sonhado
Deixa-me agora enganar...
Mas não... logar ao presente,
Que eil-o se ergue nobremente
Com novos loiros sem par.

Quaes fomos, sois hoje a esp'rança,
Mancebos, da patria a flor,
Do futuro segurança,
Das nossas lettras penhor;
Entre vós o rei da lyra
Bem vedes que vos inspira,
Brandindo um facho de luz,
Bem vedes o immenso brilho
Com que o nome de Castilho
Em nossas glorias reluz.

Eia, mancebos, ávante,
Vencei-nos, vencei-nos, vós;
Seja a patria triumphante,
Que é o que importa a todos nós;
Tendes crença, fogo e vida,
Tendes a alma despedida
Do lodo das vis paixões;
Levae ao mundo essa aurora,
E sobre os brazões d'out'ora
Levantae novos brazões.

Eia, pois, COIMBRA seja
Primavera do porvir,
E n'ella, mau grado á inveja,
Portugal sempre a florir;
Oh! Possa eterno este solio,
Este augusto capitolio
Das patrias lettras, brilhar,
Que eu, tomado de respeito,
Eu sempre, dentro do peito,
Hei-de seu nome guardar.

XVI

STABAT MATER

Eil-a só a Virgem languida,
Rôla viuva gemendo;
Eil-a, a mãe, nos braços tendo
O filho de infindo amor;
O filho chagado, exanime;
O filho que é luz, que é vida,
Que lhe deixa a alma partida
Na soledade da dor!

Eil-a junto á Cruz, patibulo
D'onde seu filho pendera;
Ai! Como a triste lhe dera
Mil vidas, todas d'amor!
Mas vê já aberto o tumulo,
Lá cahe a pedra tombada...
E fica mais desgraçada
Na soledade da dor!

Vinde, vós que chorais lagrimas,
Vinde, ó aflictos da terra,
O' mães, cujo peito encerra
Doces mysterios d'amor;
Vós todos de dores ásperas,
Vinde ver se ha dor mais funda
Que a desta mãe gemebunda
Na soledade da dor!

O que tem nos braços tremulos
Era o Bem, era a Virtude,
Era o Sol ao mundo rude,
Era a Vida, era o Amor;
E o mundo na cegueira impia
Deu-lhe crua morte em paga,
Por isso em pranto se alaga
Na soledade da dor!

Quem poderá, Mãe ternissima,
Tentar sequer consolar-te,
Se debalde em toda a parte
Tu buscas o Eterno Amor?
Quem pode esse quadro lugubre
Esconder-te?... Eis o sudario...
Geme do alto do Calvario
Na soledade da dor!

Mas tu podes, Flor Angelica,
Ter por fim grande conforto,
Lá sobe aô celeste porto
Triumphante o divo Amor;
Exulta comnosco estatica,
Teu filho é Deus, e as algemas
Quebrou aos homens; não gemas
Na soledade da dor.

A Cruz infamante, é fulgido
Sceptro agora e throno e solio,
E do erguido Capitolio
Abre seus braços d'amor;
Bem vês os povos em canticos
Celebrar quem os remira,
E que já ninguem suspira
Na soledade da dor.

Livres, pois, nós vimos supplices
A teus pés; cumpre o legado
Que o Filho Crucificado
Te fez ao materno amor;
Sob as azas, Pomba Candida,
Toma os filhos que ficaram,
E que comtigo choraram
Na soledade da dor!

XVII

LIVRO, A QUE VENS?

(No album d'um brazileiro)

Livro, a que vens? Que quer de mim o amigo
Que te aqui manda? Que recado é o teu?
Versos?!... Ai, livro, que vens mal comigo!
Quem me fazia os que eu já fiz... morreu!

Era a voz d'alma nos viçosos annos,
Era esse fogo que nos vem do Céu,
E fogo e voz, n'um tumultuar de enganos,
Tudo isso, ai, livro, para mim morreu.

Ias leval-os a longinquas plagas,
Honrar meu nome? Bem o sinto eu,
Mas desse nome, atravessando as vagas,
Leva a noticia de que já morreu.

Ias á terra, que é irmã da minha,
Contar-lhe a esp'rança com o affecto meu?
O affecto vive, mas o esp'rar que eu tinha
De a ver um dia, esse já morreu.

Dize-lhe ao menos, que de longe a sigo
Com puros votos no destino seu;
Que seja herdeira do esplendor antigo
Que por cá houve e que já morreu.

Estes desejos são o mais que posso
Dar-te em resposta do recado teu;
Leva-os tu, livro; e ao amigo nosso
Dize do poeta—que elle já morreu.

XVIII

A ORAÇÃO NO MAR

Ia quasi no fim um lindo dia
Do verdejante abril; eu navegava
Das costas d'Albion, da tua patria,
Em demanda da minha. Tudo á roda
Era ja Ceu e mar, a extrema terra,
As pontas das *agulhas* branqueadas,
Vigias do canal, eram de ha muito

Confundidas co'as aguas; e, profunda,
Solemne a solidão, até no rosto
Do marinheiro ousado debuxava
Não sei que melancolico reflexo
D'um intimo receio. Sobre as óndas
Tão grave e temeroso é tudo sempre,
Tão grande o seu mysterio, a sua força,
O indomito caprixo, e, na incerteza,
Tão perto e tão voraz a sepultura,
Que a vista scismadora mal se pode
Das vagas despegar, que o peito a todos
Arca mais apressado, e que saudosa
Inda a terra estrangeira acode á mente!

—

O barco era formoso até no nome,
Pois *Julia* se chamava; as brancas velas,
Desferidas de todo, entumeciam
De branda viração ao sôpro leve,
Que nas enxarcias, como em harpa eolia,
Murmurava suaves harmonias;
O mar, quasi sem rugas, baloiçava-se
Na infinita extensão tão socegado,

Que, nas ondulações de espaço a espaço,
Se crêra vêl-o a respirar dormindo;
Ao longe um sol esplendido descia
Em torrentes de purpura dourada
A levantar em fogo a argentea lhama
Das estendidas aguas, e a poeira
Rutilante que o disco lhe precede
Quando já vae no occaso; o Céu sem nuvens,
Saphira immensa abobadando este ermo,
Par'cia prometter bonança aos nautas.
Eu, na prôa assentado, tinha os olhos
Fascinados na escuma levantada,
Que o caminho da patria me ia abrindo,
E os ouvidos afagados, presos
D'uma triste monotona cantiga
Do velho marinheiro que ia ao leme.

—

Como dorido e doce era esse dubio
Indefenido estado em que vagava,
Sem consciencia delle, então minha alma!...
Havia eu visto pela vez primeira
A opulencia, o fausto, os monumentos,
A vida, o enxamear, a industria, as artes,

Da vastissima Londres, como epilogo
Da illustração d'um povo e do seu tempo;
Bem funda era a impressão; e a propria edade
Instigava a memoria a conservar-me
Innumeras imagens deslumbrantes,
E recompor-me, subito, animado
Esse montão de coisas, e de edéas
Que eu admirara alli; mas ah! Perdôa,
O' filha d'Albion, n'aquelle instante.
Eram mudos os echos, e desfeitas
As sombras que cá dentro me fingiam
Quanto lá vi e ouvi... não sei ao certo
Por onde me corria embevecido
Em suave tristeza o pensamento,
Sei só que d'entre fórmas indestinctas
Me surgia acenando meiga e bella
A figura da patria... és mãe, entendes
Este culto de filho, has-de approval-o.

—

Ia assim; de repente, pela face
Sinto, de lado, sacudir-me o vento
A ponta da aza n'um ligeiro golpe,

E vejo as velas bambolear oppostas,
Encontradas, em fláccidos embates;
No horisonte distante, breve nuvem,
Esbranquiçada e rara, então descubro,
Dirigindo-se lenta a nós direita,
Em quanto que nas aguas vem correndo
Sussurrante assoprar que as arripía.
Faz-se logo no barco um reboliço
Geral na marinhagem, que se apréssa
Á voz do capitão. Porquê? Que vira?
Accaso aquella nuvem transparente
É nuncio de procella?... Era.—Ás vezes
Um pequeno signal traz grandes novas,
Geram grandes effeitos tenues causas,
Que a esp'riencia precata.—Eil-os que sobem
Estes aqui ás gaveas e seguram
Nas antenas as velas amainadas;
Erguem outros alli c'o cabrestante
As vergas ao calcez; aquelle enfia
Nos cadernaes um cabo; estoutro mette
Uma vela nos rizes, que inda fica
A vêr se o vento a soffre assim humilde;
Passam, repassam, sobem, descem, correm
Os nautas na manobra, é tudo a póstos,
E mais attento e grave, sobre todos,
O velho que nas mãos levava o leme,
Segurança esp'rançosa deste povo

Entregue ao mar e aos ventos;—qual ser deve
Mais attento que todos sempre aquelle
Que o leme das nações reger na terra.

—

Baldada previsão! Oh! De que vale,
Sem auxilio do Céu, sciencia d'homens?...
Engrossa a pouco e pouco além a nuvem
E rapida caminha; o sol sumiu-se
Ja de todo atraz della; fria e humida
Fechou-se a cerração; o vento estruge
Em furacão terrivel pelos mastros;
Ás lufadas a chuva espadanava,
N'uma lucta invejosa, á crista da agua;
Cavam-se abysmos, erguem-se montanhas
Nos mares açoitados, que, rugindo,
Escumando de raiva contra o barco,
Ora o parecem devorar n'um sôrvo,
Ora cuspil-o ao Céu, injuríados!...
Como breve se muda em tempestade
A placida bonança! Incerta vida
Que em tudo és sempre assim!...—E a cada instante
Recrudescem na furia o mar e o vento;

Varrem de pôpa a prôa quanto encontram,
Revolvendo, alagando, confundindo
Coisas e homens, nas crescentes trevas;...
Rompe-as agora do alto, e mesmo a prumo,
Pavoroso clarão, seguido logo
De rebombante horrisono estampido...
Outro... mais outro...; e em volta se cruzavam
Farpadas, igneas fitas serpejantes,
Que, listrando o negrume, esclareciam,
Fugitivas, o horror, para augmental-o;...
Vem uma serra d'agua enovellada
E rebenta de chofre, espedaçando
O mastro da mesena; outra arrebata
Metade do timão;... os marinheiros
Já não podem de pé suster-se firmes,
E ao seu posto amarrados com tres voltas
De corda na cintura, mal escapam
Ás golfadas do mar;... o barco á tôa,
Ludibrio da procella, aqui, gemia
Como sentindo as pranchas descoser-se,
Alli, d'um bordo a outro baqueava
Como perdido já!... E pouco falta!
Que o susto, o desalento avulta pallido
No rosto aos mais afoitos; que na escada
Da camara se assenta, de mim perto,
O bravo capitão, poisando a fronte
Entre as mãos, abatido...! Então mais rijo,

Mais violento um sacão da tempestade,
De medonho trovão acompanhado,
Cortando cabos, estallando vergas,
Com temeroso estrondo, aos Céus levanta
Um grito immenso da marinhagem toda!...
Ergui-me por instincto, olhei, e logo
Ajoelhado na tolda, vi comigo,
Do relampago á luz, ajoelhados
Os nautas todos, e de mãos erguidas!...

— .

Meu Deus, que reges os ventos
E que pões ás ondas freio
N'um olhar,
Olhar do nauta os tormentos
Poderás sem dó, no meio
Deste mar?!

O mar! Ai! Nós nelle vemos
Tua força e magestade
Com temor;
No temor com que te crêmos
Vê tu que deves piedade
Ter, Senhor!

Senhor, a teus pés prostrados
Eis-nos todos, e rogamos
Pela Cruz;
Cruz que seja aos naufragados
Taboa, que salve os que vamos
Já sem luz.

Luz d'esp'rança es tu somente,
Mas apaga a que do raio
Tens na mão;
Na mão toma, Deus clemente,
Esta do nauta em desmaio
Oração!

—

Oh! Fervorosa a oração subia
Dos labios ciciantes, e no peito
Contricto o coração agonisava
Entre o terror e a esp'rança semi-morta!
Era augusto e terrivel!... Ver um barco,
Ao clarão da procella, c'os destroços
Assim desmareado, assim perdido...

O mar, o Céu em furia a combatel-o...
E os poucos homens que lá dentro iam,
De joelhos, co'as mãos alevantadas,
Attestando ao seu Deus que são de barro,
Fracos, loucos sem Elle, e que não podem
Seu braço desarmar senão com preces!...
Mas eil-o desarmado... o vento abranda;
Cessa a chuva; o trovão ja se não ouve;
A pouco e pouco a cerração desfaz-se;
Começa de entrever-se o azul celeste;
E o mar, em sua cólera domado,
Como leão vencido, arqueja apenas!

—

Graças, graças, Senhor, piedoso és sempre,
Ouviste ao nauta, ao desterrado a supplica;
Doeram-te talvez tambem as vozes
De saudade e d'amor com que os chamavam,
Desta praia e d'aquella, irmãos, amigos,
Pae, ou mãe, uma esposa, ou terna amante,
Ou innocentes filhos, que não sabem
Imaginar sequer estes horrores
Do levantado mar!... Em poucas horas

Reparado o estrago, o barco á vela
Navegava sereno, e pelas aguas
Desassombrada a lua se espelhava
Com tremulo fulgor:—eu fui de novo
Assentar-me na prôa; e alli c'os mares,
C'o luar, co'a solidão scismar tristezas!

XIX

PORQUE MORRESTE?

Puro som d'harpa divina,
Perfume de etherea flor,
Luz de estrella peregrina,
Anjo candido d'amor!
Porque tão breve passaste
Na terra? Porque deixaste
Tantos affectos só teus?
Quem te chamou? Quem te furta
Assim, em vida tão curta?
Que pressa havia nos Céus?

Faltavas nas harmonias
De tantas harpas que ha lá?
Nos perfumes faltarias
Em tantos a Jehová?
Ou seria nas estrellas,
Nessa luz de milhões dellas,
Sempre fulgentes alli?
Ou nos córos, entre os anjos,
E serafins e archanjos,
Que precisassem de ti?

Ah! Na opulencia celeste
Inda faltavas!... E nós,
E os pobres que a ver vieste
Que fiquem tristes e sós!
Nas amarguras da terra,
Na noite e espinhos que encerra,
Vivamos sem flor, sem luz,
Sem um som que nos anime,
Sem ter nas fragas do crime
Um anjo que aponte a Cruz!

Se foi por seres formosa
Que Deus ao Céu te chamou,
Porque te fez assim rosa,
Porque assim cá te mandou?
Pois lá na eterna belleza

Quer-te ainda, e na pobreza
Do feio mundo só quer
Mostrar-te em breve passagem,
Mostrar-te como uma imagem
Que mal se pôde entrever?!

Foi por seres innocente?
Perdôa-me então, Senhor,
Mas que eu pergunte, consente,
Que é feito do teu amor?
Queres só culpas no mundo?
Queres que ainda mais fundo
Seja o abysmo do mal?
Se nos levas a innocencia,
Quem nos ha-de á penitencia
Guiar com voz divinal?

Foi a Virgem da Capella
Que te viu linda entre mil,
E que te quiz assim bella,
No corpo e n'alma gentil?
Foi a Virgem, que na encosta
É suave esp'rança posta
Ao navegante no mar?
Foi, foi ella; namorou-te
N'aquella tarde e chamou-te
De cima do seu altar!

Ai! Virgem, Virgem sagrada,
Q'e esqueceste que eras Mãe!
Que esqueceste a maguada
Saudade que a morte tem!
Ai! Virgem, que te esqueceste
Dos prantos que ja verteste
Por um filho... e era Deus!
Deixa, pois, queixar-se agora
Quem n'estes prantos que chora
Se lembra dos prantos teus.

Deixa-os queixar, Virgem, deixa,
Que tu, Senhora, bem vês
Que é grande a razão da queixa
Porque é a alma em viuvez;
E porque tu que és bonança,
Que és ahi do nauta a esp'rança
Contra o mar, contra o tufão,
Deixaste que sem piedade
Fosse a dor em tempestade
Entrar-lhes no coração.

Oh! Mas é queixa amorosa,
São teus filhos, e a chorar
A filhinha melindrosa,
Que viste ao pés desse altar;
Dá-lhes, ao menos, conforto,

Promete-lhe o Céu por porto
Neste naufragio de dor;
Junta-os lá co'a mão divina
Á flor, á luz peregrina,
Ao anjo do seu amor.

XX

A ESCADA SANCTA

É esta, é esta do Pretorio a escada?!
Tambem, ó Roma, relicario immenso,
Esta reliquia tens?! Como que ao lado
Da tradição, da historia e da doutrina,
De que és depositaria e guarda e mestra,
Te quiz Deus pôr as provas reunidas!
Nada te falta, pois, e tudo é pouco
Para a impiedade incredula!... Quem sabe?

Venha, venha ella aqui; talvez, vencido
Mais d'algum novo Saulo, em breve suba
Os sagrados degraus, de penitente,
Qual subiu esse hebreu, que escarnecera
Do que logo depois prostrado acata!

É esta!!!... Moços e velhos,
Cada dia, enfermos, sãos,
Sobem-n'a aqui, de joelhos,
Mil peregrinos christãos;
E, deste attrito aturado,
O tyrio marmor cavado
Tivera quebrado ja,
Se com grossa lignea capa
Não fizesse a mão d'um Papa
Que erguida exista inda lá!

Existe, vi-a, subi-a
Tambem c'os joelhos meus,
E nem sei o que sentia;
Par'ceu-me a escada dos Céus!
Cada degrau me fallava,
De quando Christo a trilhava
Ou a subir ou descer;
Ora da turba accusado,
Ora a açoites condemnado,
Ora seu sangue a verter!

Junto á escada veneranda,
Cuidei vel-O eu mesmo então,
Quando levado á varanda
Foi no dia da paixão;
Eil-o sobe, lento, lento,
Como se a cada momento
Se pegasse á pedra o pé,
Como se um peso invisivel,
Mas peso immenso, terrivel,
Lhe fosse aos hombros...! Que é?

Que é, Senhor, nesta hora
Tão vagaroso subir!?
Que peso é que vos demora,
Indo a humanidade remir?
O sacrificio é precario?
Vedes já perto o Calvario?
O calix já recusaes?...
Oh! perdoae, se blasfêmo,
Mas é, Senhor, porque tremo
Se inremidos nos deixaes!

Não, não; o peso ja vejo,
Que Vos faz ir de vagar,
E, já contricto, o desejo
Sinto em mim de o minorar;
Sobre os hombros retalhados

Levais do mundo os peccados,
Os crimes de todos nós!...
Como a um Deus não pezariam,
Que pezo que não teriam,
Levados, Senhor, por Vós!?

Mas ide á turba mostrar-Vos,
Cumpra-se a ordem do Pretor;
Onde elles vão ultrajar-Vos
Poremos tropheus d'amor;
Ahi no alto dessa escada,
Ahi vereis attestada
Vossa palavra immortal,
Vossa lei, vossa memoria,
Com mil despojos de gloria
Do martyrio triumphal!

Porém volvei, que ligeiro
Corre o tempo, e a hora vem
De ir c'o pesado madeiro
Ás costas subindo alem.
Volvei, Cordeiro paciente,
Volvei, Victima innocente,
Que por Vós espera a Cruz,
E espera o mundo anhelante
Que della, ja triumphante,
Lhe brilhe perpetua luz!

Desceu a escada... caminha
Ao sacrificio... lá vae...!
Os degraus por onde vinha
Agora, ó povos, beijae;
Buscae-lhe o rasto sagrado,
O sangue ahi gotejado
Dos golpes d'acerba mão;
Vinde, homens moços e velhos,
Vinde subir de joelhos
A escada da Redempção!

XXI

VIESTE TARDE

N'um album

Vieste tarde, donzella,
C'o teu livro; por ser bella
Nem tudo podes vencer!
Que importa que me consagres
Esta folha, se ha milagres
Que so Deus pode fazer?

Na folha, folhas sem cores,
Folhas de ja mortas flores,
Queres tu? Não queiras, não!
Foi-se o viço ao ramo sêcco;
Ja não sou voz, sou um ecco;
E morreu-me o coração.

Não tens visto pelo estio
Como vae o nosso rio
Tão sumido no areal?
Não o tens visto tão pobre
Que mal a vista o descobre
Por baixo do sinceiral?

E n'outra estação não era
Um rio de força fera,
Rico d'aguas, quasi um mar,
Galgando motas e ponte,
E vindo de monte a monte
Todo esse campo alagar?

Ora dize, em qual dos dias
Ao Mondego pedirias
Que mostrasse o seu valor?
Quando se arrastra na areia,
Ou quando o trazia a cheia
Em seu completo vigor?

Porque então á voz cançada,
Á lyra já pendurada,
Vens pedir sons para ti?
Porque me vens pedir cantos
Agora, quando com prantos
Só recordo que vivi?

Oh! Devias vir mais cedo,
Quando eu tinha um canto ledo!
Viesses n'outra estação!
Mas hoje!! Ai! Que posso dar-te?
Apenas um som sem arte
Que só diz—recordação!

Mas os tempos confundia,
E vultos, unidos só
Por força da phantasia,
Juntava n'aquelle pó.
Não sei se estava acordado
E se teria quebrado,
Qual homem embriagado,
Da rasão todo o poder;
Não sei se sonhava ao certo,
Sei que me cria desperto,
E que nesse estado incerto
Sentia em mim outro ser.

As eras ja sepultadas,
Erguidas por minhas mãos,
Sahiam d'entre as arcadas,
Surgiam n'aquelles vãos.
Ergui-me tambem, e, louco,
Sobre os sons do vento rouco
Levantando a voz um pouco,
Fui c'os mortos conversar!...
As proprias pedras fallavam,
E dos Judeus me contavam
Quando alli tristes choravam,
Escravos, a trabalhar.

Do alto, ao pé d'Augusto e Cinna,
Mario com Sylla desceu;
E Cicero e Catelina
Vem com Cezar e Pompeu;
Aqui Romulo subia,
Alem a Virgilio via,
Lucrecia alli descobria
Inda envolta em pejo e dor;
E mil pasmosas figuras,
De diversas catadura,
Por aquellas pedras duras
Vão-se assentando ao redor.

Andei subindo e descendo,
De Fabio toquei na mão,
Com Horacio discorrendo
Ouvi a voz de Catão;
Dei á linda Octavia o braço,
Co'a mãe dos Grachos me abraço,
D'uma Vestal no regaço
Depois a fronte escondi;
Naquelle sonho ou loucura,
Adorei a formosura,
A propria desenvoltura
De mil Bachantes que eu vi.

Memoria e crença perdidas
Cá deste mundo real,
Co'as illusões accendidas,
Julguei-me quasi immortal;
Do phrenesi na impiedade,
Ligado á gentilidade,
De Venus á divindade
Votei-lhe os ritos d'amor;
Enthusiasmado e perdido,
N'aquelle mundo fugido,
Desejei ter lá vivido,
Ou fosse escravo ou senhor!..

Mas de repente cá dentro
Sinto a crença resurgir,
E do amphitheatro ao centro
Fui de joelhos cahir;
Renascia o morto lirio,
Vinha a fé, entre o delirio,
Vinha mostrar-me o martyrio
Alli mesmo a triumphar;
Beijei os degraus sagrados,
Da verdade alumiados,
E c'os braços levantados
Á Cruz me fui abraçar.

III

Voltei depois á arcada, e na penumbra
D'um pilar me assentei, nas mãos cravando
A pezada cabeça, que fervia
N'um turbilhão d'oppostos pensamentos.
Nunca tanto vivi de intima vida,
Nunca assim me abysmei no mar incerto
Do humano cogitar!... Os reis, os povos,
Inteiras gerações, a historia, a fabula,
Memorias e costumes, leis e crenças,
Fundações e ruinas, templos, circos,
Da guerra o batalhar, da paz as festas,
Livros, genios, tyranos, turba escrava,
A liberdade após, a luz do mundo,
Que rebentou do sangue em que a afogavam,
Milhões, milhões de vultos magestosos,
Tudo ante mim passava, lampejando
N'uma visão febril!... Eu arquejava,
Tinha n'alma um vulcão, e aos labios vinha
De quando em quando ciciar-me quente
Um tremulo suspiro, qual na praia
O cançado gemer d'um mar cançado!...
Cuidava-me alli só, eu só com vida
N'um phantastico mundo, e alli regia
As paginas da historia, os mortos seculos,
Da vontade a um asseno omnipotente,

E chamava-me Rei!... Eis sinto ao longe,
Por baixo da arcaria, lá ao fundo
A arêa estridular, como calcada
Por vagarosos pés... quebrou-me o encanto
Aquelle unico som, nas tão profundas
Mudez e solidão que me cercavam!
E mais perto, e mais perto, e ja destincto
Percebo o caminhar... e logo assomam
D'homem e de mulher, um do outro ao lado,
Dois vultos conversando... fui sumir-me
Por de traz do pilar, cosido á pedra,
E tendo a vista attenta, attento o ouvido,
Um gesto, uma palavra não perdia...
Oh! Que vi e que ouvi!... Se inda era sonho?
Se seria inda a febre delirante
Do louco imaginar que me enganava?

IV

Serão estatuas baixadas
Do marmoreo pedestal,
De occulta mão animadas
Neste paiz edeal?
Será porventura Apollo,

Que a esta hora visita o selo,
Onde foi outrora um Deus?
Será Venus seductora,
Que venha na terra agora
Dar-lhe no amor outros Céus?

Serão sombras, que, fugidas
Das moradas sepulcraes,
Vem das vidas ja vividas
Recordar antigos ais?
Será Tarquinio inda cego,
Que, da noite no socego,
Vem saciar a paixão?
Será inda a esposa amante,
Que, c'o seio gotejante,
Lhe vem negar o perdão?

Será Pyramo, sedento
D'aquelle amor que perdeu,
Quando errado pensamento
Soletrou no roto veu?
Será de Thisbe a ternura,
Que, depois da sepultura,
N'um beijo vem reviver?
Ou reaes ou fabulosos,
Quem sois, ó vultos formosos,
Que vos póde aqui trazer?

Formosos, sim... dava em chapa
D'ambos na face o luar;
Elle envolto em negra capa,
Ella um chale a sobraçar;
Os longos cabellos della,
Cahidos na face bella,
Realçam-lhe a pallidez,
Lustrosos na tinta escura
Eram divina moldura
Do seu rosto á nivea tez.

Os olhos, vivos, de fogo,
Tambem negros a luzir,
Ora fitos, ora logo
Dos olhos delle a fugir,
Eram dois astros brilhantes,
Escondidos por instantes
Em que se atiça o fulgor;
Na curta boca aninhava
Um sorriso que matava,
Que endoudecia d'amor.

A mão, nitida de neve,
Que mais linda nunca a vi,
C'os dedos longos, mas breve,
Sem luva mostrava alli;
A figura era elevada,

E a cintura delicada
Fazia-a quasi vergar;
Perfumava esta magia
Não sei que melancolia,
Em torno della a adejar.

Do mancebo sobre a testa,
N'uma linha transversal,
Lia-se a historia funesta
D'aquella tocha fatal,
D'aquella tocha, que a vida,
Queimada de interna lida,
Faz a taes homens doer;
D'aquelle sopro do Eterno,
Que as paixões fazem inferno,
E nellas o peito a arder!

Tinha trigueiro o semblante,
Barba negra, firme olhar,
A's vezes tão penetrante
Como estilete a varar;
Não era d'alta estatura,
Mas tinha nobre figura
D'elegante destincção;
No largo peito par'cia
Que palpitar se lhe via
Tambem nobre coração.

Oh! Não são sombras fugidas
Das moradas sepulcraes,
Nem são estatuas descidas
De cima dos pedestaes;
Não são, não, tem vida tudo,
É drama a que assisto mudo,
Eterno drama do amor;
É esse viver d'amantes,
São esses prantos constantes
Das almas regando a flor!...

V

Não longe eram da Cruz; ambos parados,
Olhos presos no chão, dir-se-hia andar-lhes
Lá dentro um tumultuar, que não ousavam
Elles mesmos romper, callavam-se ambos.
É que no coração do homem, ás vezes,
Tão caudal se despenha o sentimento,
Que na terra não ha lingua que possa
Traduzil-o em palavras. O mancebo

Passava e repassava a mão convulsa
Pelo escuro bigode... após levou-a
N'um gesto desesp'rado a um seixo solto
E longe o despediu, como se a edêa
Importuna que n'alma lhe pesava
Despedisse com elle; sibilando
Cortou a pedra o ar, e contra um arco
Retenindo bateu; nisto, a donzella,
C'um ligeiro tremor quasi invisivel,
Acordada talvez, ergueu os olhos,
E proseguiu a interrompida lucta.

VI

—Tenho medo, meu amigo,
Trouxeste-me aqui comtigo,
Quizeste que fosse aqui,
E tudo aqui me apavora,
E contra os sustos desta hora
Nem refugio encontro em ti!

Deixemos estes logares,
E deixa tu teus pezares,
Deixa esse teu vão descrer;
Amo-te, sim, doidamente,
Quero, sim, eternamente,
Só do teu amor viver...

—Como finge! E que tormento
Não poder-lhe ao fingimento
Só frio despreso oppor!
Que dizes tu? Que me amas?
Tu, que nunca em ti as chammas
Sentiste de ardente amor?!

—O' meu Deus! Que homem este!
Já tantas provas tiveste,
Ja tantas!...—Que ingratidão!
Não conhecer que este peito,
Aos brincos d'amor affeito,
Encobre acceso vulcão!

Escuta, escuta, Maria,
Quiz-te aqui trazer um dia,
Ao logar do solio teu;
Sobe alem... soltem-se as feras,
Nova festa destas eras
No já christão Colisseu!

No teu Circo me encerraste,
Quizeste ver, ja gosaste,
Ja um nome uniste aos mais;
Mas gosa esta noite ainda,
Gosa, rainha, da infinda
Harmonia dos meus ais.

Tambem aqui um tyrano
Fazia do sangue humano
Um pretexto para rir;
Tambem um povo de escravos
Soltou aqui ja mil bravos,
Vae tu agora applaudir.

Deu-me provas!—Dei, de certo!...
—E ousas a rosto aberto
Inda em taes provas fallar?
Tu que dessas mesmas provas
Inventas maneiras novas
Do coração me esmagar?!

Foi teu beijo promettido?
Ah! Se eu podera, cuspido
Aos pés t'o calcára já.
Um beijo! O primeiro della,
Essa prova, convertel-a
Neste fel que eu tenho cá!

Foi outro engano, foi meio
De n'um curto devaneío
Meus zêlos emmudecer;
Foi nova traça, orgulhosa,
Com que quizeste, vaidosa,
Exp'rimentar teu poder!

E eu que desse teu beijo
Tinha, em férvido desejo,
Andado o encanto a compor!
Era um Ceu d'alma delicia,
Dos anjos doce caricia,
Era um abysmo d'amor!

Trocaste o encanto sonhado
Por um beijo descuidado,
Um beijo... que disse? Não;
Por uma afronta o trocaste,
Quando a face me roçaste
C'os labios fugindo então!

Afronta, sim, quasi preço
Da traição, que não mereço,
Que não merece ninguem!...
Mas na Cruz que ahi se arvora,
Ao que lá pendeu outr'ora,
Um beijo o vendeu tambem!

VII

Aqui parou um pouco; e pela face
Correu ligeiro a mão, como apagando
Os vestigios do beijo. Envergonhada
A donzella, talvez, não sei, uns passos
Vacillantes andou, co'as mãos cobrindo
O rosto de marfim, e foi deixar-se
Da Cruz sobre os degraus cahir sentada.
Elle olhou-a e seguiu-a. Em pé, ao lado,
Cruzando os braços sobre o amplo peito,
Triste e quasi feroz a contemplava.
Foram breves instantes. Fez um gesto
Com que ia acompanhar mais cruel queixa,
Mas suspenso ficou... uma voz d'homem
Descantava lá fóra. O canto sempre
Brota espontaneo em bocca italiana,
Como na arvore brota a flor em Maio;
E é vida tambem; os descendentes
Dos que o mundo nas mãos tremer fizeram
Vivem cantando, em diversões do mundo!
O Romano cantava... e que voz tinha
Tão linda, tão suave, e pura e meiga,
Temp'rada para amores! Era senha,

Ajustado signal talvez co'a amante,
Como é d'uzo na Italia. Oh! Mago effeito
De tal voz, a tal hora, alli, cortando
D'uma scena d'amor o fio incerto.

VIII

Vem, minha doce donzella,
Vem-me esta noite encantar,
Que não ha melhor estrella
Nem me encanta este luar;
Tem mais mimosos fulgores
Os olhos dos meus amores.

Não me importa da collina
Ver o manto a branquejar
Co'a melindrosa bonina
Que m'a não faz invejar;
Tem mais melindrosas flores
O seio dos meus amores.

Não me importa que se esconda
Linda perola no mar,
Nem o coral pela onda
Seus ramos a bracejar;
Tem outras joias melhores
A boca dos meus amores.

Vem, pois, ó virgem de encanto,
Vem-me este fogo apagar,
Escuta a voz do meu canto,
E teu coração me vem dar,
Que nem Ceu, nem mar, nem flores
Não valem, não, teus amores.

IX

Feliz, feliz de ti!... Disse o mancebo
Quando ouviu expirar as mellodias
Do namorado canto. E no impulso
D'uma edea brutal, que acerba colhe,
Sem vir do coração e á mingoa delle,
Essa rapida posse dos sentidos,
Frenetico tomou nas mãos a fronte
Da formosa Maria e devorou-lhe
Uma a uma as feições com beijos loucos:

A face, a bocca, os olhos, os cabellos,
Vôa destes às mãos, das mãos ao seio,
Do seio outra vez volve ao rosto lindo,
E nos braços a toma, como tigre
Que a victima preou... mas de repente
Dos braços solta a languida donzella,
E aos pés lhe ajoelhou, co'as mãos erguidas!..

X

—Perdôa, Maria; grosseiros amores
São vis aos meus olhos, doçuras não tem;
Não devo nem quero ceifar-te essas flores
D'amor invejadas, se d'alma não vem.

Perdôa, Maria; quizera beber-te,
Fartar esta sede, meus sonhos fartar;
Perdido e sem tino quizéra poder-te
Em sofregos beijos comigo abysmar.

Mas longe os prazeres mercados co'a magoa
Da duvida negra, d'um negro descrer;
Prefiro-lhe os prantos, prefiro-lhe esta agoa
Ja sôro delgado d'um vão padecer.

Mas longe os prazeres d'um fogo sem chamma
De dentro soprada por labios d'amor,
Não arde, não queima, não mata, e derrama
Uns pallidos raios d'um sol sem calor.

E eu desses não quero..! Mas doida comigo,
Fervendo-te o peito, fervendo em cachão,
Desfeita em ternura, quisera comtigo
No inferno lançar-me, perdendo a rasão.

Ser só teu brinquedo, andar no teu jogo,
Servir-te ao capricho, fazer-te sorrir,
E tu lá do alto c'os olhos de fogo
Na arena mirando se eu sei bem 'cahir;

Soltar-te o meu *ave*, no chão, moribundo,
Qual Cezar ouvira tambem aqui ja,
Não posso, não posso, que a amor tão profundo,
Ou tudo, Maria, ou nada, vê lá!...

XI

—Mas eu tudo, tudo quero,
Anjo, filho, escuta bem,
Se não es um novo Nero
Rasgando entranhas da mãe;
Tudo, sim, tenho-t'o dicto

De viva voz, por escripto...
—Que importa? Tudo illusão,
Co'a bocca, co'a mão só lavras
Enganos, nem com palavras
Se paga o meu coração.

—Palavras só! Mas que queres?
Sou tua, tu tens-me aqui,
Comtigo, se tu quizeres,
Eu quero morrer por ti.
Um crime entre nós ergido
Traz este amor mal nascido,
Mas quero réproba ser...
—Meu Deus, meu Deus, ella mente,
E eu não posso infelizmente
Odear esta mulher!

E tenho medo d'ouvil-a,
De me deixar seduzir
Dessa voz, que, sem trahil-a,
Tão meiga sabe fingir!...
—Não finjo, não, eu t'o juro,
Por esta Cruz te conjuro
Que uma vez crêas em mim;
De Scevola no brazeiro,
Queimarei meu braço inteiro,
Se me acreditas assim.

—Tu! Ai, tu, que triste morte
D'um triste te exorna ja,
E que, rindo-lhe da sorte,
Na campa te assentas lá;
Tu, Mário destas ruinas,
Deste imperio, onde imaginas
D'ossadas um throno alçar;
Tu, ai, tu inda assim ousas
Tirar exemplos das lousas,
E vir a Cruz insultar?!

Das-me a ventura de centos?
Das-me um logar entre mil?
Da grimpa incerta c'os ventos
Queres ver-me amante vil?
Oh! Não, não!—Ingrato, ingrato,
Não vês que o proprio recato
Com vir aqui te entreguei?
De mãe, de irmãos deslembrada,
Por tua voz fascinada,
Não vês que tudo immolei?

—Mas quero amor sem partilha,
Quero ser amado só,
Quero amor que não humilha,
Como esse, que é brinco ou dó;
Inda hontem, n'um certo ensejo,

Te vi acenar c'um beijo
No baile a um desses rivaes,
E vir depois com socego,
Innocente, ver se eu cego
De tal não dava signaes!...

—É falso, é falso...—Maria,
Não negues, que eu tudo vi;
Faze, emfim, minha alegria,
Ou que me esqueça de ti;
Amor franco, amor sincero,
Nem outro peço, nem quero,
Amor cego, amor fatal,
Amor que o fogo retrate,
Amor que talvez nos mate,
Mas em si mesmo immortal!...

—Pois sim, meu amigo, espera,
Hei-de amar-te, amar-te assim,
É tarde... mas eu quizera...
Olha agora para mim...
Nem p'rigos, nem nada vejo,
Dize-me tudo n'um beijo...
E outro... e outro... mais cem...
Assim, assim, deixa ver-te...
—Maria, tu vaes perder-te,
E vaes perder-me tambem!

XII

A lua ja baixava no horizonte,
E, toldada por nuvens, era lampada
De ephemero clarão;
Ja manto espesso de pezadas sombras
No velho Colisseu em pregas vinha
Das cimalhas ao chão.

Dos vultos, das arcadas as imagens,
Mal impressas na arêa, ja se erguiam
Em phantasmas d'horror;
E vi, como ave presa, inda o mancebo
Debater-se nos doces beijos della,
Que protestava amor.

Vi-o ainda duvidar teimoso,
E não sei porque occulta sympathia
Com elle duvidei;
É que nas linhas dessa fronte d'anjo,
De Maria na fronte, incertas lettras
Tambem eu soletrei.

Toldou-se tudo emfim... senti-lhe os passos
Como partindo ja; do lado opposto
Outros passos correr;
Andei tambem um pouco... então no rosto
Batem-me as pontas humidas voando
De trança de mulher!...

Ouvi depois clamar n'uma voz tremula
De indizivel angustia—*filha, filha,*
Ó Maria, onde estás?...
Um braço vi tambem de ferro em punho,
Que nas trevas luziu, passou, correndo
Logo tambem atraz!...

Alem, alem mais longe, onde os amantes
Julguei ver caminhar, senti uns brados
D'horrivel confusão...
Breve silencio... e um gemido rouco
D'homem morto a punhal... e um corpo exanime,
Que baqueou no chão!...

XIII

Nenhum rumor, por leve, ja se ouvia
Dentro da negra mole; eu tinha os membros
Gelados de torpor; e uma voz d'alma
A tantas commoções pedia treguas,
Porque o homem não tem, e por fortuna,
De pedra o coração! Maldisse a Italia
Que do ferro covarde e do veneno
Usa livre inda agora, como em tempos
De barbaros costumes! Colhe os fructos
Da semente fatal, que hoje das trevas
Dos antros soterraneos vem no erro,
Na escravidão, no crime, na impia vida
Anoitecendo tudo, como outr'ora
Vinha a luz, vinha o dia, a liberdade,
Esplendendo na Cruz das catacumbas,
Regenerar o mundo! Fui buscando
Com vacillantes passos a sahida
Por entre a escuridão... d'alli os olhos
Ao int'rior voltei.... Jesus!... Que vista!...

XIV

Como do chão levantados
Vejo em torno ajoelhados,
Vejo os Martyres trajados
Com vestes de rubra cor,
Mas abertas onde as f'ridas,
De sangue outrora tingidas,
Brilhavam hoje, accendidas
De transparente fulgor.

Tambem de raios fulgentes,
De carbunculos ardentes,
Cingiam-lhe as graves frentes
Aureolas de luz do Ceu;
Entre elles vi diff'rençadas
Creio que as Virgens, c'roadas
D'igneas rosas, e adornadas
Com solto candido veu.

Na sestra mão lhes rutila,
A todos, chama tranquilla
De tochas, que não vacilla
Co'as lufadas do aquilão;

Teem a dextra sobre o peito,
E curvando-se em respeito,
Olhavam depois direito
Ao signal da Redempção.

Desde o chão á galeria
Por sobre os degraus se erguia
Turba immensa, que luzia
Banhada em luz, e de pé!
Prophetas, Bispos, Doutores,
Pontifices, Confessores,
Santas, da Fé lindas flores,
Santos, soldados da Fé.

Da Egreja antigos Jerarchas
Levitas e Patriarchas,
E Vassallos e Monarchas,
Um povo de povos cem;
Era um campo de virtude,
Radiante na juventude,
Radiante na senectude,
Na tenra infancia tambem.

D'entre as janellas voando,
As columnas abraçando,
Ou nas cornijas pousando,
Ou dellas junto a pairar,

Andava a cohorte alada,
Nivea cohorte sagrada,
Dos Anjos, co'a aza esmaltada
De prata e ouro a brilhar!

Eu nem respiro, nem penso!...
E ouço este povo immenso
Fazer da voz um incenso,
Incenso puro d'amor;
Em nunca ouvida harmonia,
Em celleste melodia,
O *Ave Crux* lá subia
Do chôro aos pés do Senhor!

XV

A luz de dentro se mistura agora
Co'a luz externa dos rasgados vãos,
Que já surgindo no oriente a aurora
O veu levanta co'as rosadas mãos.

E' d'este mixto luminoso e vivido
O quadro ingente illuminado alli,
E delle em meio, já cadaver livido,
O morto amante, que jazendo vi!

Mimosa virgem, compassiva e bella,
D'essa belleza que nos Ceus só ha,
Mimosa virgem, apiedada estrella,
Eis d'entre os Martyres erguida lá.

Ergueu se e corre, n'um veloz momento,
Junto ao cadaver do mancebo alem,
E sem que possa adivinhar-lhe o intento,
Toma-o nas mãos, e ajoelhado o tem.

Não sei que força, que virtude explica
Tanto poder d'aquellas mãos, foi fé;
Solta o cadaver e o cadaver fica
Por si seguro, ajoelhado ao pé.

Torna depois, e perturbando o canto,
Mostra aos irmãos o desgraçado irmão,
Rogai, lhes diz, e ella sobe em pranto
Da Cruz aos pés a supplicar perdão.

Offerece o sangue da rasgada entranha
Que entre alegrias derramou christã,
Quando alli mesmo, na crueza estranha,
Foi pasto ás féras, diversão pagã.

Offerece-o todo no resgate da alma
Desse que a vida no amor perdeu,
Porque ella um dia acreditou na palma
Dessa illusão, que lhe desfez o Ceu.

Amou trahida, suspirou d'amores,
E a vida e tudo perderia assim,
Se a voz da Graça, do martyrio as flores
Não na viessem soccorrer por fim.

Talvez o Eterno lhe escutasse a prece...
Quem sabe! Do alto já se espraia a luz;
Já o sol na arcada esplendendo desce
Em raios vivos, e apegou-se á Cruz.

D'ella no tôpo levantada chamma,
Jorro de luz arremeçado ao ar,
Ou era o sol, que como louro a enrama,
Ou sol do mundo devo a Cruz julgar.

Oh! Sim, é o astro, do Calvario a estrella,
Que o mundo em roda allumiado tem;
É do perdão o simulacro, é della
Que o dia, a esp'rança só á terra vem!

Tinha-a fitado; mas depois á roda
Avidos olhos outra vez lancei...
Mas ai!... Desfez-se aquella vista toda,
Nenhum dos vultos, nem o morto achei!

Das mil figuras ja não resta a imagem,
Como apagada essa visão la vae,
Qual um retrato de gentil paisagem
N'um lago em rugas se uma pedra cahe!

XVI

Parti então, meditando
Naquelle sonho ou visão;
Em casa o somno buscando,

O somno busquei em vão,
Que tudo de quando em quando
Vinha á mente e ao coração.

Não sei que pense inda agora
De quanto lá me appar'ceu;
Mas ao ver no Ceu a aurora,
Ao ver a lua no Ceu,
Logo me lembra aquella hora
Da noite do Colisseu!

XXIII

O LEQUE DE SANDALO

Vem, vem, minha filha, abraça-me;
Aos meus joelhos sobe... assim;
Olha fita para mim,
Une ao meu teu rosto candido,
E dá-me beijos sem fim.

Oh! Como em teus olhos limpidos
Veceja a innocencia em flor;
Como em teu riso d'amor
Se ri toda essa alma placida
Sem saber inda o que é dor!

Ai, filha, filha, remoças-me,
Reverdeço todo em ti;
Mas do mundo tenho aqui,
Aqui dentro, as ondas turbidas,
Revolvendo o que senti!

Possas tu, já co'a mão tremula,
Dos annos, não de temor,
Volver, sem magua ou rubor,
Do teu livro as brancas paginas,
Tendo na alma a mesma cor.

O teu anjo agora em jubilo,
Quando te vê a dormir,
Dorme ao teu lado a sorrir;
Por não ter ainda pavido
De velar e de carpir!

Escuta, escuta, de sandalo
Tens lindo leque na mão,
E tens nelle uma lição,
Que deves para sempre avida
Gravar em teu coração.

O sandalo, filha, é arvore
Que quando em terra caiu,
Deixa ao machado que a f'riu,
Deixa a tudo o cheiro vivido
Dos perfumes que nutriu.

Possas tu ser como o sandalo
Ao cair ante o Senhor,
Ja volvidas sem rubor
Do teu livro as brancas paginas
Tendo na alma a mesma cor.

XXIV

N'UMA RECITA DO COLLEGIO DE S. SEBASTIÃO

Aqui, meus amigos, crianças briosas,
Viemos juntar-nos, deixando o prazer
Do meigo regaço das mães carinhosas,
Por sermos famintos do pão do saber.

E aqui repartido, n'um farto banquete,
Nos é cada dia, com próvida mão,
Mão tal que inda o gosto lhe apura em sainete,
Sabendo a nós todos prender a affeição.

Não é só contente, não é, de guiar-nos,
Alçando nas trevas seu facho de luz;
Faz mais, pois que o alça com mostras d'amar-nos,
Par'cendo que a filhos somente conduz.

Faz mais, pois que sabe, nas maguas da infancia,
Lá quando as saudades da casa nos vem,
Dar mesmo ás saudades não sei que fragrancia,
Que a mão que as desfolha recende tambem.

Faz mais, pois que ao grave das lettras estudo
Allia os prazeres, mas desses que são,
Como este da scena, se é licita em tudo,
Remedios ao ocio, estudo e lição.

E temos, amigos, aqui outro guia,
Que inda é, porque é Santo, um guia melhor;
E temos mais vivo farol, que allumia,
No Santo que temos por bom protector.

Se fora na vida, d'audazes soldados,
De Roma nos tempos, audaz capitão,
Ágora commanda dos Ceus estrellados
Imberbes recrutas d'um povo christão.

Assim como andara levando á victoria
As bravas cohortes que o Cezar lhe deu,
Aos louros do estudo, das lettras á gloria,
Tambem levar ha de o alumno que é seu.

Porém qual quizera de chefe romano
Passar a soldado e martyr da Cruz,
Devemos do mundo, aos brilhos do engano,
Pref'rir os que do alto nos vem d'alta luz.

Na terra o primeiro, no Ceu o segundo,
Com estes dois chefes, ávante, ó irmãos,
Marchemos á vida, saiamos ao mundo,
Co'a espada das lettras, e a Cruz dos christãos.

XXV

DESOITO DE NOVEMBRO

(Commemoração)

Faz hoje um anno que, na flor da vida,
Tombaste á terra, desbotada flor!
E inda é um sonho para nós, querida,
De que somente nos acorda a dor!

Faz hoje um anno! E essa dor parece
Que em cada dia se profunda mais!
Como é saudade, com a ausencia cresce;
Como é dor d'alma não lhe bastam ais.

Dos ais se nutre, da lembrança vive,
A mesma sempre, e a retratar-te aqui,
E a amar a imagem que essa magua avive
Em tudo quanto nos fallar de ti.

Ai! Falla tudo; e mais que tudo falla
Aquelle amor, aquelle amor só teu;
Porque no campo, no jardim, na salla,
Quando te busca tem de olhar o Ceu!

Mas esse affecto se te busca n'alma
N'alma te encontra, rediviva flor;
Embora saiba que já tens a palma
No Ceu como anjo, tem-te cá na dor!

XXVI

NA CAPELLA SIXTINA

Oh! Que vista pavorosa!
Que vista para o christão!
Deus! Senhor! Na mão piedosa
Toma um triste coração.
Ai, toma-o na mão direita,
E o temor e a dor lhe acceita
Sem das culpas te lembrar.
Senhor! Senhor! Essa vista
Confunde, aterra, contrista,
Mas deixa que eu possa esp'rar!

Esp'rança! Não sei, não posso
Senão chorar e temer!
Membro a membro, osso a osso
Sinto-me alli reviver;
Sinto teu sôpro divino
Outra vez como em menino
Accender no barro a luz;
Mas agora o meu passado
Trago nos hombros, cançado,
Ao tribunal dessa Cruz!

Que pezo! O' Deus!... Da batalha
Sinto n'alma a cicatriz,
Quando me cahe a mortalha,
Que era o veu do que lá fiz!
Agora, Senhor, vejo o mundo
Todo em silencio profundo
Aqui a ouvir-me ao redor;
Vejo abertos teus registros,
Vejo promptos teus ministros,
Vejo-te a ti julgador!

Que vista!... No centro della
O Christo avultar se vê,
E melancolica e bella
A santa Virgem ao pé;
Logo á volta o apostolado,

E deste e daquelle lado
Mil outros Santos estão;
No alto uns Anjos se elevam
Que em triumpho nas mãos levam
Os tormentos da Paixão!

Aqui, outros Anjos chamam
Os mortos, o mau e o bom;
Aos quatro ventos derramam
Da trombeta o agudo som;
O som que espanta o universo,
Que reune o pó disperso,
Que acorda o ferreo dormir,
Que espedaça as sepulturas,
E as temerosas figuras
Lhes faz de dentro surgir!

Ah! Vede aqui em baixo aquelle
Triste esqueleto!... Acordou...
Toma a carne, veste a pelle,
Lá vae ao som que o chamou!
Vede estoutro... o corpo a meio
Tem inda dentro do seio
Da terra fria onde jaz;
Lucta, esforça-se, mas sente
Que da terra o occulto dente
Inda o segura voraz!

Mais alem, ja resurgidos
Outros vão cortando o ar;
Mas, Senhor quantos perdidos,
Quantos salvos vão ficar?...
Grande Deus! Esta incerteza
Faz essa hora de tristeza
Mesmo ao justo, faz, Senhor,
Porque o justo, antes da palma,
Tambem ouve dentro d'alma
A voz que diz peccador!

E lá sobem os eleitos
Cada qual c'um anjo seu,
Que os vae levando direitos
Pela mão até ao Ceu;
Do outro lado em desespero
Horrivel combate fero
Vem dos ares a cahir;
São os tristes comdemnados
Luctando, mas arrastados
Por demonios, a sorrir!

Senhor! Senhor! Por piedade,
Em vez de juiz, sê pae,
Em vez de nossa maldade,
Olha o terror com que vae;
Olha o effeito dessa vista,

Que me confunde e contrista,
Que as culpas me faz lembrar;
Toma esta alma na direita,
Seja-te a dor bem acceita,
Que é d'um Deus o perdoar!

—

Oh! Como é de luz divina
Essa pintura immortal,
Que na Capella Sixtina
Nos mostra o Juizo final!
Miguel Angelo! Do artista
Que me importam, nessa vista,
Aquelles rasgos só teus?
O que eu vi nesse momento
Foi subir-me o pensamento
A prostrar-se aos pés de Deus!

—

XXVII

A FLOR E O LAGO

Era uma vez um cristalino lago
E delle á beira debruçada flôr ;
Que linda flôr de namorado afago !
Que lago aquelle de encantado amor !

Ella mirava-se estampada n'agua,
Elle entranhava a retratada flôr ;
Ella por dar-se, nem sonhava magua,
Elle por têl-a, só sonhava amor.

Nem folha solta, nem travêssa aragem,
Toldando o lago, balouçando a flôr,
Nada alli vinha desfazer a imagem,
Quebrar o espelho, perturbar o amor.

Assim viviam; mas foi breve o espaço,
Que um vento rijo despegara a flor,
E sobre o lago, que par'cia d'aço,
Ergueu-lhe as vagas de baldado amor.

Ai! Vida minha, cristalino lago,
Ai! Tu, que lhe eras debruçada flor,
De vós só resta, em namorado afago,
Doce memoria de encantado amor!

XXVIII

OFFENDER-ME?!

Offender-me porque vinheis
Honrar-me em ser meu leitor?!
Porque tal edea tinheis?
Quem tal vol-a deu, Senhor?
De mim, não, não vos foi ella,
Não me accusa de mer'cel-a
A consciencia jamais;
De vós? Não devo, não creio;
E se aos ouvidos vos veiu,
Foi um falso engano mais.

Só de longe vos conheço,
Vós nem de longe talvez;
Mas eu a distancia meço
De cortezão a cortez.
Que importam campos diversos?
Ah! Senhor, lêde os meus versos
Que nelles mesmos vereis
Como o que amo do peito
Tambem catar-vos respeito
Me manda nas suas leis.

Ser fiel á crença nobre
Que inda no berço bebi,
Sem renegar porque é pobre
Quem nella a amar aprendi;
Olhar das coisas o aspecto
Do alto d'aquelle affecto
A' luz da minha rasão;
Pode ser talvez engano,
Mas nem á moral faz damno,
Nem pode ser crime, não.

O mais, Senhor, inimigo
Sou das coisas, não de vós;
E os deste lado comigo
Somos assim todos nós;
Nem culpa, sequer, vos pômos,

Porque, emfim, do que hoje sômos
Não veiu de vós o mal;
Entre nós só ha tal grito
Nos que aos filhos do Proscripto
Lhes poem culpa original.

Guardando, pois, sempre pura,
Sempre n'alma a minha fé,
Não tomo a vossa leitura
Senão por honra, como é;
Eu, escriptor, se não minto,
Se digo franco o que sinto,
Sem desgostar-vos temer,
Faço o que devo; e vós lendo,
Já o agro sabor prevendo,
Só por mercê pode ser.

XXIX

NA MORTE D'UM POETA

Viram, um dia, que fechava languidos
Os olhos baços, de apagada luz;
Viram de roda algumas tochas funebres,
Um ataude, um sacerdote, e a Cruz.

Viram depois sobre o cadaver livido
Tombar à campa no benzido chão,
E em tristes olhos as sentidas lagrimas
De quem chorava o já perdido irmão.

Então disseram: não nos resta duvida,
E' morto, é morto!... Mas erguida voz
Se ouviu bradar, como protesto energico:
Ide, meus versos, respondei-lhes vós.

XXX

SPES UNICA!

Bella e triste, eil-a sentada
Sosinha aos pés dessa Cruz!
Inda tão moça, coitada,
E já se cança da estrada,
Que no principio seduz!

Mas que foi? As raras flores
Viu-as subito mudar
Em bastas urzes, e as côres
Dos esp'rançosos verdores
Entrarem a negrejar!

Trazia risos, e as penas
Saíram delles a mil,
E cada vez mais poquenas
As alvorados serenas
Do seu phantastico abril?

Amou, e achou-se trahida?
Tinha uma mãe que perdeu?
Ou filhinha estremecida,
Que mal esvoaçou na vida
Logo fugiu para o céu?

Será peior do que maguas?
Trará remorsos?... Talvez!
Quer ver se lhe apaga as fraguas,
Do pranto co'as doces aguas,
Que nascem da Cruz aos pés!

Pobre mulher! E que importa
Qual é o pezo com que vens,
Se tu vens, e te conforta
Poisal-o ahi, que outra porta
Por toda a estrada não tens?!

Ias cançada?—Descança;
Annoiteceu-te?—Eis a luz;
Naufragavas?—Tens bonança;
E' essa a unica esp'rança
De ti e do mundo, a Cruz!

—

XXXI

AO PRINCIPE

Eis teu mestre!... Immensa divida
Vaes agora contrahir;
E um dia, Real Discipulo,
Ha-de exigir-t'a o porvir!
Que então a patria recolha
O fructo da sabia escolha
Do augusto Progenitor;
Qual já te obriga a nobreza,
Qual te obriga a realeza,
Obriga-te o preceptor.

A elle, a ti, ao pae, á patria
Paga inteira a obrigação;
Cedemos-t'o, joven Principe,
Só com essa condição!
Repara como chorosos
Nos deixa a todos saudosos,
Na viuvez que as almas têem...
É que elle, a todos, comsigo
Nos leva o irmão, o amigo,
O mestre, a todos, tambem!

Ha-de alumiar-te o espirito
Co'a viva luz do saber,
Mas tens em sua alma esplendida
Melhor livro em que aprender;
Que nella a tua alma estude,
Nesse espelho de virtude,
Nessa heroica rigidez!
É inda mais que um romano,
Mais que o gabado espartano,
É antigo portuguez.

Olha como vae solicito
Onde o dever o chamou;
A tantos affectos supplices
Resiste, e responde—vou!
Nem o berço que tivera,

Nem o clima que o espera,
Nem a voz do coração;
Nada o detem na estrada,
Nem a vida quebrantada,
Nem a incerteza do pão!

As honras dos tempos prosperos,
Nos paços de teus avós,
Onde estão? Por premio o exilio
Lhe dás e lhe damos nós!
Mas podes tu no futuro
Ainda premio seguro
Dar-nos a todos aqui;
E' mostrar-te ao mundo absorto
No naufragio illustre porto,
Digno do mestre e de ti.

São tuas virtudes inclitas
Que devem honrar-lhe as cans;
Honra-o tu co'a tua gloria
Que as outras honras são vans.
O que elle te quer somente,
Quando a fronte já pendente
No sepulcro repousar,
E' que em ti cá fique escripto,
Sejas Monarcha ou proscripto,
Que tu mereces reinar.

Paga assim o sacrificio
Que te faz o patrio amor;
Oh! Transforma cada lagrima
Um dia em risonha flôr!
E pois que elle sabe mudo
Por ti abandonar tudo,
Sem olhar atraz sequer,
Deixa que a lyra consagre
O que hoje é quasi milagre,
Este exemplo do dever.

Se o não grava sobre o marmore
Ponta d'agudo sinzel,
Grava-o talvez na memoria,
Mais fundo, uma voz fiel;
E esse dever que inspira
O louvor á minha lyra,
Que não sabe adulação,
O dever por norma e palma,
Fique gravado em tua alma
Como primeira lição!

——

XXXII

N'UM LIVRO INTIMO

Amigo, o teu livro só d'intima historia,
D'affectos suaves do teu coração,
Sem galas mentidas d'ephemera gloria,
Na folha que off'rece off'rece affeição.

Não é desses livros d'aberto mercado,
Mendigos de nomes, vaidade e não mais;
Não é vão registro, sepulcro dourado,
Vazio por dentro d'affectos reaes.

O teu, se o folheio, se attento o contemplo
Em tres se resumem as folhas que tem,
Esposa e familia no mystico templo
São numes, e entre elles amigos tambem.

Nos outros a vista debalde procura
A folha sincera; não ha, não se vê;
Gravar-lhes um nome que diga alma pura
Alli é castigo, mas n'este é mercê.

Mercê que recebo, que préso, que espero
Nem tempo ou distancia me faça esquecer,
Um vento d'outomno não haja, não quero
Que possa esta folha jamais desprender.

São raras as flores que tens cultivadas
No teu, por pequeno, formoso jardim,
Mas cuido que a *rosa* consente brotadas
Ao pé do seu vaso saudades por mim.

Ai! Guarda-as! E embora ja seja uma gloria
Entrar neste livro, dá-me inda um logar
Nas folhas do livro chamado memoria,
E d'onde o meu nome ninguem vá riscar.

——

XXXIII

EU VIVO SÓ DO PASSADO

Gose uma a uma as doçuras,
Gose do mundo o prazer,
Quem n'elle tiver venturas,
Quem no presente viver;
Se é feliz afague a vida,
Se a tem de flores florida
Viva e folgue... o tempo é seu;
As horas são-lhe propicias,
Durma, acorde entre caricias,
Conte os dias por delicias,
Que os não posso contar eu.

Alimente-se d'esp'ranças
Quem no futuro inda crê,
Quem da sorte nas mudanças
Inda um sorriso prevê;
Sonhe embora luz distante
Quem inda um sonho brilhante
Póde n'alma acalentar;
Creia, e gose desse sonho,
Que eu nesse encanto risonho
Nenhuma fé hoje ponho,
Nem posso o sonho sonhar.

O meu dia é mais escuro:
Nem sonhos, nem luz, nem flor!
Sem presente e sem futuro,
Olho ao longe a antiga cor;
O po disperso levanto
Do que foi, do que amei tanto,
D'uns dias que ja la vão;
Nas ruinas assentado,
Eu vivo so do passado,
E é d'esse po levantado
Que sustento o coração.

Ai! Triste, que triste coisa
Viver assim...! Pois não é?
Lidar sempre n'uma loisa
Pondo um cadaver de pe!
Mas tem prazer, na verdade,
Este culto da saudade,
Tem prazer por entre o fel;
Se a turba lh'o não descobre,
Se o julga esteril e pobre,
E' tributo d'alma nobre,
Desint'ressado e fiel.

Nem so se ama o que inda vive!
Quando a lembrança ficou,
N'ella o amor sobrevive
Ao encanto que acabou;
Passa ás vezes n'um momento
A ventura, e o pensamento
Surge melhor Prometheo;
Illumina as mortas cores,
Finge viço ás murchas flores,
Empresta vida aos amores,
Faz do nada um novo Ceu.

Recompondo o que passara
Engana o desejo assim,
Gosa so do que gosara
N'aquelle engano sem fim,
N'aquelle mundo d'outr'ora,
N'aquella candida aurora,
Que ao peito deu vida ja;
Na imagem nada lhe esquece,
Pinta tudo que indoidece,
E tão real me parece
Que hesito se inda será!

Vivo assim—do pranto e riso,
Do que eu gosei e soffri,
Do inferno, do paraiso
Em que eu contente vivi;
Vivo só de recordar-me,
Que mais não pôde deixar-me
O mundo, o tempo, a rasão!
Depois da fria verdade,
Em perpetua soledade
Cultivo a flor da saudade
Cultivo-a no coração.

É vida que tem tristeza,
Mas tem doçuras tambem,
Do passado a natureza
Não muda, ao menos, ninguem;
O que foi, lá jaz qual fôra,
E eu posso a cada hora
Evocal-o em fructo e flor!
Doce, amargo, e feio, e bello
Enche-me d'alma o anhello,
Vive so por meu disvello,
E eu vivo so deste amor!

——

XXXIV

UM VOTO

—Foi voto, Padre?—Foi duplice
 Voto, da rede e do amor;
 Lembrou-se no p'rigo supplice
 Da Virgem o pescador,
 E a Virgem valeu-lhe a ponto.
—Contais-nos o caso?—Conto.

Era por inverno frigido,
Noite negra, negro Ceu;
O vento silvava rigido
Pela crista do escarceu,
E o escarceu com furia brava
Em flor então rebentava.

No barco só elle, e avido
Ja a terra a demandar,
Mas o tufão vinha rabido
Pôl-o sempre mais ao mar;
Luctava, espreitava o corso,
Depois de um esforço outro esforço.

Crescente, pesada, humida
Se fechava a cerração;
A escuma da vaga tumida
Só listrava a escuridão,
Porque visse que não via
Senão as trevas em que ia.

E o triste a lidar acerrimo,
Sempre a remar e a reger;
Ao do temporal asperrimo
Oppunha todo o seu ser;
Mas o mar, que irado freme,
N'um sacão, leva-lhe o leme!

Tinha os remos, tinha valida
Inda a força, e mais talvez,
Que sentiu na face pallida,
Accender-se a pallidez,
Ao sôpro da raiva logo,
Em vivas chamas de fogo!

Mettia agoa o barco, e gela-se
Que em vão acode co'a pá!...
Oh! Se o vissem... arrepela-se,
Morde as mãos, blasfema já...
E a sumir-se... e o barco á roda...
E a fugir-lhe a esp'rança toda!

Podia nadar... mas tumulo
Era-lhe a terra por fim
Sem barco e redes... o cumulo
Da desventura era assim!
E viu a mulher, que é bella,
C'os filhos em volta della!

Deixa então cahir das flaccidas
Mãos os remos... e rezou...
Nem vento, nem aguas placidas
Pediu na reza... invocou
Do mar a estrella, e dizia:
Tu és mãe, Virgem Maria!...

Foi ver a bonança e vividas
Logo as estrellas brilhar,
E as sombras fugirem lividas
De sobre as aguas do mar!
Então fez da rede o voto,
E ser da Virgem devoto.

Por isso ahi nesse duplice
Voto da rede e do amor,
Vedes ja contente e supplice
O pobre do pescador
Honrar da Virgem a gloria;
É esta a singella historia.

XXXV

HONTEM E HOJE

Hontem eras na roseira
Lindo, mimoso botão;
Da tua manhã primeira
Namorava-te o clarão;
Na tua noite estrellada
Dormias sempre embalada
Nas azas da viração.

Viço, esp'rança, luz, folhagem,
Tudo era vida ao redor,
As borboletas, a aragem,
Tudo te dizia amor;
E vida, amor ignoravas
Que apenas desabrochavas,
Que inda eras botão de flor.

Vinhas da haste d'uma rosa,
Que ao ver-te desabrochar,
Não se fartava, ditosa,
De te ver e de te amar,
Com esse amor peregrino
De mãe, que é quasi divino,
E que é no mundo sem par.

Hoje estás a flor ja feita,
Completou-se esse teu ser,
Abriste em rosa perfeita,
Mais galas não podes ter;
Vida, esp'rança, amor ainda
Nas folhas da rosa linda
Tudo se vê recender.

Mas na haste uns botões te vejo
Que vem rompendo a sorrir,
E ja nelles teu desejo
Se começa a resumir;
Ai, rosa, a manhã primeira,
Que tiveste na roseira,
Agora é só do porvir.

E não vejo aquella rosa,
Que em botão te estremeceu,
Desfolhou... e tu, chorosa,
Na magoa que isso te deu,
Já vês que a noite estrellada
Vem depois anuviada
Por lei eterna do Ceu!

XXXVI

VINTE E SEIS D'OUTUBRO

Não fende os ares o foguete estridulo;
Nem o repique de cem torres, não;
Nem sôa o viva popular unisono;
Nem ja ribomba o festival canhão!

Naus, fortalezas, tudo é silencio;
Dispersa a côrte, não se vê ninguem;
Nem ja tremola essa bandeira limpida,
Que d'antes vimos tremolar alem!

Galas d'outrora transformou-as subito
Contraria sorte em luctuoso veu;
Alegres cantos nos mudou em lagrimas,
Com que hoje andamos apiedando o Ceu!

Não, não podemos c'os antigos jubilos
Encher-te o dia de esplendor real;
Jaz mudo, triste, saudoso, pavido,
O Reino todo; mas inda é leal.

Por entre as mágoas inda temos férvido
Dentro do peito perennal amor;
Em vez de festas, de lisonjas avidas,
Aqui o pômos a teus pés, Senhor!

XXXVII

O REGRESSO DO NAUTA

Sê bem vindo, abraça-nos...
Tu tardavas tanto
Que receoso pranto
Nos corria já;
Sê bem vindo, as lagrimas
Tem doçura agora,
E ninguem já chora
De tristeza cá.

Mas embora o jubilo
Nos rebente d'alma,
Suspirada palma
Deste amor por ti,
Inda vem a magoa
Que esfolhava a esp'rança,
Na cruel lembrança
Reviver aqui.

Que tristeza lugubre
Nos toldava a mente!
Que anciar pungente
Por te ver tardar!
E c'os olhos ávidos
Ás longiquas plagas,
Das revoltas vagas
A pedir-te ao mar!

De saudade placida
Ja não eram flores,
Que inda tem nas dores
Doce mel tambem;
Era o susto indomito,
De inquieto e louco,
E que pouco a pouco
Opprimindo vem.

Esse mar em furia
E contrarios ventos
Para nós tormentos
Foram cá sem fim;
Encadeavam-se asperos
Procellosos dias...
Como tu virias
Lá no mar assim!

Cada qual solicito
Só fazia estudo
De esconder em tudo
Sua dor aos mais;
Mas a mãe ja pallida
C'o fatal receio,
Não lhe soffre o seio
Soffocar os ais.

Ja te via livido,
Com os membros lassos,
Com a morte a braços,
Em esforços vãos;
E ao filho naufrago
Na extensão maldicta,
E ao Ceu aflicta,
Estendia as mãos.

Todos nós andavamos
Inventando provas
E buscando novas,
Sem saber de nós;
Té que emfim de subito,
Nesta tarde bella,
Do teu barco a vella
Branquejou á foz.

Sê bem vindo, abraça-nos...
E ouve agora o canto
Que por entre o pranto
Te estudámos cá;
Sê bem vindo, as lagrimas
Tem doçura agora,
Ninguem hoje chora
De tristeza ja.

XXXVIII

LEMBRAS-TE?

Lembras-te?... Repara em tudo,
Que tudo vês como então...
O mesmo socego mudo
Reinava na solidão;
Da lua o doce clarão
A mesma asinheira brava
Ncstas aguas retratava.

Era esta hora... não bulia
Nenhuma folha no ar,
Como agora, nem se via
Naquella serra, ao luar,
Senão sosinha alvejar
A mesma pobre casinha,
Que alli alveja sosinha.

Bem vês a mesma aveleira
No mesmo sitio, bem vês
Aqui a mesma roseira,
A mesma relva a teus pés;
E só rompe esta mudez,
Como então, de quando em quando,
O rouxinol suspirando.

Tu eras ahi sentada,
Nessa pedra em que ora estás,
Co'a face á mão encostada,
Um pouco inclinada atraz,
Qual te vejo... eu... bem rapaz,
Em pé, aqui, deste lado,
Contemplava-te calado.

Viste então sahir a prumo
Da casa da serra alem
Um tenue ligeiro fumo,
Como agora sahe tambem,
E foste-o seguindo bem
Té que de todo perdido
No Ceu te ficou sumido.

Nada disseste... pensavas...
O que pensavas não sei,
Mas já talvez advinhavas
Da terra a funesta lei...
O fumo que então gozei,
Que tu gosas-te... a ventura
Da terra que pouco dura.

Bem vês... nada aqui mudara,
Tudo o mesmo, como então,
Arvores, Ceu, agua clara,
Doce lua, a solidão...
Só temos no coração
Outra vida... outros cuidados...
Só nós estamos mudados!

XXXIX

A MR. HERRMANN

As maravilhas fallazes
Da tua *magica* mão
Não valem as que tu fazes
Com teu nobre coração.

Naquellas, a mão que illude
Finge só que transformou;
Nestas, realmente a virtude
Transforma os males que achou.

Muda em risos a tristeza,
Muda em prazeres a dor,
E os gemidos da pobreza
Em doces bençãos d'amor.

Essa virtude, engenhosa
Mais que a tua destra mão,
Do rico uma hora ociosa
Ao pobre converte-a em pão.

E nunca és tão *feiticeiro*
Como quando assim tu vens,
Com talisman verdadeiro,
Mudar os males em bens!

Por taes *feitiços* acceita
Esta c'rôa em galardão;
Vê que a flor que mais a enfeita
É a flor da gratidão.

Que a pobreza agradecida
Pede a Deus nos votos seus,
Te seja esta convertida
Em c'rôa de luz nos Ceus.

— —

XL

O NATAL EM ROMA

I

Vae a tarde expirando; a luz desmaia
Nas rouxeadas orlas do horisonte;
O reflexo purpureo, que esmaltava
As vidraças do templo, pouco a pouco
Empallidece; as pardas sombras descem
Lentas, pegando-se aos marmoreos muros;

Depois, ennegrecidas, já se enrolam
Nas altivas columnas; já inundam
As fundas arcarias; toldam tudo;
Somem aqui mosaicos dos altares,
Alli vultos de Santos, lá ao longe
Mudam estatuas e transformam tumulos,
Povoando a escuridão de mil phantasmas:
Tinha baixado a noite, derramando
Ondas de trevas pelas amplas naves;
Simulacro da luz, somente exhalam
Tibio clarão as lampadas douradas,
Como frouxas scintillam as estrellas
De escurecido Ceu; era profundo
O silencio nessa hora; nem ao menos
Em prece fervorosa se sentia
D'alguns labios o tremulo susurro.
Completa solidão, ermo solemne!

II

Correu o tempo, avisinhou-se a hora;
Eis começa o rumor; vão-se accendendo
A mil e mil na vastidão do templo

Vivos, fulgentes lumes, que disputam
A opulencia ao dia; sobe rapido
Contra as pilastras o clarão radioso,
As fugitivas trevas expellindo;
Voltam as cores pela luz trazidas
Aos primorosos quadros; os relevos
Vem rompendo outra vez da dura pedra;
Anjos e Santos, Cherubins, Virtudes
Avultam novamente, e nos sepulcros
As figuras, ha pouco esvaecidas,
Retomam seu logar; as vozes do orgão
Já preludiam graves harmonias
Aos canticos sagrados; povo immenso,
De cem povos diversos, ou se apinha
Ou se espalha impaciente, e conta as horas,
Alonga a vista, alvoroçado anceia,
Curioso e devoto, a meia noite.

III

Soou essa hora em fim... lá vem, lá entra
O magestoso prestito!... Que vista!...
Que belleza symbolica nos faustos

Da Catholica Egreja!... Brilha a purpura;
Alvejam crespos, candidos rochetés;
Aurifulgentes sedas arrastadas
Misturam seu fulgor c'os vivos raios
Do oiro e pedrarias; sobre a prata
Espelham-se do altar fervendo as flammas;
O estandarte da Cruz em hastea longa
Vem erguido nas mãos do crucif'rario;
Leva o triregno augusto um bussolante;
Outros nevadas plumas; os maceiros
Trazem ao hombro as maças reluzentes;
Os caudatarios as brilhantes mythras;
Vem os Cantores, Monsenhores, Conegos;
Dos varios ritos Arcebispos, Bispos;
Todo o Sacro Collegio; ao cabo... é Elle!...
O Pontifice-Rei!... Sublime aspecto!...
Como Deus imprimiu n'aquella fronte
Profundo sello de immortaes destinos!

IV

Que grandeza e poder em ti resumes,
Ó Vigario de Christo! Milhões de homens

De tua bocca pendem; tu imperas
D'um ponto a outro na extensão da terra!
Cede a força, a paixão, a intelligencia
Curvadas ao teu jugo, porque exprimes
Universal vontade, porque encerras
N'essa augusta cabeça veneranda
Dos homens a rasão, associada
Á razão do seu Deus! Missão suprema,
Que te illumina o barro quebradiço,
Que as submissas nações aos pés te prostra,
Que ao Ceu te sobe a descerrar-lhe as portas,
Forçando o Eterno quasi a obedecer-te!
Ó Vigario de Christo, ó Rei-Pontifice,
Que grandeza e poder em ti resumes!

V

Pela cupula ingente já reboam
Os sons da sacra musica festiva;
Já as vozes do côro os ares enchem
De suave harmonia; já se eleva
Em rôlos puro incenso recendente;
Sobe ao altar o Papa;... ajoelhemos;

Começa agora o Sacrificio Santo!...
Nunca foi immolada a Augusta Victima
Por mais augustas mãos! Celebra a Egreja,
Co'a mais alta expressão dos seus mysterios,
Co'as pompas todas do seu bello culto,
Hoje o Natal sagrado, a esp'rada vinda
Do Redemptor do mundo!... Lá entôa
O Sacerdote Summo o canto angelico:
GLORIA A DEUS NAS ALTURAS,
PAZ AOS HOMENS NA TERRA!
Foi, pois, a boa nova, a luz, a esp'rança
Annunciada emfim!... Hoje a repetem
Apoz desoito seculos, n'esta hora,
Mil sacerdotes a milhões de crentes!
Oh! Mas aqui, aqui é que a alma sente
Arrebatar-se subito, abysmar-se
No mistico poder d'essa verdade!
Aqui, n'este esplendor, tem já na terra
Um antegosto do esplendor celeste!

VI

Se podesse rasgar-se o veu dos seculos,
Afastarem-se as nevoas do passado,

E da Roma pagã chegando aos tempos,
Ver-lhe hoje o mundo o seu viver d'outrora!...
As gerações modernas fugiriam,
Todas, todas, christãs, agradecidas,
Com pavoroso espanto, indo acolher-se
Á protectora sombra do Calvario!
N'este mesmo logar se levantavam
Jardins e Circo do terrivel Nero!
Que torpes, cruas scenas estes ares
Não veriam então horrorisados!...
Oh! Correram aqui ondas de sangue!
Aqui milhares de christãos, seguindo
A loucura da Cruz, testemunharam
De Jesus Christo a fé, deixando as vidas
Nos impios ferros do algoz c'roado!...
E a loucura venceu, e a Cruz alçou-se
Triumphante aqui mesmo, e as frias cinzas
Das innocentes victimas, o mundo
Venera ajoelhado!... E já não restam
Do Circo, dos Jardins, do cruel Nero,
Nem ruinas, nem cinzas, nem sepulcro;
Só memoria execrada! E d'aqui voam
Ás alturas do Ceu, em doces canticos,
Em perfumes suaves, os louvores
Aos martyres da Cruz, á Cruz sagrada!

VII

Mas o côro emmudece; vem descendo
Já do altar o Pontifice; expiraram
As derradeiras notas sonorosas
Do orgão, pelos vãos do immenso templo;
Desapparece, qual visão extincta,
O préstito pomposo; sahe o povo;
Vão-se apagando os lumes; e das lampadas
Esmorece o clarão; voltam as trevas;
Mudez e solidão!... Eis rompe o dia...
Vem dubia a luz ainda, pelos vidros
Coada brandamente; deixa apenas
Tintas de mortecôr por onde roça;
Mais clara já depois dá lustro á pedra;
Afila os angulos; recorta os arcos;
As Capellas afunda, colorindo
Todo o edificio d'arreboes purpureos;
Até que jorra em fim como em torrentes,
Illuminando tudo... mas que importa?
Ah! Foram-se co'a noite os sons, as galas,
Os perfumes, as luzes, os mysterios,
E saudoso o christão medita agora
Na que a noite lhe deu eterna esperança!...

XLI

BUARCOS

Já o sol descora; já fagueira brisa
Sacode a calma com as azas humidas,
Que roçou no mar;
Vamos agora pela praia lisa,
Do ardor intenso deste dia torrido,
Vamos respirar.

Que linda vista que d'aqui se alcança!
Que extensão d'agoas, reflectindo limpidas
O celeste azul!
E a curva margem, sempre ao nauta esp'rança,
Aqui parece dar-lhe seio placido,
Onde quebra o sul.

Talvez lhe velem pela paz das ondas
Esses dois Fortes, sentinellas rigidas,
Que ahi o homem poz;
Talvez, Oceano, de impotente, escondas
Aqui, gemendo, essa braveza tumida,
Algemado á foz.

Graciosa a Villa pela breve encosta
Arquêa os braços; mais alem descobre-se,
Como grata flor
Ao navegante lá de industria posta,
Da Santa Virgem a Capella alvissima,
Que é conforto á dor.

Oh! Quantas vezes na amplidão dos mares,
Por entre o horror de tempestade indomita
D'atra cerração,
C'os olhos longos atraves dos ares
A busca e encontra o pescador em ancias,
Na afflicta oração!

Oh! Quantas vezes desta praia imploram
Do mar a Estrella, contra o tempo naufrago
Sobre um barco alem,
Mães aterradas, que em desmaio choram
Atè do alto lhes luzir propicia,
Porque é Mãe tambem!

D'acolá surge uma apoz outra a linha
D'outeiros verdes, qual barreira duplice
Levantada ao mar,
E ao mar dizendo, que furioso vinha,
D'ahi não passas, ruge embora rabido,
Não has de passar!

Este, porém, como que vae sedento
Cercando a praia té na foz, de subito,
Ajoelhar, beber;
Raros pinheiros no seu dorso areento
Apenas ousam, d'entre sarças aridas,
Vegetar, crescer.

Da curva ao meio, na arenosa falda,
Arma seu ninho de madeira tenue
Pobre pescador;
Aqui se dobra, ou arrastando á espalda
Do mar os fructos, ou vertendo lagrimas
D'esteril suor.

Olha, querida, minhas filhas, vede
Que duro afan! Com que trabalho improbo
Se ahi ganha o pão!
Homens, mulheres, tudo puxa a rede,
Crianças, velhos, quaes formigas providas,
No carreiro vão.

Se o pezo grande já de longo inculca
Grande abundancia na rodada gravida,
Então o bradar;
Então a turba mais veloz já sulca
A areia, e canta da victoria sofrega,
Que arrancou ao mar.

Eil-a porfim, eil a negreja tesa
A' borda, em chammas de ferventes perolas,
Que lhe a agoa faz;
Ai! Pobre gente! Para vós riqueza,
Aquelle monte palpitante, lucido,
Alli dentro traz!

Ás vezes, quando a pescaria foge
Do saco á manga, logo alguns impavidos
Rompem quasi nus
De encontro ás ondas, como vedes hoje,
Batendo-as rijo, porque volte, unindo-se
Á que alem relus.

Depois ja estes suspendidas trazem
De enchalavares as espheras rutilas,
Dardejando alli;
Outros, aos lotes pela praia as fazem,
Leilão abrindo, e a rapazía lepida
Corre e furta aqui.

Mas ah! Se chega da saltante prata
Vazia a rede, que tristeza lugubre
Por ahi não vae!
D'entre o silencio só a voz desatada
Um que pragueja ou bôa velha tremula,
Que murmura am ai!

Alem, a gente em reboliço desce
A' beira d'agoa e se apinhôa rapida
Ante os barcos lá;
Sae a companha o reboliço cresce,
E em torno d'elles, ou na margem fulgida
Tudo é lida já.

Quaes grossos lemes, quaes os altos mastros
Trazem nos hombros; as mulheres validas
Logo lançam mão
Umas dos remos, a tirar de rastros,
Outras das cordas, e das redes sordidas,
Que lavar já vão.

No mar as volvem, e levantam alto
Então as saias, ajudando assiduas
Um marido ou pae;
Mas nisto, ás vezes, vem da onda o salto,
E saltam rindo, rindo mais se pavida
Qualquer d'ellas cae

Sobem depois, sobre a muralha as tendem
Co' as leves boias, e suspensas deixam-nas
Oscillando ao ar;
Tambem lá mesmo enfilleirado estendem
Aberto peixe, que ao sol anda fétido
Té se alli curar.

São estes hoje nos mavorcios muros,
São os guerreiros e os canhões mortiferos,
Que esta Villa tem;
Se fosse indicio de costumes puros,
Se vida fosse este signal pacifico,
Fôra isto um bem!

Mas sae dos barcos grosso peixe e em montes
Na areia jáz; vamos lá ver.... eis livido
Se levanta o mar...
E as vagas trazem nas iradas frontes,
Buscando a terra, solta a trança espumea,
Que se vê voar!

A noite desce e a desdobrar começa,
Por mar e terra, de vapor densissimo
Um pesado veu;
Gritos!... Que é isto?... Falta um barco!... A' pressa
Lá corre tudo... e n'um impulso ingenuo
Tudo implora o ceu!

C'os olhos fitos nas raivosas vagas
Esposas, filhas, mães, irmãs, attonitas,
Estendendo as mãos,
Em prantos loucos, em terriveis pragas,
Esposos chamam com baldadas supplicas,
Paes, filhos, irmãos.

Por entre serras d'alvejante escuma
O barco viram... n'esse instante a angustia
Afrouxara os ais;
Mas some-o logo na cerrada bruma
Cavado abysmo, então a dor nas miseras
Lh'os redobra mais.

Esta co'as unhas fere o rosto bello,
Aquella o corpo em contorsão frenetica
Rola pelo chão;
Algumas carpem o tenaz cabello,
Outras correndo, na sua impia furia,
Blasfemando vão.

E a Villa toda se ennovela em susto
Sobre as muralhas, onde um velho nautico
Com a mão no ar,
E co'a exp'riencia ja ganhada a custo,
Explica á turba como o barco incolume
Poderá chegar.

Remando forte, diz o velho experto,
As portas entra, deve entrar, sem duvida,
Ajudando os Ceus;
Vem ante as ondas que o perseguem perto
Mas entra... ouviu-se um grito longo, unisono...
Louvores a Deus!

É salvo o barco!... Vamos nós agora,
Deixando o entregue aos ruidosos jubilos
Desses corações,
Vamos a casa que é chegada a hora,
E não esqueçam esta lida asperrima
Nossas orações.

XLII

QUE SAUDADES!

Eramos ambos pequenos,
N'aquelles dias serenos,
N'aquella doce manhã
Do alvorecer da existencia,
N'esse tempo de innocencia,
Não te lembras, minha irmã?
A nossa casa sorria...
Que vida alli se vivia!

Fui vêl-a agora... que enganos,
Felizes d'alma, c'os annos
Na casa desfeitos vão!
Quasi tudo que buscava,
Quasi tudo lá faltava
Ao pobre do coração!...
E a casa ja não sorria,
Que saudades que fazia!

Nem pae, nem mãe... que me fôra
Qual canto de ave na aurora,
Que mal se ouvira, voou;
Qual visão suave e linda,
Que eu julgava então infinda,
Mas que tão breve passou!
E a casa já não sorria,
Que saudades que fazia!

Nem tu tambem, que o carinho
Deixaste do nosso ninho,
Como eu, mais cedo, deixei;
Nem tu, que foste a primeira

De meus annos companheira,
Nem lá tambem te encontrei!
E a casa ja não sorria,
Que saudades que fazia!

Das nossas velhas antigas,
D'aquellas velhas amigas
Que nos tinham tanto amor,
Nem uma só!... Nem memoria
Das noites de tanta historia
Da Maria Leonor!
E a casa já não sorria,
Que saudades que fazia!

Os outros irmãos, coitados,
Lá eram ambos, quebrados
Do tempo e vida... como eu;
Com sentimento profundo
Nenhum via o mesmo mundo,
Que fôra d'elles e meu;
E a casa ja não sorria,
Que saudades que fazia!

Ella em si a mesma inda era,
Mas talvez porque eu crescera
Mais pequena em tudo a vi;
Nem sequer a grande sala,
Nem tão grande fui achal-a
Como quando lá corri;
E a casa ja não sorria,
Que saudades que fazia!

Ouvi de repente o sino
Que tinha ouvido em menino,
Que me fazia scismar;
Par'ceu-me o som bem diff'rente,
Como tambem vinha á mente
Bem diff'rente cogitar;
E a casa ja não sorria,
Que saudades que fazia!

Fui depois ver á janella
A casinha, que alli della,
Bem sabes, fronteira está,
Que era do pobre sineiro...

Vi a mulher ao soalheiro,
O marido é morto ja.
E a casa ja não sorria,
Que saudades que fazia!

Oh! Como foram pequenos
Aquelles dias serenos,
Aquella doce manhã
Do alvorecer da existencia!
Esse tempo de innocencia
Que sonho foi, minha irmã!
A casa então nos sorria,
Hoje saudades fazia!

XLII

NA MORTE DO PROSCRIPTO

I

Succumbiste por fim!... Senhor, prostrou-te a morte
Ja cançada de ver na lucta o esforço vão
Com que te quiz prostrar teimosa adversa sorte,
Que de bronze te achou! Succumbiste!... Mas não!
Nem ella o pôde só; valeu-se da saudade
A espicaçar-te o peito... encheu a tua edade!

Era muito! Eras homem! Esse manso abutre
Que só lagrimas bebe, que respira os ais,
E que da carne só do coração se nutre,
Foi-te comendo a vida; não podeste mais!
Tal vae por dentro o verme pelo tronco annoso
E cae depois em terra o cedro magestoso!

Tu caíste como elle! Mas levou trinta annos
A tempestade em furia á volta da raiz;
Porque o Ceu poz em ti destinos mais que humanos,
Porque tua alma grande era alma d'um paiz,
Porque da cruz do exilio nos viesse exemplo
E a mesma dura pena se eregisse em templo!

Como estatua talhada de marmore tyrio,
O mundo te admirou no firme pedestal;
Té que emfim, ó Rei martyr, viu Deus teu martyrio
E da c'roa caída forjou-te a immortal!
Oh! Vae, tens no alto agora perennal a gloria,
E tens ja sobre a terra imparcial a historia!

Despojou-te da purpura, arrancou-te o sceptro
O furacão politico, mas tu em pé,
Como d'um Reino morto luminoso espectro,
Sem vacillar um dia em tua nobre fé,
Reconquistaste o sceptro, refizeste o manto,
No universal respeito, no geral espanto!

Filho, neto de Reis, foste Rei, mas na fronte
Que diadema te fulge? Qual tem mais valor?
Hoje os povos absortos, da campa defronte,
No fulgor que tu dest• ao diadema da dor,
Dizem—Rei desthronado, dorme em paz teu somno,
Que na memoria eterna tens eterno throno!

Vem depois um rumor de folhas sybilinas,
Que inda soa mais alto d'entre o cyprestal,
Novo oraculo traça, já de leis ferinas
Quer a mancha extinguir que obumbra Portugal;
Já, desfazendo o antigo vaticinio escuro,
Leva em pranto teu nome aos echos do futuro!

Mas nessas vozes todas uma voz que atterra
C'o pungido gemer se eleva e fere os Ceus,
Rompe do coração desta orfanada terra,
Do consternado amor de tantos filhos teus;
E se amarga saudade te matou lá fora,
Aqui doce saudade te revive agora!

II

Ai! Quando a acção electrica
O fio percorreu,
E disparou de subito
A nova—El-Rei morreu!

Como aturdida a Patria,
Que te crêra immortal,
Julgou quasi blasphemia
Essa nova fatal!

«Elle morrer! O tumulo
«Lá no desterro assim!
«E meus affectos vívidos
«Baldados cá por fim!

«Morrer! Sem eu solicita
«Nos braços o cingir!
«Sem lhe jurar no Principe
«A estrella do porvir!

«Sem preparar-lhe tremula
«Em sete palmos meus,
«Suave porta ao transito
«Da terra para os Ceus!

«Não! Não!...» Dizia em lagrimas,
Primeiro de temor,
Depois, em pranto indomito
Desafogava a dor!

Porque á noticia lugubre
Rasgado emfim o veu,
Desfez-se a amante dúvida,
É certo—El-Rei morreu!

E ja recorda os fulgidos
Lumes que viu no ar,
N'aquella noite asperrima
Correndo sem cessar.

Uns sobre outros innumeros
Iam caindo a flux;
Seria ao teu espirito
Ja diadema de luz?

Seriam rosas mysticas
Juntas na mão de Deus,
Tirando-as assim candidas
D'entre os martyrios teus?

Ou no celeste jubilo
Caminho de fulgor,
Que te allumia os porticos
Eternos do Senhor?

Ou ja da esposa as lagrimas
E dos filhos sem pae,
Que em rútilos carbunculos
O Ceu mudando vae?

Quem sabe? A tal mysterio
Ninguem o veu ergeu,
Mas hoje o povo attonito
Repete —El-Rei morreu!

III

E nem dos templos, reboando assiduo,
O sacro bronze volteou no ar,
Nem o da guerra, no clamor ignivomo,
De espaço a espaço se sentiu troar!

Nem d'hastea ao meio fluctuante lábaro
Nas Fortalezas, não o viu ninguem;
Nem tristes naus atravessarem funebres
No mastro as vergas, ninguem viu tambem!

Nem sentinellas, perpassando tacitas
Co'a bocca d'arma ja voltada ao chão,
Nem coches negros, nem funereas musicas,
Nem quebra escudos enluctada mão!...

Que importam pompas tanta vez hypocritas
No falso lucto de fingido amor,
Se vejo a terra negrejando lôbrega
Lucto espontaneo de sincera dor?

Se vejo a magoa, que rebenta fervida
De tantos olhos; se hoje escuto esse ai
De tantas boccas desprender-se tremulo,
Em voz cortada soluçando—pae!

E depois busco tumularios marmores
Fulgentes d'ouro, do poder tropheus,
E só descubro d'um Proscripto a lapide
Em terra extranha sob extranhos Ceus!

IV

Proscripto! Quando a desgraça
Te quiz vencer do terror
E aos labios te poz a taça,
Transbordando o fel da dor,
Foi quando te viu radiante,
De vencido triumphante,
De grande alçado a gigante,
Foi quando foste maior!

Hoje de repente a morte
O golpe chegando a ousar,
Não sabe se errara o corte,
Porque te vê respirar
Nessa virtude, que obriga
Inda a mão velha inimiga
A vir, co'a mão sempre amiga,
Da campa fazer altar!

E se teus olhos cerrados
Podessem ver inda aqui,
Verias os teus soldados
Os teus leaes, como eu vi,
Dessa magoa emfim rendidos,
Perdida a luz e os sentidos,
Confessarem-se vencidos,
Que eram só fortes por ti!

Verias nas barbas alvas
Correr-lhes pranto infantil,
E no chão co' as frontes calvas
Soluçar-lhes voz senil;
O que não pôde em trinta annos
A fome e nudez, c'os damnos
D'amargosos desenganos,
Pôde esta dor entre mil!

Esposas, mães, que na guerra
Maridos, filhos em flor,
Viram mortos sobre a terra
Sem chorar, por teu amor,
Rebentam em pranto agora,
E cada qual mais te chora,
Mais na orfandade desta hora
Se crê perdida, Senhor!

E vejo plebeus e nobres,
Magistrados, generaes,
E vejo ricos e pobres,
Chorando todos iguaes;
Vejo a propria mocidade,
Ja nascida nesta edade,
Vir plantar-te hoje a saudade
Entre os goivos sepulcraes.

Ó da verdade e virtude
Estranho, immenso poder!
Amava-te a juventude
Sem, Senhor, te conhecer;
E da tua longa amargura,
Da adversa paixão mais dura,
Te vingas na sepultura,
Te vingas só com morrer!

V

Morrer! Não! Não morreste! Pois que vejo e sinto?
Como outr'ora correu no incendio de Corintho
D'ouro e bronze melhor, mais precioso metal,
Tambem cá neste incendio da desgraça e morte,
Desse teu ouro e bronze d'um caracter forte,
Corre o teu nome eterno em pagina immortal!

Vejo em lascado ramo gemer triste rôla
Na cruel viuvez, que o mundo não consola;
Gemem-lhe orfãos ao lado os tenros filhos seus;
Geme o servo fiel nesse infortunio novo;
Amigos, inimigos, geme um Reino, um povo,
Que na entranhada dor levanta as mãos aos Ceus!

Mas não morreste, não! Cahido na batalha,
E ja cadaver frio envolto na mortalha,
Tens perpetuo viver em nosso coração;
E do outro lado aquelles, da consciencia ao grito,
Inda tremendo fecham o templo ao Proscripto,
Porque podes na campa, surgir da oração!

Vives, pois; viverás! D'aqui te vejo prestes
A nobre fronte erguer na rama dos cyprestes
C'um braço no teu filho, outro braço na Cruz!
Vives, pois, neste amor da terra tua amada,
E dessa voz da morte que nos innoita a estrada
Fazes voz triumphal de vida, esp'rança, e luz!

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO VOLUME

NOTAS

NOTAS

AO PRIMEIRO VOLUME

NOTA A

(Introducção)

«Quando deitei o primeiro pregão, estava ainda nos bancos da Universidade.

.....Entretanto a indulgencia do publico, que foi grande, os gabos com que, pela imprensa, me animaram pessoas, que ja não faziam declinar a competencia por suspeitas, visto que, a esse tempo, ou eram pouco, ou não eram, do meu conhecimento...»

«Não posso deixar de me referir principalmente ao senhor *Antonio Feliciano de Castilho*, que na *Revista Universal* me coroou por tantas vezes com um favor mais que generoso.»

Deste meu primeiro programma, do tempo de estudante, em virtude de recommendação e informação benevolente do sr. *A. Herculano*, a quem eu havia lido alguns versos, appareceu noticia na *Revista Universal Lisbonense* de 2 de março de 1843, dizendo alli o sr. *A. F. de Castilho* o seguinte:

«... um novo campeão, que vae entrar na lice «com o escudo ainda liso, mas forte com os seus «vinte annos, com a inteiresa do seu coração, com «a virgindade da sua fé.

.....«Posto que nada até hoje vissemos do sr. «*Seixas Castello Branco*, nem com elle ainda nos «encontrassemos, de amigo nosso intimo, juiz em «litteratura competentissimo, sabemos, que ha nos «escriptos deste zeloso neophito da religião poe«tica claros e ás vezes brilhantes arrebóes de um «talento, que, aproveitado e dirigido por bom ca«minho, não deixará de ser para muito.»

Depois, julgando ja por si proprio, e transcre-

vendo duas composições minhas (a 16.ª do 1.º vol. e a 5.ª do 2.º), dizia o sr. *Castilho* na *Revista* de 26 d'Outubro d'aquelle mesmo anno:

«Tivemos o gosto de percorrer a collecção de «poesias lyricas, intitulada — *O Meu Album* — que «o joven poeta o sr. João de Lemos Seixas Cas-«tello Branco ha tempos annunciou em um program-«ma avulso, e de que já neste jornal demos noti-«cias no artigo 1412.

«*O Meu Album* é uma collecção assás crescida «de trechos de prosa e versos, de grande varieda-«de e invenção. — Abundancia de sentimento, ora «profundo ora mimoso; arrojos de phantasia, que não «raro chegam a creação; originalidade no stylo; «muitas vezes bellezas lyricas de uma ordem mui-«to ellevada, e constantemente philosophia moral e «religiosa, eis aqui, em nosso intender, os meritos «por onde este livro se ha-de fazer recommendado. «—São as estrêas juvenis de um grande engenho, «ao qual, sem temeridade, ja se podem predizer bel-«los futuros.

Foi, portanto, com aquelle padrinho e por mãos deste sacerdote que recebi o meu baptismo poetico; e fundando-se nesse tempo em Coimbra, sob minha direcção, o *Trovador*, jornal extreme de ver-

sos, o sr. *Castilho* acompanhou por differentes vezes os meus com publicos applausos, que de certo devi principalmente ao seu nobre e conhecido costume de animar sempre os que começam.

NOTA B

(Introducção)

«Tem-se dito que introduzi, ou fiz correr, certa forma nova nas composições lyricas.»

...«não sei se fui adiante ou atraz de ninguem.»

E' claro que me refiro somente ao curso dado a essa forma nova, e que não podia, nem quereria ainda que podesse, encobrir a parte que nella cabe ao sr. *A. F. de Castilho*, pelo primeiro exemplo della na sua epistola ao sr. *Francisco d'Assis Rodrigues*.

Tive apenas, se tive, o merecimento da insistencia em variados modos, para a fazer adoptar, e que o proprio sr. *Castilho* pareceu que me fazia a honra de prever desde as minhas primeiras tentativas. Vej. a Nota G do 2.º volume.

NOTA C

..... por crença o Eterno,
O mundo por altar, os Ceus por templo.
Pag. 2.

Talvez pareça escusada a declaração de que não quiz aqui inculcar o Deismo nem condemnar o culto externo; entretanto, hoje, sempre é bom dizer, que me não deixei nunca arrastar pela corrente anti-catholica, que veiu, por desgraça, atravessar a nossa terra.

O que quiz foi simplesmente annunciar, que nos meus versos havia de preferir, como tenho preferido, a verdade da edea religiosa ás ficções do paganismo. Assim como me associava aos que começaram a nacionalisar a poesia, tambem fazia profissão de acompanhar os que a tinham baptisado.

NOTA D

Osculando na pedra eternas manchas
Do sangue espadanado.
Pag. 58.

Alludo à certas manchas naturaes vermelhas, que

teem algumas pedras da *Fonte dos Amores*, e que o povo, na sua maravilhosa poesia, attribue ao sangue de D. Ignez de Castro; como tambem lhe vê o cabello n'umas hervas que alli nascem, na agua, e que não deixam de ter sua similhança com uma trança solta.

NOTA E

Não vale a pena, vale a pena.
Pag. 91.

Grande numero de composições, assim neste como nos outros volumes, tem sua pequena historia, mas que nem interessa aos leitores nem é necessaria para intelligencia dellas, com quanto reconheça que, em alguns casos, as faria melhor avaliar. N'aquelles versos, porém, parece-me indispensavel dizer d'onde tiveram origem, para se bem entenderem. Foi da phrase *não vale a pena*, que n'um baile me disse uma senhora quando eu levantava do chão uma rosa artificial desprendida do ramo que ella trazia ao peito, accrescentando — «o que *vale a pena* é escrever-me no meu *album*» — o qual recebi com effeito no dia seguinte, todo em branco, e com indicação de me ser destinada a primeira pagina.

NOTA F

Flor que não morre.
Pag. 105.

Foram estes versos escriptos n'um *album*, onde um Francez havia desenhado a figura da Esperança, e onde os meus amigos *A. X. R. Cordeiro* e *A. J. G. Lima* tinham tambem escripto outros com referencia áquella figura, fallando ambos de sua esperança perdida.

NOTA G

Ai! Então... impio, mas terno,
Disse—inveje me o Eterno etc.
Pag. 171.

Creio que a palavra *impio*, posta alli muito de proposito, modifica sufficientemente esta exageração amatoria.

NOTAS

AO SEGUNDO VOLUME

NOTA A

Viessem co'a confiança
Com que hoje cuspil-o vem!
Viessem as naus da França etc.
Pag. 21.

Foi quando uma esquadra franceza ahi veiu, ha poucos annos, ao Tejo fazer humilhantes reclamações em defesa d'um negreiro.

Por essa occasião escreveu o sr. *Mendes Leal* o seu *Pavilhão Negro*, que cumpre ter presente para

intelligencia de differentes logares desta minha composição.

NOTA B

Quem ja deu palmas e voto
A's mesmas naus, que fará?
Pag. 21.

Refiro-me ao applauso com que o partido liberal, com algumas honrosas excepções, viu forçada a barra do Tejo por embarcações francezas, no reinado do Senhor Dom Miguel.

NOTA C

Inda o soube, ahi, ao Tejo,
Trazer, a dar lhe razão.
Pag. 24.

São bem conhecidas aquellas famosas cartas com que o Marquez de Pombal ainda soube obrigar a orgulhosa Inglaterra a vir a Lisboa dar-nos satisfação da offensa que nos fizera, quando na guerra com a França, em 1757, veiu destruir alguns navios desta nação na costa portugueza de Lagos, com manifesto despreso do direito das gentes.

NOTA D

Vi o em Vincennes tambem.
Pag. 26.

O assassinio traiçoeiro do Duque d'Enghien nos fossos de Vincennes é nodoa de sangue, que ficará sempre por esses seculos fóra manchando a gloria de Napoleão Bonaparte.

NOTA E

Salve singela Cruz!—Que não te vejam
Lá da cidade os olhos do progresso,
Se não traz logo o camartello alçado
Na mão niveladora!
Pag. 45.

Alludo ao *progresso* iconoclasta, que depois de 1834 se armou do camartello arrasador para destruir quanto symbolo, quanto monumento, quanta imagem e quanta Cruz encontrou no seu caminho. Parecia que não podia respirar bem diante de tudo que lhe recordava a gloria ou a piedade!

NOTA F

Nossa Senhora do Pranto.
Pag. 72.

Esta legenda, ou como lhe quizerem chamar, foi colhida em *Frei Luiz de Souza*, e tão textualmente que mais não pôde ser. O mosteiro de que se aqui trata foi obra do Infante D. Pedro, filho d'El-Rei D. João I, que, em virtude da apparição da Virgem a Affonso Domingues em Agosto de 1422, lhe lançou a primeira pedra a 28 de Maio de 1443, precedendo Breve do Papa Martinho V: sagrou-a o Bispo de Coimbra D. Jorge d'Almeida em 20 de Janeiro de 1464; enriqueceu-a uma Bulla de Eugenio IV, e muitos privilegios d'El-Rei D. Duarte. Chamou-se Nossa Senhora do Pranto, por ser com aquelle passo da Virgem que o Infante tinha particular devoção, e «que nós agora dizemos melhor da Piedade» accrescenta *Frei Luiz de Souza*.

Este mosteiro, exceptuando a Egreja, cosinha, refeitorio, cellas dos Priores e livrarias, foi devorado pelas chamas na tarde do dia 18 de Outubro de 1843. E não foi só a um desgraçado accidente que se deveu esta perda, deveu-se sobre tudo áquelle desleixo, e, não sei se diga, desamor pelas coi-

sas patrias, com que os Portuguezes deste seculo se teem tornado quasi proverbiaes.

NOTA G

Hosanna
Pag. 95.

Na *Revista Universal Lisbonense* de 28 de Novembro de 1844, o sr. *A. F. de Castilho*, por occasião de dar noticia do n.° do *Trovador*, onde o *Hosanna* foi publicado, disse o seguinte:

«D'estas composições, todas ellas occios littera-«rios de juvenis ingenhos, alumnos da nossa crea-«dora Coimbra, e nenhuma das quaes deixa de ter «(mais ou menos) sua valia, a mais notavel, quan-«to a nós, é o cantico de *Hosanna*. Não considerare-«mos nelle a poesia, muitas vezes remontada, mui-«tas singela e sempre vívida, colorida e lustrosa: «são meritos, mas são meritos constantes e ja com-«muns nos escriptos deste esperançosissimo auctor. «Admiraremos somente o seu nobre e, em geral, «bem succedido ardimento na parte métrica. Nada «é mais facil que o rimar: nada mais difficil, nada «mais raro que o rimar bem. Os que rimam sem

«custo, só com muito custo podem ser lidos. O jo-
«go do papelão enfastia passados dois minutos: gran-
«de parte das poesias rimadas são arremedos do
«jogo do papelão; só algum tanto mais serios que
«o seu prototypo: *coração* com *paixão*, *amar* com
«*idolatrar* e *amante* com *constante* não é grande
«avaria acertal-os; val mais fazer versos soltos ou
«não fazer nada.

«Os consoantes ou *chocalhinhos*, como os apoda-
«va ou apupava Filinto, e contra os quaes tanto
«clamaram, em versos bem aconsoantados, *Boileau*,
«e Lamothe em prosa, de que se não fez muito ca-
«so, são na verdade, se os considerarmos sisuda-
«mente, um peccado contra a razão. Todavia gene-
«ralisaram-se tanto e tanto teem durado que não ha
«remedio senão releval-o e commettel-o com boa fei-
«ção: *veniam petimusque, damusque*. Mas por isso
«mesmo tambem, que ha tanto duram e tão vulga-
«res se fizeram, é que insistimos em affirmar que
«—para hoje se aturarem consoantes, é necessario
«e urgente sahir da rota batida, virar a capa velha
«e rapada, dar-lhe córte e cara de moderna. Desde
«que d'isto nos chegámos a persuadir, dois alvitres
«para o mesmo fim proposemos com o proprio ex-
«emplo: 1.° o de alternar, como os francezes, as ri-
«mas graves com as agudas: 2.° e principalissimo,
«fugir de aconsoantar palavras da mesma natureza

«gramatical: não rimar (senão quando outra coisa «não possa ser) substantivo e substantivo, verbo e «verbo etc. Havia terceiro alvitre que ao menos «conviria lembrar e era, o de procurar, quanto pos«sivel, o que os francezes appellidam rima rica, «que é quando as palavras rimam entre si pelo «maior numeró de lettras; mas com essa terceira «cadêa por cima das outras duas, ninguem, abso«lutamente ninguem, daria passo em lingua tão bel«lamente variada e por isso tão pouco rimada co«mo a nossa. A epistola, dirigida ao sr. *Francisco «d'Assis Rodrigues* e inserta no nosso livro das Ex«cavações Poeticas, é um documento da possibili«dade de tal revolução na mecanica da poesia: o «que nós ahi podémos, muitos outros o poderão, e «melhor, e mais facilmente do que nós.

«Coisa para nós muito lisongeira foi que tal poe«ta, como o sr. João de Lemos, adoptasse para si «o conselho e o quizesse, com o seu exemplo, au«ctorisar para entre os muitos mancebos estudiosos, «sobre quem a sua musa exerce visivel predomi«nio.»

NOTA H

O sonho da Actriz
Pag. 103.

Foram-me pedidos estes versos para serem, como foram, recitados pela excellente Actriz *Emilia das Neves*, n'uma representação extraordinaria, quando ahi a trouxeram por tanto tempo afastada do nosso theatro.

NOTA I

Nas paredes escrevera
De Balthazar o porvir.
Pag. 113.

Sobre as paredes da sala do festim appareceram escriptas estas tres palavras *Mane*, *Thecel*, *Pharé*, que foram depois explicadas pelo Propheta Daniel.

NOTA J

A queixa saudosa.
Pag. 118.

Versos recitados na mesma epocha e pela mesma Actriz a que ja me referi, quando projectou ir pedir melhor acolhimento á scena brazileira.

NOTA L

E' nobre, sem mancha; *d'aquelle fugido*
O luxo de infamia não vale o teu pão.
Pag. 154.

Não puz nenhuma nota explicativa a estes versos quando pela primeira vez se publicaram ha bastantes annos, em attenção ao infortunio, embora dourado; menos ainda lh'a porei hoje, em attenção á morte, que vem para todos com a sua inexoravel igualdade.

NOTA M

Constancia e prudencia.
Pag. 161.

E' este o mote ou letra, que trazem em suas armas os Principes de Loewenstein-Wertheim-Rochefort-Rosemberg.

NOTA N

O Funeral e a Pomba.
Pag. 213.

Apesar de demasiado conhecida e reproduzida em multiplicadas edições esta composição, que, se me não engano, levava a competente nota sobre o caso da pomba, sempre quero deixar aqui apontado que tal caso não fôra invenção poetica, mas facto presenciado por muitas testemunhas e relatado, no dia seguinte, pelos jornaes de Lisboa.

NOTA O

Os Patriotas.
Pag. 226.

Talvez carecessem de algumas explicações estes versos. Mas para que? Os leitores de hoje devem intendel-os bem porque é historia passada debaixo de seus olhos; os vindouros, se o livro lá chegar, é melhor que os não intendam.

NOTAS

AO TERCEIRO VOLUME

NOTA A

O Tumulo de Nero.
Pag. 22.

Quando esta composição se publicou no *Trovador*, o sr. *A. F. de Castilho*, fez-me logo a honra de a trascrever na *Revista Universal Lisbonense* de 22 de Maio de 1845, e de m'a premiar depois com estas honrosissimas palavras:

«Recebemos a folha quinta do *Trovador*. Desejaramos poder copial-a toda. Por amostra demos

«a Sepultura de Nero, trecho lyrico superior ao qual
«nada conhecemos em portuguez.

NOTA B

Era ahi, *do povo ás portas*,
Pag. 23.

Segundo uma popular tradição romana, havia antigamente em Roma na—Porta del Popolo—uma grande arvore onde vinha sempre empoleirar-se um corvo; cavou-se a terra e achou-se uma urna com inscripção, dizendo que alli se encerravam as cinzas de Nero:—as cinzas foram lançadas ao vento e edificou-se n'aquelle logar a Egreja de Santa Maria do Povo.

NOTA C

A Lua de Londres.
Pag. 27.

Um amigo meu ja fallecido, bom Portuguez mas muito apaixonado de coisas inglezas, não podia levar á paciencia o que ahi digo, e protestava que em Londres tambem havia lua clara. Eu sei lá?!

Lua de gente n'aquelle Ceu! Emfim, Deus tudo pode. Mas se a ha, declaro que tive a infelicidade de não a ver nunca, em nenhuma das tres vezes que, em differentes epochas, lá estive.

NOTA D

Victoria Linda
Pag. 42.

Escrevi estes versos em 1855 por occasião da morte da Exm.ª D. Maria da Victoria Osorio Cabral Pereira de Menezes, que nasceu e falleceu em Coimbra, na *Quinta das Lagrimas*, propriedade da sua familia, sendo enterrada no dia em que completava quatorze annos. Sua mãe, que tinha por esta filha particular extremo, costumava chamar-lhe *Victoria linda.*

NOTA E

Quando na scena c'roaste,
Com as palmas que ceifaste,
A pobre *Maria Paes.*
Pag. 53.

A *Maria Paes* foi um Drama que fiz e se representou em Coimbra no tempo de estudante, e por cujo bom exito se interessaram vivamente não só os Academicos actores, mas todos os que, por qualquer maneira, poderam para elle concorrer. Aqui deixo este pequeno testemunho de minha agradecida memoria e inextinguivel saudade, porque não sei se me resolverei nunca a imprimir o Drama, que ahi é que caberia juntar-lhe mais circumstanciada expressão de reconhecimento pelo muito que a todos devi. Entre os actores, um dos que mais se destinguiram no brilhante desempenho foi, sem duvida, este intelligente, e a todos os respeitos dignissimo, mancebo a quem dirigi as *Memorias da Juventude*, escriptas no seu *album*. Para os que o conheceram e viram representar, bastará dizer que foi *Alves da Silva*. Ainda mal que a morte veiu, na flor da vida, arrebatal-o á sciencia de que era ornamento, á familia que o estremecia, e aos seus amigos que o estimavam e respeitavam.

NOTA F

Cantos Vagos

Pag. 60.

Quando, ha ja bastantes annos, o jornal litterario intitulado *A Semana* começou a publicar estes versos á medida que os eu hia escrevendo, cuido que tive o proposito de fazer obra crescida e que fosse dando para muitos numeros. Era talvez, principalmente, uma especie de miscelanea de impressões e recordações de viagem. Interrompeu-se então a escripta, não me lembra porque, e ja agora assim ficará, que, ao relêl-a para entrar nesta collecção, nem pude atinar bem com o plano que primeiro tivera. E assim vamos morrendo em nós mesmos pouco a pouco! Ahi vae, pois, o que se publicou.

NOTA G

Do *Campo d'Alvalade*, onde me acoito.
Pag. 61.

O arrebalde de Lisboa que hoje se chama *Campo Grande*, chamava-se antigamente *Campo d'Alvalade* ou *Alvalade o Grande*.

NOTA H

Adeus a Lisboa.
Pag. 78.

Para ser recitada no theatro de S. Carlos por *Madame Stoltz*, na noite da sua despedida, fez-me a honra o sr. *O. Fournier*, Consul francez em Lisboa nessa epocha, de imitar na sua lingua esta composição, imprimindo-se exemplares de ambas, que então se espalharam no mesmo theatro. Aqui ponho a imitação franceza.

ADIEUX DE M.me STOLTZ

I

Adieu! ma noble ville! adieu, belle Lisbonne!
Plus belle que Stamboul' que j'aime ta couronne
D'églises, de palais! que j'aime ton ciel pur,
Ton fleuve dont les flots réfléchissent l'azur!
Fille de Roi, tu naquis Reine!
Lisbonne, adieu, ma souveraine!

II

La gloire sur ton front a mis le diadème!
N'as-tu pas autrefois dompté l'Océan même?
L'histoire, qui t'a fait un passé sans égal,
Est pleine de de ces noms: Lisbonne! Portugal!
Fille de Roi, tu naquis Reine!
Lisbonne, adieu, ma souveraine!

III

Reine des vastes mers!... La voilà qui s'élance
Ta flotte qui d'un monde enrichit ta puissance;
Compte, si tu le peux, tes combats, tes exploits,
Compte les Rois vaincus qui vivaient sous tes lois!
Fille de Roi, tu naquis Reine!
Lisbonne, adieu, ma souveraine!

IV

Il brûle encore d'envie, il rugit de colère,
Le Maure, en son exil, qui, de loin, voit ton sol;
Le souvenir du Tage, enivrante chimère,
Vit, palpitant encore, au cœur de l'Espagnol,
Fille de Roi, tu naquis Reine!
Lisbonne, adieu, ma souveraine!

V

Oh! Je me souviendrai de toi, ma noble ville,
De toi qui me donnas un si splendide asile!
J'aurai des pleurs pour toi, quand de tes bords heureux
Le flot m'emportera sous de plus sombres cieux.
Fille de Roi, tu naquis Reine!
Lisbonne, adieu, ma souveraine!

VI

Il me suivra partout ce glorieux trophée,
De fleurs et de rubans qu'une invisible fée
Sema de noms si beaux, brodés en lettres d'or,
Mais qui sont dans mon cœur gravés bien mieux encore.
Fille de Roi, tu naquis Reine!
Lisbonne! adieu, ma souveraine!

VII

Vous savez du génie alimenter la flamme,
Portugais!... Recevez ce cri que part de l'âme:
Merci! cent fois, merci... Vos applaudissements
Ont réchauffé mon cœur, ont ravivé mes chants.
Fille de Roi, tu naquis Reine!
Lisbonne, adieu, ma souveraine!

VIII

Non, je n'oublierai pas, noble Lusitanie,
Ton ciel d'azur, ton soleil d'or;
Ton fleuve qui bondit, ton culte du génie:
Ó Portugal, tu n'es pas mort!...

NOTA I

Das costas d'Albion, da tua patria.
Pag. 96.

Dirigia-me a uma senhora ingleza, em cujo *album*, por solicitação de um amigo, escrevi estes versos.

NOTA J

As pontas das *agulhas* branqueadas.
Pag. 96.

São umas pedras altas, pontiagudas, á entrada do canal de Inglaterra, e brancas de maneira que parecem artificialmente branqueadas.

NOTA L

Porque Morreste?
Pag. 107.

Estava a banhos com sua familia na Figueira o meu amigo *Diogo Barata de Lima e Tovar*; resolve-se um passeio á Capella de Nossa Senhora da Encarnação em Buarcos; uma sua filhinha, ligeiramente incommodada, é quem mais se alvoroça com a funcção instando para ir; cedem os Paes; vae todo o rancho contente; mas aquelles voltam ja cuidadosos na formosa criança, porque o mal se aggravara, e em breve choram para sempre a sua perda, donde teve origem esta composição.

NOTA M

Do que logo depois prostrado acata!
Pag. 113.

Aludo á famosa conversão do israelita *Affonso Ratisbonne*, porque, poucos dias antes della, passando com *M. de Bussieres* junto á *Escada Santa*, e vendo que este tirava o chapeu e a sauda-

va, escarneceu muito disto, que elle chamava superstição. Não escarneçaes tanto, lhe disse *M. de Bussieres*, que brevemente a háveis de subir de joelhos. E assim aconteceu, por effeito daquella maravilhosa conversão que tão fallada foi ha poucos annos, e tão conhecido tornou o nome de *Affonso Ratisbonne*.

NOTA N

O tyrio marmor cavado
Pag. 113.

Os 28 degraus de que se compõe a Escada do Pretorio, são de marmore de Tyro de uma grande alvura.

NOTA O

Não fizesse a mão d'um Papa.
Pag. 113.

O Papa Clemente XII a fez cobrir com fortes pranchas de madeira, já hoje muito gastas, por baixo das quaes se descobrem no marmore os profundos signaes cavados pelos joelhos dos peregrinos.

NOTA P

Com mil despojos de gloria
Do martyrio triumphal.
Pag. 115.

Ao cimo da *Escada Santa* ha uma capella, onde está reunida grande quantidade de reliquias dos principaes martyres, e outros objectos sagrados, sendo por isso esta capella denominada em Roma *Sancta Sanctorum*.

NOTA Q

Offender-me?!
Pag. 170.

Depois de annunciada a publicação do *Cancioneiro*, alguem communicou ao sr. *F. Palha*, editor dos dois primeiros volumes, que o Chefe do Estado, nessa epocha, o Senhor D. Pedro, que Deus tenha em gloria, havia dito estas palavras: «Se João de Lemos se não offendesse, seria assignante.» O editor, a quem unicamente tocava o que dizia respeito a assignantes, acudiu a satisfazer devidamente, pela sua parte, á delicadesa d'aquellas ex-

pressões, enviando ao Senhor D. Pedro o 1.º volume publicado.

Só mais tarde tive conhecimento de tudo isto, porque estava então ausente de Lisboa. O que eu desde logo poderia fazer estava feito. Mas faltava engeitar a supposição, e agradecer a honra de tão distincto leitor. Foi o que fiz nestes versos, que cuidei chegariam um dia no 3.º volume a suas augustas mãos, se a morte, infelizmente, o não arrebatasse tão cedo.

NOTA R

Ao Principe.
Pag. 178.

Foi dirigida esta composição, que ja corre impressa, ao Augusto Filho do Senhor D. Miguel de Bragança, quando o meu particular amigo *A. J. R. Gomes d'Abreu* partiu de Lisboa para Bronnbach, tendo sido encarregado de dirigir os estudos d'aquelle Principe.

NOTA S

Vinte e seis d'Outubro.
Pag. 197.

Anniversario do nascimento do Senhor Dom Miguel de Bragança.

NOTA T

De enchalavares as espheras rutilas
Pag. 220.

Enchalavar, não é palavra que venha em nenhum Diccionario, mas nem por isso deixa a coisa de existir com o respectivo nome. Chamam assim os pescadores a uns sacos de rede com seu arco de madeira na bocca, e que lhes serve para levarem porções de peixe de um ponto para outro, principalmente a sardinha, quando a tiram da grande rede. Virá porventura de *encher a levar?* Entrego o caso aos etymologistas.

NOTA U

As portas entra, deve entrar, sem duvida.
Pag. 223.

É um sitio das agoas, na proximidade da costa, a que os pescadores chamam *portas*, e passado o qual se julgam já seguros de alcançar a praia.

NOTA V

E ja recorda os fulgidos
Lumes que viu no ar.
Pag. 233.

Alludo ao phenomeno das estrellas cadentes, que houve na noite em que falleceu o Senhor Dom Miguel de Bragança e durante o periodo do passamento.

NOTA X

E do outro lado aquelles, da consciencia ao grito,
Inda tremendo fecham o templo ao Proscripto
Porque podes na campa, surgir da oração.
Pag. 239.

O Governo não consentiu que em Lisboa se fizessem as exequias nem em S. Vicente de Fóra, nem na Sé Patriarchal

ERRATAS

Pag. 50, lin. 6, onde se lê—Etsas, lêa-se—Estas.
» 52, lin, 13, onde se lê—parsado, lêa-se—passado.
» 64, lin. 12, onde se lê — eterno, lêa-se — Eterno.
» 71, lin. 1, onde se lê—vén, lêa-se—véu.
» 82, lin. 12, onde se lê—provir, lêa se—porvir.
» 91, lin. 21, onde se lê—na, lêa-se—em.
» 110, lin. 2, onde se lê—Q'e, lêa-se—Que.
» » lin. 24, onde se lê—ao, lêa-se—aos.
» 152, lin. 1, onde se lê—Offerece, lêa-se—Of-f'rece.
» » lin. 5, onde se lê—Offerece, lêa-se—Of-f'rece.
» 176, lin. 4, onde se lê—alvorados, lêa-se=alvoradas.
» 229, onde se lê—XLII, lêa-se—XLIII.